ISSN 2527-225X

Laboratório de História Antiga – UFRJ

PHOÎNIX

Mauad X FAPERJ

2025

ISSN 2527-225X

Laboratório de História Antiga/UFRJ

PHOÎNIX
2025

Ano 31

Volume 31

Número 2

Dossiê Fluxos, Manejo das Águas e
Tecnologias Hidráulicas na Antiguidade

Organização: Thiago Eustáquio Araújo Mota (UPE)

Mauad X FAPERJ

Phoînix 2025 – Ano 31 – Volume 31 – Número 2 – ISSN 2527-225X
Copyright © by Neyde Theml (*in memoriam*), Fábio de Souza Lessa e Regina Maria da Cunha Bustamante (editores) *et alii*, 2025
Tiragem: 1.000 exemplares

Direitos desta edição reservados a:
Mauad Editora Ltda.
Avenida Presidente Wilson, n° 165, sala n° 509 – Centro
Rio de Janeiro – RJ – CEP 20030-904
Tel.: (21) 3268-1350 – (21) 97675-1026
www.mauad.com.br
mauad@mauad.com.br

Laboratório de História Antiga – Lhia / IH / UFRJ
Largo de São Francisco de Paula n° 1, sala 211 A – Centro
Rio de Janeiro – RJ – CEP 20.051-070
www.lhia.historia.ufrj.br
revistaphoinix@gmail.com
https://revistas.ufrj.br/index.php/phoinix/index
@hiaufrj
@revistaphoinix

Projeto Gráfico:
Núcleo de Arte / Mauad Editora

OBS.: Os artigos em outros idiomas que não o português têm sua revisão sob a responsabilidade de seus autores

Capa:
Pont du Gard. Trecho do aqueduto romano de Nemausus sobre o rio Gard, construído no século I EC. Patrimônio mundial da UNESCO. Localização: Vers-pont-du-Gard, situada entre as cidades de Uzés e Nimes, na região da Occitânia, França. Licença: Creative Commons attribution. Wikemedia Commons (CC BY-SA 3.0)

Agradecimento à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – Faperj, pelo apoio concedido.

Phoînix. Laboratório de História Antiga / UFRJ

P574 Ano 31, v. 31, n.2
Rio de Janeiro: Mauad X/Faperj, 2025.
Semestral
ISSN 1413-5787
ISSN 2527-225X (versão digital)

História Antiga. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Laboratório de História Antiga.

CDD – 930

PHOÎNIX 2025 – Ano 31 – Volume 31 – Número 2
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
Reitor: Prof. Dr. Roberto Medronho

LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ANTIGA – LHIA
Coordenador: Profª. Drª. Lorena Lopes

EDITORES
Profª. Drª. Neyde Theml (*in memoriam*)
Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa
Profª. Drª. Regina Maria da Cunha Bustamante

CONSELHO EDITORIAL
Profª. Drª. Ana Iriarte Goñi – Universidad del País Vasco (Espanha)
Profª. Drª. Ana Livia Bomfim Vieira – UEMA
Profª. Drª. Ana Maria César Pompeu – UFC
Profª. Drª. Ana Teresa Marques Gonçalves – UFG
Profª. Drª. Cecilia Ames – Universidad Nacional de Córdoba (Argentina)
Prof. Dr. David Pritchard – University of Queensland (Austrália)
Prof. Dr. Delfim Ferreira Leão – Universidade de Coimbra (Portugal)
Prof. Dr. Frederico Lourenço – Universidade de Coimbra (Portugal)
Prof. Dr. Giorgio Ferri – Sapienza Università di Roma (Itália)
Profª. Drª. Graciela C. Zecchin de Fasano – Universidad Nacional de La Plata (Argentina)
Prof. Dr. Jean Andreau – EHESS (França)
Prof. Dr. Jean-Michel Carrié – EHESS (França)
Prof. Dr. José Antônio Dabdab Trabulsi – UFMG
Profª. Drª. Kátia Maria Paim Pozzer – UFRGS
Profª. Drª. Leslie Lagos-Aburto – Universidad de Concepción (Chile)
Prof. Dr. Luiz Otávio de Magalhães – UESB
Profª. Drª. Maria Cristina N. Kormikiari – USP
Profª. Drª. Maria do Céu Fialho – Universidade de Coimbra (Portugal)
Profª. Drª. Maria de Fátima Sousa e Silva – Universidade de Coimbra (Portugal)
Prof. Dr. Markus Figueira da Silva – UFRN
Prof. Dr. Paulo Butti de Lima – Università di Bari (Itália)
Prof. Dr. Vagner Carvalheiro Porto – USP

CONSELHO CONSULTIVO
Profª. Dra. Adriene Baron Tacla – UFF
Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima – UFF
Prof. Dr. Alexandre Santos de Moraes – UFF
Profª. Drª. Ana María González de Tobia – UNLP (Argentina)
Prof. Dr. Anderson de Araújo Martins Esteves – UFRJ
Profª. Drª. Carmen Isabel Soares – Universidade de Coimbra (Portugal)
Profª. Drª. Cynthia Cristina de Morais Mota – UNIR
Prof. Dr. Deivid Valério Gaia – UFRJ
Profª. Drª. Elsa Rodriguez Cidre – UBA (Argentina)
Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira – UFPel
Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva – UFES
Prof. Dr. José Manuel dos Santos Encarnação – Universidade de Coimbra (Portugal)
Prof. Dr. Josué Berlesi – UFPA

Profª. Drª. Lorena Lopes da Costa – UFRJ
Profª. Drª. Marcia Severina Vasques – UFRN
Profª. Drª. Margarida Maria de Carvalho – UNESP
Profª. Drª. María Cecilia Colombani – Universidad Nacional de Mar del Plata e Universidad de Morón (Argentina)
Profª. Drª. Maria das Graças de Moraes Augusto – UFRJ
Prof. Dr. Nuno Simões Rodrigues – Universidade de Lisboa (Portugal)
Prof. Dr. Pedro Paulo de Abreu Funari – UNICAMP
Prof. Dr. Pedro Vieira da Silva Peixoto – UFRJ
Profª. Drª. Renata Senna Garraffoni – UFPR
Profª. Drª. Violaine Sebillotte Cuchet – Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne (França)

Equipe Técnica
Beatriz Moreira da Costa — Bruna Moraes da Silva
João Pedro Barros Guerra Farias — Lucas Henrique dos Santos Martins

INDEXADA POR

Latindex: https://www.latindex.org/latindex/ficha?folio=8789

Cornell University Library:
https://cornell.on.worldcat.org/search?databaseList=&queryString=Revista+Pho%C3%AEnix

Worldcat:
https://www.worldcat.org/title/phoinix/oclc/7354641727&referer=brief_results

Sudoc: http://m.sudoc.fr

Impactum – **Coimbra University Press**:
https://impactum.uc.pt/pt-pt/content/revista?tid=29174&id=29174

Google Acadêmico:
https://scholar.google.com.br/citations?user=vXQtyQoAAAAJ&hl=pt-BR

Diadorim: http://diadorim.ibict.br/handle/1/2216

REDIB: https://redib.org/Record/oai_revista5712-pho%C3%AEnix

Base Minerva UFRJ:
https://minerva.ufrj.br/F/VIJQYV6L5B3Y851VS9YLQ9RV1L58U6BLEQQXGQR3FX5FD54LPI-35156?func=short-rank&action=RANK&W01=Pho%C3%AEnix

Sistema LivRe: http://www.cnen.gov.br/centro-de-informacoes-nucleares/livre

Portal Capes:
https://www-periodicos-capes.gov.br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/lista-a-z-periodicos.html

DRJI: http://olddrji.lbp.world/JournalProfile.aspx?jid=2527-225X

ERIHPLUS: https://kanalregister.hkdir.no/publiseringskanaler/erihplus/periodical/info?id=504836

DOAJ: https://doaj.org/toc/2527-225X

LatinRev: https://latinrev.flacso.org.ar/revistas/phoinix

Mirabel: https://reseau-mirabel.info/revue/4900/Phoinix

MIAR: https://reseau-mirabel.info/revue/4900/Phoinix

Sumários.Org: https://sumarios.org/revista/revista-pho%C3%AEnix

Dedalus: https://dedalus.usp.br/F/CJ7E2CPKFBB6KP39BRM3VMP76R5SBLPBHX1S1GE5BBN37V1K2T-47348?RN=375675726&pds_handle=GUEST

Miguilim: https://miguilim.ibict.br/handle/miguilim/8905

PHOÎNIX
Ano 31 – V. 31 – N. 2 2025

SUMÁRIO

Editorial.....13

Dossiê Fluxos, Manejo das Águas e Tecnologias Hidráulicas na Antiguidade

ÁGUA E FOGO COMO ELEMENTOS PROPICIATÓRIOS: UMA ANÁLISE DA NECESSIDADE DE CONSTRUÇÃO DOS NINFEUS NOS ESPAÇOS LATINOS 17
Ana Teresa Marques Gonçalves

SACRALIDADE E ARQUITETURA DA ÁGUA ENTRE OS FENÍCIOS: O CASO DE MOTYA, NA SICÍLIA 37
Maria Cristina Nicolau Kormikiari

ÁGUA EM MOEDA CORRENTE: IMAGENS HIDRÁULICAS E SUA FORÇA SIMBÓLICA NAS MOEDAS DO IMPÉRIO ROMANO (SÉCULOS I-III EC).....59
Vagner Carvalheiro Porto

DA PARTIDA AO DESCANSO ETERNO: O PORTO DE *PORTUS* E A SIMBOLOGIA NÁUTICA DA MORTE (SÉCULOS II E III EC).....78
Luciane Munhoz de Omena

DA ROMA DE TIJOLOS À CIDADE DAS ÁGUAS: UMA ANÁLISE DAS INTERVENÇÕES DE MARCO VIPSÂNIO AGRIPA COMO EDIL E *CURATOR AQUARUM* (SÉC. I AEC).....94
Thiago Eustáquio Araújo Mota

ASPECTOS PRÁTICOS E SIMBÓLICOS DO USO DA ÁGUA EM ANTIOQUIA: O BANHO "E" E SUA DECORAÇÃO MUSIVA.....112
Gilvan Ventura da Silva

ESTADO *FOGGARA* NO FEZÃ: TECNOLOGIA HIDRÁULICA, ROTAS COMERCIAIS E CENTRALIZAÇÃO POLÍTICA NO SAARA ANTIGO 132
Belchior Monteiro Lima Neto

O WALBROOK DE *LONDINIUM*: O RIO DOS RITOS DA MORTE QUE OS ROMANOS ARRUINARAM.....151
Renato Pinto

Artigos Livres

LA REVALORIZACIÓN DE LA GEOGRAFÍA HELENÍSTICA EN LA FIGURA DE ESTRABÓN: ENTRE TRADICIÓN Y CONTINUIDAD.....172
Teresita Cano-Ricárdez e *Leslie Lagos-Aburto*

TENSÕES POLÍTICAS ENTRE O IMPERADOR CONSTÂNCIO II
E O JULIANO *CÉSAR*: REBELIÃO, GOLPE E USURPAÇÃO.....196
Margarida Maria de Carvalho

Resenhas

LIMA NETO, Belchior Monteiro; SILVA, Gilvan Ventura da; KORMIKIARI,
Maria Cristina Nicolau (orgs.). *A África antiga*: ensaios de História e Arqueologia.
Vitória: Antíteses, 2025 (Coleção Lux Antiquitatis), 276 p.....225
Larissa Rodrigues Sathler

PERFIL DA REVISTA.....231

NORMAS DE PUBLICAÇÃO.....232

SUMMARY

Editorial 13
Dossier: Flows, Water Management, and Hydraulic Technologies in Antiquity

WATER AND FIRE AS PROPITIATORY ELEMENTS:
AN ANALYSIS OF THE NEED TO BUILD NYMPHEI IN LATIN SPACES.....17
Ana Teresa Marques Gonçalves

SACRALITY AND WATER ARCHITECTURE AMONG THE PHOENICIANS:
THE CASE OF MOTYA IN SICILY 37
Maria Cristina Nicolau Kormikiari

WATER AS CURRENCY: HYDRAULIC IMAGES AND THEIR SYMBOLIC
POWER ON COINS OF THE ROMAN EMPIRE (1ST-3RD CENTURIES CE).....59
Vagner Carvalheiro Porto

FROM DEPARTURE TO ETERNAL REST: THE PORT OF *PORTUS* AND THE
NAUTICAL SYMBOLISM OF DEATH (2nd AND 3rd CENTURIES CE).....78
Luciane Munhoz de Omena

FROM THE ROME OF BRICKS TO THE CITY OF WATERS:
AN ANALYSIS OF THE INTERVENTIONS OF MARCUS VIPSANIUS AGRIPPA
AS AEDILE AND *CURATOR AQUARUM* (1ST CENTURY BCE).....94
Thiago Eustáquio Araújo Mota

PRACTICAL AND SYMBOLIC ASPECTS OF WATER USE IN ANTIOCH:
THE BATH "E" AND ITS MOSAIC DECORATION.....112
Gilvan Ventura da Silva

STATE *FOGGARA* IN THE FEZAN:
HYDRAULIC TECHNOLOGY, COMMERCIAL ROUTES AND POLITICAL
CENTRALIZATION IN THE ANCIENT SAHARA.....132
Belchior Monteiro Lima Neto

LONDINIUM'S WALBROOK:
THE RIVER OF DEATH RITES THAT THE ROMANS RUINED.....151
Renato Pinto

Articles

THE REVALUATION OF HELLENISTIC GEOGRAPHY IN THE FIGURE
OF STRABO: BETWEEN TRADITION AND CONTINUITY.....172
Teresita Cano-Ricárdez e Leslie Lagos-Aburto

POLITICAL TENSIONS BETWEEN EMPEROR CONSTANTIUS II AND JULIAN *CAESAR*: REBELLION, COUP AND USURPATION.....196
Margarida Maria de Carvalho

Reviews

LIMA NETO, Belchior Monteiro; VENTURA DA SILVA, Gilvan; KORMIKIARI, Maria Cristina Nicolau. (org.). *A África antiga*: ensaios de História e Arqueologia. Vitória: Antíteses, 2025 (Coleção Lux Antiquitatis), 276 p.....225
Larissa Rodrigues Sathler

JOURNAL PROFILE.....231

PUBLICATION GUIDELINES.....232

EDITORIAL

DOSSIÊ FLUXOS, MANEJO DAS ÁGUAS E TECNOLOGIAS HIDRÁULICAS NA ANTIGUIDADE

Em memória de Norberto Luiz Guarinello,
que muito inspirou com seu intelecto aguçado e humor cativante

Enfrentamos, no século XXI, um preocupante cenário de emergência climática, caracterizado pela elevação da temperatura média global e pela instabilidade no ciclo natural das águas. A combinação destes fatores tem ocasionado, com alguma frequência, eventos climáticos extremos, como estiagens severas, furacões, precipitações intensas e inundações. Considerando que as pesquisas históricas buscam também responder às demandas e questões do presente, nas últimas décadas ampliaram-se as publicações voltadas para a problemática ambiental na Antiguidade, com especial foco na utilização dos recursos hídricos pelas culturas urbanas.

A exemplo de trabalhos recentes sobre a perspectiva ambiental, podemos citar *An Environmental History of Ancient Greece and Rome* (2009), da autoria de Lukas Thommen, e *Other Natures*: Environmental Encounters with Ancient Greek Ethnography (2020), de Clara Bosak-Schroeder. No que concerne à problemática da gestão dos recursos hídricos, é possível citar o clássico *Water Management in Ancient Greek Cities* (1993), de Dora P. Crouch, *The Water Supply of Ancient Rome*: City Area, Water, and Population (2001), de Gerda De Kleijn, e a recente coletânea *Water Management in Ancient Civilizations* (2018), organizada por Jonas Berking.

Em vista do panorama apresentado, este dossiê reúne artigos que contemplam as formas de apropriação, usos e estratégias de manejo dos recursos hídricos pelas culturas da Antiguidade. Ana Teresa Marques Gonçalves investiga as redes de sociabilidade e as práticas religiosas que se desenvolveram em torno dos ninfeus, santuários dedicados às ninfas, no recorte das comunidades citadinas no Lácio. Como estudo de caso, analisa o ninfeu dedicado à Ana Perena, entidade vinculada à prosperidade e ao culto dos mananciais, no imaginário religioso latino. Por sua vez, Maria

Cristina Nicolau Kormikiari dedica-se ao estudo da atividade religiosa do assentamento fenício de Motya, localizado em uma ilhota na costa ocidental da Sicília. A partir da análise do complexo arquitetônico da área C, do sítio arqueológico de Motya, a pesquisadora evidencia a relação sagrada que os colonos fenícios estabeleceram com o aquífero freático da ilha que alimentava as nascentes de água doce e, por sua vez, garantia a prosperidade do assentamento.

Vagner Carvalheiro Porto examina os temas hidráulicos presentes nas moedas emitidas por cidades de diferentes regiões do Mediterrâneo, incluindo Antioquia, Tel Dor, Alexandria, Óstia e Roma. O pesquisador demonstra como essas imagens (personificações de rios, fontes monumentais, aquedutos, estruturas portuárias etc.) foram mobilizadas para veicular ideias de prosperidade e identidade cívica. Luciane Munhoz de Omena, em seu artigo, investiga as imagens presentes em duas tumbas da necrópole romana de Isola Sacra. A pesquisadora aponta como as representações de criaturas marinhas, imagens de embarcações e estruturas portuárias estiveram vinculadas às crenças sobre o além-morte e à memória dos indivíduos que foram ali sepultados.

A partir da obra *Sobre os Aquedutos*, de Frontino, Thiago Eustáquio Araújo Mota investiga as principais intervenções operadas por Marco Vipsânio Agripa na infraestrutura hidráulica de Roma. Em seu artigo, destaca que a construção dos aquedutos *Aqua Iulia* e *Aqua Virgo* possibilitou investimentos significativos em obras públicas e em espaços monumentais relacionados à água. Já o artigo de Gilvan Ventura da Silva examina a decoração musiva de um dos principais edifícios termais de Antioquia, o Banho E, localizado nas imediações do Hipódromo da cidade. O pesquisador investiga os elementos estruturais e simbólicos que atuavam na dinâmica do balneário, bem como nas experiências sensoriais vinculadas ao ciclo hidroterápico.

Belchior Monteiro Lima Neto estuda as estratégias de adaptação e a utilização de tecnologias hidráulicas pelos garamantes, grupo étnico líbio que habitou a região do Fezã, no deserto do Saara. Seu artigo evidencia como a incorporação do sistema de Foggara, tecnologia de captação de reservas aquíferas característica das paisagens áridas, foi um dos fatores que favoreceu o processo de consolidação territorial e formação de um Estado garamante na região. Renato Pinto debruça-se sobre as transformações históricas operadas na paisagem do Walbrook, rio que cortava a

cidade romana de *Londinium* e que, na Modernidade, foi incorporado ao sistema de esgoto da capital inglesa. O artigo investiga o papel deste rio na configuração urbana, nas atividades econômicas e práticas mortuárias da cidade romana. À luz das problemáticas trazidas pela História Ambiental, o pesquisador problematiza o impacto das intervenções romanas no vale do Walbrook, que resultariam em sua paulatina degradação nos séculos subsequentes.

O presente número é finalizado com dois artigos livres. O artigo de Leslie Lagos-Aburto e Teresita Cano-Ricárdez trabalha com a obra de Estrabão, que resgata o conhecimento geográfico desde a poesia épica grega, passando pela historiografia e a geografia matemática, até começos do principado. No artigo, as autoras buscam evidenciar que a obra de Estrabão se projetou como um modelo a ser seguido e como sua constante reinterpretação não modificou sua posição dentro da geografia helenística – e grega, em geral –, e como seus métodos de estudo nutriram a geografia histórica em benefício da compreensão da *oikuménē*.

Já Margarida Maria de Carvalho parte da constatação de que o período de Juliano como César (355-361 EC) de Constâncio II foi tão conturbado quanto o seu governo como Imperador (361-363 EC). Prossegue destacando que a historiografia contemporânea sobre ele é muito vasta, principalmente no que diz respeito à análise de seus discursos como Augusto. A autora defende a hipótese de que a investigação acerca dos eventos que antecederam a usurpação, a usurpação em si e o cotejamento dos dados da documentação literária com a interpretação iconográfica dos numerários emitidos por Juliano, como coimperador e autoimperador, é possível chegar a novos resultados sobre o fenômeno.

Agradecemos à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) pelo apoio concedido para a publicação deste número da revista.

Desejamos a todos uma excelente leitura.

Thiago Eustáquio Araújo Mota
(Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina)

Referências bibliográficas

BERKING, Jonas. *Water Management in Ancient Civilizations.* Berlin: Edition Topoi, 2018.

BOSAK-SCHROEDER, Clara. *Other Natures*: Environmental Encounters with Ancient Greek Ethnography. Berkeley: University of California Press, 2020.

CLARIDGE, Amanda. *Rome. An Oxford Archaeological Guide.* Oxford: University Press, 2010.

CROUCH, Dora P. *Water Management in Ancient Greek Cities.* New York: Oxford University Press, 1993.

DE KLEIJN, Gerda. *The Water Supply of Ancient Rome*: City Area, Water, and Population. Amsterdam: J. C. Gieben, 2001.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia.* Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand, 2014.

KOUTSOYIANNIS, Demetris; PATRIKIOU, Anna Patrikiou. Water Control in Ancient Greece. In: TVEDT, Terje; OESTIGAARD, Terje (eds.). *A History of Water*: Water and Urbanization. London: Tauris, 2014, p. 130-148.

THOMMEN, Lukas. *An Environmental History of Ancient Greece and Rome.* Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

ÁGUA E FOGO COMO ELEMENTOS PROPICIATÓRIOS: UMA ANÁLISE DA NECESSIDADE DE CONSTRUÇÃO DOS NINFEUS NOS ESPAÇOS LATINOS[1]

Ana Teresa Marques Gonçalves[2]

Resumo: *Elementos naturais, como a água e o fogo, foram usados na Antiguidade como ferramentas de limpeza e purificação de ambientes, objetos e pessoas. Em várias cerimônias, foram usadas como forma de atrair a atenção das divindades ou gerar um ambiente favorável à expressão do sagrado. De igual maneira, água e fogo foram utilizados de modo bastante prático pela população, limpando terrenos e corpos, saciando a sede de humanos e de seus animais, propiciando plantações e colheitas, permitindo transportes etc. Neste artigo, objetivamos analisar a importância das fontes de água nas comunidades citadinas latinas, a partir de quatro vetores de observação reflexiva: a importância sociopolítica da garantia do acesso à água para a manutenção da vida; a sociabilidade possível de se expressar no entorno das construções hidráulicas; a relação dos ninfeus com as práticas religiosas e mágicas; e o potencial econômico da presença aquífera nos espaços urbanos.*

Palavras-chave*: Água; Fogo; Purificação; Limpeza; Abastecimento.*

WATER AND FIRE AS PROPITIATORY ELEMENTS: AN ANALYSIS OF THE NEED TO BUILD NYMPHEI IN LATIN SPACES

Abstract: *Natural elements, such as water and fire, were used in Antiquity as tools for cleaning and purifying environments, objects and people. In several ceremonies, they were used as a way of attracting the attention of deities or generating a favorable environment for the expression of the sacred. Likewise, water and fire were used in a very practical way by the population, cleaning lands and bodies, quenching the thirst of humans and*

[1] Recebido em 11/12/2024 e aprovado em 01/03/2025.

[2] Professora titular de História Antiga na Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP). Coordenadora do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano da UFG (LEIR-GO).
ORCID: 0000-0001-6020-3860. E-mail: anateresamarquesgoncalves@gmail.com

their animals, providing plantations and harvests, allowing transport etc. In this article, we aim to analyze the importance of water sources in latin city communities, based on four vectors of reflective observation: the socio-political importance of guaranteeing access to water for the maintenance of life; the sociability possible to express itself around hydraulic constructions; the relationship of nymphaeans with religious and magical practices; and the economic potential of the presence of aquifers in urban spaces.

Keywords: *Water; Fire; Purification; Cleaning; Supply.*

A natureza sempre foi foco de observação, admiração e surpresa dos seres humanos na Antiguidade. Seus elementos constituintes, como a flora e a fauna, a água e o fogo, despertaram a atenção principalmente devido à sua variedade, mas também por causa de fenômenos constantes que os cercavam. O aparecimento regular de frutos nas árvores, as cheias dos rios, a repetição do aparecimento dos astros no céu, como o nascer e o pôr do sol, dentre outros fenômenos, captaram a inquirição dos antigos. Para tentar compreender e explicar a recorrência, no tempo e no espaço, de certos fatos, foram geradas narrativas que amalgamavam em sua constituição e divulgação ocorrências detectadas pelos sentidos humanos. O tato, o olfato, a audição, a visão e o paladar permitiram que os observadores elaborassem explicações verossímeis para sua eclosão. Tanto nos discursos filosóficos quanto nos médicos, históricos, pedagógicos, mitológicos, entre outros, os homens antigos se lançaram a entender não apenas a ocorrência dos fenômenos naturais, mas também a sua repetição. O controle dos animais domesticados e a utilização da agricultura em larga escala requeriam uma atenção redobrada ao curso dos fenômenos naturais. Para garantir a sobrevivência da espécie, foi necessário entender e controlar a irrupção de certos eventos.

A água e o fogo foram destacados como portentos capazes de participar de rituais tanto constitutivos quanto destrutivos. Com água e fogo, poder-se-ia manter ou eliminar a vida. Tudo dependia da quantidade do elemento fornecido. O domínio do acesso e da manutenção do fogo permitiu uma nova dieta para os seres humanos, ao admitir o cozimento dos alimentos[3]. Em torno das chamas, obtinha-se luz para driblar as trevas noturnas

[3] Marcel Detienne e Jean-Pierre Vernant (1989, p. 49), na obra *The Cuisine of Sacrifice Among the Greeks*, destacam que o uso do cozimento na alimentação distinguiu a barbárie da implementação da civilização no pensamento helênico.

e calor para controlar as ondas de frio. Não foi à toa que as primeiras comunidades se reuniram constantemente em torno de fogueiras. De igual maneira, a casa romana se constituiu ao redor de seus larários[4], nos quais o *pater famílias* e a *domina* da casa procediam aos cultos aos *penates*, aos *lares* e aos *manes*. Vivos e mortos, divindades, potências e humanos se encontravam próximos às lareiras da *domus*, onde se queimavam incensos e outros tipos de perfumes em cerimônias[5], nas quais se pediam abundância e harmonia para o seio familiar. Denis Fustel de Coulanges relembra como os espaços públicos e privados da cidade antiga eram repletos de potências sagradas e de divindades, que eram chamadas[6] a conviver com os humanos por intermédio da realização de cerimônias, nas quais fogo e água foram vetores de culto constantes e adequados[7]:

> *É evidente que esse costume de manter continuamente o fogo aceso diante do altar prendia-se a alguma antiga crença. As regras e ritos então observados mostram que não se tratava de um costume qualquer. Não era permitido alimentar este fogo com qualquer espécie de madeira; a religião distinguia, entre as árvores, as que podiam ser usadas para este fim e aquelas cujo uso era taxado de*

[4] Os larários (*lararia*) foram altares construídos em forma templária no interior das casas romanas e também nas entradas das *insulae*, com o intuito de acolher as estátuas dos *lares*, potências protetoras da *domus* e da família, dos *penates,* divindades garantidoras da abundância nas despensas, e dos *manes*, *daimones* referentes aos familiares mortos. Em torno deles se faziam rituais nos quais se usavam o fogo e a água.

[5] Chegaram-nos inúmeras imagens, em pinturas parietais, relevos, mosaicos etc., de homens e mulheres velados, possivelmente sacerdotes masculinos e/ou femininos, incendiando incensos e outros materiais em tripés de ferro, em situações ritualísticas. Vários museus dispõem em seus acervos desse tipo de mobiliário votivo.

[6] Mary Beard, John North e Simon Price (2004, p. 132-134), no livro *Religions of Rome*, comentam acerca da importância das cerimônias da *evocatio* no desenvolvimento de vários tipos de rituais em Roma. Era essencial adquirir a atenção das divindades pagãs, visto que elas se encontravam entretidas com seus próprios interesses, ao invés de se dedicarem a observar a vida humana, como se tornou característico da percepção da atuação da divindade cristã. Eram rituais complexos, implementados por sacerdotes e que, muitas vezes, incluíam a utilização de fogo e água.

[7] Recordemos que o terceiro item do primeiro capítulo do livro de Coulanges se intitula “O Fogo Sagrado”, no qual se analisa a importância primordial do uso deste elemento nos rituais antigos.

> *impiedade. A religião ordenava também que o fogo se mantivesse sempre puro, o que significava, no sentido literal, que nenhum objeto impuro pudesse ser lançado nele e, no sentido figurado, que nenhuma ação irregular deveria ser cometida em sua presença* (Coulanges, 2014, p. 34).

O que tornava os objetos suficientemente puros para serem lançados às chamas era a utilização da água lustral para banhá-los, ou seja, aquela captada no alvorecer do dia, em fontes ou nascentes limpas. A *acqua lustralis* era definida e identificada como a água consagrada por meio de cerimônias litúrgicas para ser usada em purificações e abluções. Poderia ser aspergida sobre pessoas e objetos, ou mesmo servir de lugar de banho. A questão da implementação da pureza nos rituais era fundamental para a garantia da validade destes. Como recorda John Scheid, na obra *La Religión en Roma*, duas características majoritárias poderiam definir a religião greco-romana: o fato de se tratar de uma religião social, ou seja, executada de forma predominantemente coletiva, e forjada por atos cultuais, isto é, formulaicos, rígidos, sustentados pela repetição e garantidos pela tradição. Como religião social, seus ritos eram implementados "pelo homem como membro de uma comunidade e não como indivíduo subjetivo, como pessoa" (Scheid, 1991, p. 15). Era uma religião de participação, que era exercida principalmente no âmbito das famílias, das associações profissionais (*collegia*) ou cultuais, e sobretudo na comunidade política[8].

A busca de coesão, concórdia e fartura extrapolou, assim, os muros das casas particulares e atingiu a coletividade, por meio do culto latino dedicado à deusa Vesta. Segundo Pierre Grimal, no *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, esta divindade tinha uma origem arcaica e, como a grega Héstia[9], pertencia ao grupo das deusas ligadas à proteção dos domicílios e de seus componentes. Seu culto dependia da ação do *Pontifex Maximus*, secundado

[8] Sobre a definição de religião no mundo romano e suas múltiplas diferenciações locais, vide: Ando (2003).

[9] Héstia foi representada como a deusa do Lar, sendo a primeira filha de Cronos e Reia, irmã de Zeus e Hera. Uma das deusas virgens do panteão helênico, junto com Atena e Ártemis, deveria ser cultuada em todas as casas e poderiam lhe prestar culto em todos os templos. "Enquanto as outras divindades vagueiam pelo mundo, Héstia permanece imóvel no Olimpo. Tal como o lar doméstico é o centro religioso da casa, assim também Héstia é o centro religioso da mansão divina" (Grimal, 1992, p. 227).

pelas sacerdotisas chamadas Virgens Vestais (Grimal, 1992, p. 466-467), advindas ainda muito jovens das principais famílias aristocráticas romanas, responsáveis por manter o fogo da capital sempre aceso numa pira cerimonial, que se encontrava inicialmente no interior de seu templo[10]. O animal que poderia ser-lhe sacrificado era o burro. Contudo, durante a *Vestalia*, em junho[11], os burros deveriam descansar, o que impedia o transporte de mercadorias e os processos de moagem nas panificadoras, levando muitas vezes os fornos, nos quais se cozinhavam os pães, a serem apagados. Ao possibilitar atos de criação e de destruição, o fogo e a água eram encarados como elementos de transformação. Por exemplo, para criar vasos de cerâmica e tijolos, usados em todos os ambientes na Antiguidade, sagrados e profanos, domésticos e societários, eram necessárias exatamente a argila e a água, bem como os fornos, alimentados pelas madeiras incendiadas, para endurecer o barro.

Como enfatizamos, elementos da natureza tanto podiam fomentar quanto consumir as matérias. O fogo dos incêndios por diversas vezes arruinou construções romanas. Sua ação benfazeja ao endurecer as peças de barro se unia à sua possibilidade aniquiladora ao aluir outras substâncias. Sabemos que a predominância das construções em madeira, no período republicano e no início do Principado[12], permitiu a destruição de inúmeras

[10] As Virgens Vestais foram as mais reconhecidas sacerdotisas latinas, chegando a acompanhar os imperadores em eventos públicos nos Anfiteatros e nos Circos. Eram seis meninas, escolhidas entre os seis e os dez anos de idade, no seio das principais famílias de Roma, permanecendo no serviço da deusa por trinta anos, quando eram devolvidas para suas *gentes* (Beltrão, 2006, p. 150). Deveriam manter a castidade e prezar pelo fogo sagrado da *urbs*. Nos trinta anos de serviço à deusa, ficavam dez anos como educandas, dez anos como sacerdotisas e dez anos como docentes (Vaccai, 1986, p. 108).

[11] Segundo Guido Vaccai, a *Vestalia* é referenciada nos *Fastos* (VI, vv. 395-432) de Ovídio. Era realizada possivelmente entre nove e quinze de junho e celebrava Vesta como a flama perene (Vaccai, 1986, p. 107-114).

[12] Não é à toa que o imperador Otávio, em seu testamento, que nos chegou como as *Res Gestae Divi Augusti* (I, 35-37), documento gerado a partir das epígrafes testamentárias mandadas divulgar por seu sucessor Tibério, jacta-se de ter encontrado uma Roma de tijolos e madeira e tê-la transformado numa Roma de mármore. Esse cuidado com a alteração no material usado na construção ou reconstrução de prédios públicos tinha não somente a intenção de ressaltar a riqueza trazida pela conquista e pela manutenção do império territorial, administrado pelos romanos, mas também, e principalmente, o cuidado prático com a utilização de materiais menos suscetíveis aos incêndios.

edificações pelo fogo, na maior parte das vezes oriundo da ação de raios e da posterior ocorrência de ventos. O acendimento de fogueiras no interior das *insulae*[13] também parece ter determinado o início de vários incêndios. Segundo Stephen Dando-Collins (2010, p. 56-57), sabemos da perda para o fogo de grandes edifícios, como a Basílica Júlia, em 12 d.C., a Basílica Emília em 14 d.C., e parte do Circo Máximo, em 36 d.C., o que levou o imperador Otávio a criar as *Cohortes Vigilum*, ou seja, grupamentos de homens responsáveis por combaterem os primeiros focos de incêndio, para evitar que se espalhassem pela *urbs*, como aconteceu no famoso incêndio de 64 d.C., durante o governo de Nero, quando dez das catorze zonas de Roma foram destruídas (Beard, 2017, p. 375; Fini, 1993, p. 68).

Para combater os incêndios, necessitava-se destruir alguns prédios, para impedir a propagação das chamas de forma incontrolável, bem como garantir acesso a fontes de água, para que as chamas fossem debeladas com o uso de baldes. Por isso, era fundamental que o número de fontes nas cidades se intensificasse. Como o fogo, a água era um elemento capaz de criar e de debelar. As primeiras civilizações buscaram espaços banhados por veios de água, que serviam para manter a vida em si (organismos celulares necessitam de meios aquosos para sustentarem suas estruturas vitais), a sobrevivência de seus rebanhos, a factibilidade da agricultura, o transporte de mercadorias e a efetividade do comércio, a defesa de suas muralhas, a construção de suas habitações na vida e na morte[14]. Água em demasia afogava e aniquilava, mas sua ausência ressecava até a extinção.

Controlar os elementos tornou-se, então, uma necessidade intrínseca à sobrevivência da espécie humana. A criatividade cultural permitiu que os antigos forjassem meios para coibir excessos no uso dos elementos. Diques, canais de irrigação e drenagem, tanques, reservatórios, cisternas, bicas, aquedutos e outros sistemas de canalização das nascentes permitiram

[13] Construções de, normalmente, até cinco andares, feitas de madeira ou tijolos, nas quais viviam em pequenos ambientes, muitas vezes alugados, algumas famílias mais pobres de Roma. De acordo com Lewis Mumford, citando *As Sátiras* de Juvenal, no segundo século, algumas *insulae* de Roma chegaram a ascender ao décimo andar (Mumford, 1998, p. 243).

[14] Sabemos que os antigos usavam muito os tijolos de argila em suas construções citadinas e funerárias, produzidos pela adição da água ao barro, bem como tipos de madeira, advindas de plantas que precisavam do contato com a água para se manterem produtivas e viçosas.

que os humanos controlassem o acesso à água e viabilizassem o combate ao fogo. Secas e enchentes, bem como incêndios, eram vistas também como manifestações divinas, mormente de descontentamento com empreendimentos mortais. As divindades demonstravam seu desgosto por meio de prodígios, percebidos pela observação de desvios naturais. Como caminhos para a compreensão e a aquisição das vontades das divindades, a religião e a magia capacitavam o homem a verificar a intenção divina e, muitas vezes, a conseguir combater alguns desígnios maléficos, principalmente pela efetivação de ações simpáticas. Como água e fogo podiam tanto ocasionar o bem quanto o mal, também eram elementos propiciatórios nos ambientes mágicos e religiosos, ou seja, por meio deles se podia proceder a cerimônias e rituais capazes de garantir a mudança no humor das divindades.

Seguindo a percepção de Robert Schilling, na obra *Rites, Cultes, Dieux de Rome*, os ritos religiosos dependiam da ação dos sacerdotes para serem empreendidos e para terem sucesso em suas promoções, enquanto as cerimônias mágicas buscavam "impor as vontades dos indivíduos", que, por vezes, usando da experiência de feiticeiros e magos, realizavam eles mesmos os ritos, seguindo encantamentos prescritos precisos. Muitos das *precationes* e dos *incantamenta* utilizavam-se da água e do fogo para purificarem os objetos utilizados e mesmo os proponentes do encanamento (Schilling, 1979, p. 192)[15].

Como informa Jörg Rüpke, no livro *De Júpiter a Cristo*: Cambios Religiosos en el Imperio Romano, a *interpretatio romana* permitiu que vários rituais helênicos e helenísticos, além de etruscos, fossem absorvidos pelo cerimonial religioso latino. Vários deles contavam com a fumaça dos incensos no ambiente de realização dos cultos, bem como a fundamental ablução. Era imprescindível que os oficiantes e os objetos fossem purificados antes, durante e depois das cerimônias, e essa depuração era

[15] Sobre a diferenciação entre as práticas mágicas e as religiosas, bem como suas convergências no uso de água e do fogo nos rituais, vide: Janowitz (2001); Dickie (2003); Ogden, Luck, Gordon e Flint (2004); Luck (1985). René Girard, no livro *A Violência e o Sagrado*, aponta que até na realização dos sacrifícios de animais, ritual que abria ou fechava várias cerimônias religiosas, a água era usada para limpar o animal a ser abatido, os objetos utilizados no abate e até mesmo pelo sacerdote, antes e depois das oferendas e dos banquetes cerimonias, usando a carne do animal sacrificado (Girard, 1990, p. 1-54).

feita pelo uso da água ou de outros elementos líquidos purificatórios e propiciatórios (Rüpke, 2013, p. 24).

Nos *Fastos*, Ovídio (*Fastos*. IV. vv. 133-150) se refere à lavagem da estátua da deusa Vênus, que ocorria no início de abril, no âmbito das festividades concernentes à deusa do amor, vinculada à família dos Júlios:

> *Cultuai a deusa, mães latinas, jovens noras, e vós, que ainda não tendes fita ou vestes tirai o áureo colar do pescoço de mármore e as riquezas, pois deveis lavar a deusa. Voltai o áureo colar ao pescoço enxugado, devem ser dadas rosas e outras flores. Vós lavardes também as vestes sob o mirto, ela ordena. Aprendei a razão porque ela o faz. Os cabelos, na praia, ela, nua, secava, quando os lascivos sátiros a viram. Percebeu e cobriu com verde mirto o corpo; salvou-se, assim, e ordena recordá-lo. Aprendei porque dais à Fortuna viril incenso onde a água fria molha o chão. Despidas todas, as acolhe esse lugar que vê nos corpos nus qualquer defeito, para que dos homens o oculte e se apresente, já que a Fortuna viril só pede incenso.*

Perceba-se como na festa dedicada a Vênus, sua estátua era lavada. O incenso queimado nas chamas seria a parte masculina do ritual, enquanto a aspersão da água seria a parte feminina. A doação de flores também requeria acesso aos jardins, irrigados por amplo sistema hidráulico. Desse modo, o abastecimento de água era essencial para a continuidade da *pax deorum*, isto é, da boa relação com as divindades, bem como para a efetivação dos rituais que seguiam os antigos do nascimento à morte. No âmbito familiar latino, antes de ser pega no colo pelo genitor, e reconhecida como membro da *gens*, a criança era banhada em água e/ou vinho. De igual maneira, durante as celebrações das núpcias de jovens membros da aristocracia latina, nos rituais de *confarreatio*, os noivos se banhavam em água lustral antes da realização das cerimônias matrimoniais (Veyne, 1990, p. 45-59). Já no âmbito do passamento, o corpo do cadáver deveria ser banhado pelas mulheres da família do morto e tratado com unguentos e óleos, antes de sua exposição no contexto fúnebre, para a realização das exéquias (Hope, 2007, p. 22)[16]. Ao final dos rituais funerários, o

[16] Essa vinculação do sagrado com a água também pode ser detectada no mundo oriental. Relembremos as várias imagens encontradas nos papiros egípcios retratando a aspersão da água no rio Nilo no ambiente cerimonial. Sobre esse assunto, vide: Andreu (2005).

ambiente, considerado poluído pela morte, deveria ser limpo pela utilização de água e fogo, elementos capazes de restabelecer a ordem num espaço maculado e de higienizar e de purificar o recinto.

O acesso ao elemento aquífero revestia-se, dessa forma, de uma importância suprema, tanto no meio rural quanto no urbano. Por isso, a construção de fontes e ninfeus nos perímetros urbanos e rurais foi tão indispensável. Além da questão premente de manutenção da vida humana, a água era elemento fundamental na constituição de uma boa relação com os deuses, com os *daimones* e para a manutenção da coesão social, política e econômica. Não apenas as margens dos rios e dos mares eram usadas para a elaboração de rituais, como as fontes, os ninfeus, as cisternas e os tanques também eram locais de recolhimento de água para feitura de rituais. Em termos econômicos, vários negócios dependiam da água para funcionarem, como olarias, panificadoras (*pistrinae*)[17], *thermopolia*[18] e tabernas, e principalmente as *fullonicae*[19]. Os romanos também conheceram, por influência helênica, as rodas de água, ou seja, dispositivos circulares dispostos sobre um eixo, cercados de pás de madeira, capazes de aproveitar a energia hidráulica da água em movimento constante[20]. Mesmo espaços de

[17] Os padeiros eram chamados *pistores* e eram responsáveis pela moagem dos grãos, preparação das massas e uso dos fornos, além da comercialização da produção, com qualidades variadas.

[18] Vários termopólios foram encontrados e estudados nas escavações de Pompeia e Herculano. Tratava-se de uma loja para compra de alimentos já prontos para o consumo. Consistia em uma pequena sala, com uma mesa ou balcão, na qual se dispunham os dólios, vasos de cerâmica mantidos quentes, nos quais se armazenavam sopas, caldos, cozidos, refogados, entre outros alimentos, como o famoso *garum*, feito com peixe. Já as *tabernae*, apresentavam pequenos espaços para consumo no local e farta venda de bebidas alcoólicas. Sobre o assunto, vide: Beard (2016); Butterworth e Laurence (2007).

[19] As *fullonicae* eram as lavanderias e tinturarias da Roma antiga, que precisavam de amplo uso e estoque de água para seu pleno funcionamento, pois muitos litros eram utilizados na lavagem e na coloração das roupas. Era comum nos processos de limpeza usarem-se substâncias alcalinas misturadas à urina, pois ainda não se tinha desenvolvido a formação dos sabões. Em tonéis de madeira ou tanques de tijolos, as roupas eram mergulhadas, agitadas com varas e depois torcidas e postas a secar ao sol. Mas todo esse processo era caro. A população mais pobre costumava lavar sua roupa na beira dos rios ou nas fontes (Koloski-Ostrow, 2023, p. 59).

[20] Há uma referência a esse maquinário helênico na obra *Sobre a Arquitetura*, de Vitrúvio. Sabemos que foi empregado na moagem de grãos, na irrigação das

lazer, como lupanares[21] e termas[22], só podiam funcionar com amplo acesso à água. Inclusive os canais de esgoto, que ligavam os banheiros públicos (*foricae*)[23], os sanitários das casas da elite (latrinas privadas) e alguns prédios públicos à Cloaca Máxima[24], funcionavam com a utilização de água

plantações, no funcionamento de serrarias, e mesmo ao longo de alguns aquedutos, para permitir a chegada da água às aldeias. O livro VIII da obra vitruviana foi dedicado à hidrologia e à hidráulica, isto é, ao uso da água nas construções, como as rodas, os relógios (*klepsidra*), a construção de cisternas, instrumentos para encontrar veios aquíferos etc.

[21] O nome advinha de *lupae*, lobas, alcunhas das prostitutas que trabalhavam nos bordéis. O mais conhecido foi o escavado em Pompeia, que contava com pinturas eróticas, quartos com camas fixas de pedra, que deveriam ser cobertas por esteiras, travesseiros, colchas e colchões e, obviamente, uma latrina. Sobre esse assunto, vide: Beard (2016); Butterworth e Laurence (2007).

[22] Pierre Grimal (1988, p. 254-257), em *A Civilização Romana*, no capítulo 9, intitulado "Os Prazeres da Cidade", defende que dois dos principais passatempos latinos em Roma seriam os *ludi*, ou seja, os jogos gladiatoriais, e a frequência às termas, onde poderiam integrar os ciclos hidroterápicos, iniciados nas salas de *caldarium* e *tepidarium*, e finalizados no *frigidarium* ou na *natatio*. Entretanto, as termas reuniam em seu interior outros prazeres, pois possuíam jardins, palestras, salas de massagem, saunas, bibliotecas e também termopólios. As maiores da capital foram as inauguradas pelos imperadores Caracala e Diocleciano. A construção de aquedutos foi fundamental para o suprimento de água nessas imensas estruturas. Os palácios dos imperadores no Palatino contavam com suas próprias e exclusivas termas. Lewis Mumford é um dos autores que defende que as termas devem ser comparadas aos *shoppings centers* modernos, devido a ser um lugar propício para o ócio, à quantidade de frequentadores e à multiplicidade de tarefas exercidas em seu interior, indo muito além dos banhos (Mumford, 1998, p. 249).

[23] Os *foricae* ficavam, em sua maioria, próximos às termas, exatamente para aproveitar o encanamento d'água. Para limpeza, usava-se o *tersorium*, uma vareta que tinha amarrada à ponta uma esponja marinha ou um pedaço de tecido, que servia para limpar o corpo do usuário do *balneo*, que por sua vez era limpa e reutilizada após embebida numa solução de vinagre. Os espaços das latrinas consistiam numa sala com lajes de pedra ou mármore, com uma série de orifícios que deveriam ser utilizados coletivamente. Como as fontes, os ninfeus e as termas, os *foricae* eram espaços de sociabilidade (Koloski-Ostrow, 2023, p. 164). Sobre as latrinas públicas, vide: Hobson (2009); Merletto (2023).

[24] Acredita-se que foi construída por volta de 600 a.C., durante o reinado de Tarquínio Prisco, para reunir num mesmo canal todo sistema de drenagem dos pântanos que cercavam Roma, bem como os canos de esgoto dispostos na cidade, levando os detritos até o rio Tibre. A informação encontra-se em Tito Lívio, na *História de Roma desde a Fundação da Cidade* (I. 56).

corrente. No interior das casas aristocráticas formavam-se jardins, hortas e pomares. Na passagem anterior dos *Fastos*, destaca-se a utilização da flora nos rituais religiosos. Porém, deve-se também enfatizar a importância da produção de leguminosas e folhagens na alimentação latina. Bosques se estendiam para além das muralhas. Paul Veyne (1993, p. 129), em *A Sociedade Romana*, estabelece que:

> *Quando Marcial (VII. 28) faz votos pela felicidade de um de seus protetores, exprime-lhe o desejo de que o seu bosque não cesse de aumentar, que volte a crescer após os golpes do machado e que os seus olivais produzam rendimento. O rendimento de um bosque não é aleatório como o da vinha ou o dos prados, ameaçados pela seca.*

Isso ocorreu pela formação de um adequado sistema hidráulico[25] que garantiu a irrigação constante do solo dos bosques e dos *horti*. Dois jardins parecem ter se destacado na planta da capital imperial. Os jardins de Lamia (*horti lamiani*), pertencentes ao cônsul Lúcio Élio Lamia, que se localizavam no Monte Esquilino e que, além de intrincada vegetação, contavam com pórticos, estátuas, templos, fontes e termas privadas. Lembremos também dos *horti* de Mecenas, amigo do imperador Otávio, que faziam fronteira com os jardins lamianos, e que também detinham pavilhões, auditório e fontes, ambos citados por Suetônio, em *As Vidas dos Doze Césares* (Vida de Augusto, IV. 59). Além de local de descanso, eram usados para reuniões e festas e forneciam flores e frutos para algumas cerimônias. Florence Dupont, na obra *La Vita Quotidiana nella Roma Repubblicana*, afirma que "a casa é o homem" (Dupont, 2011, p. 157), ao analisar os palácios imperiais e perceber seu tamanho, seu luxo e sua localização, no terreno elevado do Palatino, a partir do qual se poderia observar a cidade de cima. Essa colocação determina o olhar da pesquisadora acerca dos jardins da *urbs*. Para ela, não foi à toa que os dois jardins citados anteriormente acabaram nas mãos dos Príncipes, a partir de Tibério, sendo administrados por um funcionário específico, indicado pelo imperador, o *procurator hortorum lamianorum et maionorum*. Toda sua produção irrigada passou a ser enviada ao palácio.

[25] Contudo, devemos relembrar que, inicialmente, os romanos empregaram canos de chumbo, que fizeram muito mal à saúde dos latinos, quando enferrujavam. Com o tempo, foram sendo substituídos por encanamentos de cerâmica, produzidos das mesmas olarias que fabricavam os vasos e as telhas.

Ugo Enrico Paoli, em *Vida Cotidiana en la Antigua Roma*, relembra que os romanos também praticaram a caça e a pesca nesses bosques e jardins, onde se encontravam tanques de peixes e lagos (Paoli, 2007, p. 353-362).

Essa necessidade intensa de água fez com que a construção de aquedutos se multiplicasse em Roma e nas províncias[26]. O uso do arco espalhou-se nas construções que buscavam levar água das nascentes dos rios até as vilas, aldeias e cidades, quando as formações subterrâneas não se adequavam ao propósito. Deveria chegar às casas particulares, latrinas, termas, fontes etc., usando-se somente a inclinação e a força da gravidade, demonstrando o gênio de engenharia e arquitetura dos latinos. Até a mineração necessitava de água para funcionar. Comportas e tanques de distribuição (*accquae castella*) auxiliavam na aspersão do recurso aquífero. Na capital, foram construídos, até o terceiro século de nossa era, onze aquedutos, que buscavam fornecer água a todas as regiões da cidade, aos mercados, aos jardins, aos chafarizes, aos ninfeus etc.[27]

Ao longo dessas canalizações, subterrâneas ou elevadas, foram erigidas cisternas, fontes e ninfeus. Por exemplo, atualmente, ao visitarmos a cidade de Nápoles, na Itália, podemos fazer o passeio conhecido como "Nápoles Subterrânea", onde é possível visitar as antigas cisternas da cidade, inicialmente fundada pelos gregos. Já em Pompeia, chama a atenção a visita à rua, hoje denominada Via de Mercúrio[28], devido ao fato de se ter

[26] A. Trevor Hodge (2002) analisa aquedutos erigidos nas províncias, nos atuais territórios de Alemanha, França, Espanha, Turquia, Israel e Norte da África, utilizando a tecnologia latina. Esse autor trabalha bastante com a fundamental obra de Frontino, *Os Aquedutos de Roma*, que em 97 d.C. foi indicado pelo imperador Nerva para ser *curator acquorum*, ou seja, administrador dos aquedutos de Roma.

[27] Os mais importantes foram *Acqua Apia*, erguido no quarto século a.C. e que fornecia água para o *Forum Boarium*; *Accqua Marcia*, construído no período republicano e que levava água para várias termas; *Acqua Virgo,* erigido por Agripa para levar água ao Campo de Marte*; Acqua Claudia*, edificado por Calígula e terminado por Claudio, que acabou alimentando o famoso lago da *domus aurea* de Nero; e A*cqua Traiana*, do período dos Antoninos, que abasteceu as maiores termas de Roma (finalizadas por Caracala e Diocleciano) (Hodge, 2002, p. 26-78).

[28] Mercúrio foi associado ao Hermes helênico, convertendo-se no mensageiro de Júpiter e divindade protetora dos seres em movimento, como os comerciantes, os ladrões e os viajantes em geral. Seus atributos são o caduceu, o chapéu de abas largas, as sandálias aladas e uma bolsa, onde carregaria os lucros das atividades comerciais. Por vezes, é identificado como pai dos *Lares* e muitas vezes era cultuado nas encruzilhadas (Grimal, 1992, p. 306-307).

encontrado uma representação deste deus exatamente na lateral da fonte de água, uma retangular bica, que abastecia os habitantes desse quarteirão da cidade antiga. Possivelmente essa água seria usada para matar a sede da população, para ser administrada aos animais domésticos, para limpeza de roupas e habitações, para a cozinha das casas, para a realização de rituais, entre tantas outras possibilidades que podem ser aventadas por historiadores e arqueólogos. Mary Beard (2016, p. 83-85), em *Pompeia*, destaca:

> *Para os visitantes modernos, quase tão memoráveis quanto as passarelas são as torres de água e, especialmente, as fontes das ruas – mais de quarenta delas sobrevivem –, espalhadas pela cidade para que todos tivessem acesso a elas; foi feito um cálculo de que pouquíssimos pompeianos viviam a mais de oitenta metros de uma fonte. As torres e fontes eram parte de um sistema complexo que supria a cidade com água encanada a partir de um "castelo de água", o castellum aquae (que, por sua vez, era alimentado por um aqueduto ligado às montanhas próximas), fincado dentro das muralhas junto à Porta do Vesúvio – uma inovação que substituiu o sistema anterior de abastecimento, que dependia de poços profundos e águas pluviais. [...] As fontes eram ainda mais difundidas do que as torres. A maioria seguia o mesmo plano geral: um grosso bico por onde corria água ininterruptamente e um tanque para represar parte do fluxo, feito de quatro grandes blocos de pedra vulcânica. Em geral, elas eram construídas nas encruzilhadas e esquinas e algumas ultrapassavam a linha da calçada, atrapalhando o tráfego; para protegê-las das carroças, havia grandes pedras verticais fincadas no piso, o equivalente antigo das balizas. [...] Tenham ou não se tornado um centro na organização de associações locais, [...] as fontes certamente eram pontos informais de reunião dos moradores mais humildes.*

Os habitantes mais abastados tinham canalização de água e esgoto diretamente disposta em sua *domus*. Se era assim numa cidade do Golfo de Nápoles, imagina na capital imperial[29]. De acordo com Lewis Mumford, em

[29] Para Leonardo Benevolo, em *A Cidade na História da Europa*, as principais inovações tecnológicas na Antiguidade romana foram empregadas no sistema hidráulico e no sistema defensivo, indicando que estas eram as principais preocupações dos magistrados: segurança e água (Benevolo, 1994, p. 19-25).

A Cidade na História, "os romanos eram notáveis pelo calçamento das ruas, pelo suprimento de água e pelos esgotos" (Mumford, 1998, p. 237). E a capital tornou-se o modelo urbanístico para as construções provinciais, permitindo que conhecidos artesãos, engenheiros e arquitetos viajassem pelo Império levando seu conhecimento. Entretanto, temos que destacar que as cidades provinciais souberam adaptar os modelos urbanísticos às suas necessidades e possibilidades econômicas e ao relevo natural dos terrenos. As técnicas, os materiais e a mão de obra usados dependiam de inúmeros fatores locais. Por isso, Louise Revell (2010, p. 40-79), no livro *Roman Imperialism and Local Identities*, demonstra como a noção de romanização, quando aplicada aos fenômenos do urbanismo, deve sempre ser matizada pelas noções de imposição e de resistência, visto que a aplicabilidade de certas técnicas estava limitada pelos recursos disponíveis em cada localidade[30]. Essa prerrogativa de análise deve marcar também os estudos sobre os sistemas hidráulicos.

Em Roma, aproveitando muitos dos encanamentos e aquedutos construídos para fornecer água para a capital, foram dispostos ninfeus e fontes ao longo dos canos, de livre acesso público (Robinson, 1994, p. 95-110). Com o passar do tempo e seu amplo uso, pouca coisa acabou por distinguir no uso diário e na definição urbanística as noções de fonte (*fons*) e ninfeu (*nymphaeum*). Os ninfeus começaram sua jornada arquitetônica como templos dedicados às ninfas[31], usando grutas naturais, por onde passavam córregos como locais de culto e magia. Passou-se, *a posteriori*, à edificação de grutas artificiais, cobertas de plantas e flores, com o acréscimo de esculturas, colunas, pinturas, mosaicos e veios de água artificiais, aproveitando o encanamento citadino. Foram dispostas em jardins, privados e públicos,

[30] Esse mesmo relevo na adaptação e seletividade de instrumentos, tecnologias e condição dos trabalhadores, que se verificou no estudo dos sítios arqueológicos provinciais, em comparação com os modelos gerados na capital imperial, também são tratados em: Hölscher (2004); Taylor (2003); Hales e Hodos (2010).

[31] Ninfas eram jovens mulheres que povoavam os campos, bosques, jardins e nascentes, personificando a graça, a beleza e a fecundidade dos ambientes naturais. Vistas como filhas de Júpiter, habitavam grutas, onde passavam a vida a fiar e a cantar, por isso seus locais preferenciais de culto eram as covas. As Naiades eram as ninfas das fontes e dos cursos de água (Grimal, 1992, p. 331). Aparecem em muitas imagens reproduzidas em vasos de cerâmica e pinturas parietais, nas quais estão sendo perseguidas pelos sátiros. Com as construções citadinas, os bosques, jardins e veios d'água passaram a ser erigidos e mantidos pela arte humana, por essa razão muitas fontes começaram construídas como ninfeus.

bem como em bosques e em algumas das principais vias da cidade. Roma deve ter contado com ao menos vinte dessas estruturas. Foram usados como reservatórios, locais de reunião e fontes de aquisição de água pela população, por isso ocorreu sua amálgama com o conceito metodológico de fonte em si, perdendo, por vezes, sua característica primordial de culto a divindades aquáticas (Dunbabin, 1999, p. 236-250).

O termo *fons*/*fontis*, por sua vez, indicava uma nascente ou manancial de água. Como no caso dos ninfeus, com a expansão da ocupação urbana, passou-se a usar o conceito para abranger também as fontes construídas por mão humana, permitindo acesso à água canalizada. Na mitologia latina, Fonte foi um filho de Jano[32] com a ninfa Juturna[33], que protegia as nascentes. Muitas construções forjadas para serem inicialmente locais de culto de ninfas, onde se faziam vários rituais de culto e magia, acabaram se tornando também reservatórios de água, usados para saciar a sede dos cidadãos e de seus rebanhos, bem como para limpeza, purificação e mesmo para apagar focos de incêndio. A praticidade invadiu o espaço sagrado, sem maculá-lo, no que dizia respeito às fontes, pois o uso propiciatório da água era, de certa forma, uma atividade sacra. As construções variaram de tamanho, de magnificência, de localização, mas todas visaram abastecer de água a comunidade.

[32] Jano é um dos mais antigos deuses do panteão romano, representado com dois rostos que se opõem, um olhando para a frente, outro para trás. As portas de seu templo só deveriam ser fechadas quando Roma estava em paz. Sua vinculação com questões bélicas está intrinsecamente ligada aos veios de água. Segundo a lenda latina, quando Rômulo reinava, após o rapto das sabinas, Trapeia, filha de um guarda do Capitólio, abriu as portas da muralha romana, permitindo a entrada furtiva dos sabinos para resgatar suas mulheres. Jano fez jorrar uma fonte de água quente, que expulsou os sabinos da cidade (Grimal, 1992, p. 258). Tarpeia acabou nomeando uma elevação da qual as Virgens Vestais acusadas de traição e de perder a castidade eram arremetidas, bem como Jano passou a ser visto como pai do rio Tibre e de Fonte, potestade protetora das nascentes. As portas abertas de seu templo, construído no mais antigo Fórum, deveriam ser mantidas abertas, para que ele pudesse estar sempre atento aos perigos lançados contra Roma, protegendo seus cidadãos.

[33] Juturna foi uma ninfa, que começou a ser venerada nas margens do rio Numício, perto da cidade latina de *Lavinium*. Deu-se o nome de Lago de Juturna a uma fonte construída no Fórum republicano, perto do templo da deusa Vesta. Acabou interpretada como uma deidade que curava, como muitas das divindades aquáticas (Grimal, 1992, p. 262). E pode-se supor que suas águas foram muitas vezes recolhidas para serem usadas no serviço da deusa Vesta e para suprir as necessidades diárias das Virgens Vestais.

Em torno dessas fontes e ninfeus teciam-se intrincadas redes de sociabilidade, marcadas pela diversidade de gêneros, espécies, idades e etnias que acorriam a esse espaço urbano. Homens, mulheres, crianças, jovens, idosos, escravos, libertos e *ingenui* se encontravam ao redor das fontes de água. Por isso, o estudo dos fontanários se torna tão relevante para conhecer um pouco do cotidiano no mundo latino. Para exemplificar tudo o que foi apresentado até este ponto do artigo, gostaríamos de relembrar uma fonte de água importante localizada na capital imperial dedicada a uma ninfa que era cultuada pelos antigos. Trata-se do ninfeu de Ana Perena. Divindade romana muito antiga, primeiramente honrada num bosque sagrado situado às margens da Via Flamínia, ao norte da capital, foi representada inicialmente como uma mulher velha, que distribuía bolos e pães de graça, quando a população passava fome. Posteriormente, foi vista também como uma possível irmã da rainha Dido de Cartago, que após a partida de Eneias se suicidou, levando a parente a se exilar na Península Itálica, depois de uma passagem pela Sicília. Lavínia, esposa de Eneias, demonstrou ciúmes com sua chegada, e temendo ser morta, Ana se refugiou junto ao rio Numício, que a arrastou para seu leito, transformando-a numa ninfa, e lhe dando o cognome de Perena, eterna. A nova ninfa passou, então, a ser vista como deidade ligada à abundância e a ser cultuada numa festa anual realizada em bosques e fontes de água (Grimal, 1992, p. 24-25). Essa festividade tornou-se tão importante, que integrava o calendário oficial romano, como nos indica Ovídio, nos *Fastos* (III, vv. 523-544):

> *Há nos idos (15 de março) o culto alegre a Ana Perena, ó Tibre, não distante de tuas margens. A plebe vem, bebe deitada em verdes ervas, e cada qual recosta com seu par. Uns ficam ao relento, outras armam suas tendas. Há os que fazem de ramos seu abrigo. Colunas rígidas de junco alguns ergueram, e estenderam por cima abertas togas. Ao sol e ao vinho, eles se aquecem, pedem de anos o número de cálices que bebem. Ali acharás quem beba os anos de Nestor, e pelas taças faça-se a Sibila. Cantam ali o que aprenderam nos teatros e acompanham com mímica as palavras. Deposto o cráter, rudes coros são dançados, baila com a coma solta a ornada amiga. Quando retornam, cambaleiam; o povo os vê e, ao encontrá-los, chama-os de afortunados. Há pouco houve um cortejo, acho digno contá-lo. Uma ébria velha levava um velho ébrio. Como essa deusa, então, entre rumores vaga, todas as histórias vêm ao meu propósito.*

Nessa passagem, observamos como o culto a Ana era feito inicialmente num bosque próximo ao rio Tibre e sua cerimônia anual destacava o farto uso de vinho, cujo consumo excessivo indicava o número de anos que seus apreciadores gostariam de viver. Por isso, bebiam-se "os anos de Nestor", personagem careca da *Ilíada,* sempre destacado pela sabedoria advinda de sua avançada idade No período republicano, ergueu-se nesse bosque um ninfeu dedicado a Ana[34]. De formato retangular e construída com blocos de tufo e tijolos, a fonte tinha um altar com uma inscrição que dedicava o ambiente à ninfa. Contava também com uma pequena cisterna para recolher água da chuva, dentro da qual foram encontrados diversos objetos datados a partir do IV século a.C. O ninfeu acomodava, assim, ao seu redor, tanto seres sedentos por água quanto humanos interessados em conseguir a atenção da divindade ali louvada para outros intentos. Tanto que, no acervo do *Museo Nazionale Romano do Palazzo Massimo*, erguido próximo ao famoso Museu Nacional das Termas de Diocleciano, encontram-se peças resgatadas da escavação. Dentre elas, estão 549 moedas de diversos tipos e valores, datadas após o governo de Otávio[35], 74 lamparinas, 3 fíbulas de cerâmica, 9 vasos de chumbo, um caldeirão de cobre (*caccabus*), estátuas, e várias *tabellae defixionum*[36], entre outros artefatos ligados a práticas votivas e mágicas (Piranomonte; Simón, 2010, p. 20-25). Dessa forma, podemos inferir que o ninfeu erguido próximo ao Tibre tinha a intenção de consagrar o terreno à ação da ninfa, por isso recebeu a visita de pessoas interessadas em evocar a intercessão da deidade, de igual maneira que acabou arrebatando o interesse prático dos que necessitavam do acesso à água para a efetivação de diversas tarefas cotidianas.

Portanto, o ninfeu dedicado a Ana Perena relembrava, como edificado lugar de memória, uma entidade ligada à harmonia e à abundância, relacionando dois elementos fundamentais para a sobrevivência humana: o

[34] Atualmente o sítio arqueológico situa-se na Via Guidulbado del Monte, ao norte de Roma, próxima a uma das curvas do rio Tibre. Foi escavado em 1999 e todas as peças encontradas foram levadas para o Museu Nacional Romano do *Palazzo Massimo alle Terme*, no qual podem ser visitadas.

[35] Possivelmente o fato de todas as moedas encontradas na escavação serem datadas a partir do governo de Otávio indica que houve uma reconstrução do monumento nesse período. Contudo, o importante é perceber que ele continuou sendo visitado por questões naturais ou sobrenaturais (Piranomonte; Simón, 2010, p. 19).

[36] Placas de chumbo contendo inscrições epigráficas concernentes a vários tipos de encantamentos. Sobre o assunto, vide: Corassin (1996, p. 223-231).

alimento e a água, bem como converteu-se em ambiente de religião e magia. Os vestígios encontrados em seu sítio indicam múltiplas ações a serem desenvolvidas ao seu redor, tanto mágicas quanto pragmáticas. Como fonte de água, erigida próximo ao Tibre e aos encanamentos do aqueduto que levava água para as Termas de Diocleciano, atraía seres sedentos ou necessitados de meio de purificação; já como ninfeu, reunia pessoas interessadas em evocar a divindade. O ato de remeter moedas em veios d'água já era antigo, como o material encontrado em sua cisterna comprova. Assim, finalizamos este artigo enfatizando a importância da água e do fogo como elementos propiciatórios, purificatórios e de sobrevivência para a coletividade humana, fato percebido desde a Antiguidade. O desenvolvimento técnico permitiu que várias necessidades fisiológicas fossem mais bem supridas por construções e edificações humanas, entre elas as fontes e os ninfeus.

Documentação escrita

FRONTINO. *Stratagems. Aqueducts of Rome*. Trad. Charles E. Bonnett. London: Heinemann, 1925 (LOEB).

JUVENAL. *Sátiras*. Trad. Manuel Balasch Recort. Madrid: Gredos, 2011.

MARCIAL. *Epigramas*. Trad. Rodrigo Garcia Lopes. São Paulo: Ateliê, 2019.

OVÍDIO. *Fastos*. Trad. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SUETÔNIO. *As Vidas dos Doze Césares*. Trad. Victor Raquel. Lisboa: Sílabo, 2022.

TITO LÍVIO. *História de Roma desde a Fundação da Cidade*. Trad. Paulo Matos Peixoto. São Paulo: PAUMAPE, 1989.

VITRÚVIO. *Los Diez Libros de Arquitectura*. Trad. José Luis Oliver Domínguez. Madrid: Alianza, 2011.

Referências bibliográficas

ANDO, Clifford (ed.). *Roman Religion*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2003.

ANDREU, Guillemette. *A Vida Quotidiana no Antigo Egipto no Tempo das Pirâmides*. Lisboa: Edições 70, 2005.

BEARD, Mary; NORTH, John; PRICE, Simon. *Religions of Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

BEARD, Mary. *Pompeia*: a vida de uma cidade romana. São Paulo: Record, 2016.

____. *SPQR*. São Paulo: Crítica, 2017.

BENEVOLO, Leonardo. *A Cidade na História da Europa*. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1994.

BUTTERWORTH, Alex; LAURENCE, Ray. *Pompeia*: a Cidade Viva. São Paulo: Record, 2007.

CORASSIN, Maria Luiza. Uma Contribuição da Epigrafia para o Estudo da Ação Mágica: as *Tabellae Defixionum*. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 6, p. 223-231, 1996.

COULANGES, Denis Fustel de. *A Cidade Antiga*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2014.

DANDO-COLLINS, Stephen. *The Great Fire of Roma*. London: Da Capo Press, 2010.

DETIENNE, Marcel; VERNANT, Jean-Pierre. *The Cuisine of Sacrifice Among the Greeks*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

DICKIE, Matthew W. *Magic and Magicians in the Greco-Roman World*. London: Routledge, 2003.

DUNBABIN, Katherine M. D. *Mosaics of the Greek and Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

DUPONT, Florence. *La Vita Quotidiana nella Roma Repubblicana*. Roma: Laterza, 2011.

FINI, Massimo. *Nero, o Imperador Maldito*. São Paulo: Scritta, 1993.

GIRARD, René. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

GRIMAL, Pierre. *A Civilização Romana*. Lisboa: Setenta, 1988.

____. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992.

HALES, Shelley; HODOS, Tamar (eds.). *Material Culture and Social Identities in the Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

HOBSON, Barry. *Latrinae et Foricae*: Toilets in the Roman World. Bristol: Classical Press, 2009.

HODGE, A. Trevor. *Roman Aqueducts and Water Supply*. London: Bloomsbury, 2002.

HÖLSCHER, Tonio. *The Language of Images in Roman Art*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HOPE, Valerie M. *Death in Ancient Rome*. London: Routledge, 2007.

JANOWITZ, Naomi. *Magic in the Roman World*. London: Routledge, 2001.

KOLOSKI-OSTROW, Ann Olga. *The Archeology of Sanitation in Roman Italy*: Toilets, Sewers and Water Systems. London: Routledge, 2023.

LUCK, Georg. *Arcana Mundi*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1985.

MERLETTO, Antonella Patricia. *Public Toilets (Foricae) in the Sanitation in the Ancient Roman World*. London: BAR, 2023.

MUMFORD, Lewis. *A Cidade na História*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

OGDEN, Daniel; LUCK, Georg; GORDON, Richard; FLINT, Valerie. *Bruxaria e Magia na Europa:* Grécia Antiga e Roma. São Paulo: Madras, 2004.

PAOLI, Ugo Enrico. *Vida Cotidiana en la Antigua Roma*. La Plata: Terramar, 2007.

PIRANOMONTE, Marina; SIMÓN, Francisco Marco. The Daemon and the Nymph: Abraxas and Anna Perenna. *Bollettino di Archeologia*, Roma, v.8, p. 17-35, 2010.

REVELL, Louise. *Roman Imperialism and Local Identities*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

ROBINSON, O. F. *Ancient Rome*: City Planning and Administration. London: Routledge, 1994.

ROSA, Cláudia Beltrão da. A Religião na *Urbs*. In: MENDES, Norma Musco; SILVA, Gilvan Ventura da (orgs.). *Repensando o Império Romano:* perspectiva socioeconômica, política e cultural. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, p. 137-159.

RÜPKE, Jörg. *De Júpiter a Cristo*: Cambios religiosos en el imperio romano. Córdoba: Eduvim, 2013.

SCHEID, John. *La Religión en Roma*. Madrid: Clásicas, 1991.

SCHILLING, Robert. *Rites, Cultes, Dieux de Rome*. Paris: Klincksieck, 1979.

TAYLOR, Rabun. *Roman Builders*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

VACCAI, Guido. *Le Feste di Roma Antica*. Roma: Mediterranee,1986.

VEYNE, Paul. O Império Romano. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (dir.). *História da Vida Privada*: do Império Romano ao Ano Mil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, v. 1, p. 19-224.

____. *A Sociedade Romana*. Lisboa: Edições 70, 1993.

SACRALIDADE E ARQUITETURA DA ÁGUA ENTRE OS FENÍCIOS: O CASO DE MOTYA, NA SICÍLIA[1]

Maria Cristina Nicolau Kormikiari[2]

Resumo: *No presente artigo, discutimos o papel simbólico e ritual da água na cultura fenícia, com ênfase no assentamento fenício de Motya, na Sicília. Por meio da análise do complexo arquitetônico da área C do sítio arqueológico, local da implantação mais antiga, e de sua relação com a água doce subterrânea, procuramos demonstrar como os fenícios integraram concepções levantinas ao contexto colonial ocidental, adaptando suas práticas religiosas às paisagens locais. A comparação com outros centros fenícios, como Amrit, Kition e Gadir, permitiu-nos evidenciar a singularidade de Motya na sacralização do território pela água.*

Palavras-chave: *Fenícios; Água; Religiosidade; Motya; Arqueologia Mediterrânica.*

SACRALITY AND WATER ARCHITECTURE AMONG THE PHOENICIANS: THE CASE OF MOTYA IN SICILY

Abstract: *In this article, we discuss the symbolic and ritual role of water in Phoenician culture, with an emphasis on the Phoenician settlement of Motya, in Sicily. Through the analysis of the architectural complex of area C of the archaeological site, the area of the oldest settlement, and its relationship with fresh groundwater, we seek to demonstrate how the Phoenicians integrated Levantine concepts into the Western colonial context, adapting their religious practices to the local landscapes. The comparison with other Phoenician centers, such as Amrit, Kition and Gadir, allowed us to highlight the uniqueness of Motya in the sacralization of the territory through water.*

[1] Recebido em 28/07/2025 e aprovado em 26/08/2025.

[2] Docente do Museu de Arqueologia e Etnologia, docente do Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, da Universidade de São Paulo (USP). Coordenadora do Laboratório de estudos sobre a cidade antiga (Labeca). Editora-chefe da *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. Líder dos Grupos de Pesquisa CNPq Labeca e Numismática Antiga.
ORCID: https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0001-9015-801X. E-mail: tanit@usp.br

Keywords: *Phoenicians; Water; Religiosity; Motya; Mediterranean Archaeology.*

Introdução

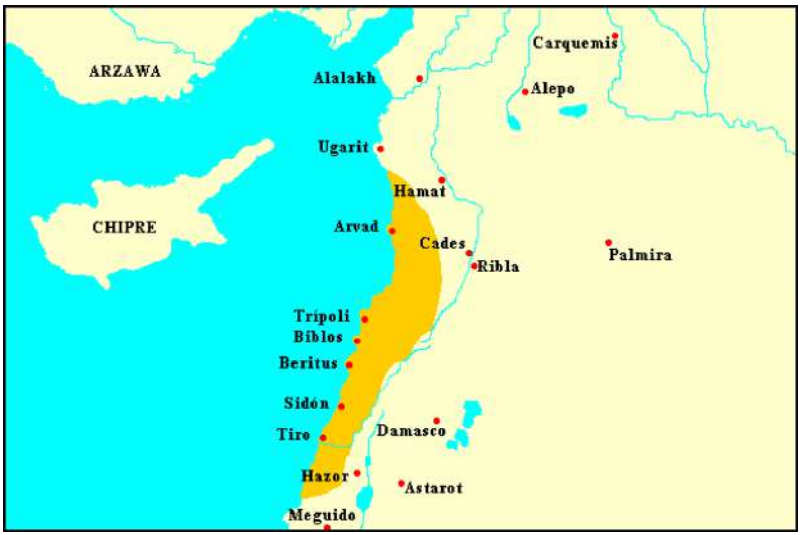
A água ocupou um papel central na vida das sociedades do Mediterrâneo Antigo, não apenas como recurso natural indispensável, mas também como elemento estruturante de práticas religiosas, cosmologias e configurações urbanas. Entre os fenícios, a água – a partir de fontes, dos rios, do mar ou dos aquíferos subterrâneos –, para além de uma via de mobilidade e comércio, foi ainda um canal de mediação simbólica entre os domínios humano e divino. Este artigo propõe uma reflexão sobre o uso ritual da água entre os fenícios, com atenção especial ao estudo de caso de Motya, assentamento fenício situado em uma ilhota nas proximidades da costa norte-ocidental da Sicília, cujos vestígios arqueológicos revelam uma integração particularmente sofisticada entre espaço sagrado, estrutura hidráulica e culto.

Contudo, antes de adentrarmos nos aspectos rituais e materiais, é necessário interrogar quem foram os fenícios. Essa pergunta, aparentemente simples, tem gerado amplo debate acadêmico nas últimas décadas. Conforme argumentamos no artigo *Quem eram os fenícios, ou da crise identitária na academia do século XXI* (Kormikiari, 2019), a imagem dos fenícios e seus descendentes (cartagineses, gaditanos, entre outros), que herdamos, está fortemente marcada por um viés historiográfico eurocêntrico, moldado a partir dos testemunhos dos "vencedores" – gregos e romanos – e filtrado pelas prioridades culturais e políticas dos séculos XVIII e XIX, período em que se consolidaram os estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrânico, se considerarmos uma trajetória iniciada pela retomada do interesse pela Antiguidade a partir do Renascimento. Como resultado, os fenícios foram, por vezes, romantizados como grandes navegadores e comerciantes, por outras, ignorados ou marginalizados como uma sociedade sem literatura canônica ou grandes monumentos preservados.

Os próprios termos "fenício" e "Fenícia" são exógenos (Crawley Quinn, 2018; Kormikiari, 2019; Lehmann, 2021): categorias étnicas construídas por observadores gregos, romanos e modernos, e não autodesignações. As populações da costa levantina a que hoje nos referimos como fenícias identificavam-se por sua origem citadina – eram "de Tiro", "de Sídon", "de Biblos" – e sua unidade era menos política ou étnica do que cultural (Fig. 1). Como Lehmann (2021) propõe, seria mais apropriado compreender a Fenícia não como uma entidade singular e homogênea, mas como um "pro-

cesso fenício", formado por práticas compartilhadas de produção, cultos e mobilidade, a partir de redes marítimas que articularam comunidades ao longo do litoral siro-palestino e, paralelamente, no Mediterrâneo oriental, central e ocidental, em um processo colonial que deve ser entendido como gradual, descentralizado e culturalmente híbrido[3].

Figura 1 – Mapa da região oriental do Mediterrâneo, marcando as principais cidades fenícias (Arvad; Trípoli; Biblos; Beritus; Sídon; Tiro) e a área de influência delas (marcada em amarelo).



Fonte: https://tudosimehistoria.blogspot.com/2012/09/a-civilizacao-fenicia.html. Acesso em: 21 out. 2025.

[3] O uso do termo *colonial* no contexto da Antiguidade Mediterrânica não é isento de controvérsias, especialmente em razão de sua forte carga moderna e de seu enraizamento histórico nas experiências imperiais dos séculos XIX e XX. A crítica pós-colonial, conforme formulada por Edward Said (2007) [1978] e aprofundada por Homi Bhabha (2018) [1994], chama atenção para os efeitos discursivos e ideológicos dos processos coloniais modernos, incluindo a produção de alteridades e as estratégias de dominação cultural. Apesar disso, autores como Peter van Dommelen (1997) e Michael Dietler (2010) argumentam que o conceito de colonialismo pode ser heurístico e produtivo para a análise de interações assimétricas na Antiguidade, desde que suas implicações anacrônicas sejam cuidadosamente consideradas. Ambos propõem abordagens que enfatizam a agência local, a mediação cultural e os processos de hibridismo, permitindo o uso do termo *colonial* como uma lente analítica válida. É nesse espírito crítico que optamos por empregar o termo neste artigo.

É a partir dessa perspectiva que abordaremos a relação entre os fenícios e a água. Em vez de buscar essencialismos identitários ou interpretações monolíticas, interessa-nos observar como a água – enquanto recurso, símbolo e agente – foi apropriada, manipulada e ressignificada no contexto das fundações coloniais fenícias. O caso de Motya, em particular, evidencia uma complexa articulação entre poços, canais, templos e piscinas sagradas, que pode ser interpretada como uma reconfiguração mediterrânica de antigos imaginários levantinos sobre as águas primordiais. Este estudo busca, assim, contribuir para uma melhor compreensão da religiosidade fenícia, ao mesmo tempo em que insere esse fenômeno em debates mais amplos sobre agência cultural e urbanismo ritual na Antiguidade.

Água, religiosidade e o mar entre os fenícios: aproximações conceituais

Entre as sociedades do Mediterrâneo Oriental, a água era concebida não apenas como recurso essencial à vida, mas como matéria cósmica primordial, veículo da criação e meio de comunicação entre mundos na figura do rei (Anthonioz, 2014). No imaginário religioso do Levante e da Mesopotâmia, as águas subterrâneas constituíam a origem de toda a existência. Como coloca Lorenzo Nigro (2012, p. 303):

> *Uma vez que a água do submundo, no Levante, assim como na antiga Mesopotâmia, é sempre a água da qual o mundo teve seu início na Criação, e é da mesma água que, por um ato divino, a civilização humana emergiu, a presença dessa água é, portanto, suficiente para dar a um lugar o status de espaço sagrado, tornando-o, ao mesmo tempo, adequado para o assentamento humano e, de preferência, para o surgimento de uma cidade e sede do templo, casa do deus* (tradução nossa).

Essa cosmologia foi herdada e adaptada pelos fenícios, para quem a água operava como interface simbólica entre o mundo dos vivos e o domínio do divino.

Nesse sentido, o mar, por sua vez, era mais do que espaço de mobilidade e comércio: era uma paisagem liminar, habitada por forças ambivalentes que exigiam mediação ritual constante. Para os fenícios, que desenvolveram uma cultura intensamente marítima, o deslocamento sobre as águas

pressupunha a instauração de vínculos simbólicos com as divindades tutelares da navegação. Por exemplo, Sara Rich (2012) defende que os mastros dos navios fenícios incorporavam a divindade canaanita Asherah, "aquela que caminha sobre as águas"[4].

Aaron Brody (1998; 2005; 2008; 2021), em diversos estudos, sustenta que os marinheiros fenícios praticavam uma forma especializada de religiosidade que se desenrolava tanto a bordo dos navios quanto em locais sagrados, como cavernas, e promontórios, distribuídos ao longo das rotas costeiras.

Escavações arqueológicas subaquáticas revelaram a presença de incensários cerâmicos portáteis em navios fenícios datados do século VIII a.C. Esses incensários eram usados em oferendas durante as travessias – prática que ecoa representações egípcias mais antigas, do Bronze Final, nas quais se veem navegantes cananeus queimando incenso ao atracar (Brody, 2005, p. 178)[5]. Esses artefatos que, no naufrágio de um navio provavelmente cartaginês, datado do início do século II a.C., aparecem no formato de bustos femininos estilizados indicam a presença de cultos possivelmente dedicados à deusa Tanit, divindade reverenciada no ocidente fenício como protetora das viagens e patrona dos marinheiros (Brody, 2005, p. 179; 2008, p. 3)[6].

Além dos rituais a bordo, os fenícios também recorreram a uma rede de santuários costeiros e cavernas ritualizadas, que funcionavam como pontos de ancoragem espiritual ao longo das rotas comerciais. Grutas como a Cova des Cuyram (em Ibiza), a Grotta Regina (na Sicília) e a Gorham's

[4] Os fenícios são compreendidos como populações relacionadas ao grupo maior dos cananeus, habitantes da ampla região do Levante meridional, conforme relatos no Antigo Testamento, inscrições egípcias e outras fontes mais antigas, como as de Mari (Kormikiari, 2019, p. 21).

[5] Esse pesquisador defende que o ato ritual de queimar plantas específicas aos deuses, em incensários nos navios, era uma prática tipicamente fenícia. Dos 1259 naufrágios relacionados à Antiguidade, apenas navios identificados como fenícios, em razão da cultura material neles encontrada, carregavam incensários.

[6] A deusa Tanit é mormente conhecida por sua forte presença nos santuários a céu aberto do mundo púnico, os tofets, e, em razão desse contexto específico, é identificada por seu papel de proteção feminina, ligada à maternidade. No entanto, de maneira similar ao que vemos em relação às caraterísticas das divindades no mundo antigo mediterrânico, ela com certeza era mutifacetada. Aaron Brody, em seus estudos, defende esse aspecto pouco conhecido de Tanit, como protetora dos navegadores fenícios. Para tal, ele se baseia na iconografia relacionada à Tanit em estelas funerárias, em particular ao crescente lunar, relacionando-o à navegação.

Cave (em Gibraltar) foram adaptadas como locais de culto, apresentando inscrições fenícias, grafites votivos – incluindo representações das proas e popas de navios – e estatuetas femininas (Brody, 2005, p. 180) (Figura 2). Nessas grutas, a água e a rocha formavam um espaço de transição – geográfica e espiritual – onde o navegante podia pedir proteção ou agradecer a travessia bem-sucedida.

Em conjunto, essas práticas revelam uma espiritualidade fenícia profundamente moldada pela experiência do mar e da água como espaços de risco, transformação e contato com o divino.

Figura 2 – Em sentido horário: Gorham's Cave, em Gibraltar; Grotta Regina, na Sicília, e Cova des Cuyram (Es Cullam), em Ibiza

Fontes: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gorham%27s_Cave.jpg) (©Gibmetal77/Wikimedia Common); https://www.notabilis.it/note-blog/post/443/un-convegno-su-pantalica-sito-tra-protostoria-e-medioevo; https://lavozdeibiza.com/actualidad/el-consell-de-ibiza-denuncia-un-atentado-contra-el-patrimonio-en-la-cova-des-culleram/. Acesso em: 21 out. 2025.

O caso de Motya

Entre os diversos assentamentos fenícios do Mediterrâneo Ocidental, Motya, situada em uma pequena ilha (moderna San Pantaleo) na lagoa de Marsala, na costa norte-ocidental da Sicília, destaca-se como um dos exemplos mais complexos e ricos de articulação entre geografia, urbanismo e religiosidade (Figura 3).

Figura 3 – Localização da ilha (San Pantaleo) onde está localizado o sítio de Motya

Fonte: https://www.spektrum.de/news/phoenizier-der-astronomische-himmelsspiegel-von-mozia/2040997. Acesso em: 20 out. 2025.

Fundada no início do século VIII a.C., a partir de dados materiais revelados pelas sistemáticas escavações da equipe multidisciplinar da "Sapienza" – Universidade de Roma, iniciadas em 2002, liderada pelo arqueólogo Lorenzo Nigro, a cidade foi estabelecida em uma posição estratégica, ao mesmo tempo protegida pelas águas da lagoa e conectada às rotas comerciais que ligavam o Oriente ao Ocidente há séculos (Fig. 4)[7]. No entanto, o que torna Motya particularmente singular é a centralidade do uso da água doce subterrânea em sua fundação e estruturação cultual.

[7] Apresentamos, aqui, as interpretações mais atualizadas acerca do sítio de Motya, a partir das publicações da equipe italiana da "Sapienza". No entanto, Motya começou a ser escavada pelo arqueólogo Joseph Whitaker no início do século XX e, posteriormente, por uma equipe britânica liderada pelo proeminente linguista, historiador e arqueólogo Benedikt Isserlin, entre 1955 e 1970. Lembramos, ainda, do importantíssimo trabalho de escavação e publicação realizado pela arqueóloga Antonia Ciasca, da "Sapienza", nos anos 60, 70 e 90 do século XX. O trabalho da "Sapienza", a partir de 2002, retoma a atuação dessa universidade em Motya.

Figura 4 – Vista aérea da ilha de San Pantaleo onde está localizado o sítio de Motya

Fonte: http://www.fotografieitalia.it/foto.cfm?idfoto=60093&idcategoria=3&idregione=15&citta=mozia (@Luigi Nifosì). Acesso em: 21 out. 2025.

Figura 5 – Vista aérea da área sudoeste do sítio de Motya, onde estão localizadas as estruturas debatidas neste artigo. Em destaque, a piscina sagrada

Fonte: https-//www.spektrum.de/news/phoenizier-der-astronomische-himmelsspiegel-von-mozia/2040997_2. Acesso em: 21 out. 2025.

A área inicialmente ocupada pelos colonos fenícios – o setor sudoeste da ilha – abriga uma nascente de água doce que aflora em três fontes junto a um lago natural. Essa conjunção levou à criação de uma estrutura atualmente identificada como uma piscina sagrada, alimentada por essa nascente, no centro de um santuário circular monumental que abrigava três grandes templos no auge de sua conformação[8] (Figura 5).

No entanto, inicialmente, esta piscina foi interpretada como uma típica instalação portuária fenícia, denominada Kothon, uma pequena área escavada na rocha costeira com a finalidade de abrigar pequenas embarcações e viabilizar intervenções técnicas e reparos (Nigro, 2022a)[9].

A área do Kothon

O setor sudoeste da ilha, que abriga as camadas arqueológicas mais antigas do assentamento fenício ("Motya IVA"), foi ocupado inicialmente entre 800 e 750 a.C., ou seja, um período que abarca duas ou três gerações. Os primeiros colonos assentaram-se nesse local pois ele é, como vimos, abastecido de água doce: o aquífero freático de Motya eleva-se em altitude até emergir à superfície no formato de um lago natural, alimentado por uma grande fonte de água doce, e por outras fontes menores (Nigro, 2022b, p. 341; Spagnoli, 2023, p. 856). Esse é o lago que viria a se tornar o Kothon, ou seja, a piscina ritual. Eles igualmente se instalaram ao longo da costa meridional, ocupando, gradualmente, os lados oeste e sul do pequeno tell[10] criado a partir das ruínas de um assentamento pré-histórico anterior.

Desse primeiro período (800-750 a.C.), temos arqueologicamente evidenciados uma grande construção que, se acredita, era utilizada como local

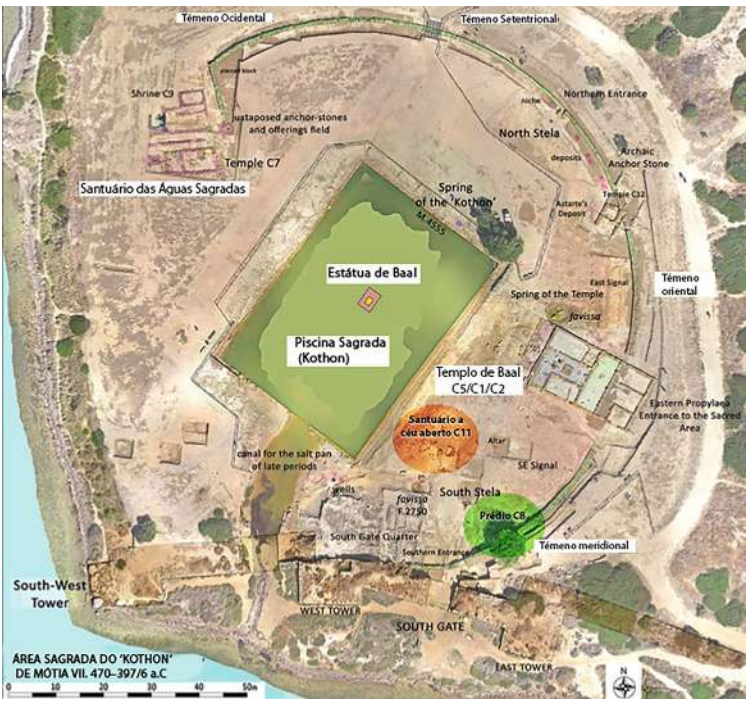
[8] Lorenzo Nigro (2022a) acredita que a piscina sagrada servisse, ainda, funções astronômicas, refletindo o céu.

[9] Mesmo após a percepção de que estavam diante de uma piscina ritual e não de um pequeno porto interno artificial, os arqueólogos da "Sapienza", responsáveis pelas escavações em Motya a partir de 2002, mantiveram o nome Kothon para se referirem a essa estrutura em respeito à literatura já publicada sobre esse espaço pelas equipes anteriores.

[10] Tell é um termo árabe que designa uma colina artificial criada a partir da ação humana de ocupação continuada. Na arqueologia, a depender da região do planeta, encontramos sinônimos como *cerrito*, *mound*, sambaqui, cada um com características culturais próprias.

de armazenagem e para eventos comunais (C8); uma zona de moradia e, cerca de 20 metros para dentro dessa área, ao norte dela, um local de culto a céu aberto. Esse santuário a céu aberto estava composto por uma "capela", diversas instalações de culto, uma estela no formato de um obelisco, betilos[11], um poço sagrado e três grandes fossos de oferendas votivas (C11) (Spagnoli, 2023, p. 856) (Figura 6).

Figura 6 – Área sudoeste de Motya, local da primeira implantação colonial, área C, onde estão localizadas as estruturas debatidas neste artigo. Em destaque laranja, o santuário a céu aberto e, em verde, o prédio C8



Fonte: Nigro (2022a) (modificado por Guilherme Diogo Rodrigues).

[11] *Baetyls* (betil – betilos) são, usualmente, pedras sagradas de formato geralmente vertical ou ovalado, empregada como aniconismo representativo da presença divina em contextos religiosos fenícios e púnicos. Comumente associada a divindades como Baal e Astarte, eram colocados em altares, templos ou espaços cultuais, funcionando como foco ritual e símbolo da habitação da divindade.

O edifício C8 apresenta um plano arquitetônico inspirado em modelos levantinos, mas também revela vínculos tipológicos com uma estrutura semelhante escavada no assentamento colonial fenício de Toscanos, na Península Ibérica. Ou seja, percebemos, desde o início da implantação, que os colonos de Motya detinham vínculos tanto com o Oriente, como com o Ocidente fenício, em uma verdadeira rede de contatos[12].

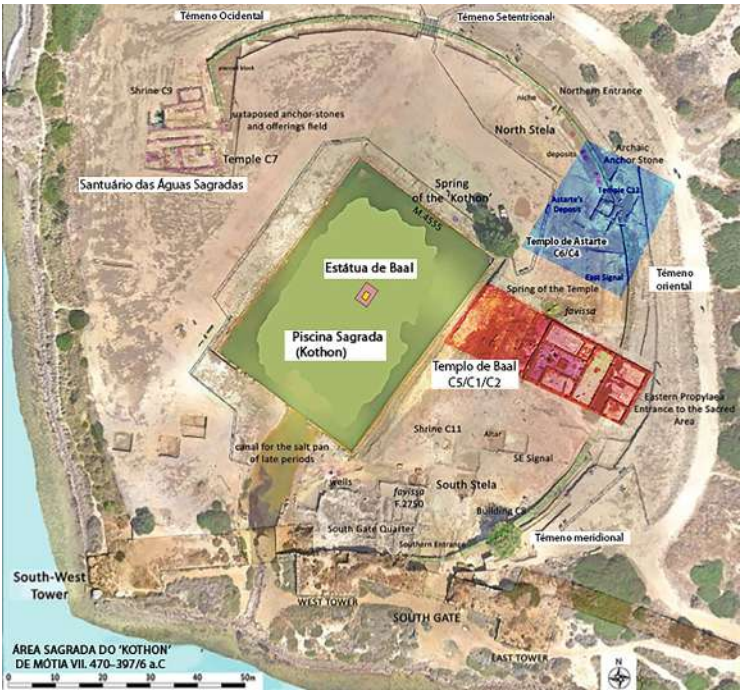
Entre 750 e 675 a.C., a estrutura conhecida como "capela" C11 e parte da área de culto ao ar livre foram incorporadas a um novo edifício maior: o templo C5, dedicado ao deus Baal. Esse templo é um dos mais antigos já identificados no mundo fenício ocidental e foi construído segundo um modelo arquitetônico chamado "prédio com quatro quartos". Esse tipo de planta era bastante comum no Levante desde o final da Idade do Bronze. Um exemplo muito próximo é o templo de Astarte, em Kition, Chipre (Nigro, 2012, p. 307). A principal diferença entre os edifícios construídos no Ocidente e os do Levante é que, no Ocidente, os espaços internos não eram separados por paredes, mas por colunas ou pilares. O templo de Baal foi utilizado praticamente durante toda a existência de Motya, entre c. 750 e 396 a.C., data da destruição da cidade fenícia pelos gregos (Nigro, 2022a, p. 4).

Ao norte do templo de Baal, há mais uma construção sagrada, dedicada a Astarte (C12), igualmente com datação inicial entre 750 e 675 a.C. A planta e os arranjos internos desse templo apresentam muitas semelhanças com a "capela" de Astarte, em Sarepta (atual Líbano) (Spagnoli, 2023, p. 858) [13] (Figura 7).

[12] De fato, os dados das escavações arqueológicas em Motya demonstram que a ilha foi local de parada e encontro de populações cipriotas e levantinas, vindas do Oriente, e de contatos com populações sardo-nurágicas, da Sardenha, desde o final da Idade do Bronze (Spagnoli, 2023, p. 856); ou seja, bem antes da implantação permanente do assentamento fenício.

[13] A identificação dos templos, como associados a estas duas divindades, apoia-se, entre outros dados materiais, em inscrições encontradas e arqueologicamente associadas aos respectivos espaços, que nomeiam as referidas deidades (Spagnoli, 2023, p. 858).

Figura 7 – Área sagrada C, em destaque os templos dedicados a Baal (vermelho) e Astarte (azul)



Fonte: Nigro (2022a) (modificado por Guilherme Diogo Rodrigues).

De acordo com as investigações italianas em Motya, a cidade teve dois grandes pólos religiosos, o mais antigo, meridional, dedicado a Baal e Astarte (na área C que apresentamos acima), e um setentrional igualmente organizado entre 750 e 675 a.C., com o templo dedicado a Melqart (denominado "Cappiddazzu") (Nigro, 2022b, p. 344).

Em vista de nosso interesse acerca do uso da água entre os fenícios, nos concentraremos na análise da área C, amplamente reconhecida como um espaço ritual, ligado ao culto e à sacralização desse elemento essencial à vida.

Na opinião de Lorenzo Nigro, arqueólogo-chefe da missão italiana em Motya há mais de vinte anos, o assentamento insular foi objeto de um planejamento intencional desde a chegada dos primeiros colonos (Nigro 2022b, p. 347). Já na primeira área ocupada – área C – os colonos empreenderam esforços sistemáticos voltados à regularização das fontes de água nas imedia-

ções do lago. Ele, como mencionamos anteriormente, foi progressivamente transformado em uma piscina (Kothon). Além disso, foram escavados diversos poços com o objetivo de captar mais água doce do aquífero freático.

Em meados do século VI a.C., tanto o templo dedicado a Baal, quanto o de Astarte, passaram por grandes reconstruções. De fato, nesse momento, toda a cidade passou por um processo de monumentalização, inclusive com a construção de uma grande muralha (Nigro 2022a, p. 6). É nesse período que o lago alimentado pelas fontes de água doce foi transformado em uma piscina com paredes de pedra, o Kothon (Figura 8).

Figura 8 – Reconstrução hipotética de Motya em seu auge, a partir dos dados arqueológicos. No canto direito, ao alto, a área sagrada C, com o Kothon

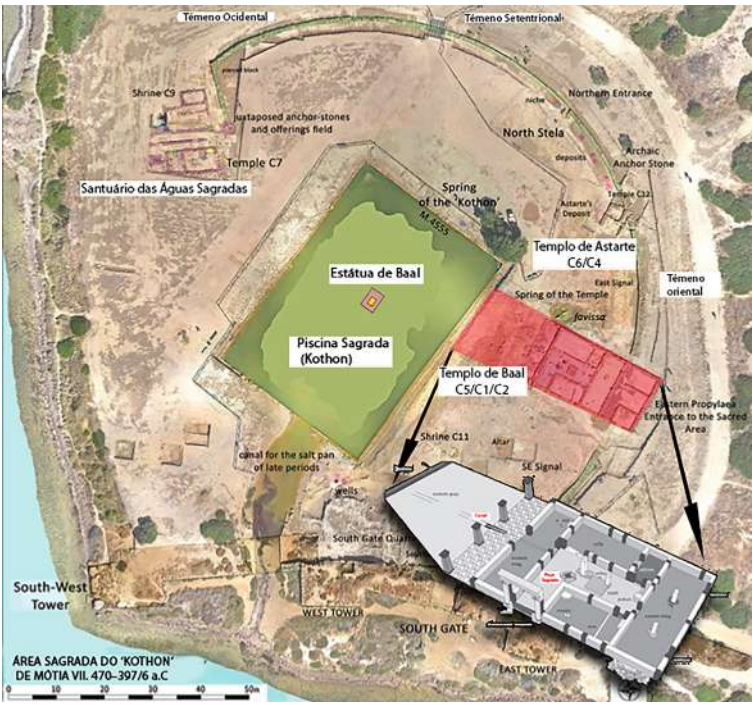
Fonte: https://www.lasiciliainrete.it/fr/directory-tangibili/listing/mozia-isola-di-san-pantaleo/. Acesso em: 20 out. 2025.

O lago encontrado pelos primeiros colonos fenícios no século VIII a.C., foi, pois, transformado em uma piscina retangular – o Kothon – cavado no barro e alimentado pela nascente de água doce, a norte. A piscina mede 52,5 x 36,5 m (100 x 70 cúbitos). Está posicionada no "centro geométrico e ideológico da Área Sagrada" (Spagnoli, 2023, p. 861).

Como bem coloca a arqueóloga Federica Spagnoli (2023, p. 861), a piscina é uma estrutura de culto por ela mesma, fisicamente conectada ao templo de Baal por meio de canais subterrâneos que alimentavam o Poço Sagrado na área central do templo (Figura 9). Muitos artefatos votivos e de culto foram encon-

trados nos lados leste e norte da piscina, incluindo betilos e uma estátua de um babuíno com cabeça de cachorro, identificada como de influência egípcia[14].

Figura 9 – Área C, destaque para o templo de Baal e sua planta, onde vemos o canal e o Poço Sagrado



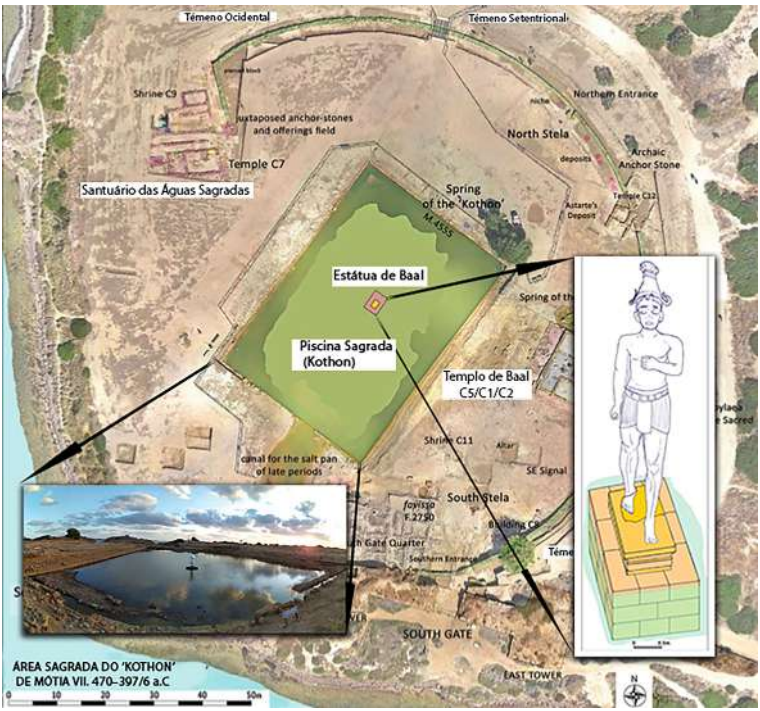
Fontes: Nigro (2022a); Nigro (2012, p. 321)
(modificado por Guilherme Diogo Rodrigues).

As investigações realizadas no centro do Kothon revelaram a presença de uma base ou pódio, o qual foi desmantelado no período medieval. Em 1918, Joseph Whitaker encontrou um bloco moldado a leste do Kothon, contendo um pé colossal de uma estátua. A pedra desse bloco é idêntica à pedra do

[14] O babuíno relaciona-se, sobretudo, como manifestação do deus Thot – ligado à sabedoria e ao conhecimento –, era, igualmente, conectado com a astronomia. Segundo Nigro (2022a, p. 11), o babuíno aparecia retratado em zodíacos e seus templos, no Egito, igualmente têm piscinas sagradas.

pódio. É possível tecer a hipótese de que esse pódio sustentasse uma estátua monumental (Spagnoli, 2023, p. 861; Nigro, 2022a, p. 9)[15] (Figura 10).

Figura 10 – A piscina sagrada, a base (reconstituída) e a escultura de Baal (reconstituída)



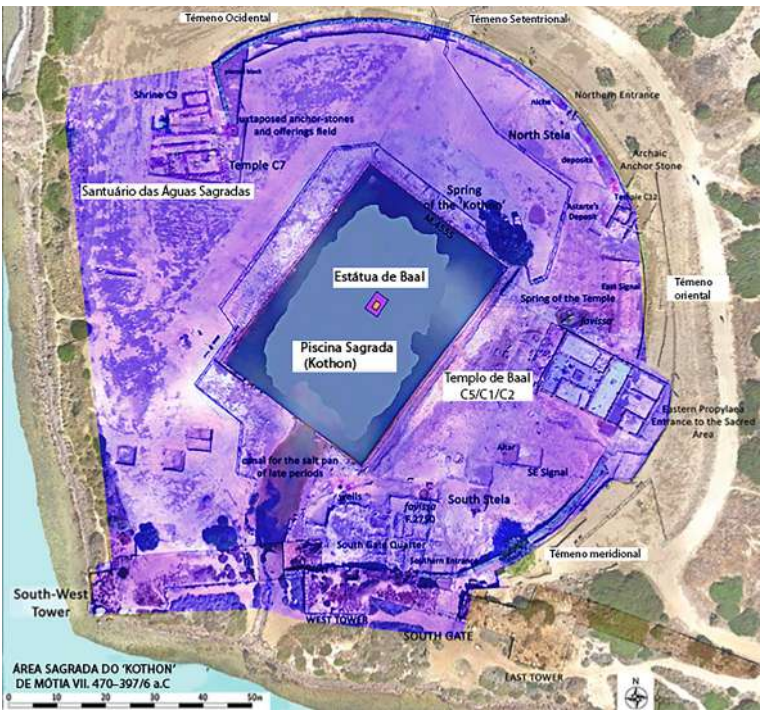
Fonte: Nigro (2022a) (modificado por Guilherme Diogo Rodrigues).

Desse modo, nessa fase, denominada "Motya VI-VII" (550-397/396 a.C.), temos o pleno desenvolvimento dessa área sagrada. Ela foi, inclusive, protegida por uma pequena muralha circular, marcando, portanto, um

[15] Em 1933, uma estátua colossal foi encontrada, acidentalmente, no mar da "Contrada Spagnola", na lagoa de Marsala. Essa estátua ficou conhecida como a "Estátua da Lagoa de Marsala", foi datada do século VI a.C. e atribuída a uma oficina oriental (Chipre ou Levante). É possível que seja a escultura monumental que ficava sobre o pódio do Kothon (Spagnoli, 2023, p. 861).

témeno[16] com 118 m de diâmetro[17]. Nesse momento, esse témeno foi composto pela piscina sagrada, o Kothon, pelo templo de Baal, pelo templo de Astarte (alinhado com o eixo norte-leste da piscina) e por um pequeno santuário, denominado pela equipe italiana da "Sapienza" de "Santuário das Águas Sagradas" (Nigro, 2022a, p. 6) (Figura 11).

Figura 11 – O témeno em seu auge



Fonte: Nigro (2022a) (modificado por Guilherme Diogo Rodrigues).

[16] Témeno: do grego *temenos*. Na Grécia antiga, terreno sagrado, muitas vezes delimitado por muros ou fileiras de pedras, consagrado a uma divindade, no interior do qual poderia ser erigido um altar ou um templo (Glossário Labeca – https://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/. Acesso em: 6 jun. 2025).

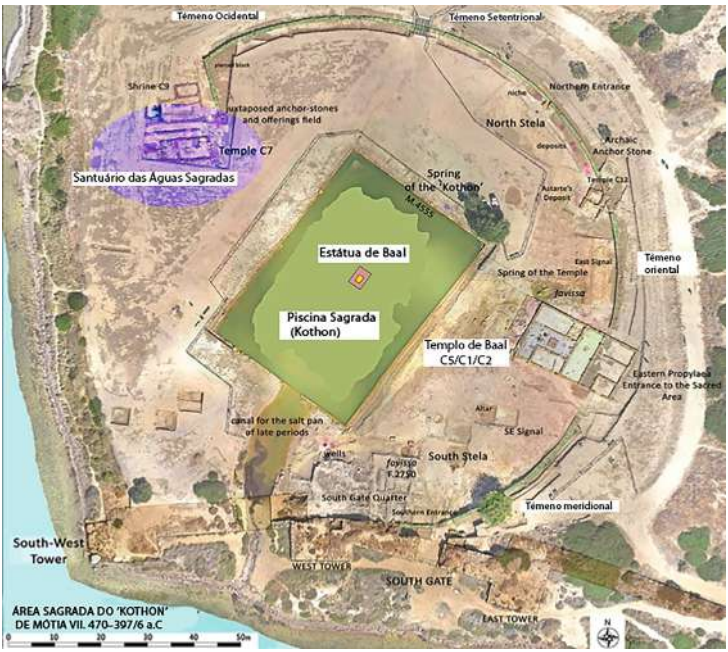
[17] Na área C, o grande edifício de armazenamento (C8) foi destruído em meados do século VI a.C. e não foi reconstruído, uma vez que foi desmantelado para abrir espaço para o témeno (Spagnoli, 2023, p. 859).

A continuidade cultual e a monumentalização progressiva da área C, entre os séculos VIII e VI a.C., indicam não apenas a importância do culto a Baal e Astarte, mas também o papel central da água como elemento estruturador da própria identidade do lugar. O acesso controlado às águas subterrâneas e a sua canalização para o interior do templo compunham uma arquitetura ritual destinada à mediação entre o mundo humano e o divino, segundo modelos cosmológicos herdados do Levante.

Além das grandes construções mencionadas acima, esse témeno da área C de Motya continha ainda estelas, altares, fossos (*bóthroi*) para libações, oferendas de sacrifícios, e oferendas votivas. Os arqueólogos responsáveis pelas escavações acreditam que a área fosse local de atividades religiosas dedicadas às águas sagradas, aos céus e divindades associadas a tais elementos (Baal e Astarte) (Nigro 2022a, p. 6).

O "Santuário das Águas Sagradas" é igualmente interessante, composto por um pequeno templo (C7), uma "capela" (C9) e uma área para oferendas. Há igualmente uma enorme fossa revestida com pedra e preenchida com oferendas de ossos de animais. Estamos diante de um *mundus*, ou portal para o mundo inferior. Reforçando a conexão com as águas e, também, com as atividades marinhas e de navegação, duas grandes âncoras de pedra foram utilizadas para selar essa fossa (Nigro 2022a, p. 6) (Figura 12).

Figura 12 – Em destaque, o Santuário das Águas Sagradas



Fonte: Nigro (2022a) (modificado por Guilherme Diogo Rodrigues).

Além de atestar a transferência de práticas religiosas levantinas para o Ocidente, o caso de Motya demonstra a capacidade de adaptação simbólica dos fenícios, que souberam transformar as condições ambientais locais em fundamento material para o culto. O témeno da área C, com seu Kothon central, é, nesse sentido, uma síntese material de cosmologia, urbanismo e religiosidade, inscrita na paisagem por meio da água.

Comparações com outros sítios fenícios

O caso de Motya é singular, mas não inédito. Temos amplos exemplos da importância das águas nas cidades fenícias orientais[18]. No entanto, a

[18] As principais cidades fenícias e seus santuários surgiram diretamente sobre (como no caso extraordinário de Biblos) ou em conexão direta com importantes fontes de água (Tiro com Ras el-Ain, Sidon com Nahar al-Awali e Bostan esh-Sheikh, Arwad com Amrit, entre outros) (Nigro, 2012, p. 303).

forma como a cidade integrou uma nascente de água doce, um canal subterrâneo, uma piscina sagrada e um conjunto arquitetônico monumental – tudo em uma única estrutura cultual articulada – é uma configuração rara, mesmo entre os sítios levantinos mais desenvolvidos. Ainda assim, alguns paralelos e contrastes ajudam a contextualizar a originalidade de Motya dentro do mosaico religioso fenício.

Um dos exemplos mais próximos do ponto de vista arquitetônico e simbólico é o templo Ma'abed de Amrit, localizado na costa da atual Síria[19]. Nesse sítio, escavado no século XX, foi identificado um templo dedicado a Melqart e Eshmun, construído ao lado de um grande tanque retangular escavado na rocha e alimentado por uma fonte, que provavelmente servia a rituais de purificação ou libação. O Ma'abed foi datado do século VI a.C., como a renovação do templo de Baal e a estruturação do Kothon em Motya. O arranjo entre templo e tanque remete ao modelo presente na área C estudada aqui, pois ambos estão centrados em uma piscina retangular com os cantos orientados de acordo com os pontos cardeais; em ambos os casos a piscina estava conectada a uma fonte de água e algumas outras estruturas (Nigro, 2012, p. 305-306).

O Ma'abed está conectado com a nascente de Naba' el-Tell por um canal: no meio do seu lado norte, uma estrutura feita de blocos se projeta em direção à piscina, provavelmente servindo como um cais para o barco dos sacerdotes chegar ao santuário no centro desta (Nigro, 2012, p. 306)[20].

A água, em Amrit, parece igualmente desempenhar função simbólica como veículo de mediação ritual, ainda que em um arranjo arquitetônico mais estático e aberto.

Como indicamos acima, a presença de grandes templos, a exemplo do de Astarte em Kition, Chipre, demonstra a monumentalização do culto no mundo fenício. Lorenzo Nigro (2012, p. 305) aponta, ainda, as semelhanças encontradas na área do témeno de Motya em termos dos pequenos artefatos votivos, dos betilos, do obelisco, entre outras estruturas menores, com o grandioso templo dos Obeliscos de Biblos. Em Cádiz (Gadir), na

[19] Trata-se da cidade conhecida em grego como *Marathos* e, em fenício, como *Marat*, porto fenício nas proximidades de Tartus.

[20] O arqueólogo Lorenzo Nigro acredita que novas investigações no Kothon de Motya podem revelar uma estrutura de cais semelhante, e com uso igualmente para os ritos, levando o barco dos sacerdotes ao centro da piscina sagrada.

Espanha, no extremo ocidental da presença fenícia, os templos estavam geralmente situados em áreas elevadas, voltadas ao mar aberto, e associados ao culto de Melqart e Astarte. Ali, o foco simbólico é mais marítimo do que hídrico, com o mar funcionando como espaço de passagem, proteção e legitimidade, mas sem vínculo com águas interiores ou fontes[21].

Nessa comparação, Motya se distingue por integrar a água ao centro da arquitetura religiosa urbana, em uma operação simbólica rara entre os sítios fenícios escavados. Em vez de limitar o uso da água ao plano agrícola ou utilitário, como em muitos centros urbanos, ou ao simbólico-marítimo, como nas grutas e templos costeiros, Motya transforma a água doce subterrânea em eixo cultual e cosmológico da cidade. Trata-se de um caso em que a religião fenícia não apenas se adapta ao ambiente local, mas reinscreve a paisagem insular, ritualizando a geografia e sacralizando a fundação colonial.

Considerações finais

A análise da presença fenícia em Motya, com foco na articulação entre arquitetura religiosa e uso ritual da água, permite compreender de forma mais densa o papel que esse elemento desempenhou na cosmologia e na prática cultual das comunidades fenícias no Mediterrâneo ocidental. A partir das escavações recentes e da reinterpretação do Kothon não mais como porto e, sim, como piscina sagrada, é possível afirmar que a água doce subterrânea foi, em Motya, mais do que um recurso ambiental – foi um fundamento religioso e organizador do espaço urbano**.**

Enquanto em outros sítios fenícios a água tende a aparecer como pano de fundo funcional, ou como elemento simbólico religioso secundário, em Motya ela é transformada em eixo simbólico do assentamento colonial**.** A integração entre poço, nascente, templo e piscina ritual reflete uma concepção de cidade em que a fundação colonial não é apenas um ato político ou comercial, mas também uma operação ritual e cosmológica, enraizada em concepções levantinas sobre as águas primordiais e sua capacidade de gerar vida, purificar e mediar entre mundos.

A comparação com outros sítios – como Amrit, Kition, Gadir – reforça o caráter excepcional da Motya fenícia. Ao mesmo tempo, revela o poten-

[21] No entanto, precisamos ressaltar que o sítio fenício de Gadir não revelou, ainda, as estruturas dos templos de Melqart e Astarte. Sabemos de sua existência a partir de alguns achados votivos e pelas fontes textuais.

cial do conceito de sacralização da paisagem para o estudo das religiões da Antiguidade Mediterrânica, especialmente quando ancorado em dados arqueológicos que revelem a materialidade dos ritos e a espacialização da crença.

Nesse sentido, o caso de Motya convida à adoção de uma abordagem arqueológica sensível à relação entre natureza e cultura, fundamento básico da Arqueologia da Paisagem (Kormikiari, 2018), em que a água não é apenas analisada como indício de técnicas hidráulicas, mas como agente simbólico da experiência religiosa.

Por fim, em tempos nos quais a água se reafirma como questão vital, revisitar seu lugar nas cosmologias antigas lança luz sobre o passado e sobre as formas como sociedades distintas se relacionaram com esse elemento essencial à vida.

Referências bibliográficas

ANTHONIOZ, Stéphanie. Water(s) of abundance in the Ancient Near East and in Hebrew Bible texts: a sign of kingship, 2014. In: BEN ZVI, Ehud; LEVIN, Christoph (eds.). *Thinking of Water in the Early Second Temple Period*. Berlin: De Gruyter, 2014, p. 49-75.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. [1994]

BRODY, Aaron J. *'Each man cried out to his God', the specialized religion of Canaanite and Phoenician seafarers*. Harvard Semitic Monographs, 58, Atlanta: Scholars Press, 1998.

____. Further evidence of the specialized religion of Phoenician seafarers. In: POLLINI, John (ed.). *Terra Marique: Studies in Art History and Marine Archaeology in Honor of Anna Marguerite McCann on the receipt of the Gold Medal of the Archaeological Institute of America*. Oxford: Oxbow Books, 2005, p. 177-82.

____. The specialized religions of ancient Mediterranean seafarers. *Religion Compass*, n. 2, p. 1-11, 2008.

____. Sail, pray, steer: aspects of the sacred beliefs and ritual practices of Phoenician seafarers. *Advances in Ancient, Biblical, and Near Eastern Research*, 1, 2, p. 1-31, 2021.

CRAWLEY QUINN, Josephine. *In Search of the Phoenicians*. Princeton: Princeton University Press, 2018.

DIETLER, Michael. *Archaeologies of Colonialism:* Consumption, Entanglement in Ancient Mediterranean France. Berkeley: University of California Press, 2010.

KORMIKIARI, Maria Cristina N. Arqueologia da Paisagem. *Textos Labeca* (Laboratório de estudos sobre a cidade antiga), 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/7868759/ARQUEOLOGIA_DA_PAISAGEM. Acesso em: 20 out. 2025.

____. Quem eram os fenícios? Ou da crise identitária da Academia no século XXI. *Hélade*, v. 5, n. 2, p. 13-34, 2019.

LEHMANN, Gunnar. The Emergence of Early Phoenicia. *Jerusalem Journal of Archaeology*, v. 1, p. 272-324, 2021.

NIGRO, Lorenzo. The sacred pool of Ba'al: a reinterpretation of the 'Kothon' at Motya. *Antiquity*, p. 1-18, 2022a.

____. Motya, the Rise of a Port-City: Demography and Colonial Models in Comparison. In: COLOMBI, Camilla; PARISI, Valeria; DALLY, Ortwin; GUGGISBERG, Martin; PIRAS, Giorgio (eds.). *Mobility and Settlement Consolidation from Southern Italy to the Black Sea (8th–6th Century BC)*: Proceedings of the International Conference (Roma, 7–9/11/2018). Roma: De Gruyter, 2022b. p. 335-356.

____. The Temple of the Kothon at Motya, Sicily: Phoenician Religious Architecture from the Levant to the West. In: GRUBER, Mayer Irwin; AHITUV, Shmuel; LEHMANN, Gunnar; TALSHIR, Zipora (eds.). In: *All the Wisdom of the East*: Studies in Near Eastern Archaeology and History in Honor of Eliezer D. Oren. Orbis Biblicus et Orientalis, n. 255. Fribourg: Academic Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2012, p. 293-332.

RICH, Sara A. 'She who treads on water': religious metaphor in seafaring Phoenicia. *AWE*, 11, p. 19-34, 2012.

SAID, Edward W. *Orientalismo:* o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia do Bolso Editora, 2007. [1978]

SPAGNOLI, Federica. Temples in the Sacred Area of the Kothon at Motya and Their Levantine Prototypes: Recent Discoveries by Sapienza University of Rome. In: MARCHETTI, Nicolò; CAMPEGGI, Michael; CAVALIERE, Francesca; D'ORAZIO, Claudia; GIACOSA, Gabriele; MARIANI, Eleonora (eds.). *Proceedings of the 12th International Congress on the Archaeology of the Ancient Near East* (06–09 April 2021), Bologna. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2023, p. 855-878.

VAN DOMMELEN, Peter. Colonialism and archaeology in the Mediterranean. *World Archaeology*, v. 28, n. 3, p .305-323, 1997.

ÁGUA EM MOEDA CORRENTE: IMAGENS HIDRÁULICAS E SUA FORÇA SIMBÓLICA NAS MOEDAS DO IMPÉRIO ROMANO (SÉCULOS I-III EC)[1]

Vagner Carvalheiro Porto[2]

Resumo: *Este artigo investiga as imagens hidráulicas presentes em moedas romanas cunhadas entre os séculos I e III EC, com ênfase em sua força simbólica e papel ideológico. Por meio de uma análise iconográfica e contextual de exemplares selecionados de Alexandria, Antioquia, Tel Dor, Roma, Óstia e outras cidades, discute-se como a água foi mobilizada como signo visual de prosperidade, identidade cívica e integração imperial. Argumenta-se que essas imagens, longe de serem apenas decorativas, exerciam função ativa na construção de discursos políticos e na conformação simbólica da paisagem urbana. O objetivo é destacar a moeda como suporte privilegiado da comunicação visual e da afirmação de valores no mundo romano.*

Palavras-chave*: Numismática romana; Iconografia de moedas; Representações da água; Tecnologias hidráulicas na Antiguidade; Discurso visual e poder imperial.*

WATER AS CURRENCY: HYDRAULIC IMAGES AND THEIR SYMBOLIC POWER ON COINS OF THE ROMAN EMPIRE (1ST-3RD CENTURIES CE)

[1] Recebido em 23/07/2025 e aprovado em 10/08/2025.

[2] Professor de Arqueologia do Mediterrâneo Antigo no Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP). Coordena o Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP-MAE-USP; www.larp.mae.usp.br) e lidera os Grupos de Pesquisa do CNPq *ARISE – Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas* (www.arise.mae.usp.br) e *Numismática Antiga*. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (nível 2). Desenvolve atualmente projeto sobre representações de estátuas nas moedas romanas: padrões iconográficos, circulação de modelos e influências regionais entre os séculos II e III EC (processo FAPESP 2025/04818-5), com foco na análise iconográfica de moedas provinciais romanas e sua relação com a circulação de modelos escultóricos entre o Mediterrâneo Oriental, Chipre, Anatólia Ocidental e o Egeu. O projeto investiga também o papel da mobilidade de artesãos na disseminação de estilos e na construção de identidades visuais regionais no contexto do Império Romano.
ORCID: 0000-0001-6186-7845. E-mail: vagnerporto@usp.br

Abstract: *This article investigates hydraulic imagery on Roman coins minted between the 1st and 3rd centuries CE, with emphasis on its symbolic power and ideological function. Through iconographic and contextual analysis of selected specimens from Alexandria, Antioch, Tel Dor, Rome, Ostia, and other cities, it examines how water was mobilized as a visual sign of prosperity, civic identity, and imperial integration. The article argues that these images, far from being merely decorative, played an active role in shaping political discourses and in the symbolic construction of the urban landscape. The aim is to highlight coinage as a privileged medium for visual communication and the affirmation of values in the Roman world.*

Keywords*: Roman numismatics; Coin iconography; Representations of water; Hydraulic technologies in Antiquity; Visual discourse and imperial power.*

Introdução

Nas sociedades do Mediterrâneo antigo, a água não era apenas um recurso essencial à sobrevivência e ao desenvolvimento urbano: ela constituía também um símbolo de ordem, civilização e domínio político. No contexto do Império Romano, esse valor simbólico da água foi amplamente explorado por meio de obras hidráulicas monumentais – como aquedutos, cisternas, fontes públicas e portos – que se tornaram emblemas visuais da ação beneficente do imperador e da prosperidade difundida pelo ideal romano de civilização, ordem e abundância urbana. Essas ideias circularam também por meio de outra *mídia* poderosa e cotidiana: a moeda.

Empregamos aqui o termo *mídia* no sentido de suporte de comunicação visual e ideológica, conforme abordagens recentes na historiografia da arte e da numismática romana. Autores como Carlos Noreña (2011), Peter Stewart (2008) e Tonio Hölscher (2004) destacam o papel das moedas como instrumentos de propaganda, circulação de imagens e construção de discursos imperiais. Tal leitura permite compreender a moeda não apenas como objeto econômico, mas como vetor ativo na produção e difusão de valores políticos e simbólicos na Antiguidade.

No entanto, essa abordagem não é consensual. M. H. Crawford (1983), por exemplo, argumenta que as moedas romanas não possuíam impacto suficiente sobre a opinião pública para serem consideradas veículos programáticos de propaganda. Segundo ele, a iconografia monetária seria mais convencional do que intencional, funcionando sobretudo como um marcador de autoridade. Em contraponto, defendemos – em diálogo com nossos trabalhos anteriores (Porto, 2012; 2018) – que, apesar de seu uso cotidiano, as moedas

eram de fato observadas, circulavam por longos períodos e traziam imagens cuidadosamente escolhidas, como evidenciado por práticas como a *damnatio memoriae*[3]. Ainda que não se possa provar seu impacto sobre o público, a seleção reiterada de imagens imperiais e religiosas nas moedas sugere fortemente um uso político intencional desses suportes visuais.

A numismática romana, especialmente em sua vertente provincial, oferece um campo fecundo para o estudo das representações da água e das tecnologias hidráulicas. Em diversas regiões do Império, cidades e autoridades locais fizeram cunhar moedas que indicam personificações fluviais, imagens de fontes sagradas, canais, portos e até construções como aquedutos e ninfeus. Ao lado disso, moedas imperiais celebravam as realizações urbanas dos césares com motivos que remetem à gestão da água, compondo um discurso visual de controle e abundância. O estudo dessas representações permite articular a dimensão simbólica, política e técnica do manejo da água em Roma e nas províncias.

Propomos, neste artigo, examinar o papel da numismática como vetor de representação e difusão de ideologias ligadas ao controle da água no mundo romano, com especial atenção às moedas provinciais emitidas entre os séculos I e III EC. Pretendemos, por meio da análise iconográfica e contextual[4] de exemplares selecionados – oriundos de Alexandria, Antioquia, Hierápolis, Roma, Óstia e outras localidades –, compreender como a água era visualmente articulada às ideias de prosperidade, identidade cívica e legitimidade imperial. Ao integrar a moeda ao conjunto de fontes sobre as tecnologias hidráulicas na Antiguidade, buscamos destacar a agência das imagens numismáticas na construção de uma paisagem política e simbólica da água.

[3] Um exemplo notável de intervenção visual é uma moeda de bronze cunhada em Stratoniceia (Cária), na qual a efígie de Geta foi propositadamente raspada no anverso, enquanto o reverso – com a figura de Apolo e a legenda – permanece intacto. Trata-se de um possível caso de *damnatio memoriae* vinculado à sua condenação por Caracala. O exemplar pertence à coleção do British Museum e pode ser consultado online: https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_1979-0101-1914. Acesso em: 21 out. 2025.

[4] Entendemos por análise contextual a consideração dos ambientes sociais, políticos, religiosos e espaciais em que essas moedas foram produzidas, circuladas e interpretadas – o que permite compreender não apenas o conteúdo das imagens, mas também os sentidos que elas podiam assumir em diferentes comunidades do império. Usamos o termo em sentido historiográfico, distinto da acepção processual de Schiffer (1972; 1987), ligada aos processos de formação do registro arqueológico.

A água como tema monetário: representações e significados

Tipologias iconográficas

Entre os temas recorrentes na iconografia monetária romana, a água ocupa um lugar de destaque simbólico e urbanístico, especialmente em contextos provinciais. Nas cunhagens imperiais e locais entre os séculos I e III EC, é possível identificar um repertório iconográfico relativamente coeso, estruturado em torno de três grandes eixos: as personificações fluviais, as representações de obras hidráulicas monumentais e os atributos aquáticos associados a divindades.

As personificações de rios – como o Nilo, o Danúbio, o Orontes ou o Tibre – seguem convenções visuais bem estabelecidas: figuras masculinas reclinadas, barbadas, por vezes com remos, ânforas ou cornos da abundância (*cornucopiae*). Essa iconografia deriva de tradições helenísticas anteriores, mas é sistematizada no contexto imperial como parte da linguagem simbólica do poder central. Um exemplo notável é o tipo monetário emitido sob Adriano em Roma (Figura 1), com o deus-rio Nilo reclinado, acompanhado por crocodilo, hipopótamo, palmeira e cornucópia – elementos que compõem uma alegoria da paisagem egípcia e de sua fertilidade simbólica (Vittozzi, 2018; Moussa, 2021).

Figura 1 – Áureo de Adriano, cunhado em Roma entre 130 e 133 EC. No anverso, busto laureado de Adriano com vestes drapeadas, voltado à esquerda. No reverso, representação do deus-rio Nilo (*Nilus*) reclinado à esquerda, portando cornucópia e junco; abaixo, crocodilo e hipopótamo nas águas do rio. Trata-se de um tipo da chamada *série de viagens* (*travel series*), na qual o imperador celebra as províncias do império por meio de alegorias geográficas e simbólicas.

Fonte: *RIC*, II, 3 Hadrian 1548-1550; OCRE: https://numismatics.org/ocre/results?q=deity_facet:%22Nilus%22. Acesso em: 20 out. 2025.

Outras moedas apresentam aquedutos, fontes, portos, diques ou templos relacionados à água. Em Óstia, por exemplo, as cunhagens imperiais sob Nero exaltam o novo porto com representações do farol e das estruturas portuárias (*RIC*. I. 587), evocando o controle imperial sobre a logística urbana e o abastecimento da cidade de Roma (a capital imperial (Figura 2). Cidades como Hierápolis, Laodiceia e Antioquia cunharam moedas provinciais com cenas arquitetônicas e motivos aquáticos que podem sugerir, em alguns casos, a presença de fontes monumentais, ninfeus ou estruturas associadas ao urbanismo e à religiosidade local.

Figura 2 – Sestércio de Nero, cunhado em Roma por volta de 64 EC. No anverso, busto laureado de Nero voltado à direita, com a legenda *NERO CLAVD CAESAR AVG GER P M TR P IMP P P***.** No reverso, representação alegórica do Porto de Óstia: sete navios dispostos em semicírculo dentro da bacia portuária; ao topo, um farol (*pharus*) encimado por estátua de Netuno; abaixo, o deus-rio Tibre reclinado, segurando leme e golfinho; à esquerda, uma estrutura com pórtico e figura sacrificando junto a um altar; à direita, linha de quebra-mares ou ancoradouros. O tipo celebra a inauguração do novo porto imperial, articulando domínio técnico, abastecimento e paisagem simbólica

Fonte: *RIC*, I², Nero, 587; imagem: Wikimedia Commons

Por fim, a água aparece também como atributo de divindades cultuais. Ninfas, deuses fluviais, Poseidon/Netuno e figuras hibridizadas como Ísis-Tyche-Fortuna são frequentemente associadas a ambientes aquáticos e aparecem em moedas de regiões litorâneas e fluviais do Oriente, do Egito à Cilícia. Nesses casos, o símbolo aquático transcende sua função natural e passa a operar como marcador de identidade religiosa e cívica.

Interpretação simbólica e política

A escolha por tais temas não foi arbitrária. Como demonstrado por Carlos Noreña (2011), a iconografia monetária no período imperial cumpria uma função estruturante na difusão de valores associados à ideologia imperial – valores como *abundantia*, *pax*, *felicitas* e *salus publica*, frequentemente relacionados à presença e ao manejo da água. Ao representar rios dominados, portos ordenados ou fontes abundantes, a moeda não apenas celebrava obras ou paisagens locais: ela participava da construção de uma paisagem simbólica do império, na qual a natureza era domesticada e posta a serviço da cidade e do ideal de cidadão romano – símbolo de pertencimento, distinção e integração ao mundo imperial.

No plano local, as imagens aquáticas reforçavam identidades cívicas, valorizando elementos específicos da geografia e da cultura urbana. Como mostram os estudos reunidos por Howgego, Heuchert e Burnett (2005), a escolha dos tipos monetários em muitas cidades provinciais respondia a um equilíbrio entre a adesão ao léxico visual romano e a afirmação de elementos identitários próprios. Representar uma fonte, um rio ou um deus aquático era, nesse contexto, também afirmar a centralidade daquela cidade no universo imperial, ainda que por meio de um gesto aparentemente periférico.

Ao examinarmos tais moedas, não nos limitamos a registrar a água como "tema decorativo". Ela é, na verdade, um operador visual de poder, um elemento carregado de significados que articula natureza e política, religião e urbanismo. E, talvez mais importante: ela mostra que o imperador e suas cidades falavam através das imagens que cunhavam, escolhendo motivos que podiam ser reconhecidos, compartilhados e reinterpretados por comunidades distantes entre si.

Estudos de caso: representações da água no mundo romano

Alexandria: águas sagradas e o culto de Serápis

A cidade de Alexandria, uma das capitais culturais e religiosas do mundo romano oriental (Vasques, 2014; Clímaco, 2007), oferece exemplares especialmente significativos de moedas que articulam água, identidade local e religiosidade. Um tipo particularmente expressivo, cunhado em Alexandria no segundo ano do reinado de Antonino Pio (138/9 EC), representa o deus Serápis sentado em sua barca sagrada, ladeado por outras duas

figuras femininas: Deméter, portando tochas e espigas, e Tyche, com leme e cornucópia (Figura 3). As três divindades, identificadas por seus atributos e pelos *kalathoi* que trazem na cabeça, repousam sobre uma embarcação cerimonial dotada de remos. Aos pés de Serápis, encontra-se Cérbero, o cão infernal, compondo uma cena complexa de poder divino e fertilidade cíclica. O anverso da moeda exara o busto de Antonino Pio com inscrições em grego, reforçando a autoridade imperial na paisagem monetária local (Mchugh, 2022; Bricault, 2019; *RPC*. IV. 4, 54).

Essa iconografia combina elementos religiosos, aquáticos e agrícolas, mobilizando uma tríade de divindades que remetem ao ciclo da vida, ao domínio sobre os elementos e à proteção da cidade e dos grãos. A presença da barca cerimonial remete aos rituais aquáticos do culto de Serápis e Ísis, especialmente ao *Navigium Isidis*, celebrado no início da primavera e dedicado à renovação das águas e do ciclo cósmico (Witt, 1971; cf. também Gasparini e Veymiers, 2018, sobre os materiais e práticas visuais do culto isíaco).

Alexandria, ao cunhar esse tipo, reforça sua centralidade religiosa e simbólica no Mediterrâneo oriental, projetando, no espaço imperial, uma paisagem visual profundamente marcada por suas águas e seus deuses (Mchugh, 2022).

Figura 3 – Dracma de bronze provincial de Alexandria, cunhada no segundo ano do reinado de Antonino Pio (138/9 EC). No anverso, busto laureado do imperador com inscrições em grego. No reverso, o deus Serápis aparece entronizado em sua barca sagrada, ladeado por Deméter, com tochas e espigas, e Tyche, com leme e cornucópia; todas trazem *kalathoi* sobre a cabeça. A seus pés, figura de Cérbero. A cena expressa temas de fertilidade, proteção cívica e religiosidade aquática, vinculados aos rituais náuticos do culto de Serápis em Alexandria.

Fonte: *RPC*. IV. 4, 54. Disponível em: https://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coins/4.4/54. Acesso em: 20 out. 2025).

Essa iconografia ativa uma rede simbólica em que Serápis se associa às águas curativas, ao renascimento e à fertilidade, ligando os domínios da natureza e da religião. Cultuado em um complexo que incluía canais, cisternas e fontes rituais, o deus sintetizava tradições egípcias e helenísticas, funcionando como mediador entre culturas e como símbolo da Alexandria imperial (Bricault, 2019; Gasparini; Veymiers, 2018). Ao ser representado na moeda local, Serápis não apenas reafirma sua centralidade cultual, mas se torna emblema visual da cidade, legitimando sua posição no Império Romano sem ocultar suas singularidades.

Essa cunhagem provincial, diferente daquelas centradas no imperador e suas virtudes, explicita o que poderíamos chamar de "estratégia cívica de representação": ao valorizar elementos locais – a divindade, a barca sagrada e a água ritual –, a cidade constrói uma imagem própria dentro do léxico monetário romano. A água, nesse contexto, não é apenas uma presença física ou natural: é um operador simbólico que conecta cura, memória e identidade urbana, em diálogo tanto com o poder imperial quanto com os cultos e paisagens locais.

Antioquia: o Orontes e a deusa Tyche

Entre os tipos monetários mais célebres da Síria romana, destaca-se aquele que representa a deusa Tyche – personificação tutelar de Antioquia – sentada sobre um rochedo, com coroa amuralhada sobre sua cabeça (essa coroa é símbolo das muralhas que circundam a cidade e da identidade urbana) e, aos seus pés, o rio Orontes, figurado como um jovem nu, reclinado e nadando (Figura 4a).

Cunhado a partir do reinado de Augusto e mantido em diversas emissões provinciais até o século III EC, esse tipo iconográfico associa o corpo urbano da cidade à sua paisagem natural, articulando proteção divina, urbanismo e domínio hídrico (Butcher, 2004; Burnet; Amandry; Ripollès, 2005).

Essa representação manteve sua força simbólica ao longo dos séculos. Mesmo na Antiguidade Tardia, como demonstra Gilvan Ventura da Silva (2013, p. 43), o culto à deusa – associado à imagem clássica de Eutíquides (Figura 4b) – persistia como expressão da identidade urbana e da fortuna local, resistindo ao processo de cristianização e sendo replicado em diferentes suportes. A Tyche de Antioquia, assim, transcende o tempo e o suporte material, convertendo-se em um emblema duradouro da cidade.

Figuras 4a e 4b – À esquerda, reverso de tetradracma de prata provincial de Antioquia, emitido no ano 28 da Era de Actium (correspondente a 4/3 AEC), representando Tyche sentada com coroa torreada na cabeça, com o rio Orontes, abaixo, que nada sob seus pés. À direita, cópia romana da estátua helenística atribuída a Eutíquides (séc. III AEC), no Museu Pio-Clementino, Vaticano, com mesma composição iconográfica. A associação entre moeda e escultura evidencia a durabilidade e o reaproveitamento de modelos visuais na expressão da identidade cívica síria.

Fonte: Moeda: *RPC* I, 4153. Fonte: Disponível em: https://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coins/1/4153. Acesso em: 21 jul. 2025; Estátua: https://en.wikipedia.org/wiki/Eutychides#/media/File:Tyche_Antioch_Vatican_Inv2672.jpg. Acesso em: 21 out. 2025).

O Orontes, rio vital para o abastecimento, o comércio e a fertilidade do entorno de Antioquia, aparece aqui não apenas como um recurso natural, mas como um agente simbólico da identidade local. Ao colocar a deusa Tyche acima do rio, a composição sugere uma hierarquia entre cidade e natureza, com a urbe como centro civilizador e o rio como elemento domesticado – porém fundamental – do território. Essa metáfora visual da cidade assentada sobre a água reforça o ideal de ordem e abundância urbana propagado por Roma, mas por meio de uma forma local de expressão imagética (Williams-Reed, 2018, p. 80-81; Vasilyan, 2025).

A composição, na qual Tyche aparece sentada sobre um rochedo com o Orontes aos seus pés, não apenas inscreve simbolicamente a cidade sobre a

natureza, mas também traduz elementos geográficos específicos do entorno de Antioquia. Segundo Williams-Reed (2018, p. 79-81), a estátua atribuída a Eutíquides remete ao monte Sílpio (Jebel Habib Neccar), enquanto o jovem nu representa o rio Orontes. Seja com o ramo de palmeira na mão da Tyche representada na moeda ou com as espigas de trigo na da estátua, a deusa expressa a fertilidade do vale do Amuque, intensamente cultivado no período romano.

Esse tipo não é exclusivo de Antioquia. Em diversas regiões do império, cidades representaram seus rios como figuras masculinas reclinadas – geralmente barbadas, nuas ou seminuas, segurando ânforas ou cornucópias – como acontece com o Tibre em Roma, o Halys em Tavium, o Istrus em Nicópolis ou o Hebro em Filipópolis (Numismatic Guaranty Company, 2021). Essas alegorias fluviais seguem uma convenção visual amplamente difundida entre tradições artísticas gregas e romanas, mas que ganha colorido local ao ser inserida em moedas provinciais. Elas operam como marcadores de identidade cívica, fazendo da água não apenas um recurso utilitário, mas um elemento carregado de significado político, religioso e topográfico.

Ísis e as águas navegadas: barcas rituais e proteção divina

Entre os muitos exemplos em que a água assume papel ritual e simbólico na numismática romana, destaca-se a presença da deusa Ísis em moedas que representam barcas cerimoniais, sistra, ânforas e, em alguns casos, o próprio farol (*pharos*) de Alexandria. Essas moedas remetem diretamente ao universo do culto isíaco, cuja difusão no Mediterrâneo romano envolvia festivais náuticos, como o *Navigium Isidis*, celebrado no início da primavera. Durante essa festividade, barcas eram conduzidas em procissão até o mar, simbolizando a renovação das águas, a proteção dos navegantes e a conexão entre o mundo terreno e as esferas divinas (Witt, 1971; Gasparini; Veymiers, 2018).

Moedas provinciais de Alexandria e de cidades costeiras da Ásia Menor e do norte da África retratam Ísis em pé sobre uma barca, ou segurando o leme (*gubernaculum*) e a cornucópia, frequentemente ladeada por elementos marítimos como golfinhos, ânforas e redes. Esses tipos mobilizam uma iconografia aquática de clara ressonância religiosa, vinculando a deusa à navegação, ao abastecimento e à salvação – valores fundamentais em contextos portuários e urbanos. Um exemplo expressivo é o tipo emitido em

Cyme (Aeólida) sob Valeriano e Galieno, que mostra Ísis Pharia[5] sobre uma galé, segurando com mãos e pés uma vela inflada (*RPC*. X. 59742) (Figura 5). Tais imagens não são apenas emblemas devocionais, mas expressões visuais de proteção cívica e conexão interprovincial, especialmente relevantes para cidades integradas às rotas de comércio e circulação de grãos.

Figura 5 – Moeda de bronze de Cyme (Aeólida), emissão semiautônoma sob Valeriano e Galieno (253–268 EC). Anverso: busto velado e diademado da personificação do Senado Romano à direita, com a legenda IEPA CYNKΛHTOC. Reverso: Ísis Pelagia sobre uma galé navegando à direita, sustentando uma vela inflada com ambas as mãos e o pé esquerdo; legenda [ΕΠ] ΕΛΠΙΔΗΦΟΡΟΥ Ν ΚΥΜΑΙΩΝ *("Sob Elpidephoros, o Jovem, dos Cymeus"*). Emissão sob o estratego Aurelius Elpidephoros II. A iconografia ressalta o papel protetor da deusa na navegação e no abastecimento marítimo.

Fonte: *RPC*. X. 59742.

Como argumentado em Porto e Hora (2024), estudos sobre a função mágica e apotropaica das moedas no mundo romano mostram que essas representações de Ísis também operam como dispositivos visuais de proteção e controle do destino. Imbuídas de valor simbólico, as moedas com Ísis podiam evocar sua intercessão em travessias perigosas, no abastecimento urbano e em processos de cura, atuando como dispositivos amuléticos ou profiláticos no cotidiano urbano – e não apenas no âmbito fúnebre ou votivo.

A água, nesse caso, aparece como meio sagrado de mediação, e a barca como suporte simbólico de passagem, fertilidade e continuidade cósmica. Ao

[5] Embora a legenda moderna da figura 5 da moeda identifique a figura como Ísis Pelagia (do grego *pelagos*, "mar", Ísis como senhora do mar aberto), a iconografia – de forte caráter náutico e protetor – também permite sua leitura como Ísis Pharia, epíteto que ressalta a conexão da deusa com o farol de Alexandria e com as rotas imperiais de abastecimento. Ver: Bricault (2019).

serem cunhadas em moedas, essas imagens transferem à esfera pública e cotidiana do comércio monetário elementos litúrgicos e míticos. A cunhagem, portanto, não apenas documenta a presença do culto de Ísis em diferentes partes do império, mas também dá visibilidade ritual à paisagem aquática, convertendo rios, canais e mares em espaços de poder simbólico e proteção imperial.

Esse papel simbólico da água como meio de cura, fertilidade e mediação entre mundos também se expressa em outras cunhagens provinciais do Oriente romano. Em moedas de Tiberíades, na Galileia, cunhadas sob Trajano e Cômodo, a deusa Higeia aparece sentada sobre uma rocha, alimentando uma serpente, cercada por água borbulhante – representação iconográfica das fontes termais de Hammat Tiberíades. Como mostra Shulamit Miller (2011, p. 9), essas imagens sintetizam uma tradição que associa serpentes e águas curativas, evocando tanto a medicina do mundo grego e romano quanto concepções orientais ligadas à vida, à fertilidade e à purificação. Nesse contexto, assim como em Alexandria e Cyme, a água não é apenas um recurso físico, mas uma via ritual de comunicação entre humanos e divindades, entre cidade e cosmos.

Tel Dor: Tyche, Doros e o mar como paisagem simbólica

Situada na costa da Palestina romana, Tel Dor era uma cidade portuária de relevância estratégica entre Cesareia Marítima e o Monte Carmelo (onde se localiza a moderna Haifa), com circulação marítima intensa e contato com redes imperiais, comerciais e religiosas. Durante o período romano, especialmente entre os séculos I e III EC, a cidade produziu sua própria moeda, revelando não apenas autonomia administrativa parcial, mas também um vocabulário visual próprio, em diálogo com os repertórios da iconografia cívica romana. Nesses tipos, destacam-se as figuras de Tyche, Doros e diversos símbolos náuticos – como lemes e *acrostolia*[6], – que remetem diretamente à condição litorânea e identitária da cidade (Motta, 2015, p. 65).

Em um dos exemplares mais emblemáticos, a deusa Tyche aparece em pé, em templo tetrástilo, segurando cornucópia e estandarte legionário (*ve-*

[6] Um *acrostolium* (do grego *akrostolion*, ἀκροστόλιον, que significa "vestimenta sofisticada"; também conhecido como *aphlaston*, ἄφλαστον, em grego, ou *aplustre*, em latim) é um elemento decorativo presente na popa das galés utilizadas por comunidades da tradição náutica grega, romana e de outros povos do Mediterrâneo. Geralmente moldado como um leque ou uma cauda estilizada, esse ornamento adornava a curvatura ascendente da extremidade traseira da embarcação e exercia, além de função estética, papel simbólico relacionado à proteção, direção e status naval.

xillum), sob a inscrição [ΔΩΡΙΤΩΝ], referência aos habitantes de Dor. Em outra variante, vê-se o busto de Doros, possível herói epônimo ou personificação local do ambiente marítimo, associado, por vezes, a Poseidon. Como mencionamos, um dos motivos mais frequentes nesses tipos monetários é o *acrostolium*, elemento ornamental que adornava a popa das embarcações. A sua inclusão junto ao busto de Doros – como se observa em uma das moedas de bronze atribuídas a Dor – funciona como símbolo visual da identidade portuária e da ligação vital com o mar (Porto *et al*., no prelo, moeda 87) (Figura 6a).

A representação do *acrostolium* não se limita a um detalhe técnico. Como demonstra a iconografia náutica clássica (Figura 6b), esse ornamento era dotado de significados que associavam proteção, direção e controle sobre as águas – qualidades também atribuídas a divindades marinhas ou heróis cívicos. A sua presença na moeda insere Dor em repertórios visuais compartilhados por diferentes culturas mediterrâneas, ao mesmo tempo que afirma sua própria identidade simbólica.

Figuras 6a e 6b – À esquerda, reverso da moeda n.º 87 do catálogo da Área G (Porto, Kormikiari, Hodos e Meshorer [no prelo]), cunhada em Tel Dor e datada do ano 175 da era local (111/112 EC), com busto de Doros voltado à direita e, à direita do campo, *acrostolium* **(***aplustre***).** Inscrição: ΠΟΕ ΔΩΡ ΙΕΡ ΑCΥΛ ΑΥΤΟΝ ΝΑΥΑΡ (POE DOR IER ASYL AUTON NAVAR), que pode ser traduzida como: "de Doros, cidade sagrada, autônoma, com navarco [magistrado naval]". À direita, ilustração técnica do *acrostolium* na popa de uma galé romana, evidenciando seu uso como ornamento naval e símbolo de proteção e direção.

Fonte: Gravura do século XIX, domínio público.

Essas moedas foram encontradas em diversos contextos arqueológicos – templos, escadarias, praças e espaços domésticos – indicando que o uso e a circulação dessas imagens participavam do cotidiano urbano, entre rituais, trocas econômicas e práticas devocionais. A frequência de moedas com Tyche e Doros, associadas a símbolos marítimos, revela uma memória visual reiterada, articulada entre pertencimento, religiosidade e paisagem urbana. Dor, embora periférica, constrói sua visibilidade no mundo romano por meio da moeda, que atua como meio *glocal*[7] de inscrição de valores locais em formas imperiais.

Esse caso ilustra com clareza o papel ativo das comunidades provinciais na definição dos conteúdos simbólicos de sua produção monetária. Ao lado de grandes centros como Alexandria e Antioquia, Tel Dor reafirma que mesmo cidades de menor escala podiam mobilizar a água como operador visual de poder, proteção e identidade.

A água como símbolo de ordem imperial e prosperidade local

A presença da água nas moedas romanas transcende sua função geográfica ou natural: ela é constantemente mobilizada como metáfora da ordem, da abundância e da integração imperial. Seja na forma de deuses fluviais reclinados, seja por meio de divindades tutelares associadas à fertilidade das margens ou ao controle das rotas marítimas, a água se inscreve nos discursos visuais que articulam centro e periferia, poder e paisagem, natureza e cidade.

Essa dimensão simbólica se revela tanto nas cunhagens imperiais – como nos tipos de Nero para o porto de Óstia ou de Adriano com o Nilo – quanto nas moedas provinciais, nas quais cidades como Antioquia, Alexandria ou Tel Dor reinterpretam os motivos hídricos à luz de seus pró-

[7] O termo *glocal* é uma adaptação do conceito de "glocalização" (*glocalization*), desenvolvido originalmente nos campos da sociologia e da economia (Robertson, 1995), e posteriormente incorporado aos estudos arqueológicos (Versluys 2017; Hodos, 2017). Na arqueologia romana, o termo tem sido empregado para descrever dinâmicas em que práticas e identidades locais são modeladas em diálogo com estruturas imperiais mais amplas, resultando em expressões culturais híbridas, múltiplas e situadas (Mazzilli, Montoya González e Sokołowski, no prelo). Aplicado ao contexto de Tel Dor, o conceito permite compreender como a moeda, embora inserida em circuitos imperiais, operava como um meio de articulação de referências identitárias locais – um símbolo de pertencimento ancorado simultaneamente no global, no regional e no local.

prios contextos urbanos e religiosos. Nessas representações, a água cumpre um duplo papel: por um lado, sinaliza o pertencimento ao léxico imagético romano; por outro, permite a valorização de elementos locais e a afirmação de identidades cívicas específicas.

Não se trata apenas de emblemas decorativos. Como sugerem os estudos de Howgego, Heuchert e Burnett (2005), há uma deliberada estratégia de representação por parte das comunidades provinciais, que escolhem motivos monetários para expressar, em pequena escala, as características e aspirações de suas cidades. Como afirma Sophia Kremydi-Sicilianou no Capítulo 7 da referida obra:

> *É claro que os tipos monetários representam escolhas deliberadas feitas por determinados indivíduos que possuíam autoridade para agir em nome da comunidade cívica que representavam.* [...] *É evidente que, nessas circunstâncias, qualquer coisa proclamada por meio das emissões cívicas era escolhida com a intenção de agradar, ou ao menos de não contrariar, Roma*[8] (Kremydi-Sicilianou, 2005, p. 95-96).

A água, nesse processo, torna-se um operador privilegiado, associando fertilidade, circulação, religiosidade e proteção divina.

Além disso, essas imagens dialogam com intervenções concretas do poder romano na infraestrutura hidráulica: aquedutos, fontes monumentais, canais de irrigação e portos, por exemplo, são frequentemente celebrados na moeda como expressão do cuidado imperial com o bem-estar das cidades e com a manutenção da ordem cósmica. A moeda, assim, não apenas veicula um discurso, mas transforma-se em microtestemunho da presença da água como valor partilhado, material e simbólico, no mundo romano.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, procuramos demonstrar como a água – em suas múltiplas formas e significados – foi mobilizada nas cunhagens romanas como símbolo visual de prosperidade, ordem urbana e circulação e conectividade

[8] "It is clear that coin types represent deliberate choices made by certain individuals who possessed the authority to act in the name of the civic community they represented. [...] It is evident that under these circumstances anything proclaimed by civic issues was chosen with the intention of pleasing or, at least, of not opposing Rome" (Kremydi-Sicilianou, 2005, p. 95-96).

no espaço imperial. Longe de constituir apenas um motivo decorativo, sua presença nas moedas revela estratégias refinadas de construção imagética que articulam, simultaneamente, discursos imperiais e identidades cívicas locais.

As moedas analisadas mostram que cidades e agentes provinciais não apenas reproduziram os símbolos oriundos do centro, mas também intervieram ativamente na produção de repertórios visuais próprios, adaptando o léxico iconográfico romano às suas paisagens, cultos e realidades urbanas. Assim, aquedutos, fontes, deuses fluviais e barcas rituais emergem como elementos centrais de uma narrativa numismática que torna visível a relação entre natureza e política, entre paisagem e poder.

Ao integrar a análise iconográfica à leitura contextual dos tipos monetários, evidenciamos que a numismática pode – e deve – ser compreendida como uma fonte valiosa para o estudo das tecnologias hidráulicas na Antiguidade, não apenas por registrar estruturas e divindades, mas por refletir, em escala reduzida e amplamente circulante, as visões de mundo e os valores que essas representações procuravam comunicar.

Nesse sentido, a água cunhada em ouro, prata e bronze nos oferece mais do que imagens: ela nos dá acesso a concepções partilhadas de urbanismo, prosperidade e pertencimento no interior de um império marcado pela diversidade. A moeda romana, como *mídia* visual e ideológica, transforma-se, assim, em um espelho do mundo romano aquático – um mundo no qual o fluxo da água e o fluxo das imagens caminham juntos na tessitura de uma ordem simbólica comum.

Agradecimentos

Gostaria de expressar minha sincera gratidão ao Prof. Dr. Thiago Eustáquio Araújo Mota pelo convite para participar do dossiê "Fluxos, Manejo das Águas e Tecnologias Hidráulicas na Antiguidade", publicado pela revista *Phoînix*. Sua atuação generosa e diligente na coordenação do dossiê, bem como sua interlocução atenta com os autores, foram fundamentais para o bom andamento do projeto editorial. A ele, meu reconhecimento pelo compromisso institucional e pela mediação sempre respeitosa ao longo de todo o processo.

Agradeço também aos editores da revista *Phoînix*, por acolherem um tema tão caro à atualidade e tão relevante para os contextos contemporâneos.

Agradeço ainda aos colegas do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP-MAE-USP) pelas discussões constantes que ajudam a amadurecer ideias como as aqui desenvolvidas. Um agradecimento espe-

cial à Juliana Figueira da Hora, pela leitura atenta e pelos comentários que tanto enriqueceram este texto.

Por fim, registro o apoio institucional do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Processo 311883/2023-0, e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), Processo 2025/04818-5.

As ideias e as interpretações aqui apresentadas são de responsabilidade exclusiva do autor.

Referências bibliográficas

AMERICAN NUMISMATIC SOCIETY. Online Coins of the Roman Empire – Resultados para "Nilus". Disponível em: https://numismatics.org/ocre/results?q=deity_facet:%22Nilus%22. Acesso em: 20 jul. 2025.

BRICAULT, Laurent. Sarapis and the Sea. In: BRICAULT, Laurent (ed.). *Isis Pelagia:* Images, Names and Cults of a Goddess of the Seas. Religions in the Graeco-Roman World, v. 190. Leiden/Boston: Brill, 2019, p. 232-276.

BURNETT, Andrew M.; AMANDRY, Michael; RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (eds.). *Roman Provincial Coinage.* Volume I: From the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC-AD 69). London: British Museum Press/Paris: Bibliothèque nationale de France, 2005.

BUTCHER, Kevin. *Roman Syria and the Near East.* Los Angeles: Getty Publications, 2004.

CLÍMACO, Joana Campos. *Cultura e poder na Alexandria romana*. Tese (Doutorado em História Social), Programa de Pós-graduação em História Social – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CRAWFORD, Michael H. Roman imperial coin types and the formation of public opinion. In: BROOKE, Christopher N. L. *Studies in numismatic method*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, p. 47-59.

GASPARINI, Valentino; VEYMIERS, Richard (eds.). *Individuals and Materials in the Greco-Roman Cults of Isis*: Agents, Images, and Practices. Leiden/Boston: Brill, 2018. (Religions in the Graeco-Roman World, v. 187)

HODOS, Tamar (ed.) *The Routledge handbook of globalization and archaeology*. London: Routledge, 2017.

HÖLSCHER, Tonio. *The language of images in Roman art*. Transl. Anthony Snodgrass, and Annemarie Kaufmann-Heinimann. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HOWGEGO, C. J.; HEUCHERT, Volker; BURNETT, Andrew M. (eds.). *Coinage and identity in the Roman provinces*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

KREMYDI-SICILIANOU, Sophia. 'Belonging' to Rome, 'Remaining' Greek: coinage and identity in Roman Macedonia. In: HOWGEGO, C. J.; HEUCHERT, Volker; BURNETT, Andrew M. (eds.) *Coinage and identity in the Roman provinces*. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 95-106.

MAZZILLI, Francesca; MONTOYA GONZÁLEZ, Rubén; SOKOŁOWSKI, Lukasz (eds.) *The global, the local and the glocal*: recent approaches in Roman archaeology, 2026. (no prelo)

MCHUGH, John S. *The Reign of Emperor Antoninus Pius, AD 138-161*. Barnsley: Pen e Sword History, 2022.

MILLER, Shulamit. *The Mosaics of Tiberias and Hammat Tiberias during the Roman, Byzantine and Early Islamic Periods*. Thesis submitted for the degree of M.A. Institute of Archaeology. The Hebrew University of Jerusalem, Jerusalem, 2011.

MOTTA, Rosa Maria. *Material Culture and Cultural Identity*: A Study of Greek and Roman Coins from Dora, Oxford, 2015.

MOUSSA, Wessam Fekry Ibrahim. Significance of the Egyptian crocodile on the Roman Imperial coinage. *International Journal of Heritage, Tourism and Hospitality*, v. 15, n. 1, p. 17-29, 2021.

NOREÑA, Carlos F. Coins and Communication. In: PEACHIN, Michael (ed.). *The Oxford Handbook of Social Relations in the Roman World*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

NGC – NUMISMATIC GUARANTY COMPANY. *Ancients*: River-Gods on Ancient Roman Coins. 2021. Disponível em: https://www.ngccoin.com/news/article/9083/NGC-Ancients/. Acesso em: 21 jul. 2025.

PORTO, Vagner Carvalheiro. As moedas romanas da Península Ibérica e da Síria-Palestina: uma tentativa de diálogo. *Mare Nostrum*: Estudos sobre o Mediterrâneo Antigo, São Paulo, n. 3, p. 13-32, 2012.

____. O culto imperial e as moedas do Império Romano. *Phoînix*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 138-154, 2018.

PORTO, Vagner Carvalheiro; HORA, Juliana Figueira da. Cultura material como amuleto: elementos mágicos e o apotropaico no mundo romano antigo. In: TEIXEIRA-BASTOS, Márcio; PORTO, Vagner Carvalheiro (orgs.). *Arqueologia do Oriente Antigo*: a materialidade através do tempo. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados/Universidade de São Paulo, 2024, p. 508-526.

PORTO, Vagner Carvalheiro; KORMIKIARI, Maria Cristina Nicolau. HODOS, Tamar; MESHORER, Y. *Coins Excavated at Dor Area G*. Final Report area G. (no prelo)

RIC – THE ROMAN IMPERIAL COINAGE. *Volume I*: From 31 BC to AD 69. 2. ed. Edited by C. H. V. Sutherland. London: Spink, 1984.

ROBERTSON, Roland. Glocalization: Time-Space and Homogeneity-Heterogeneity. In: FEATHERSTONE, Mike; LASH, Scott; ROBERTSON, Roland (eds.) *Global Modernities*. London: Sage, 1995, p. 25-44.

RPC – ROMAN PROVINCIAL COINAGE. *Vol. IV*. 4. ed. by Andrew Burnett, Michel Amandry and Ian Carradice. Oxford: Ashmolean Museum, s.d. Disponível em: https://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coins/4.4/54. Acesso em: 19 jul. 2025.

SCHIFFER, Michael B. Archaeological context and systemic context. *American Antiquity*, 37, p. 156-165, 1972.

____. *Formation processes of archaeological record*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987.

SILVA, Gilvan Ventura da. A cristianização e seus limites: o caso de Antioquia na Antiguidade Tardia. *Territórios e Fronteiras*, Cuiabá, v. 6, n. 1, p. 32-49, 2013.

STEWART, Peter. *The social history of Roman art*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

VASILYAN, Viktorya. Tyche-Fortuna. The image of a city-state between Europa and Asia. In: *The Black Sea:* Hub of Peoples and Cultures (8th Century BC-5th/6th Century AD): Proceedings of the Seventh International Congress on Black Sea Antiquities (Thessaloniki, 26-30 September 2022). Archaeopress Publishing Ltd., 2025.

VASQUES, Marcia Severina. Espaços urbanos e relações de poder no Egito romano. *Romanitas*: Revista de Estudos Grecolatinos, n. 3, p. 47-64, 2014.

VERSLUYS, Miguel John. The global Mediterranean: a material-cultural perspective. In: HODOS, Tamar *et al*. (eds.) *The Routledge handbook of globalisation and archaeology*. London: Routledge, 2017. p. 597-601 (Parte VII: Mediterranean)

VITTOZZI, Giuseppina Capriotti. Emperor Hadrian and Egypt. Remarks on the mythical and religious perspectives. *Arys*, v. 16, p. 267-288, 2018.

WILLIAMS-REED, Eris Kathlyn Laura. *Water and religious life in the Roman Near East*: Gods, spaces and patterns of worship. Thesis (Doctoral – Doctor of Philosophy). Faculty of Arts and Humanities, Department of Classics and Ancient History – Durham University, Durham, 2018.

WITT, Reginald Eldred. *Isis in the Graeco-Roman World*. Ithaca: Cornell University Press, 1971.

DA PARTIDA AO DESCANSO ETERNO: O PORTO DE *PORTUS* E A SIMBOLOGIA NÁUTICA DA MORTE (SÉCULOS II E III EC)[1]

Luciane Munhoz de Omena[2]

Resumo: *Este artigo tem como objetivo compreender a relação entre o Porto de Portus e a simbologia da morte na Necrópole do Porto. Para isso, analisa-se o suporte iconográfico das imagens marítimas presentes nas tumbas 90 e 43, que funcionam como formas de linguagem – ferramentas de expressão e comunicação capazes de revelar as crenças individuais e sociais sobre a conexão entre o mar, suas águas e os rituais mortuários.*

Palavras-chave: *Necrópole; Portus; Mar; Simbologia; Linguagem.*

FROM DEPARTURE TO ETERNAL REST: THE PORT OF PORTUS AND THE NAUTICAL SYMBOLISM OF DEATH (2nd AND 3rd CENTURIES CE)

Abstract: *This article aims to understand the relationship between the Port of Portus and the symbolism of death in the Necropolis of Portus. To achieve this, the iconographic support of maritime images found in tombs 90 and 43 is analyzed, functioning as forms of language — tools of expression and communication capable of revealing individual and social beliefs about the connection between the sea, its waters and mortuary rituals.*

Keywords*: Necropolis; Portus; Sea; Symbolism; Language.*

"Navegar é preciso, viver não é preciso". Essa é uma frase imbuída de significado histórico. Quando formulada, Plutarco (45 a 120 EC) a colocou nos brados de Pompeu (106 a 48 AEC). Responsável pela organização e administração dos suprimentos em Roma, Pompeu seguiria para a Sicília, Sardenha e Líbia. No momento de zarpar, uma forte tempestade teria provo-

[1] Recebido em 21/03/2025 e aprovado em 02/05/2025.

[2] Professora associada IV da Faculdade de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG).
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1039-3859. E-mail: lucianemunhoz34@gmail.com

cado temor à tripulação. Pompeu, então, dirigiu-se aos seus homens e gritou: "Navegar é preciso, viver, não" (Plutarco. *Vida de Pompeu*, 50, 2-3). À luz do conceito de "horizonte de expectativa", formulado por Reinhart Koselleck (2006), navegar simbolizaria aqui mais do que um simples deslocamento marítimo: representaria o impulso de agir politicamente diante da incerteza, a disposição de projetar o futuro mesmo sob risco extremo. No tempo de Plutarco, era esperado que os homens públicos zelassem por Roma – símbolo do império – ainda que isso implicasse a própria morte. O gesto audacioso de Pompeu não apenas assegurou o abastecimento da capital, mas também contribuiu para a segurança das rotas marítimas, ao combater efetivamente a pirataria.

Nesse episódio, o mar e a navegação não são apenas cenários ou meios de transporte, mas elementos centrais da prática política romana, articulando-se aos processos de negociação, conflito e administração de interesses entre diferentes grupos sociais. Atravessar o mar, portanto, torna-se metáfora do próprio exercício do poder e da responsabilidade pública no mundo antigo. Sob essa perspectiva, o artigo propõe uma análise da relação entre a morte e as alegorias náuticas, tal como representadas no fragmento de sarcófago da tumba 90 e no mosaico da tumba 43, ambos situados na Necrópole do Porto. Esses elementos revelam experiências fúnebres complexas e escolhas simbólicas que articulam dimensões individuais e coletivas. As representações marítimas associadas à morte não apenas evocam a travessia final, mas também inscrevem o mar como um espaço de transição, memória e pertencimento. Com isso em vista, passa-se à reflexão.

Paisagens marítimas e espaços da morte: a influência do mar e do porto na Necrópole do Porto

Ao abordar as inter-relações entre o mar e a morte, é fundamental salientar que as águas e as infraestruturas de portos e estradas permitiram o movimento de pessoas, bens e ideias na implementação de tecnologias contra o alagamento urbano, aprimoramento e mudanças das atividades artesanais, o enriquecimento de grupos sociais vinculados ao comércio, mudanças na malha urbana, ou seja, transformações resultantes dos processos de comunicação e conexão que transformaram mercados de comunidades distantes em comunidades interligadas. Se olharmos a extensão do império romano, ocorreram conflitos, negociações, mas, sobretudo, o compartilha-

mento de interesses, valores e preferências de setores da sociedade[3]. Nas palavras de Norberto Luiz Guarinello (2014, p. 211-212):

> *A articulação entre as comunidades produz, na longa duração, sistemas sociais cada vez mais complexos e sofisticados. Embora não conduza, necessariamente, à homogeneização das comunidades, o processo de integração submete, ao longo do tempo e em escala cumulativa, as fronteiras locais e a vida local a fronteiras mais amplas, a uma unidade mais extensa, a um sistema de diferenças em escala maior, que lhes confere de fora, suas próprias identidades e seu sentido.*

Como principal porto marítimo da capital imperial, Porto foi concebida para suprir as crescentes demandas logísticas do Império Romano[4], especialmente no que se refere ao abastecimento de grãos e outros produtos essenciais para a metrópole. Ademais, manteve o movimento intenso de pessoas, bens, crenças[5] e múltiplas experiências em relação à paisagem marítima. Entende-se que a paisagem se relaciona dialogicamente com indivíduos e com grupos sociais. Permite que haja uma imersão entre o observador dessa paisagem e o espaço, pois, como compreende C. Tilley (2008, p. 271), as paisagens produzem efeitos em nossos pensamentos, logo, produzem interpretações a partir das percepções percebidas e sentidas. A fisicalidade se torna uma base de interação social, portanto, a paisagem oferece um "meio para",

[3] Indica-se a leitura de dois autores que se interligam à tese de comunicação, conexão e globalização: Guarinello (2014) e Jong (2017). Para a autora: a infraestrutura atualizada de estradas, portos e instalações de água, muitas vezes projetada para facilitar o exército, também aumentou o movimento de civis, bens e ideias. A nova infraestrutura acelerou a compressão do tempo e do espaço, uma marca da globalização. Mercados de comunidades em localidades distantes se conectavam, com isso, pessoas começaram a empregar símbolos culturais semelhantes. Um exemplo seria a incorporação do comércio de cerâmica da Bretanha em um sistema global de produção e fornecimento que influenciaram os padrões locais de seleção e consumo (Jong, 2017, p. 182-183).

[4] Para maiores detalhes sobre o Porto, recomenda-se: Urbanus (2015); Bellotti (2017); Keay (2020); Omena (2024); Graauw(2025), entre outros mais.

[5] O culto estrangeiro de Mitra se destaca na sociedade ostiense. Como aponta Marja-Leena Hänninen (2020, p. 353), até 17 santuários, em Óstia, foram identificados como mitreus. Neles, foram encontrados estátuas, relevos e pinturas de Mitra sacrificando um touro, isto é, um sacrifício que simbolizava a recriação do mundo. A divindade retratada com roupa persa e capacete frígio, liga-se também ao corvo, ao cachorro, à cobra e ao escorpião que pica os testículos do touro. Além de Mitra, destacam-se Dioniso e Ísis. Para maiores detalhes, consultar: Hänninen (2020b); Petersen (2020) etc.

e um resultado, individual e social das práticas. Ela orienta pessoas e lugares dentro delas. Torna-se um recurso físico e sensorial para viver a construção social e simbólica da vida (Tilley, 2008, p. 271-272). Naturalmente, a paisagem deve se derivar da própria natureza do pensamento humano, experiência e identidade estabelecida no e por intermédio do lugar. Por conseguinte, o próprio lugar representa um quadro metodológico, torna-se, sobretudo, chave hermenêutica. Como propõe A. Olivier (2017, p. 18),

> *Os sujeitos estão envolvidos e moldados por teias particulares de significados em interação com outros sujeitos dentro de diferentes localizações espaciais e configurações temporais, portanto, o significado dos mesmos objetos pode variar dentro de diferentes redes contextuais de significado.*

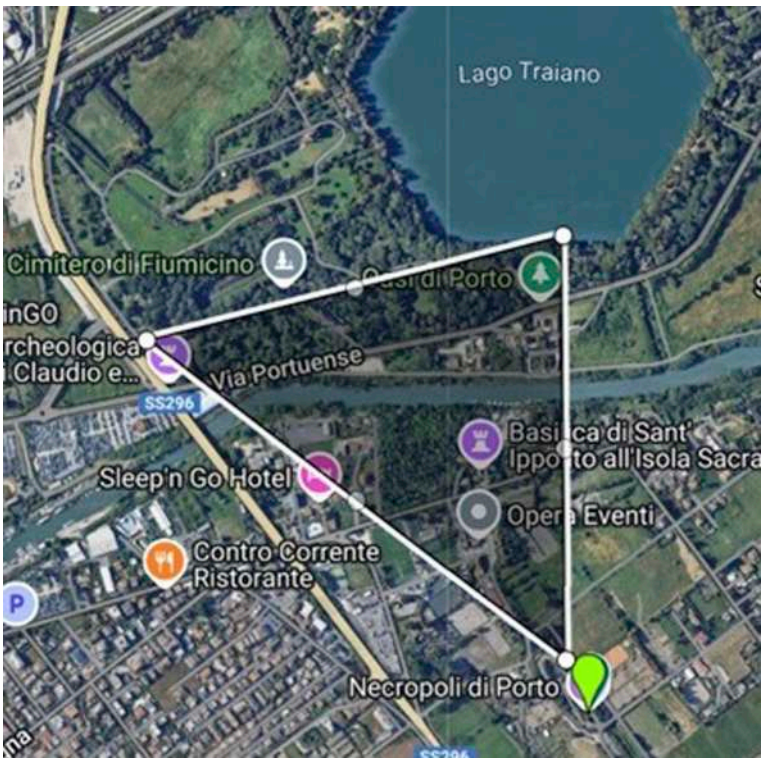
A partir dessa perspectiva, compreende-se o conceito de lugar como uma construção social e simbólica, marcada por experiências específicas e pela interconexão de significados. Nesse contexto, o Mar Tirreno desempenhou um papel fundamental na conformação das experiências relacionadas à morte, integrando-se ao imaginário das atividades marítimas e das criaturas monstruosas que povoavam as crenças da época. Ao longo da história, o mar tem sido representado como um ambiente simultaneamente fascinante e ameaçador. Suas águas turbulentas, habitadas por criaturas monstruosas e palco de naufrágios, simbolizam o desconhecido e o incontrolável. Apesar desses perigos, a fertilidade e a exuberância do mar inspiraram representações literárias e iconográficas de seres fabulosos, como sereias e tritões, que povoaram o imaginário mortuário. Essas figuras mitológicas, frequentemente associadas à sedução e ao mistério, refletem a tentativa humana de compreender e atribuir significado ao mar e à morte.

Nesse contexto, observa-se uma aproximação com o conceito de domesticação[6]: tanto o mar quanto a morte, em sua vastidão e imprevisibilidade,

[6] Não poderia deixar de referenciar a tese de doutoramento de Camila Alves Jourdan. Trata-se da produção de um trabalho belíssimo e profundo sobre o morrer e viver no mar nos séculos VIII e VII AEC. Para a autora, o Mar Mediterrâneo tornou-se fundamental aos povos helênicos, por isso, desenvolveu-se o processo de domesticação por intermédio da nomeação, identificação e atribuição de significado. De acordo com suas palavras: "o processo de domesticação deste mar inicia-se por nomeá-lo, identificá-lo, atribuindo-lhe significados, efetiva-se em sua navegação, em seu reconhecimento na prática de mapeamento e, por fim, na construção de um complexo imaginário que mescla o 'real' e o 'fictício'" (Jourdan, 2019, p. 29).

precisavam ser nomeados, identificados e integrados ao universo simbólico das comunidades. Conhecê-los e representá-los era uma forma de exercer controle sobre essas forças, incorporando-as ao tecido social e cultural. As representações de criaturas marinhas nas práticas funerárias não apenas ilustram a riqueza do imaginário marítimo, mas também evidenciam a necessidade humana de domesticar o desconhecido, conferindo-lhe formas e significados compreensíveis dentro de seu contexto cultural. Nesse cenário, o Mar Tirreno e as estruturas portuárias do Porto desempenharam um papel fundamental na conformação da Necrópole do Porto. Abaixo, observa-se o mapa com a localização dos parques arqueológicos dos Portos de Cláudio, Trajano e a Necrópole do Porto, em destaque, amarelo limão:

Figura 1 – Vista aérea da Necrópole do Porto



Fonte: Google Maps. Acesso em: 12 mar. 2025.

Com realce ao triângulo, vê-se a proximidade entre a área de sepultamento e os portos de Cláudio e Trajano. Em suas imediações, verificam-se estruturas e construções como pórticos, termas, templos, teatro, armazéns, canais de comunicação e áreas de enterramentos. Tais estruturas ediculares e vestígios materiais da cidade dos mortos resultaram no acúmulo de riquezas materiais, sociais e culturais. Durante as décadas de 1920 e 1930, sob a direção do arqueólogo Guido Calza, vieram à luz cerca de duzentos túmulos, entretanto, nos dias atuais, restam mais de cem e grande parte deles se localiza do lado poente da estrada. O lado oposto contém edifícios mais danificados e parcialmente enterrados (Baldassarre *et al.*, 1996, p. 2), conforme se avista na Figura 2.

Figura 2 – Vista parcial da estrada Norte

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Após as escavações, diversas publicações acentuavam a relevância da Necrópole. Nos anos de 1940 e 1941, por exemplo, autores como Rostovtzef, Buren e Hanfmann publicaram, com entusiasmo, as descobertas de Guido Calza. Nas palavras de Hanfmann (1941, p. 90):

> *Na importância arquitetônica, os túmulos de Isola Sacra são contrapartes dignas dos cortiços de Ostia. Como as casas, estes mausoléus demonstram o uso eficiente de tijolos para fins estruturais e decorativos. Como as casas que estão inteiramente acima do solo. A unidade normal, um salão retangular com nichos e arcosólios, às vezes é expandido pela adição de um recinto ou de um jardim. Túmulos mais luxuosos contêm várias câmaras e até têm dois andares. Como as tumbas são dispostas em fileiras com paredes contínuas, e como suas fachadas são adornadas com portas, janelas e frontões, as ruas do cemitério são muito semelhantes às ruas de uma cidade.* ***Mas a cuidadosa fachada de um túmulo, muitas vezes adornada com uma inscrição em mármore, é apenas uma tela decorativa*** (grifos da autora).

As descrições de Hanfmann constatam que os edifícios das *aediculae* se espelhavam nas casas romanas, comparando-os com os cortiços de Óstia. Ainda é uma visão impressionante adentrar o complexo do sítio, à medida que as construções e seus elementos estruturais e ornamentais são espetaculares. Os seus frontões, pilastras, colunas, capitéis, áreas com indicações de triclínio, mosaicos e afrescos reforçam os laços de urbanidade. Destaca-se a afirmativa de Hanfmann, grifada anteriormente. Em sua percepção, a inscrição em mármore apresenta somente uma natureza ornamentativa. É necessário afirmar, por mais óbvio que pareça, que epitáfios e objetos ornamentativos móveis e imóveis permitem a compreensão da comunidade portuense. A partir deles, tornam-se evidentes a composição, o fortalecimento dos elos familiares, as atividades comerciais e mercantis, entretenimentos e diversos ofícios.

A morte e sua ritualística envolvem um conjunto de práticas que se coadunam com o urbano e com a comunicação. Textos epigráficos e imagens pictóricas produzem experiências acerca dos fenômenos de recordações e das socializações, produzindo, com isso, mensagens e efeitos aos espectadores. A materialidade e o espaço físico marcaram um sistema de referência e organizaram a criação de um espaço urbano por intermédio dos túmulos. As cidades contribuíram para a criação dos processos de individualização, ofereceram mercado, cidadania e a formação de identidades urbanas. Nesse processo de individualização, propõe-se que as construções tumulares e seus repertórios envolveram também escolhas pessoais – mesmo havendo fórmulas e *tópoi*, os indivíduos, ainda, priorizaram suas filia-

ções, demonstrando a importância das identidades familiares e sociais na configuração dos espaços funerários. Sem mais preâmbulos, segue-se para a análise final.

O despertar de um novo ciclo: partidas e despedidas na Necrópole do Porto, tumbas 90 e 43

Atualmente, a entrada do túmulo 90 se posiciona ao fundo, porém, em termos de construções, segundo Ida Baldassarre *et al*. (1996), em sua primeira planta, a edificação se apresentava livre em todos os lados. A seguir, vê-se a fachada interna do edifício:

Figura 3 – Fachada interna da tumba 90. Destacam-se tijolos vermelhos e amarelos. Acima do recinto de entrada, os pais homenageiam *P. Gabinius Annianus*, falecido aos 16 anos

Fonte: Fotografia da autora, 2015.

Em termos cronológicos, os estudos indicam duas fases: a primeira, 125-130 e a segunda 160-170. Em um primeiro momento, a tumba dispunha de nichos para o ritual de incineração e, após seguidas reutilizações,

aproximadamente ao final do Período Antonino (96 a 192), os enterramentos se centraram no ritual de inumação. A partir do catálogo de Ida Baldassarre *et al*. (1996, p. 62 e 64), foi detectada a construção de nichos para a inumação no chão. Dois membros da família dos Ânio Vital e Dêcia, juntamente com uma desconhecida Perelia Hieronis, cuja relação com os outros personagens atestados no túmulo não pode ser estabelecida, doaram a Lúcio Cecílio Victor o piso da cela sem sepulturas, na qual ele, às suas próprias custas, construiu novos túmulos de inumação para si mesmo, sua esposa, libertos e descendentes. Ainda segundo os autores, a datação desta segunda fase é fornecida pela relação que se pode estabelecer com a construção da tumba 89a; esta última fase data aproximadamente entre 160-170, não vem nomeado com o novo proprietário Lúcio Cecílio Victor entre os que concedem o local para a construção, portanto, o segundo momento de utilização da cela deve ser necessariamente posterior ao túmulo 89a, num período que pelas características da decoração, inclusive, pode ser situado em aproximadamente 180. A seguir, apresenta-se a inscrição referente à doação de uso da sepultura:

> *D(is) M(anibus)*
> *L(ucius) Caecilius Victor donatum sibi pavimentum*
> *purum virgin(em) monumenti huius a Perel{l}<=i>a Hieronide*
> *et Anniis Vitale et Decia in quo sarcophaga nova sumptibus suis*
> *inst<r>uxit fecit*
> *que sibi et Caeciliae Hygiae coniugi suae et libertis libertabusque*
> *posterisque eorum* (transcrição de Anne Helttula, 2007, p. 136).

> *Aos Deuses Manes. Lúcio Cecílio Victor preparou às suas custas e construiu novos sarcófagos para si, para sua esposa Cecília Hígia, para seus libertos e libertas e descendentes deles, no piso puro e sem uso deste monumento, que lhe foi doado por Perelia Hieronis, Ânio Vital e Décia* (tradução da autora).

As inscrições, ornamentos e estruturas das edificações se tornam elementos essenciais da paisagem mortuária. Além disso, é possível identificar algumas especificidades possivelmente relacionadas às regiões de Pompeia, Óstia e Porto: edificações que seguem o modelo das casas romanas (*aediculae*), a presença de motivos marítimos e a ocupação das tumbas, que nem sempre ocorria dentro do mesmo grupo familiar. Também se observa a coexistência de rituais de cremação e inumação. De modo geral,

o conjunto pictórico da tumba 90 inclui cenas de caça, a representação mítica de Hilas sendo raptado pelas Ninfas, aves aquáticas, mosaicos no chão, cisnes, águias, motivos florais e um fragmento de sarcófago. A seguir, apresenta-se a imagem do interior da tumba 90.

Figura 4 – Espaço interno da tumba 90

Fonte: Fotografia da autora, 2015.

Ao fundo da imagem da Figura 4, observa-se um grande arcossólio, dentro do qual há um retângulo formando uma estrutura triangular. No interior desse retângulo, encontra-se um arcossólio menor. Resquícios de decorações pictóricas são visíveis na parede de fundo interna, destacando-se um pequeno arco que abriga a imagem de uma cabeça e um arbusto de acanto. Nas paredes laterais, originalmente, havia duas representações mitológicas: à esquerda, segundo Calza, estaria a figura de Narciso, atualmente não mais visível; à direita, a cena de Hilas sendo raptado pelas Ninfas, hoje preservada no Museu de Ostia (inv. n.º 10124) (Baldassarre *et al*. (1996, p. 63).

Para concluir, apresenta-se abaixo o fragmento de sarcófago, datado do século II EC, com as seguintes dimensões: 140 cm de largura, 62 cm de altura e 33 cm de profundidade.

Figura 5 – Trata-se da imagem colorida do relevo de sarcófago. Nela se destaca, com maior nitidez, o golfinho, que se posiciona ao lado dos utensílios domésticos

Fonte: https://www.ostia-antica.org/museum-ostia/museum-ostia.htm. Acesso em: 7 fev. 2025.

À esquerda, um navio de carga e um barco a remo se aproximam do farol do porto. À direita, dois clientes – uma mulher e um homem – estão sentados à mesa de um bar. O homem bebe em um copo, enquanto uma atendente traz outra bebida para a mulher. Atrás dos clientes, móveis são representados por linhas sutis, e, à direita deles, há uma árvore. Compondo uma cena cotidiana, um cachorro pula contra a mesa, possivelmente em busca de atenção ou alimento. À esquerda da atendente, observa-se o balcão do bar, onde se destaca uma pequena bacia de água com topo curvo, semelhante às encontradas em diversos bares de Óstia. Acima do balcão, prateleiras exibem longas fileiras de recipientes. Ademais, um golfinho aparece em posição vertical, talvez simbolizando a conexão entre o mar, a bacia portuária e o nome do próprio bar.

O farol, situado entre o bar e o mar, reforça a ambientação marítima e evoca a dinâmica portuária, composta de faróis, embarcações, bares, estalagens, trabalhadores, comerciantes e transeuntes. Todos esses elementos também figuram na cidade dos mortos, representados em edificações, pinturas, sarcófagos e mosaicos. O edifício 43 é um bom exemplo dessa integração:

Figura 6 – Fachada externa com o mosaico de chão, tumba 43, Necrópole do Porto. Como indicam Baldassarre *et al.* (1996, p. 114): trata-se do terceiro túmulo na sequência do grupo 46-43, posicionado de frente para a estrada, porém ligeiramente recuado. Sua estrutura utiliza parcialmente a parede posterior do túmulo 45 junto à parede direita. O túmulo consiste em uma cela com um pequeno átrio frontal, pavimentado com mosaico e delimitado por duas paredes baixas. A fachada, construída em tijolos amarelos, possui uma porta central com soleira e ombreiras de travertino. No interior, há duas ordens de arcossólios em cada parede. Embora a organização espacial sugira um uso exclusivo para inumações, a construção das paredes não permite verificar se havia, na parte superior, uma possível ordem de nichos para cremação (Figura XIV). O piso era inteiramente revestido por placas de mármore e, abaixo dele, encontravam-se doze estruturas dispostas perpendicularmente aos estratos, cada uma contendo três fileiras de depósitos. A edificação data do final do século II e início do III EC.

Fonte: Fotografia da autora, 2015.

Localizado na fachada do edifício, o mosaico representa o farol, as embarcações e seus tripulantes, além de exibir uma inscrição legível em grego — *Ode Pausilypos* — que se traduz como: "Este é o lugar que te liberta

das preocupações". Tanto o mosaico quanto o sarcófago estão ligados a experiências e paisagens marítimas, ao comércio e à vida portuária. A navegação e o espaço do porto se transformaram em símbolos de celebração para a comunidade portuária, tanto dos vivos quanto dos mortos. As atividades marítimas eram solenizadas, tornando-se dignas de memória em um espaço sagrado.

Comerciantes, pequenos empresários, médicos, negociantes de ferragens, libertos, seus descendentes, escravos e estrangeiros transitaram por essas paisagens costeiras, levando seus mortos a repousarem ali. O mar e sua fauna simbolizavam riqueza, conexões entre povos e cidades e, acima de tudo, moldavam as construções tumulares. Assim, passaram a evocar a morte e seus rituais. Em outras palavras, a área portuária se tornou, simultaneamente, um ponto de partida e de repouso, assim como o túmulo, símbolo do fim da jornada e do descanso eterno.

Considerações finais

A expressão "*Mare Nostrum*" refletiu o domínio do Império Romano sobre o Mar Mediterrâneo, sobretudo, a partir do Principado de Augusto. Com o controle das costas mediterrânicas, Roma passou a vivenciar um período de prosperidade e estabilidade que favoreceu o comércio, a integração cultural e o crescimento econômico. A marinha romana desempenhou um papel crucial na proteção dessas rotas e na repressão à pirataria, garantindo a segurança das atividades marítimas. Testemunhos materiais, como, por exemplo, o mosaico com a representação de uma embarcação, contendo dois mastros, localizado nas Termas de Themetra, uma antiga cidade posicionada na atual Tunísia, indicam o florescente comércio marítimo, as tecnologias navais, o conhecimento dos ventos para a realização das viagens, bem como a presença de estruturas como canais de acesso, quebra-mares, plataformas de desembarques, cais, armazéns para o alocamento de mercadorias e equipamentos, rampas de acesso, alojamento para os barcos, tabernas, bares, templos, entre outras edificações.

Em outros termos, a construção portuária exigia uma logística complexa, mão-de-obra especializada e a presença de uma arquitetura acolhedora. Os elementos anteriormente mencionados evidenciam o desenvolvimento estrutural significativo das cidades portuárias como Porto. Esse progresso é refletido nos edifícios tumulares da Necrópole do Porto: as fachadas dos sepulcros, adornadas com elementos arquitetônicos como frontões trian-

gulares, colunas e inscrições em latim e grego, revelam aspectos da identidade social dos indivíduos ali sepultados, muitos dos quais pertenciam a grupos de comerciantes, pequenos empresários, escravizados e libertos. Assim, a riqueza e a complexidade arquitetônica dessas áreas portuárias encontraram expressão tangível nas experiências mortuárias, refletindo a interconexão entre o espaço urbano e a atividade marítima. O porto, nesse imaginário, ocupou um lugar central: é o ponto de partida e de chegada, o limiar entre a vida e a morte, entre o mundo terreno e o além. Assim, o mar torna-se uma referência compartilhada por vivos e mortos – metáfora da instabilidade da existência, mas também da permanência do vínculo com a comunidade dos que partiram.

Agradecimentos

Expresso minha sincera gratidão a Thiago Eustáquio Araújo Mota e Fábio Lessa, pelo honroso convite que me permitiu integrar este dossiê. De modo especial, dedico uma homenagem ao saudoso professor Norberto Luiz Guarinello, cuja memória permanecerá indissociável de nossas reflexões e lembranças, sempre iluminadas por seu doce sorriso. Cumpre assinalar que as reflexões desenvolvidas ao longo deste texto são de inteira responsabilidade da autora.

Catálogos

BALDASSARRE, Ida *et al*. (ed.). *Necropoli di Porto*. Isola Sacra.Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1996.

HELTTULA, Anne (ed.). *Le iscrizioni sepolcrali latine nell'Isola sacra*. Roma: Acta Instituti Romani Finlandiae, 2007.

Sites

FIUMICINO – NECROPOLI DI ISOLA SACRA, TOMBA 90, CELLA EST, EPIGRAFE DI LUCIUS CAECILIUS VICTOR. Istituto Centrale per il Catalogo e la Documentazione. Disponível em: https://fotografia.cultura.gov.it/iccd/item/N012901. Acesso em: 26 jan. 2025.

Mapa de Óstia. Google Maps. Disponível em: https://www.google.com/maps/d/u/0/edit?mid=1JX0mMYCFC5NEm6v5kSpPn18vItZgzMw&ll=41.7751564120648%2C12.251382872203065&z=15. Acesso em: 12 mar. 2025.

RELEVO DE SARCÓFAGO COM CENA PORTUÁRIA E UM BAR. Virtual Museum of Ostia. Disponível em: https://www.ostia-antica.org/museum-ostia/museum-ostia.htm. Acesso em: 7 fev. 2015.

Vista Área da Necrópole do Porto. Disponível em: https://www.google.com/maps/d/u/0/edit?mid=1JX0mMYCFC5NEm6v5kSpPn18vItZgzMw&ll=41.76953101969473%2C12.264078200000004&z=17. Acesso em: 12 mar. 2025.

Documentação escrita

PLUTARCH. Life of Pompey. In: *Greek Lives*: A Selection of Nine Greek Lives. Translated by Robin Waterfield. Introduction and notes by Philip A. Stadter. Oxford: Oxford University Press, 1998, p. 267-322.

Referências bibliográficas

BELLOTTI, Piero. Le spiagge del Delta del Tevere: evoluzione e prospettive. In: CANEVA, Giulia; TRAVAGLINI, Carlo M.; VIRLOUVET, Catherine (ed.). *Roma, Tevere, Litorale*: Ricerche tra passato e presente. Roma: École Française de Rome, 2017, p. 01-06.

BUREN, A. W. Van. La Necropoli del porto di Roma nell'Isola Sacra by Guido Calza. *Classical Philology*, The University of Chicago Press, v. 36, n. 1, pp. 67-69, 1941.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Ensaios sobre História Antiga.* São Paulo: USP, 2014.

GRAAUW, Arthur de. Mare Nostrum – Le cœur de l'empire romain. *Herodote.net*, 15 dez. 2019. Disponível em: https://www.herodote.net/La_Mediterranee_au_coeur_de_l_empire_romain-synthese-2643-287.php. Acesso em: 16 abr. 2025.

HANFMANN, George M. A. La Necropoli del Porto di Roma nell'Isola Sacra by Guido Calza. *The Classical Weekly*, The Johns Hopkins University Press, v. 35, n. 8 (Dec. 8), p. 89-92, 1941.

HÄNNINEN, Marja-Leena. The Cult of Mithras in Ostia. In: Karivieri, Arja (ed.). *Life and death in a multicultural harbour City*. Ostia Antica from the Republic through Late Antiquity. Rome: Institutum Romanum Finlandiae, 2020a, p. 353-361.

_____. Religious Life in Ostia in the Imperial Period. In: KARIVIERI, Arja (ed.). *Life and Death in a Multicultural Harbour City*: Ostia Antica from the

Republic through Late Antiquity. Roma: Institutum Romanum Finlandiae, 2020b, p. 345-352.

JONG, Lidewijde de. *The Archaeology of death in Roman Syria*. Burial, commemoration and Empire. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

JOURDAN, Camila Alves. *Morrer e viver em um mar de monstros*: o imaginário helênico sobre a morte no mar. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

KEAY, Simon. The Isola Sacra. In: KARIVIERI, Arja (ed.). *Life and death in a multicultural Harbour City*: Ostia Antica from the Republic through Late Antiquity. Roma: Institutum Romanum Finlandiae, 2020, p. 49-56.

KOSELLECK, Reinhart. Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas. In: *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Ed. Puc, 2006, p. 305-327 e 363-364.

OLIVIER, Abraham. Understanding Place. In: JANZ, Bruce B. (ed.). *Place, Space and Hermeneutics*. Tasmania: Springer, 2017, p. 09-22.

OMENA, Luciane Munhoz de. Celebrações da morte: em Isola Sacra: estruturas ediculares e suas relações familiares na Necrópole do porto. In: SILVA, Gilvan Ventura da; FURLANI, João Carlos (org.). *Espaço, representação e poder no mundo romano*. Vitória: Antíteses, 2024, p. 99-120.

PETERSEN, Lauren Hackworth. People and Gods in the Necropoleis of Pompeii: Isis in the last decade. In: BARGFELDT, Niels; PETERSEN, Jane H. (ed.). *Reflections:* Harbour city deathscapes in Roman Italy and beyond. Rome: Analecta Romana Instituti Danici. Supplementa, 2020, p. 127-144.

ROSTOVTZEFF, Michael. "Guido Calza. La necropoli del Porto di Roma nell' Isola*". Istituto di Archeologia e Storia dell' Art Rome/La Libreria dello Stato/ Istituto Poligrafico dello Stato*, Roma, p. 100-103, 1940.

TILLEY, Christopher. Phenomenological Approaches to Landscape Archaeology. In: DAVID, Bruno; THOMAS, Julian (eds.). *Handbook of Landscape Archaeology*. Walnut Creek: Left Coast Press, 2008, p. 271-276.

URBANUS, Jason. Rome's Imperial Port. The vast site of Portus holds the key to understanding how Rome envolved from mighty city to an empire. *Archaeology*, march/april, p. 26-33, 2015.

DA ROMA DE TIJOLOS À CIDADE DAS ÁGUAS: UMA ANÁLISE DAS INTERVENÇÕES DE MARCO VIPSÂNIO AGRIPA COMO EDIL E *CURATOR AQUARUM* (SÉC. I AEC)[1]

Thiago Eustáquio Araújo Mota[2]

Resumo: *A partir do tratado De Aquis Urbis Romae, de Sexto Júlio Frontino, discutiremos as principais intervenções operadas na estrutura hidráulica de Roma entre os anos 33 e 19 AEC, período assinalado por intensas transformações políticas e sociais que caracterizaram a transição da República Tardia para o início do Principado. Analisaremos as transformações operadas na infraestrutura hidráulica durante o período em que Marco Vipsânio Agrippa exerceu o mandato de Edil bem como o investimento em novo aqueduto, a Aqua Iulia, que otimizou o abastecimento das partes mais elevadas da cidade. Durante as décadas de 20 e 10 AEC, Agripa desempenhou um papel significativo na remodelação do Campo de Marte, investindo em espaços de sociabilidade e viabilizou a construção da Aqua Virgo (19 AEC).*

Palavras-chave*: Aquedutos; Sistema hidráulico; Política; Agripa; Frontino.*

FROM THE ROME OF BRICKS TO THE CITY OF WATERS: AN ANALYSIS OF THE INTERVENTIONS OF MARCUS VIPSANIUS AGRIPPA AS AEDILE AND CURATOR AQUARUM (1ST CENTURY BCE)

Abstract: *Based on De Aquis Urbis Romae by Sextus Julius Frontinus, this study aims to examine the main interventions in the hydraulic infrastructure of Rome between 33 and 19 BCE., a period characterized by profound political and social transformations that signalled the transition from the Late Republic to the early Principate. We focus on the modifications implemented during Marcus Vipsanius Agrippa's tenure as aedile, including his commissioning of a new aqueduct, the Aqua Iulia, which improved the water supply*

[1] Recebido em 25/08/2025 e aprovado em 30/09/2025.

[2] Professor Adjunto de História Antiga da Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina, coordenador do Grupo de Estudos sobre Épica na Antiguidade (GEEPA), pesquisador vinculado ao LEIR/UFG e ao LHIA UFRJ.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8199-9594. E-mail: thiago.mota@upe.br

to the city's higher districts. Throughout the 20s and 10s BCE, Agrippa played a pivotal role in the reconfiguration of the Campus Martius, investing in public spaces and facilitating the construction of the Aqua Virgo (19 BCE).

Keywords: *Aqueducts; Hydraulic System; Politics; Agrippa; Frontinus.*

Introdução

Ao longo do período republicano, Roma desenvolveu uma relação predatória com as nascentes, lagos e rios das regiões montanhosas do Lácio cujas águas eram transportadas por aquedutos, aéreos ou subterrâneos, ao longo de quilômetros até a capital. A combinação da engenharia das arcadas com o concreto de pozolana, desenvolvido na Campânia por volta do século I AEC, permitiu a construção da maior parte das estruturas aéreas cujas ruínas permanecem visíveis em várias partes de Roma e do Império. Apenas na capital, cerca de doze aquedutos foram construídos, sendo os mais antigos a *Aqua Appia* (312 AEC) e *Anio Vetus* (272 AEC) e os mais recentes, *Aqua Antoniniana* e *Alexandrina*, ambos do Período Severiano (Claridge, 2010, p. 60-61). Interligada aos aquedutos, havia uma rede complexa de canais subterrâneos e reservatórios que garantia o provimento contínuo de fontes públicas, latrinas, termas, lagos e canais artificiais, dentre outras comodidades públicas. Esse sistema, no entanto, demandava um significativo capital humano para o seu funcionamento e estava suscetível a toda sorte de intempéries.

No final do século I AEC, a capital aproximou-se da marca populacional de um milhão de habitantes, o que implicou vários desafios logísticos, tais como o abastecimento regular de grãos, a circulação de pessoas e bens de consumo, por meio dos sistemas viário e portuário, e não menos importante, a gestão dos fluxos de água, disponíveis a partir da rede de aquedutos. Essa última operação era compreendida como essencial para a subsistência de uma população em pleno crescimento e a manutenção das condições básicas de salubridade no tecido urbano. Isso posto, a partir do tratado *De Aquis Urbis Romae*, de Sexto Júlio Frontino, discutiremos as principais intervenções operadas na infraestrutura hidráulica de Roma entre os anos 33 e 19 AEC, período assinalado por intensas transformações políticas e sociais que caracterizaram a transição da República Tardia para o início do Principado.

Muito se comenta acerca da passagem de Suetônio, reproduzida *ad nauseam* nos manuais escolares, de que Augusto teria recebido uma Roma de

tijolos e deixado, em seu lugar, uma cidade de mármore (Suetônio. *Vida do Divino Augusto*. 28). Pouco se fala, no entanto, sobre as contribuições de Marco Vipsânio Agripa nesse processo que, quando muito, é lembrado como o idealizador do projeto original do Panteão. A combinação singular de sucessos militares, a recusa de ser celebrado como general triunfador e sua posição incerta como herdeiro político, vinculado à *domus* de Otávio, levou a historiografia a considerá-lo reiteradamente como "braço-direito" de Augusto, seu "mais fiel colaborador" (Fraschetti, 2013) ou "facilitador político" (Southern, 2014). Inclusive, o célebre historiador britânico Ronald Syme chegou a qualificar Agripa como um "sério puritano" (Syme, 1939, p. 341). Por sua vez, as transformações operadas na infraestrutura hidráulica de Roma são pouco mencionadas, sobretudo em um período que antecedeu as bases formais do Principado. Durante as décadas de 20 e 10 AEC, Agripa desempenhou um papel significativo na reconfiguração do Campo de Marte, investindo em espaços públicos e viabilizando a construção do *Aqua Virgo* (19 AEC), eventos que serão analisados, de forma mais detida, neste artigo tendo como ponto de partida o tratado sobre os aquedutos da autoria de Frontino.

Os *Comentarii* de Sexto Júlio Frontino

Não dispomos de detalhes extensos acerca da biografia de Sexto Júlio Frontino. Ele teria nascido na década de 30 da Era Comum, galgando várias posições na carreira das magistraturas (*cursus honorum*). Foi eleito Pretor Urbano (70 EC) e Cônsul, por duas vezes (73 e 98 EC), além de assumir a administração das províncias da Bretanha (74 EC) e Ásia (85-86 EC) (Peixoto, 2011, p. 40-44). Do ponto de vista da produção literária, sabe-se que ele foi versado em vários subgêneros da prosa técnica, sendo atribuídos a ele trabalhos como *Opuscula Rerum Rusticarum,* além dos tratados *Stratagemata* e *De Aquis Urbis Romae* ou (*De Aquaeductu Urbis Romae*), os únicos que chegaram à contemporaneidade (Peixoto, 2011, p. 40-44). Durante o governo de Nerva, Frontino foi nomeado supervisor dos aquedutos (em latim, *curator aquarum*), importante cargo administrativo cuja experiência compilou no *De Aquis Urbis Romae*, considerado um dos documentos textuais mais relevantes para o entendimento do sistema hídrico da capital e suas peculiaridades históricas. Neste artigo utilizaremos as traduções para o inglês de Charles E. Bennet e R. H. Rodgers e a tradução para o italiano, comentada, de Pietrantonio Pace.

A obra em questão é dividida em dois livros: enquanto o primeiro apresenta um apanhado da história e cronologia de cada aqueduto, seu trajeto e mecanismos de distribuição, o segundo livro é voltado para as características mais técnicas como a capacidade volumétrica de cada aqueduto (calculada a partir do módulo chamado *quinaria*)[3] os vários problemas de manutenção e os aspectos administrativos e jurídicos relacionados à distribuição da água para a população. Como parte dos elementos convencionais do gênero, no prólogo da obra, depois do elogio endereçado a Nerva Augusto, Frontino apresenta as razões que o levaram a tratar desses assuntos

> *In aliis autem libris, quos post experimenta et usum composui, succedentium res acta est; huius commentarii pertinebit fortassis et ad successorem utilitas, sed cum inter initia administrationis meae scriptus sit, in primis ad meam institutionem regulamque proficiet* (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. I, 02. 03).

> *Também em outros livros, que compus após a experiência e o hábito, os acontecimentos que se sucederam estão apresentados; a utilidade deste comentário talvez se estenderá a um sucessor, mas, como foi escrito entre os anos iniciais de minha administração, em princípio, será aproveitável para a minha própria formação e orientação.*

Cabe destacar que a palavra latina *commentarius* (que no excerto acima aparece no plural: *commentarii*) abarca tanto sentido de "livro de notas" ou "memórias", quanto pode referir-se ao "registro" ou "arquivo dos magistrados" (Faria, 1962, p. 209). Segundo R. H. Rodgers, o termo era aplicado a anotações e registros de vária sorte, "como listas ou compêndios enquanto alguns podiam ser incorporados a uma série quase arquivística, outros eram retrabalhados para uma circulação mais ampla", como aparentemente é o caso dos *comentarii* de Frontino (Rodgers, 2004, p. 10). De acordo com o filólogo classicista, Eustaquio Sanchez Salor, do ponto de vista da produção literária latina, esse gênero se popularizou a partir de Caio Júlio César. Em linhas gerais, os *commentarii* dialogam com os princípios teóricos do gênero historiográfico, com a diferença de que o narrador aparece como

[3] Tipo de tubo romano que media cinco quartos de dígito em diâmetro, (aproximadamente 2,13 cm) e tinha a circunferência de 3 89/96 dígitos (aproximadamente 4,15 cm^2). (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. I. 25.05).

protagonista das memórias das atividades políticas e militares que registra e, em geral, elas são colocadas a serviço de sua autopromoção (Sanchez Salor, 2010, p. 21-22).

Os elementos compilados em seus *comentarii* são justificados por Frontino como advindos de sua própria experiência como "comissário das águas" – *curator aquarum* – e da investigação que empreendeu acerca da história do sistema hidráulico de Roma. Sobre esse cargo, Frontino pensava que "o ofício unido das águas é concernente ao uso, depois à saúde e também [à] segurança da Cidade [...]" – *aquarum iniunctum officium ad usum, tum ad salubritatem atque etiam securitatem urbis pertinens* (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma.* I. 01).

A Formação do Sistema Hidráulico Republicano

Segundo Frontino, nos primeiros quatrocentos anos da existência da *urbs*, os romanos se contentaram com as águas que extraíam do Tibre a partir de poços (*ex puteis*) e daquelas que jorravam das fontes (*ex fontibus*) naturais. Em particular, são citadas três dessas fontes: a de Apolo, a de *Camenae* e a de Juturna, cujas águas eram reconhecidas por suas propriedades terapêuticas (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. I. 04). O recorte é estabelecido para demarcar um período, anterior ao processo expansionista, quando o acesso da população de Roma estava restrito aos recursos hídricos locais.

Antes mesmo de Roma dispor de aquedutos que abasteciam reservatórios e fontanários, algumas cidades etruscas já dominavam técnicas avançadas de engenharia hidráulica, amiúde adaptadas à topografia e às demandas específicas de cada assentamento. Prospecções arqueológicas realizadas em Veio revelaram a existência de um extenso aqueduto subterrâneo, além de um sistema de controle de cheias por meio de comportas e barragens (Angelakis; De Feo; Laureano; Zourou, 2013, p. 980). Por sua vez, cidades como Perugia, Orvieto, Marzabotto e Todi dispunham de sofisticadas redes de cisternas, poços e reservatórios de água, escavados na rocha, além de túneis utilizados para drenagem (Angelakis; De Feo; Laureano; Zourou, 2013, p. 978-984).

O primeiro aqueduto romano de que se tem notícia, *Aqua Appia*, data do início do séc. IV AEC e foi construído durante o mandato dos Censores Ápio Cláudio e Caio Pláucio Venox, em um contexto em que Roma con-

solidava sua hegemonia no Lácio e na Campânia (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. I. 05). Sua inauguração coincide com a construção da célebre *Via Appia*, principal via terrestre que conectava Roma a Cápua, posteriormente, alargada até Brundísio, na Calábria. Sendo umas das principais vias que conectavam a capital ao sul, essa estrada teve uma importância capital para o deslocamento de tropas e víveres durante as Guerras Samnitas e nas campanhas posteriores. Por sua vez, a *Aqua Appia* foi a primeira estrutura a permitir a captação de nascentes, distantes cerca de 16,56 km (11.190 *passus*)[4] a leste de Roma. Em sua quase totalidade (16,47 km/11.130 *passus*) o aqueduto corria abaixo da superfície, em alguns pontos a 15 metros de profundidade. Para Frontino, essa preferência construtiva poderia indicar uma limitação técnica referente à engenharia de nivelamento ou, por outro lado, poderia representar uma escolha estratégica deliberada (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. I. 18). Em razão das sucessivas guerras travadas com os vizinhos itálicos, evitava-se, dessa maneira, que os inimigos pudessem cortar o abastecimento de água, por ocasião de um cerco à cidade de Roma.

É possível compreender a *Aqua Appia* como o início de uma política de investimento em infraestrutura para sustentar o crescimento urbano e viabilizar o fluxo de água potável para a população. O contrato para a construção do aqueduto intitulado Ânio Velho (*Anio Vetus*) foi realizado pelos censores Mânio Cúrio Dentado e Lúcio Papírio Cursor, no ano de 272 AEC e financiado com o butim de guerra capturado de Pirro, rei do Épiro (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. I. 06). Sua fonte de captação localizava-se acima de Tibur, perto da moderna Vicovaro, e se estendia até a Porta Esquilina, da antiga muralha serviana. Um percurso que totalizava 63,64 km (43.000 *passus*), quase todo subterrâneo (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. I. 06; De Kleijn, 2001, p. 12). Diferentemente da *Aqua Appia*, abastecida por nascentes, esse aqueduto era alimentado por um rio (atual rio Aniene) e, a despeito do volume mais caudaloso, seu fluxo transportava mais sedimentos. Quando no Séc. I EC um outro aqueduto foi construído para captar água desse mesmo rio, a alcunha *vetus* foi aplicada ao aqueduto anterior, para diferenciá-lo no *novus*.

A demanda por um suprimento mais abundante de água, a partir do crescimento de Roma, na segunda metade do século II AEC, levou o Senado a

[4] Um *passus* romano equivale a 1,48 m.

instruir Quinto Márcio, pretor urbano em 144 AEC, para a tarefa de reparar os condutores, até então em funcionamento, e prospectar novas fontes de água. Frontino destaca que tanto o desgaste quanto os desvios fraudulentos contribuíram para a depredação dos aquedutos precedentes. O ponto de captação da *Aqua Marcia* localizava-se no vale superior do Anieno, o que, no processo de distribuição, permitiu atingir as cotas altas da cidade, inclusive o Capitolino. Desse ponto até a cidade de Roma, o aqueduto se estendia por um total de 91,33 km (61.710 *passus*) dos quais 54,240 km eram percorridos abaixo da superfície. A corrente transportada pela *Marcia* era considerada a mais límpida e saudável de todas as águas públicas, dessa forma, destinava-se ao consumo humano e provimento de fontes públicas (Pace, 1983, p. 128; Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. II. 92). Frontino registra que o custo implicado na construção desse aqueduto foi de 180 milhões de sestércios, dado que extrai de Fenestela, um historiador romano do Séc. I AEC (Frontin. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. I. 07.04). Segundo Gerda De Kleijn, apesar de a informação não constar diretamente no tratado de Frontino, é plausível supor que os espólios das vitórias sobre Cartago e Corinto (146 AEC) tenham sido direcionados para custear essa obra de grande envergadura (De Kleijn, 2001, p. 15).

O quarto aqueduto construído, em ordem cronológica, foi a *Aqua Tepula*, erguido no mandato dos Censores Gneu Servílio Cépio e L. Cássio Longino Ravilla (125 AEC). Sua nascente localizava-se no território do *Ager Lucullanus*, nas proximidades da cidade de Túsculo (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. I. 08). Seu nome foi atribuído a partir das características do manancial que apresentava uma temperatura relativamente superior à das outras nascentes, o que resultava na pouca palatabilidade da água transportada pela adutora (Pace, 1983, p. 138; Richardson, 1992, p. 18). Os distúrbios civis que marcaram o período da República Tardia resultaram na fragilização da infraestrutura hidráulica da *urbs*, que recebeu intervenções significativas apenas no final do séc. I AEC.

Marco Vipsânio Agripa como Edil (33 AEC)

Vinculado ao círculo de influência de Otávio, o nome de Marco Vipsânio Agripa aparece relacionado à origem do cargo de *curator aquarum* e às principais obras hidráulicas de envergadura desse período. Segundo o historiador James Tan, várias decisões políticas de Agripa contrariaram as

convenções do tradicional *cursus honorum*, mas, ao mesmo tempo, buscaram conciliá-lo com a imagem de concórdia pública, especialmente em razão das honrarias compartilhadas com Otávio (Tan, 2019). Apesar de ter exercido o cargo de Cônsul, de contar, em seu histórico militar, com a campanha contra Sexto-Pompeu e a Guerra da Ilíria, Agripa apresentou-se candidato ao cargo de Edil, sendo eleito para exercer a função no ano de 33 AEC. A partir disso, tomou como responsabilidade a restauração da malha hidráulica da *urbs*, empreendendo reparos nas *Aquae Appia*, *Anio Vetus* e *Marcia*, cujos condutores estavam, segundo Frontino, "quase desgastados" (*paene dilapsos*) (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. I. 09-10). Ademais, informa que, no ano 33 AEC, Agripa interceptou a *Aqua Tepula* com o abastecimento do novo aqueduto por ele construído, *Aqua Iulia*, de maneira a enriquecer seu volume e qualidade (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. I. 09).

O manancial da *Aqua Iulia* localizava-se nas imediações de Túsculo, a cerca de 3,4 km, em linha reta, das nascentes da *Tepula* e possuía uma extensão de 15.426 *passus* o que equivaleria a aproximadamente 22,83 km (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. I. 09, 03; De Kleijn, 2001, p. 20). Em algum ponto da Via Latina esse aqueduto corria em conjunto com a *Aqua Tepula* e, nas proximidades de Roma, utilizava das já existentes estruturas e arcadas da *Aqua Marcia*. Essa escolha sugere a economia de material e tempo de obra, ademais, ao misturar as águas da *Iulia*, de temperatura mais baixa, ao canal da *Tepula*, Agripa aprimorou a qualidade desse último aqueduto que tendia a ser desprezado pela população (Richardson, 1992, p. 18; De Kleijn, 2001, p. 19). Semelhantemente aos dois últimos aquedutos, a fonte de captação da *Aqua Iulia* era alta o suficiente para permitir sua distribuição por toda a cidade (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. I. 18. 03-04). No período de Frontino, seu fluxo era distribuído a partir de 17 *castella* para as seguintes regiões administrativas: II (*Caelimontium*), III (*Isis et Serapis*), V (*Esquiliae*), VI (*Alta Semita*), VIII (*Forum Romanum*), X (*Palatium*) e XII (*Piscina Publica*) (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. II. 83. 02).

Frontino abre um parêntese para relatar a situação do riacho intitulado Crabra que, a partir da construção da *Aqua Iulia*, foi deixado intocado para a população de Túsculo. Uma das razões apontadas para isso teria sido a qualidade inferior da água, reprovada (*improvaberat*) por Agripa e o fato de que o riacho abastecia as vilas da região: "com efeito, todo o traçado

desta vila é que, por uma vez distribuída, em dias certos e ordenados, eles recebem" – *namque est quam omnes villae tractus eius per vicem in dies modulosque certos dispensatam accipiunt* (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. I. 09.04). Essa passagem sugere que houve algum tipo de canalização no Crabra para permitir a distribuição controlada da água. Independente do acordo pactuado por Agripa com os tusculanos, as águas do Crabra foram amiúde utilizadas para ampliar o fluxo da *Aqua Iulia*, segundo Frontino, para compensar as extrações não autorizadas no aqueduto. Essa situação foi resolvida somente no Principado de Nerva, quando, por ordem desse Imperador, o Crabra foi restituído integralmente para a população de Túsculo e os "conectores sub-reptícios" removidos. O caso é sintomático do tipo de imperialismo ambiental empreendido pela cidade de Roma sobre as nascentes, riachos e lagos da região do Lácio. Dessa forma, um veio de qualidade inferior é deixado para os habitantes locais e, mesmo assim, é repetidamente depredado para encobrir os desfalques do aqueduto principal que transportava parte dos recursos hídricos de Túsculo para Roma.

Percebe-se uma vigilância constante por parte dos gestores públicos, a fim de coibir as conexões ilegais inseridas nos aquedutos, seja por parte dos proprietários de terra, por onde essas estruturas passavam, seja por meio das ações ilícitas dos *aquarii*, trabalhadores encarregados da manutenção das estruturas que lucravam com esses desvios. Essa tensão era intensificada, sobretudo, nos meses quentes do ano quando o consumo aumentava e o volume diminuía em função da evaporação.

O abastecimento hídrico e saneamento da cidade de Roma eram parte essencial da gestão pública. Entre as incumbências dos Edis, magistrados que cuidavam das facilidades urbanas e da segurança da *urbs*, estava a manutenção e fiscalização dos aquedutos e fontes públicas, de forma a impedir e punir os desvios não autorizados para comércios e residências. Agripa, aparentemente, excedeu as atribuições tradicionais dessa magistratura ao assumir para a *urbs* a contratação de um novo aqueduto, função geralmente reservada aos Censores da República (Tan, 2019, p. 188). Plínio, o Antigo, no Livro XXXVI (121) da *História Natural*, fornece um compilado dos investimentos de Agripa durante o mandato de Edil:

> *lacus DCC fecit, praeterea salientes D, castella CXXX, complura et cultu magnifica, operibus iis signa CCC aerea aut marmorea inposuit, columnas e mármore CCCC, eaque omnia annuo spatio.*

Adicit ipse aedilitatis suae conmemoratione et ludos diebus undesexaginta factos et gratuita praebita balinea CLXX, quae nunc Romae ad infinitum auxere numerum.

Ele construiu 700 fontes, em seguida 500 bicas d'água e 130 reservatórios de distribuição, muitos destes decorados por culto; nessas obras, ele depositou 300 estátuas de bronze ou mármore e 400 colunas de mármore; e tudo isso foi realizado em um único ano. Ele próprio, nas memórias de sua edilidade, acrescenta que, em comemoração, foram realizados jogos com duração de 59 dias, e que todos os 170 estabelecimentos de banho foram abertos ao público gratuitamente, número que, em Roma, agora foi infinitamente aumentado.

O trecho acima sugere melhorias em toda a cadeia de distribuição com a implementação de novos reservatórios (*castella*), fontes (*lacus*) e bicas d'água (*salientes*) para a população. Ao chegar ao limite urbano, a água transportada pelo aqueduto era vertida, diretamente, em um reservatório principal (*castellum*) e, dali, era direcionada para reservatórios secundários de onde era distribuída para a população. Vitrúvio (séc. I AEC), no *Tratado de Arquitetura*, fornece alguns detalhes sobre a capilarização do circuito hidráulico. Cada reservatório principal estava ligado a três tanques emissários: um tanque central e dois localizados nas extremidades (Vitrúvio. *Tratado de Arquitetura*. VIII. 06. 02). O tanque central possuía canalizações que conectavam a outros reservatórios e fontanários. Os banhos públicos recebiam água de um dos tanques das extremidades, enquanto as canalizações das residências privadas eram conectadas ao tanque da extremidade oposta. Evitava-se, a partir dessa distribuição tripartite, o desfalque da água reservada para uso público (Vitrúvio. *Tratado de Arquitetura*. VIII. 06. 02).

Sob a perspectiva técnica e jurídica, tanto o mandato de Agripa como Edil, quanto a instituição do cargo permanente de "comissário das águas" (*curator aquarum*) contribuíram para a reordenação da infraestrutura hidráulica em Roma e sua centralização administrativa. Sobre essa reestruturação, Frontino assinala o seguinte no Livro II:

Primus M. Agrippa post aedilitatem, quam gessit consularis, operum suorum et munerum velut perpetuus curator fuit. Qui iam copia permittente discripsit, quid aquarum publicis operibus, quid lacibus,

quid privatis daretur. Habuit et familiam propriam aquarum, quae tueretur ductus atque castella et lacus. Hanc Augustus hereditate ab eo sibi relictam publicavit. (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma.* II. 98).

Marco Agripa, após sua edilidade, que exerceu depois do consulado, foi o primeiro curador permanente do seu trabalho e do cargo. E ele distribuiu com os recursos permitidos, o que seria destinado às construções públicas de água, às fontes e às casas particulares. Ele também teve sua própria equipe particular de escravos para a manutenção dos aquedutos, reservatórios e fontes. Augusto – por herança de Agripa a recebeu – doou essa equipe ao Estado.

Mais à frente, Frontino acrescenta que essa equipe era formada por 240 indivíduos (II. 116). No que é possível depreender do excerto, Agripa instituiu uma distinção entre três categorias de destinatários dos recursos hídricos: as construções públicas (*opera publica*), os particulares que obtinham o privilégio da concessão de água e as fontes de água (*lacus*). Nesse contexto, foram estabelecidas as bases de um sistema de distribuição que permaneceu vigente durante os próximos dois séculos. Em um recorte posterior, uma parte considerável do volume transportado por cada aqueduto será ainda destinada ao usufruto do Imperador (*nomine Caesar*) e direcionada para as propriedades que o *Princeps* mantinha dentro e fora da cidade de Roma.

Indivíduos abastados poderiam obter a autorização para conectar um tubo ao reservatório (*castellum*) autorizado e, assim, irrigar seus jardins, fontes decorativas, bem como fornecer água para a cozinha, banheiros e latrinas da casa (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. II. 106). O excedente hídrico de propriedades públicas poderia ser concedido a uma *fullonica* (espécie de lavanderia / tinturaria), banhos e outros estabelecimentos do tipo que demandavam grande volume de água, mediante o pagamento de uma taxa (De Kleijn, 2001, p. 82). Por sua vez, a esmagadora maioria da população não recebia água corrente em casa e, portanto, deveria obtê-la a partir de uma fonte pública da vizinhança (De Kleijn, 2001, p. 78).

A reforma em toda malha hidráulica da *urbs* não deixou de fora o sistema de drenagem, fundamental para a conservação da limpeza das ruas e da salubridade pública. Dessa forma, Agripa providenciou também a limpeza das galerias de esgoto da capital. Atribuída ao período dos Tarquínios, a

Cloaca Maxima, ou o "Grande Dreno" foi uma das obras de infraestrutura urbana que mais impressionou os estrangeiros que visitaram a capital, como Dionísio de Halicarnasso e Estrabão (Beard, 2017, p. 118-119). Com robustas paredes de alvenaria, a galeria foi projetada para drenar as águas residuais e os detritos das áreas urbanas para o Rio Tibre. De acordo com Dión Cássio, como parte de seu mandato como Edil, a limpeza da *Cloaca Maxima* foi conduzida às expensas de Agripa que, na ocasião, chegou a inspecionar os canais de barco (Dion Cássio. *História Romana*. XLIX. 43).

Segundo James Tan, Agripa exerceu um mandato incomum de Edil que, no intervalo de um ano, resultou em um legado palpável para a população e que foi celebrado com jogos e festividades (Tan, 2019, p. 188-189). Esse tipo de autopromoção dificilmente se coaduna com a ideia de um Agripa como mero "gerente de projetos" de Otávio, ou do "sério puritano" de Ronald Syme. No excerto citado de Plínio, cabe notar que ele menciona as "memórias da edilidade de Agripa" o que sugere um esforço de propagandear e perpetuar essa imagem de construtor (Plínio. *História Natural*. XXXVI. 121). Frontino, por sua vez, cita brevemente a existência dos *commentarii Agrippae* que teriam sido acessados por Augusto para conhecer o sistema hidráulico da *urbs*, bem como o nome dos particulares que usufruíam da concessão de água (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. II. 99, 03).

A *Aqua Virgo* e a Monumentalização do Campo de Marte

Concluído seu terceiro mandato como Cônsul, no ano 19 AEC, Agripa equipou a cidade com um sexto aqueduto, batizado *Aqua Virgo* e, segundo Dión Cássio, a obra foi empreendida às suas próprias expensas (Dión Cássio. *História Romana*. LIV. 11, 07). A fonte de captação desse aqueduto localizava-se em uma zona pantanosa do *Ager Lucullanus*, próxima ao oitavo marco miliário da Via Colatina, não distante das fontes da *Aqua Appia*. A fim de proteger o manancial da região do pântano, Frontino informa que o perímetro da nascente ganhou um revestimento quase impenetrável de *opus signinum* (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. I. 10, 05).

Ademais, seu volume era ampliado a partir de fontes tributárias. Nas imediações da nascente, o autor também menciona a existência de um pequeno santuário (*aedicula*) que ostentava uma pintura sobre o prodígio que deu origem ao nome Virgo (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. I. 10, 04). Segundo o relato, os soldados que prospectavam fontes de

água na região da Via Collatina se depararam com uma garota virgem que apontou o caminho para mananciais abundantes de água fresca. A presença desse *excursus* no documento, bem como a referência à edícula com a pintura sugerem um esforço, por parte daqueles que planejaram e financiaram a obra, de divulgar uma narrativa prodigiosa a respeito do novo aqueduto, construído com o consentimento divino.

Frontino informa que a *Aqua Virgo* possuía uma extensão 20,88 km (14.105 *passus*) dos quais 19,04 km (12.865 *passus*) corriam em um canal subterrâneo, 0,8 km (540 *passus*) em subestruturas, visíveis em vários trechos e 1,04 km (700 *passus*) sobre arcos (Frontino. *Sobre os Aquedutos da Cidade de Roma*. I. 10, 07). Assim como a *Aqua Appia*, esse aqueduto não apresentava elevação suficiente para distribuir água às regiões mais altas de Roma. No entanto, desempenhou um papel importante no abastecimento de áreas ainda não beneficiadas pelos demais aquedutos.

Ao adentrar a cidade pelo Norte, o *Aqua Virgo* foi o primeiro aqueduto a fornecer água corrente para o Campo de Marte, bem como para a região além do rio Tibre (atual Trastevere) a partir da *Pons Agrippa*. O trajeto definido para esse aqueduto não é despretensioso, visto que está relacionado ao processo de monumentalização urbana empreendido na região do Campo de Marte, no início do Principado. Quase dois terços do abastecimento eram direcionados para essa região e a adutora terminava na *Saepta Iulia*, um recinto destinado às assembleias e ao pleito eleitoral, inaugurado no ano 26 AEC. A partir desse ponto, a água era conduzida por tubulações subterrâneas até as Termas de Agripa, considerado o primeiro complexo termal público de grande porte em Roma.

De acordo com Amanda Claridge, esse edifício se desenvolveu a partir de um *Laconicum*, uma espécie de aposento circular ou poligonal, aquecido de forma seca e associado às práticas atléticas (Claridge, 2010, p. 202.). A partir da disponibilidade de água corrente, com a inauguração da *Aqua Virgo*, os banhos públicos puderam funcionar em sua plenitude. Conforme fora relatado por Plínio em sua *História Natural*, o edifício termal apresentava ornamentação sofisticada e, em sua fachada, estava posicionada a célebre estátua do Apoxyomenos, de Lísipo, uma das obras mais emblemáticas da estatuária helenística, que conhecemos a partir de réplicas (Plínio. *História Natural.* XXXIV. 62; Richardson, 1992, p. 386).

O historiador recorda o trecho de um célebre discurso de Marco Agripa, acerca de seu intento de transformar estátuas famosas e pinturas em bens

públicos, consequentemente, conferindo magnificência aos espaços públicos. Essa postura buscava contrapor a tendência da aristocracia republicana de colecionar esses objetos em suas casas de campo (Plínio. *História Natural*. XXXV, 26; Tortorici, 1990, p. 22). Até mesmo as salas mais aquecidas dispunham de pinturas embutidas nas paredes (Plínio. *História Natural*. XXXV. 36.189). Elementos em terracota eram pintados utilizando a técnica do encausto, enquanto abóbadas e paredes recebiam acabamento decorativo em estuque (Plínio. *História Natural.* XXXV. 36.189). Dión Cássio registra que Agripa garantiu, em testamento, o uso gratuito das termas para o povo romano, doando propriedades que foram destinadas para esse fim (Dion Cássio. *História Romana*. LIII. 27. 01).

As águas residuais da *Aqua Virgo* abasteciam, igualmente, o *Stagnum Agrippae*, uma espécie de lago artificial, anexo às termas e o Euripo, um canal ornamentado que se estendia até o rio Tibre (Richardson, 1992, p. 367). Estrabão menciona, na *Geografia*, que entre o lago e esse canal, havia um parque no qual Agripa instalou a escultura de um leão abatido que era também atribuída a Lísipo (Estrabão. *Geografia*. XIII. 1.19). O arqueólogo italiano Edoardo Tortorici afirma que todas as obras empreendidas nesse setor do Campo de Marte por Agripa, aparentemente, seguiam um projeto coordenado, cuja execução foi dividida em duas etapas e ao longo de uma década. Esse movimento dava sequência ao plano de monumentalização do Campo de Marte, pretendido por César com o projeto da *Saepta Iulia* (Tortorici, 1990, p. 53-55). Por conseguinte, a disponibilidade de um fluxo corrente, em abundância, a partir da inauguração do *Aqua Virgo,* permitiu alçar o projeto a outro patamar, oferecendo à população da *urbs* espaços para fins recreativos e direcionados à realização de espetáculos públicos com água.

Os usos e as percepções variadas desses espaços encontram registro na documentação literária do Principado. Públio Ovídio Naso, na *Arte de Amar*, ao mapear espaços da *urbs* convidativos às práticas do flerte e da sedução, no Livro III, faz uma breve menção ao "Campo" e a "virgem friíssima" (*gelidissima Virgo*), em alusão às águas refrescantes distribuídas pelo aqueduto (Ovídio, *Arte de Amar*, III. 385). Essa região do Campo de Marte é citada, pelo poeta de Sulmona, em associação às atividades com bola, com o dardo e o disco. Uma alusão aos espaços destinados ao condicionamento dos atletas, a exemplo das palestras comumente acopladas aos edifícios termais (Ovídio. *Arte de Amar*. III. 383).

Lúcio Sêneca em uma das *Epístolas a Lucílio*, também faz referência à temperatura das águas do aqueduto, observando que, embora preferisse um banho quente em sua velhice, costumava iniciar o Ano-Novo com um mergulho nas gélidas águas da *Virgo* (*Epístolas*. X. 83. 05). Marco Valério Marcial, em um de seus *Epigramas*, no qual elenca os prazeres da *urbs* dá destaque a mesma região do Campo de Marte

si disponere tempus otiosum
et uerae pariter uacare uitae:
nec nos atria nec domos potentum
[...]
sed gestatio, fabulae, libelli,
campus, porticus, umbra, Virgo, thermae,
haec essent loca semper, hi labores.

Se eu pudesse dispor de meu tempo livre
E a teu lado gozar uma vera vida
Nem os átrios, nem casas de ricos nós
[...]
Mas passeios leves, leituras e causos,
Campo, pórticos, sombra, as termas,Virgem,
Nossos afãs e estes locais sempre sejam
(Marcial. *Epigramas*. V, vv. 20, 03).

Como é possível verificar no excerto, Marcial enaltece todo um conjunto de facilidades públicas com pórticos sombreados e as termas (de Agripa e Nero) disponíveis nessa região do Campo de Marte que era irrigada pelo *Aqua Virgo*. Espaços esses que favoreciam a sociabilidade e o pleno desfrute do *otium* em oposição às maçantes obrigações dos clientes, constrangidos ao rito da *salutatio* nas casas dos patronos e a acompanhá-los nas visitas diuturnas ao fórum.

Considerações finais

Apesar da imagem de recato e resignação, amiúde reproduzida pela historiografia, Agripa trilhou uma trajetória política pouco convencional nos termos do *cursus honorum*. Aceitou um conjunto de honrarias incomuns (como a coroa naval e uma coluna rostral erguida no Fórum Romano), promoveu jogos e investiu em um audacioso programa de reformulação do

Campo de Marte como forma de vincular sua memória política aos edifícios e espaços.

À medida que a população de Roma se aproximava da cifra de um milhão de habitantes, no século I AEC, tornava-se um desafio garantir a distribuição regular de água para os vários distritos da capital. Mantendo uma tradição que o vinculava a figuras do passado republicano como Ápio Cláudio, Mânio Cúrio Dentado e Quinto Márcio, ampliou o volume de água corrente disponível, a partir da inauguração de dois grandes aquedutos: *Aqua Iulia* e *Aqua Virgo* e da regeneração dos aquedutos precedentes.

Vale salientar que isso não resultou em benefício direto para os setores subalternos da população, uma vez que a esmagadora maioria da população não possuía água corrente em casa. Uma parte considerável do volume d'água era destinada às obras públicas como as Termas recém-inauguradas no Campo de Marte, o *Stagnum Agrippae*, o Euripo e outros espaços destinados à realização de espetáculos públicos.

Por fim, Agripa iniciou uma política de investimento em edifícios termais de grande porte, decorados com obras de arte, associados a pórticos sombreados e espaços destinados à sociabilidade da população. Nos séculos subsequentes, complexos termais adicionais foram inaugurados sob o patrocínio de imperadores como Tito, Trajano e Caracala, resultando na necessidade de intervenções e ampliações no sistema hidráulico romano, incluindo a implementação de novas fontes de captação de água.

Documentação escrita

DIO CASSIUS. *Dio's Roman History*. Trans. Earnest Cary. Harvard: Harvard University Press, 1924. (The Loeb Classical Library)

FRONTINO. *Gli acquedotti di Roma e il De aquaeductu di Frontino*: con testo critico, versione e comento di Pietrantonio Pace. Roma: Art Studio S. Eligio, 1983.

FRONTINUS. *The Stratagems*: The Aqueducts of Rome. Translated by Charles E. Bennett. Cambridge: Harvard University Press/London: William Heinemann, 1925. (Loeb Classical Library)

____. *De aquaeductu urbis Romae*. Edited with introduction and commentary by R. H. Rodgers. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. (Cambridge Classical Texts and Commentaries, 42)

MARCIAL. *Epigramas*. v. II. Traduzido por Delfim Ferreira Leão (Livro

IV); Paulo Sérgio Ferreira (Livro V); José Luís Brandão (Livro VI). Lisboa: Edições 70, 2000.

OVÍDIO. *Amores & Arte de Amar*. Tradução, Introdução e Notas de Carlos Ascenso André. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2011.

PLINY. *Natural History.* Trans. H. Rackham. London: William Heinemann, 1967.

SENECA. *Ad Lucilium epistulae morales*. Translated by Richard M. Gummere. Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1920. v. 2 (Epistles 66-92). (Loeb Classical Library)

STRABO. *Geography*. Trad. H. C. Hamilton and W. Falconer. London: George Bell & Sons, 1903.

SUETÔNIO. *Vida do Divino Augusto*. Trad. Matheus Trevizam e Paulo Sérgio Vasconcellos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

VITRÚVIO. *Tratado de Arquitetura*. Tradução, introdução e notas de M. Justino Maciel. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

Referências bibliográficas

ANGELAKIS, Andreas N.; DE FEO, Giovanni; LAUREANO, Pietro; ZOUROU, Anastasia. Minoan and Etruscan Hydro-Technologies. *Water*, Basel, v. 05, pp. 972-987, 2013.

BEARD, Mary. *SPQR:* uma história da Roma Antiga. São Paulo: Planeta, 2017.

CLARIDGE, Amanda. *Rome:* An Oxford Archaeological Guide. Oxford: Oxford University Press, 2010.

DE KLEIJN, Gerda. *The Water Supply of Ancient Rome*: City Area, Water, and Population. Amsterdam: J. C. Gieben, 2001.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino português*. Rio de Janeiro: Gomes de Souza, 1962.

FRASCHETTI, Augusto. *Augusto*. Bari: Laterza, 2013.

PEIXOTO, Raul Vitor Rodrigues. *As obras de Polieno e Frontino:* proposta de uma tipologia dos manuais militares romanos no Principado. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

RICHARDSON, Lawrence A. *New Topographical Dictionary of Ancient Rome.* London: Johns Hopkins University Press, 1992.

SÁNCHEZ SALOR, Eustaquio. El género historiográfico de los *Commentarii*. Los *Commentarii* de César. In: MORENO HERNÁNDEZ, Antonio (coord.). *Julio César:* textos, contextos y recepción. De la Roma Clásica al mundo actual. Madrid: UNED, 2010, p. 19-26.

SOUTHERN, Patricia. *Augustus*. 2. ed. London: Routledge, 2014.

SYME, Ronald. *The Roman Revolution*. Oxford: Oxford University Press, 1939.

TAN, James. 'How Do You Solve a Problem Like Marcus Agrippa?'. In: MORRELL, Kit; OSGOOD, Josiah; WELCH, Kathryn (eds.) *The Alternative Augustan Age*. New York: Oxford University Press, 2019, p. 282-304.

TORTORICI, Edoardo. L'attività edilizia di Agrippa a Roma. In: CERESA-GASTALDO, Aldo. *Il bimillenario di Agrippa*. Genova: Pubblicazioni Del Dipartimento di Archeologia, Filologia Classica e loro Tradizioni, Università di Genova, 1990.

ASPECTOS PRÁTICOS E SIMBÓLICOS DO USO DA ÁGUA EM ANTIOQUIA: O BANHO "E" E SUA DECORAÇÃO MUSIVA[1]

Gilvan Ventura da Silva[2]

Resumo: *Na Antiguidade, assim como hoje, a água era um recurso altamente valorizado, sendo capaz, inclusive, de determinar a geografia dos assentamentos humanos, dos menores aos mais complexos, como as cidades. Sob o Império Romano, o uso da água pela população citadina se torna mais regular e abundante devido à construção dos aquedutos, estruturas monumentais que abasteciam as fontes públicas, as termas e banhos. À luz dessas considerações, pretendemos, neste artigo, examinar os aspectos práticos e simbólicos que envolviam o uso da água em Antioquia, tendo como estudo de caso o Banho "E", situado a norte do hipódromo, na ilha formada pelo Orontes, cuja Sala Social Principal era decorada com diversos painéis musivos representando seres mitológicos que habitavam as fontes, rios e mares, em particular nereidas e tritões, o que, supomos, reforçava a simbologia da água como uma relevante matéria-prima para a experiência sensorial desfrutada pelos banhistas em seus momentos de lazer.*

Palavras-chave: *Antiguidade Tardia; Antioquia; Banhos; Água; Mosaicos.*

PRACTICAL AND SYMBOLIC ASPECTS OF WATER USE IN ANTIOCH: THE BATH "E" AND ITS MOSAIC DECORATION

Abstract: *In Antiquity, as today, water was a highly esteemed resource, being able of determining the geography of the human settlements, from the smallest to the biggest ones, as for example the towns. In the Roman*

[1] Recebido em 11/07/2025 e aprovado em 10/08/2025.

[2] Professor titular de História Antiga da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP), bolsista produtividade 1-C do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir). Atualmente, executa o projeto "Os desafios da gestão pública na cidade pós-clássica: as transformações na governança de Antioquia (354-397 d.C.)".
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4868-6596. E-mail: gil-ventura@uol.com.br

Empire, the water usage by the urban population became more regular and abundant due to the building of aqueducts, monumental structures which supplied water to the public fountains and baths. In the light of such remarks, we intend, in this article, to examine the practical and symbolical aspects involved in the water usage at Antioch. In this regard, our case-study is the so-called Bath "E", built near the circus, on the island formed by the Orontes, whose Main Social Hall was decorated by some mosaics depicting mythological beings who dwelled springs, rivers and seas, namely nereids and tritons. In our opinion, such motifs reinforced the water symbolism as a relevant element of the sensorial experience of the bathers.

Keywords*: Late Antiquity; Antioch; Baths; Water; Mosaics.*

Nestes tempos de superaquecimento global e de alterações climáticas extremas que assolam os quatro cantos do planeta, uma das preocupações que têm dominado a agenda de governos, empresas e organizações da sociedade civil diz respeito à preservação dos rios, fontes, lagoas, nascentes, lençóis freáticos e oceanos, que a cada ano parecem diminuir sua capacidade hídrica, em associação com o aumento das temperaturas, a queda dos níveis de pluviosidade e o consequente ressecamento do clima, o que vem provocando mudanças perceptíveis na paisagem. Nesse sentido, em 2023, os pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) detectaram pela primeira vez, na fronteira entre Bahia e Pernambuco, a existência do clima árido no Brasil, numa região de cerca de 5.590 km², o equivalente a quatro vezes o tamanho da cidade de São Paulo (Faddul, 2024). A conclusão parece assinalar, não apenas em território brasileiro, mas também alhures, uma inevitável crise hídrica, cujo potencial impacto sobre a vida humana tem levado as autoridades nacionais e internacionais a envidar esforços no sentido de garantir o uso mais racional da água, o que, sem dúvida, depende do investimento em técnicas mais eficientes de captação, conservação e distribuição de um insumo indispensável, mas também – e tão importante quanto – do aumento da consciência das populações acerca da finitude dos recursos hídricos, o que requer, por um lado, um amplo debate sobre o assunto e, por outro, a implementação de políticas voltadas para a educação ambiental. De fato, sem água, simplesmente não há vida vegetal ou animal, sem mencionar as outras inúmeras utilidades do elemento, inclusive como um eficiente meio de transporte, realidade há muito perceptível, uma vez que, na Antiguidade, a provisão abundante de água sempre foi uma condição altamente valori-

zada, não sendo por acaso que a fundação de cidades, desde o alvorecer da civilização, acompanhou, na maioria das vezes, os cursos fluviais, como vemos, de início, na Mesopotâmia e no Egito, e, mais tarde, nas *póleis*, *civitates*, *coloniae* e *municipia* do período greco-romano.

Na elaboração dos panegíricos dedicados à exaltação das cidades, gênero literário bastante apreciado em Grécia e Roma, era praxe reservar-se uma seção para tratar dos recursos naturais da região na qual a *pólis* ou a *civitas* se encontrava assentada, incluindo os mananciais de água potável, como vemos no caso do *Antiochikos*, um discurso em louvor a Antioquia, a *metropolis* da Síria-*Coele*, pronunciado por Libânio durante os Jogos Olímpicos de 356, no qual o autor enaltece as fontes de Dafne, um distrito situado a cerca de 8km da cidade, no sentido sul, que portava o nome de uma das mais célebres ninfas da mitologia grega[3]. Segundo o sofista (*Or.* XI, 242-243), das fontes da região brotavam águas frescas e cristalinas que, além de saciarem a sede, traziam refrigério a quem nelas se banhasse[4], de maneira que os habitantes de Antioquia tinham à sua disposição um inesgotável reservatório aquático responsável por abastecer a cidade por meio de uma rede de dutos e canais elevados, decerto uma alusão aos aquedutos, monumentos de engenharia que se convertem, ao longo da era imperial, num dos principais marcadores da paisagem citadina. Construídos para transportar a água de regiões distantes até os centros urbanos, os aquedutos revelam o empenho das autoridades imperiais e municipais no sentido de facilitar o acesso das coletividades às reservas hídricas[5], já que atendiam, em primeiro lugar, à população em geral

[3] A ninfa Dafne era filha de Peneu, o deus-rio da Tessália, e sacerdotisa de Geia. Apolo por ela teria se apaixonado, a ponto de impor-lhe uma frenética perseguição. No momento em que o deus estava por capturá-la, Dafne teria rogado auxílio a Zeus (ou a Peneu), que a metamorfoseou em loureiro, árvore de onde Apolo retirou as folhas para confeccionar sua coroa (Schmidt, 2020, p. 81). A narrativa que une o destino de Dafne à fundação de Antioquia nos é transmitida por Libânio (*Or.* XI, 94-96): Seleuco, numa cavalgada habitual, teria encontrado, nos arredores da cidade, um dos dardos perdidos por Apolo no episódio da metamorfose de Dafne, o que o levou a construir, no local, um santuário em honra ao deus, de quem era devoto.

[4] As fontes de Dafne eram decerto indispensáveis para o abastecimento hídrico de Antioquia, mas não eram as únicas. Prospecções arqueológicas mais recentes demonstraram a importância da aldeia de Kuruyer, na face oriental do Monte Estaurino, como um importante manancial alternativo (Pamir, 2012, p. 265).

[5] Sob o Império Romano, a construção de aquedutos era uma operação complexa e onerosa, pois incluía a intervenção em determinado curso de água, a preparação do

e aos usuários dos edifícios públicos, e não às residências privadas (Ellis, 1997, p. 147)[6]. Embora não possamos determinar com exatidão todos os beneficiários dos aquedutos, sabemos que estes abasteciam os *nymphea*, as fontes públicas, que adquirem, no decorrer da era imperial, um caráter cada vez mais imponente, de modo a celebrar tanto a glória do patrono da construção quanto a da própria cidade[7]. Além dos *nymphea*, a água transportada pelos aquedutos era consumida também nos banhos (*balnae*) e termas (*thermae*)[8],

terreno, a instalação de uma rede de tubulações, que, em boa parte, era subterrânea, o erguimento da arcada e, por fim, a manutenção regular, caso contrário a estrutura logo se tornaria imprestável, motivo pelo qual, não raro, envolvia diversos agentes (Zytka, 2020, p. 21). Os conselhos municipais (*curiae*, *boulai*) poderiam deter a iniciativa de construir um aqueduto, mas, sem o apoio financeiro e técnico das autoridades romanas, dificilmente a obra chegaria a bom termo. Além disso, devido ao volumoso aporte financeiro, que poderia acarretar o colapso do tesouro municipal, a construção de um aqueduto dependia da autorização de Roma, o que, ao fim e ao cabo, garantia o controle da exploração dos recursos hídricos pela casa imperial (Ellis, 1997, p. 146).

[6] No período helenístico e, mais ainda, sob o Império, os aquedutos de Antioquia, cuja origem eram as fontes localizadas nos arredores da cidade, desempenharam um papel de destaque no abastecimento urbano. No entanto, quando se trata de avaliar a maneira como os habitantes faziam uso dos recursos hídricos disponíveis, não podemos ignorar o aproveitamento da água da chuva. Mesmo na atualidade, o índice de pluviosidade da região é de 1097,8 mm anuais, superior, por exemplo, ao de Istambul, que é de 728 mm. Por essa razão, a coleta e a conservação da água da chuva em cisternas e poços constituíram, sem dúvida, um importante reservatório, em especial nas residências privadas que, supomos, não fossem a clientela preferencial dos aquedutos (Pamir; Yamaç, 2011, p. 188).

[7] Ao longo do Principado, observamos a monumentalização progressiva dos *nymphea*, amiúde erguidos em pontos focais da paisagem urbana, como no cruzamento da Avenida das Colunatas, em Antioquia. Nesse processo, a fachada plana ou em formato de sigma – padrão mais comum no Oriente Próximo – tende a se tornar cada vez mais sofisticada, comportando nichos onde são instaladas estátuas de divindades, heróis, potências aquáticas, animais marinhos, imperadores ou mesmo evergetas locais. O jorro d'água, que se precipita, como uma cascata, num tonel, para além da sua evidente utilidade, é assimilado como mais um elemento de decoração. Na Antiguidade Tardia, os *nymphea* tendem a assumir formatos diversos, em virtude do reuso do material extraído de outros monumentos (Jacobs, 2013, p. 206).

[8] Na época imperial, as construções destinadas ao banho coletivo se repartiam, *grosso modo*, em duas categorias: os *balnae*, edifícios mais modestos pertencentes a um ou mais indivíduos, que exploravam, em caráter privado, o negócio, embora pudessem existir *balnae* mantidos pelas autoridades municipais ou mesmo por evergetas que, em busca de reconhecimento público, ofertavam o serviço aos seus concidadãos

formas arquitetônicas características da vida urbana sob o Império, e isso mesmo na época tardia, pois, ao contrário do que poderíamos supor, o hábito do banho coletivo, que dava ensejo ao desnudamento dos corpos, não foi, em absoluto, abandonado no decorrer do processo de cristianização[9], permanecendo ativo para além do século IV, embora tenha diminuído sensivelmente o investimento em novas estruturas, priorizando-se o reparo daquelas já existentes (Zytka, 2020, p. 62). Seja como for, os banhos sempre foram, ao lado dos *ludi circenses* e das *venationes*, uma das principais modalidades de lazer dos homens e mulheres da Antiguidade, além de representarem, em termos arquitetônicos, um motivo de orgulho para os citadinos, razão pela qual uma das punições mais severas que os imperadores poderiam adotar contra a rebeldia dos súditos era vetar o acesso da população aos banhos públicos, como vemos, em Antioquia, em 387, por ocasião do Levante das Estátuas (Schoolman, 2017, p. 234)[10].

Em Antioquia, os banhos existiam desde a época dos soberanos helenísticos, pois sabemos, pela narrativa de Políbio (XVI, 1, 12-13), que Antíoco IV Epifânio era um dos seus frequentadores.

---

sem exigir contrapartida; e as *thermae*, as grandes estruturas subvencionadas com recursos públicos, como as Termas de Caracala, em Roma, e as Termas de Zeuxipo, em Constantinopla, situadas, quase sempre, em uma extensa área e contando com aposentos amplos e variados. Por esse motivo, a quantidade de termas sempre foi menor em comparação aos banhos. Sobre a distinção entre ambos, consultar Yegül, 1992, p. 43 *et seq*.

[9] Afora as críticas dos autores cristãos, a inexistência de qualquer fórmula canônica que condenasse os banhos se explica, decerto, pelo fato de que a própria Igreja poderia explorar esse ramo de atividade, ao passo que não era incomum que bispos mantivessem, na residência episcopal, banhos privados, igualmente frequentados por demais membros do clero (Rapp, 2005, p. 210). A oposição cristã mais sistemática aos banhos restringiu-se ao ideal ascético da *alousia*, a recusa à higiene corporal, que se difunde nos séculos IV e V. Cumpre observar, no entanto, que a *alousia* não era uma prática observada por toda a congregação, mas apenas pelos sacerdotes, monges e eremitas, para quem a graça consistia na rejeição a qualquer cuidado corporal (Yegül, 1992, p. 314 *et seq*.).

[10] João Crisóstomo, testemunha ocular do Levante das Estátuas, pronunciou uma série de homilias nas quais trata, com mais ou menos detalhes, dos acontecimentos de 387. Na *Homilia* 17 (9), refere-se aos locais de entretenimento interditados por Teodósio com o propósito de punir a população pelo seu mau comportamento: o teatro, o hipódromo e os banhos. Na opinião do pregador, a atitude do soberano, embora severa, visava, no fim das contas, ao benefício dos antioquenos, pois a proibição teria o mérito de corrigir aqueles que viviam uma vida "frívola, dissoluta e afeminada".

No entanto, é a partir do Principado que eles se multiplicam, como nos informa João Malalas, em sua *Crônica*, uma obra do século VI na qual o autor, um nativo da cidade, registra a existência de mais de uma dezena de banhos públicos cuja construção atribui aos imperadores ou a seus representantes. Diocleciano, por exemplo, teria sido o responsável por erguer cinco banhos na cidade, um deles de grandes proporções, o assim denominado *Diocletianum*, situado na ilha do Orontes, nas imediações do hipódromo (Malalas, *Chron.* 12, 307-308)[11]. Libânio (*Or.* XI, 245), por sua vez, no elogio que faz a Antioquia, não deixa de registrar a profusão de banhos existentes em sua época, declarando que "qualquer bairro da cidade se vangloria de construções privadas de banhos, que são demasiado numerosas para se poder contá-las"[12]. Para além das informações transmitidas pelas fontes textuais, o Comitê de Escavações de Antioquia e Arredores, liderado pela Universidade de Princeton, trouxe à luz, entre 1932 e 1934, seis banhos de diferentes proporções, cinco deles localizados na ilha do Orontes (Banhos "A", "B", "C", "D" e "E") e outro, o Banho "F", nas imediações da Avenida das Colunatas, não muito distante da Porta do Oriente, na rota para Bereia (Yegül, 2001, p. 147).

Com exceção do Banho "B", anterior ao século III, todos os demais se situam entre 300 e 400, o que valida o argumento segundo o qual, na Antiguidade Tardia, o hábito do banho coletivo permaneceu inalterado,

[11] Além de Diocleciano, outros imperadores, como Tibério, Domiciano, Trajano, Adriano, Cômodo, Septímio Severo e Valente têm seus nomes associados, por Malalas, a banhos construídos em Antioquia, embora não devamos supor que todos esses edifícios tenham sido erguidos com recursos imperiais, havendo a possibilidade de que, em alguns casos, os custos da obra tenham sido assumidos pela *curia* ou mesmo por um evergeta privado que, em sinal de lealdade, os dedicou ao Augusto então reinante (Habibova, 2023, p. 54). Por outro lado, importa registrar que os banhos mencionados por Malalas seriam apenas os mais conhecidos ou imponentes. Tomando por base Roma e Constantinopla que, na época tardia, contavam com 856 e 153 *balnea*, respectivamente, é mais que provável que o número de banhos em Antioquia fosse, nos séculos IV e V, muito superior àqueles registrados na *Crônica* ou mesmo trazidos à luz pelos arqueólogos, suposição corroborada por Libânio (*Or.* XI, 245).

[12] Além do *Antiochikos*, Libânio se refere aos banhos em diversas passagens de seu volumoso epistolário, empregando vocábulos como *loutron* e *balaneion* para definir lugares aprazíveis, nos quais os visitantes não apenas cuidavam da higiene pessoal, mas também se engajavam em conversas amáveis e assistiam a recitais de poesia (Pellizzari, 2012, p. 70).

conforme mencionamos. Em Antioquia, os banhos eram estruturas que se beneficiavam de uma eficiente rede de aquedutos cuja construção remontava ao governo de Júlio César[13], assinalando um uso eficiente das fontes e mananciais, de maneira que a água, então abundante, viabilizava a existência desses importantes locais para o exercício das sociabilidades urbanas, como eram os banhos e termas, que não raro dispunham de uma decoração sofisticada, incluindo revestimentos de mármore e extensos mosaicos cujos temas, em diversas ocasiões, aludiam ao meio aquático, reforçando assim a concepção de que, ao ingressar nos banhos, o usuário era transportado para um ambiente marcado por todo o simbolismo que cercava as fontes, mares, rios e oceanos, povoados por divindades e demais seres mitológicos. Em face dessas considerações, pretendemos, neste artigo, examinar os aspectos práticos e simbólicos que envolviam o uso da água em Antioquia, tendo como estudo de caso o Banho "E" (Figura 1), situado a norte do hipódromo, na ilha formada pelo Orontes, cuja Sala Social Principal (Figura 2) é decorada com diversos painéis musivos representando criaturas que habitavam o meio aquático, em particular nereidas e tritões, o que, supomos, ratificava a simbologia da água como uma relevante matéria-prima para a experiência sensorial desfrutada pelos banhistas em seus momentos de lazer. Antes, porém, de prosseguirmos nessa direção, convém dizer algumas

[13] Embora tenhamos conhecimento da existência, em Antioquia, de um ou mais aquedutos já na época helenística, como menciona Libânio (*Or.* XI, 125), é inegável a contribuição dos romanos para a expansão do sistema de abastecimento hídrico da cidade, que, na época imperial, chegou a contar com cinco aquedutos, a começar pelo Aqueduto E, o mais antigo, construído por Júlio César. Com cerca de 3,5 km de extensão, o Aqueduto E supria, muito provavelmente, o distrito de Epifânia, situado no Monte Estaurino. Em seguida, sob Tibério e Calígula, é erguido o Aqueduto A, com cerca de 11 km, que, servido pela água da fonte Saramanna e, mais tarde, da fonte Castália, em Dafne, abastecia a zona central de Antioquia. Sob Trajano e Adriano, temos a construção do Aqueduto B, o mais extenso (15,3 km). Partindo da fonte Castália, o Aqueduto B desaguava a norte da cidade, no sopé do Monte Estaurino. O Aqueduto C, por sua vez, começou a ser construído, ao que parece, no decorrer do século I, atingindo uma extensão de 9,3 km. Seu ponto de origem era a aldeia de Dursunlu, prosseguindo na direção do Monte Estaurino, mas a obra permaneceu inacabada. Após uma longa interrupção, os trabalhos foram retomados por volta de 300, quando o trecho inicial, de aproximadamente 3 km, foi reativado pelos construtores do Aqueduto D, com o qual o Aqueduto C passa a se conectar. O Aqueduto D remontava à época de Diocleciano e media 5,4 km. A obra decerto atendia ao desejo do soberano em facilitar a distribuição de água para a ilha do Orontes, onde se situava o palácio imperial recém-inaugurado (Döring, 2024).

palavras a respeito do banho coletivo, que tanto interesse despertava entre os antigos, sobretudo na época imperial.

Sob o Império Romano, é possível que, com exceção dos templos, os banhos fossem a estrutura arquitetônica mais comum nas cidades e aldeias, o que constitui uma notável evidência do quanto o banho coletivo era um costume arraigado na população, de maneira que a frequência aos estabelecimentos especializados em ofertar esse serviço, isto é, os *balnae* e *thermae*, fazia parte do cotidiano de praticamente todas as categorias sociais, sem excluir nem mesmo os escravos, que, em determinadas circunstâncias, como no caso dos *servi* imperiais, eram autorizados a desfrutar de uma opção de lazer bastante apreciada e acessível mesmo aos mais pobres, pois o valor do ingresso, em geral, era irrisório, além de existirem banhos que admitiam entrada franca (Fagan, 2002, p. 206; Yegül, 1992, p. 2). Com exceção das residências da elite, que contavam com banheiros e latrinas próprios, a maioria das habitações romanas não dispunha de um recinto reservado à higiene pessoal (Yegül, 2010, p. 9), de maneira que o comparecimento aos banhos públicos, ou seja, àqueles que serviam à população como um todo, independentemente do fato de serem geridos, em caráter privado, por um proprietário que auferia lucro com a atividade ou pelas autoridades municipais e imperiais representava uma alternativa de lazer bastante atraente. Para tanto, concorria o fato de que os banhos eram amiúde recintos decorados com certa sofisticação, nos quais os usuários, além de poderem usufruir das propriedades lúdicas e terapêuticas da água, tinham a oportunidade de manter relações estreitas e solidárias com os demais, motivo pelo qual os banhos, na Antiguidade, eram locais propícios ao debate dos mais variados assuntos, ao fechamento de acordos e negócios, à compra e venda de produtos, à realização de performances artísticas e, não menos importante, ao flerte e à sedução.

Os banhos podem ser considerados locais absolutamente inclusivos, congregando livres e escravos, ricos e pobres, jovens e idosos e, não sem alguma surpresa, homens e mulheres. A despeito de todas as restrições impostas à nudez por determinados setores da elite greco-romana e pelos polemistas cristãos, não constatamos, na literatura jurídica, a existência de nenhuma lei proibindo que as mulheres dividissem o espaço dos banhos com os homens. Em algumas circunstâncias, os edifícios poderiam contar com duas entradas, uma para cada sexo, mas sem que houvesse instalações hidráulicas distintas. De modo mais frequente, a separação assumia um ca-

ráter temporal, reservando-se o turno da manhã para o banho das mulheres e o da tarde para os homens (Yegül, 1992, p. 33). No entanto, o hábito do banho na Antiguidade, é bom frisar, não comportava qualquer segregação formal. Isso não equivale a supor que a ida aos banhos fosse uma atividade "democrática", traduzindo certo nivelamento social, pois, como argumenta Fagan (2002, p. 215), os banhos eram frequentados por membros da elite, não para socializar com os mais pobres, mas para exibir sua riqueza, razão pela qual, a despeito de se encontrarem reunidos num espaço comum para o exercício de uma atividade comum, os usuários conservavam seus respectivos papéis sociais, conforme as normas hierárquicas então vigentes[14].

Muito embora o hábito do banho coletivo fosse cultivado pelos gregos, como comprovam os *balaneia*, edifícios que se difundem por toda a Magna Grécia, os banhos romanos, surgidos em fins do século III a.C., talvez devido a influxos culturais provenientes da Campânia, exibiam algumas características próprias, das quais as mais importantes eram a gradação de calor de um aposento a outro, como exprimem os vocábulos *frigidarium*, *tepidarium* e *caldarium*, empregados para identificar as diversas salas percorridas pelos usuários durante sua permanência no local, e a imersão de vários banhistas em uma mesma piscina (*solium* ou *alveus*), procedimento oposto àquilo que ocorria nos *balaneia*, nos quais prevalecia a banheira individual (Fagan, 2001). Ao longo do tempo, o edifício se torna mais complexo, passando a contar, além do *apodyterium*, local de depósito de roupas e pertences, com uma área a céu aberto (*palaestra*) reservada para exercícios físicos preliminares; um cômodo, denominado *destrictarium*, no qual se removiam os detritos de areia e óleo acumulados durante o uso da *palaestra*; uma sala a vapor (*sudatorium* ou *laconicum*), o equivalente à nossa sauna atual; um ou mais recintos de jogos (*sphaeristeria*); e, com menos frequência, piscinas sem cobertura (*natationes* ou *piscinae*) (Yegül, 2010, p. 14 *et seq.*). No aquecimento da água e das salas, a principal técnica empregada era a do hipocausto

[14] Embora o comparecimento da elite aos banhos públicos seja um acontecimento bem atestado nas nossas fontes, é necessário relativizar a afirmação de Yegül (1992, p. 32) segundo a qual "muitos imperadores romanos frequentavam as termas e gozavam do banho na companhia dos súditos". Como salienta Fagan (2002, p. 192), não é fato que os soberanos se banhassem regularmente em público, o que pode ter acontecido em uma ou outra ocasião, com o propósito de angariar a boa vontade da população. Tudo leva a crer que a possibilidade de um imperador visitar os banhos públicos fosse maior apenas quando do seu deslocamento pelas províncias.

(*suspensoria*), uma fornalha abastecida com lenha ou carvão instalada sob o pavimento, que era sustentado por colunas de pedra ou argila. Mediante orifícios abertos nas paredes, o vapor circulava do hipocausto para o *caldarium* e o *tepidarium* (Habibova, 2023, p. 54). Já o calor do *sudatorium*, ao que parece, provinha de um braseiro ou de pedras incandescentes instaladas numa cavidade central do solo (Yegül, 1992, p. 91 *et seq.*).

Como mencionamos, a visita aos banhos era uma prática que, sob o Império, fazia parte da rotina de gregos e romanos, a despeito da condição social do usuário, já anunciada logo na chegada ao edifício. Um indivíduo abastado se encontraria decerto acompanhado por um ou mais escravos a portar toda a parafernália envolvida na atividade: os trajes esportivos e de banho do amo, sandálias, toalhas e uma arca de metal (*cista*), na qual eram acondicionados frascos de óleo, unguentos e perfumes, esponja e a *strigilis*, um raspador de ponta curva empregado para limpar a pele. Uma pessoa de categoria inferior, por sua vez, carregaria ela mesma seu equipamento (Yegül, 2010, p. 12-14). Antes do banho propriamente dito, os visitantes costumavam realizar alguns exercícios de aquecimento na *palaestra* ou mesmo no interior do edifício. Em seguida, despiam-se no *apodyterium*, cuja mobília deveria consistir de cabines ou baús de madeira destinados à acomodação dos pertences individuais. Outra solução adotada com o mesmo propósito eram prateleiras ou nichos escavados na parede (Yegül, 1992, p. 34). Uma vez iniciado o circuito das piscinas, passava-se do *tepidarium* ao *caldarium* e, daí, ao *frigidarium*. Antes, poder-se-ia permanecer algum tempo no *sudatorium*. Essa era a sequência convencional, mas o usuário tinha a opção de banhar-se conforme julgasse melhor, não havendo qualquer impedimento para omissões ou repetições entre uma sala e outra. Por fim, antes de deixar o recinto, o banhista aplicava – ou fazia aplicar – sobre a pele óleo, unguento e perfumes. Ainda que cada um seguisse seu próprio ritmo, a operação completa deveria consumir várias horas, o que tornava quase inevitável a conversão do banho num evento social, como reconhece Fagan (2002, p. 10).

Assim como o calor, a água era um componente indispensável dos banhos, que poderiam consumir volumes maiores ou menores do elemento segundo as dimensões do edifício e a disponibilidade de recursos hídricos do local em que se encontrava situado. Banhos menores e aqueles erguidos em regiões mais secas poderiam funcionar com uma quantidade restrita de água, que, armazenada em cisternas, poços e reservatórios, seria transpor-

tada por canos, baldes ou barris. Essa deve ter sido a forma mais comum encontrada para abastecer os banhos instalados fora do perímetro urbano, em subúrbios ou aldeias (Yegül, 1992, p. 3). Já no caso das *thermae* e, muito provavelmente, de alguns *balnae* urbanos, nos quais a exibição de um volume maior de água recolhida em piscinas e precipitada em cascatas era um componente importante da decoração, o aprovisionamento por meio de aquedutos fazia-se indispensável, não sendo por acaso que o investimento em tecnologia hidráulica verificado sob o Principado foi diretamente proporcional ao crescimento do número de banhos, ao menos nas cidades de médio e grande porte, nas quais o suprimento hídrico estável garantia não apenas a existência de piscinas coletivas, mas também a fluidez da água corrente, que era drenada através de ralos, solução bastante prática do ponto de vista higiênico (Zytka, 2020, p. 21-22).

Muito embora os banhos públicos fossem um símbolo da opulência urbana, atraindo os usuários não apenas devido ao serviço lúdico e terapêutico que prestavam, mas também ao próprio *design* do local, capaz de proporcionar aos visitantes uma inegável sensação de bem-estar, conforme argumenta Yegül (1992, p. 31), não devemos, de modo algum, idealizá-los, pois, em muitos casos, sua manutenção não era das mais satisfatórias, o que comprometia, de modo inevitável, a qualidade da água. A bem da verdade, segundo Fagan (2002, p. 181), malgrado todos os cuidados que se pudesse ter, o costume romano de imersão em piscinas coletivas era, por si mesmo, insalubre, pois não havia qualquer triagem entre indivíduos saudáveis e enfermos, que compartilhariam as mesmas instalações sem restrição. Além disso, não temos ideia a respeito de quantas vezes a água era trocada. Embora muitos banhos dispusessem de um sistema de água corrente, que transbordava sobre o pavimento, ignoramos se o fluxo seria rápido o suficiente para impedir a proliferação de microrganismos. Esses inconvenientes, acrescidos da presença, em algumas salas, de odor e fumaça provenientes da fornalha, decerto contribuíam para tornar o recinto dos banhos um tanto ou quanto insalubre. A despeito dos eventuais incômodos, não resta dúvida que o banho coletivo foi um hábito apreciado por todo o Império, como é possível constatar em Antioquia, com destaque para a época tardia, quando observamos algumas inovações arquitetônicas nos banhos construídos nas províncias orientais.

Segundo Yegül (2003, p. 60), Antioquia constitui um influente paradigma para compreender as transformações ocorridas no padrão arquitetônico

dos banhos e termas das regiões adjacentes, e isso por dois motivos. Em primeiro lugar, nenhum dos banhos escavados pelo Comitê liderado pela Universidade de Princeton contava com a *palaestra*, o pátio a céu aberto destinado aos exercícios físicos que precediam a imersão nas piscinas, característica igualmente verificada em outros banhos da Síria e demais províncias do Oriente antes mesmo do século IV, o que talvez seja o resultado da pouca capilaridade, nos territórios orientais, do ginásio, uma instituição grega que se prolonga pelos períodos helenístico e romano (Yegül, 1992, p. 326). Em segundo lugar, é possível constatar, nos banhos de Antioquia, uma tendência compartilhada com outras localidades vizinhas: a de se reduzir o tamanho do *frigidarium* ou de convertê-lo num amplo aposento contendo piscinas de água fria que funcionava, ao mesmo tempo, como *apodyterium* e como um espaço de sociabilidade (Yegül, 2003, p. 59). Em alguns casos, o *frigidarium* reduzido era contíguo a um recinto polivalente, de amplas dimensões, que constituía o ponto focal do edifício, como vemos no caso do Banho "E" (Figura 1), no qual se destaca, ao centro, um recinto denominado Sala Social Principal.

A construção do Banho "E", edifício situado, como dissemos, na Ilha do Orontes, nas cercanias do hipódromo, teria ocorrido entre 305 e 350 (Yegül, 2001, p. 150; Campbell, 1988, p. 11), após Diocleciano ter aí instalado o seu palácio imperial, obra executada por volta de 298 (Downey, 1961, p. 318). Por esse motivo, na opinião de Habibova (2023, p. 21), não seria implausível que o Banho "E" fosse um dos cinco edificados por Diocleciano na cidade, pois sabemos, por Malalas (XII, 307), que o imperador fez construir, próximo ao hipódromo, um complexo de banhos públicos que denominou *Diocletianum*. Todavia, a associação do *Diocletianum* com o Banho "E" não nos parece viável, uma vez que, como o próprio nome indica, o edifício em questão poderia ser definido como *thermae*, ou seja, como uma estrutura de amplas dimensões, a exemplo do Banho "C", o único que se enquadra na categoria de termas imperiais (Yegül, 2010, p. 189). O Banho "E", por sua vez, é um dos menores trazidos à luz pelos arqueólogos, apresentando uma divisão de aposentos na qual a Sala Social Principal, além de favorecer a conexão entre o *frigidarium* e o *caldarium*, funcionaria como um espaço de convívio e entretenimento (Yegül, 2001, p. 150). Na avaliação de Morey (1936, p. 644), em virtude da sua estrutura compacta, tratar-se-ia talvez de um banho de inverno, modalidade arquitetônica própria da Antiguidade Tardia da qual temos diversos

exemplos tanto nos territórios orientais (Osroene, Síria) quanto nos ocidentais (Península Itálica, Sardenha, África do Norte). Caracterizados por uma redução do número de aberturas que davam acesso ao exterior e por ocuparem locais protegidos dos ventos (Saliou, 2004, p. 294), os banhos de inverno são atestados, em Antioquia, por meio de diversos testemunhos literários, a exemplo do *Antiochikos* (*Or.* XI, 220). Malgrado suas dimensões modestas, o Banho "E" exibia todos os requisitos de uma construção do gênero, a saber: *frigidarium*, *caldarium*, *tepidarium*, *destrictarium* e *apodyterium*, com exceção da *palaestra* que, conforme mencionamos, era um recinto pouco comum nos banhos orientais. Além disso, o Banho "E", como de praxe, contava com uma decoração até certo ponto luxuosa, como comprova a quantidade de mosaicos de pavimento com motivos figurativos e geométricos aí descobertos (Schoolman, 2017, p. 248). Destes, os mais sofisticados encontravam-se na Sala Social Principal, que abrigava um extenso painel central no qual figurava Gê, a Terra, acompanhada de *karpoi* (*putti*, símbolos dos frutos da estação) e de Aroura (a terra arável), bem como painéis menores contendo o busto dos rios Eurotas e Lacedemônia, além de divindades aquáticas, como vemos nas figuras 3 e 4, que retratam *thiasoi* marinhos nos quais tritões carregam, em seu dorso, nereidas.

O primeiro painel (Figura 3), um *opus tessellatum* policromático medindo 1,50 x 3,30 m, faz parte do acervo do Museu de Antakya (Campbell, 1988, p. 8). As personagens encontram-se identificadas por inscrições, o que não deixa dúvida sobre sua identidade. À esquerda, vemos a nereida Kymodoke sentada sobre um manto púrpura a segurar, com a mão direita, uma das pontas do véu, disposto como um arco sobre sua cabeça, ao passo que a outra ponta, enrolada em seu braço esquerdo, é presa por um bracelete. O tritão que a acompanha, Agreus, usa uma pele de animal em torno do pescoço e tem garras de lagostas que lhe adornam a cabeça. Nas mãos, porta uma gamela. O segundo casal, formado por Akteas e Palaemon, é retratado numa cena visivelmente erótica devido à proximidade dos corpos, com Aktea roçando o busto esquerdo nas costas do parceiro, cuja cintura é envolvida pelo braço direito da nereida. Ambos mantêm contato visual direto. O tritão traz, nas mãos, uma *syrinx*, isto é, uma flauta confeccionada com cana. O manto de Akteas forma um arco por trás da ninfa. No segundo mosaico (Figura 4), um *opus tessellatum* policromático de 1,45 x 3,45 m, igualmente depositado no Museu de Antakya (Campbell, 1988, p. 9), vemos, na esquerda, Galeos, que, cingido com um cinturão, porta, na mão

direita, um cajado (*pedum*). De seus cabelos, despontam duas garras de lagosta. Com a mão esquerda, enlaça o véu de Perousa que, sentada sobre a cauda do tritão, sustenta a outra ponta do véu sobre a cabeça. Seu braço ostenta um bracelete dourado. Com a mão esquerda, segura uma bandeja contendo dois objetos redondos, muito provavelmente frutos do mar. Na sequência, vemos o tritão Fórcis portando uma tocha flamejante. Com a cabeça voltada para a esquerda, contempla Dinamene, que o toca no ombro esquerdo. Os cabelos loiros da nereida formam cachos que caem sobre seus ombros e busto. Um bracelete adorna seu pulso esquerdo.

Ambos os mosaicos, como descrevemos, têm nereidas e tritões como personagens principais daquilo que alguns pesquisadores, a exemplo de Cimok (2000, p. 222), Campbell (1988, p. 8-9) e Papagiannaki (2013, p. 73), descrevem como *thiasoi* marinhos, isto é, como cortejos similares àqueles verificados no culto dionisíaco. Todavia, em lugar de reunir bacantes e sátiros em honra a Dioniso, esses *thiasoi* eram compostos por nereidas e tritões, os acompanhantes de alguma divindade marinha, a exemplo de Poseidon, Netuno e Oceano, mesmo que ausente da cena. Na época imperial, os *thiasoi* marinhos eram um motivo iconográfico bastante popular, empregado amiúde na decoração de diversos suportes: sarcófagos, artefatos portáteis confeccionados com prata, vidro, osso e marfim, têxteis e mosaicos de pavimento instalados em edifícios públicos e residências privadas[15]. As nereidas, figuras usualmente retratadas com adornos luxuosos e um manto esvoaçante, eram, segundo a mitologia, as cinquenta filhas de Nereu, um deus marinho ancestral, anterior mesmo a Poseidon, e de Dóris. Seu habitat era o fundo do mar Egeu, onde costumavam distrair seu pai com cantos e danças (Schmidt, 2020, p. 200). Em tempos mais antigos, as nereidas, assim como outras criaturas marinhas, eram associadas à jornada dos mortos rumo ao mundo subterrâneo. Todavia, a partir do século II, observamos uma sensível alteração na maneira como as nereidas são representadas, pois, de figuras temíveis cuja presença evocava a morte, passam a ser consideradas personagens descontraídas que, seminuas, flertam, em

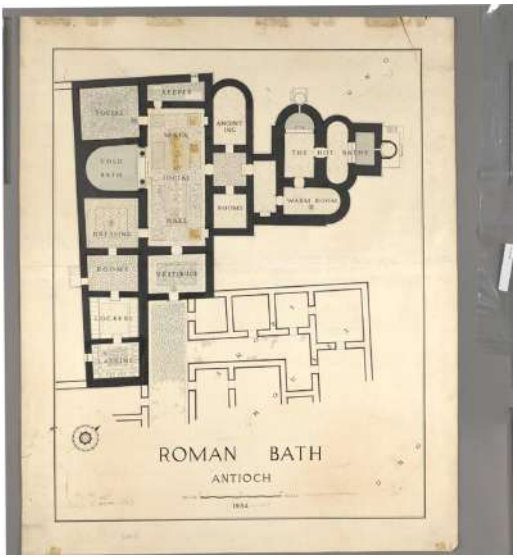
[15] Segundo levantamento realizado por Neira Jiménez (1994), nereidas e tritões, tanto na condição de protagonistas quanto na de integrantes de *thiasoi*, comparecem em 80 mosaicos provenientes do norte da África e em 18 da Península Ibérica. Considerando aqueles para os quais dispomos de informações relativas ao contexto de uso, 27 painéis norte-africanos e 6 painéis ibéricos provinham de instalações termais, ao passo que 34 e 3, respectivamente, de residências privadas.

várias cenas decorativas, com os tritões, cuja forma era a de musculosos homens-peixes (Papagiannaki, 2013, p. 75). O nome desses seres híbridos derivava de Tritão, antiga divindade grega nascida no mar, da união de Poseidon – ou de Netuno, em outra variante – com a nereida Anfitrite. Arauto de Netuno ou Poseidon, a quem precedia, a personagem era responsável por acalmar as águas e fazer cessar as tempestades (Commelin, 1997, p. 115). Em algum momento difícil de precisar, o vocábulo "tritão" passou a designar não apenas o soberano das águas profundas, mas também os companheiros das nereidas, frequentemente retratadas repousando sobre o dorso de peixe dessas criaturas, como vemos nas Figuras 3 e 4.

A escolha de ninfas e tritões para figurar nos painéis musivos da Sala Social Principal do Banho "E" não foi decerto casual, uma vez que esses seres costumavam evocar o ambiente aquático e o uso da água, o que explica seu emprego recorrente na decoração de pavimentos de banhos, termas e mesmo fontes (Neira Jiménez, 1994, p. 1271). O *thiasos* marinho pode ser considerado uma alusão ao mundo aquático, como uma fonte de prazer, beleza e prosperidade, na medida em que seus integrantes são amiúde jovens, vigorosos e plenos de saúde, simbolizando, assim, não apenas o caráter lúdico dos banhos, mas também sua capacidade de refrescar e regenerar os corpos (Dunbabin, 1989, p. 29). Nesse caso, chama a atenção o *ethos* festivo dos mosaicos, uma vez que, em ambos os painéis, constatamos a presença de elementos que remetem às comemorações, a exemplo da música e do consumo de alimentos. Quanto a isso, talvez não fosse um equívoco supor que a composição visual das cenas tenha tido como referência a iconografia do *symposion*, já que, à primeira vista, as nereidas parecem repousar sobre *triclinia*. Além disso, não devemos ignorar o apelo erótico contido nas imagens, pois, como mencionamos, as instalações termais eram um local propício ao intercâmbio amoroso. Afora todos esses significados embutidos nos *thiasoi* marinhos, talvez seja oportuno acrescentar mais um: o seu caráter religioso, na medida em que, segundo a cosmovisão antiga, o elemento aquático, onde quer que existisse, era habitado por diversas potências sobrenaturais, como ninfas, nereidas e tritões (Ellis, 1997, p. 148-149). Nesse sentido, os banhos e termas, ambientes construídos pelas mãos humanas, podem ser considerados a morada "artificial" desses seres, que se encontravam indissociavelmente unidos ao elemento ao qual pertenciam, isto é, a água, não importando se esta provinha de um aqueduto, uma cisterna, um poço ou qualquer outro reservatório. Isso não equivale a supor que os ba-

nhos fossem cenário para qualquer culto ou ritual em louvor às divindades aquáticas. No entanto, não resta dúvida que a representação desses seres era capaz de despertar, no espectador, uma sensação de prazer e de contato com uma dimensão da existência que rompia com a monotonia do cotidiano. No centro dessa experiência, encontrava-se a água, a pedra angular dos prazeres e benefícios que um mergulho nos *solia* poderia trazer àqueles que buscavam refresco após a jornada de trabalho, fosse no inverno ou no verão. Associada ao sagrado ancestral, a água que jorrava sem cessar das piscinas frias e quentes era capaz de infundir, nos usuários, uma percepção de frescor e de jovialidade que aludia aos atributos das potestades cuja morada eram as fontes, rios e mares. Muito embora Libânio (*Or.* XI, 243), ao enaltecer os recursos hídricos de Antioquia, enfatize o protagonismo de Dafne como a patrona dos mananciais da cidade, a ninfa não era a única personagem mitológica envolvida no uso da água. No caso dos banhos e das termas, é lícito supor que esses espaços compartilhassem da *dynamis*, da potência mágica, de outros seres mitológicos que tinham como habitat o meio aquático, a exemplo das nereidas e tritões, que, residindo nas dependências do *frigidarium*, do *tepidarium* e do *caldarium*, ofertavam benefícios a todos aqueles que desejassem usufruir de suas águas restauradoras.

Figura 1 – Planta do Banho "E", com a Sala Social Principal ao centro. À esquerda, vê-se o *frigidarium*



Fonte: Antioch Excavation Collection, Department of Art and Archaeology, Princeton University.

Figura 2 – Visão geral da Sala Social Principal do Banho "E"

Fonte: Antioch Excavation Collection, Department of Art and Archaeology, Princeton University.

Figura 3 – Painel de Kimodoke, Agreus, Akteas e Palaemon

Fonte: Antioch Excavation Collection, Department of Art and Archaeology, Princeton University.

Figura 4 – Painel de Galeus, Perousa, Fórcis e Dinamene

Fonte: Antioch Excavation Collection, Department of Art and Archaeology, Princeton University.

Documentação escrita

JOHN CHRYSOSTOM. The homilies on the statues to the people of Antioch. In: SCHAFF, Philip (ed.). *Nicene and post-Nicene Fathers*. Translation and notes by W. R. W. Stephens. Peabody: Hendrickson, 2004, p. 315-489. t. IX.

JOHN MALALAS. *The Chronicle of John Malalas*. Translated by Elizabeth Jeffreys, Michael Jeffreys and Roger Scott. Leiden: Brill, 2017.

LIBANIO. *Discursos*. Introducción, traducción y notas de Ángel González Gálvez. Madrid: Gredos, 2001. t. II.

POLIBIO. *Historias*: libros XVI-XXIX. Traducción y notas de Manuel Balasch Recort. Madrid: Gredos, 1983.

Documentação iconográfica

CAMPBELL, Sheila. *The mosaics of Antioch*. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1988.

CIMOK, Fatih. *Antioch mosaics*: a corpus. Istanbul: A Turizm Yayinlari, 2000.

Referências bibliográficas

COMMELIN, Pierre. *Mitologia grega e romana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DÖRING, Martin. Powerful springs and dangerous torrents on unsafe ground: the hydraulic engineering buildings of Antioch and Seleucia Pieria. In: DE GIORGI, Andrea (ed.). *Antioch on the Orontes*: history, society, ecology, and visual culture. Cambridge: Cambridge University Press, 2024, p. 164-180.

DOWNEY, Granville. *A history of Antioch in Syria*. Princeton: Princeton University Press, 1961.

DUNBABIN, Katherine M. D. *Baiarum grata voluptas*: pleasures and dangers of the baths. *Papers of the British School at Rome*, v. 57, 1989, p. 6-46.

ELLIS, S. Pooling resources – the use of water for social control in the Roman Empire. *Theoretical Roman Archaeology Conference*, n. 96, p. 144-150, 1997.

FADDUL, Juliana. A vida nas primeiras cidades áridas do Brasil. *Revista Piauí*, 24 jul. 2024.

FAGAN, Garrettt G. The genesis of the Roman public bath: recent approaches and future directions. *American Journal of Archaeology*, v. 105, n. 3, p. 403-426, 2001.

____. *Bathing in public in the Roman world.* Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2002.

HABIBOVA, Lamiya. *The Roman baths at Antioch on the Orontes and their pavement decoration*. Master's Thesis (Archaeology) – Department of Classical Archaeology, University of Warsaw, Warsaw, 2023.

JACOBS, Ine. *Aestethic maintenance of civic space*: The "classical" city from the 4th to the 7th c. AD. Leuven: Peeters Publishers, 2013.

MOREY, Charles. The excavation of Antioch-on-the-Orontes. *Proceedings of the American Philosophical Society*, v. 76, n. 5, p. 637-651, 1936.

NEIRA JIMÉNEZ, María Luz. Mosaicos romanos con nereidas y tritones. In: MASTINO, Attilio; RUGGERI, Paola (eds.). *L'Africa romana*: atti del

X Convegno di studio Oristano, 11-13 dicembre 1992. Sassari: Archivio Fotografico Sardo, 1994, p. 1259-1278.

PAMIR, Hatice. Preliminary results of the recent archaeological researches in Antioch on the Orontes and its vicinity. In: SALIOU, Catherine *et al*. (eds.). *Les sources de l'histoire du paysage urbain d'Antioche sur l'Oronte*. Saint-Denis: Université Paris 8, 2012, p. 259-270.

PAMIR, Hatice; YAMAÇ, Inanç. Una revisión sobre el suministro de agua en Antiocheia ad Orontes. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*, n. 21, p. 187-196, 2011.

PAPAGIANNAKI, Anthuosa. Nereids and hipocamps: the marine thiasos on Late Antique and Medieval Byzantine ivory and bone caskets. In: KOUNENI, Leila (ed.). *The legacy of Antiquity*. Newcastle: Cambridge Scholars, 2013, p. 71-103.

PELLIZZARI, Andrea. Terme e bagni pubblici e privati nella corrispondenza di Libanio. In: SALIOU, Catherine *et al*. (eds.). *Les sources de l'histoire du paysage urbain d'Antioche sur l'Oronte*. Saint-Denis: Université Paris 8, 2012, p. 69-80.

RAPP, Claudia. *Holy bishops in Late Antiquity*. Berkeley: University of California Press, 2005.

SALIOU, Catherine. Bains d'été et bains d'hiver: Antioche dans l'Empire Romain. *Topoi*, suppl. 5, p. 289-309, 2004.

SCHMIDT, Jöel. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Lisboa: Edições 70, 2020.

SCHOOLMAN, Edward. Luxury, vice, and health: changing perspectives on baths and bathing in Late Antique Antioch. *Studies in Late Antiquity*, v. 1, n. 3, p. 225-253, 2017.

YEGÜL, Fikret Kutlu. *Baths and bathing in Classical Antiquity*. Cambridge: The MIT Press, 1992.

____. Baths and bathing in Roman Antioch. In: KONDOLEON, Christine (ed.). *Antioch*: the lost city. Princeton: Princeton University Press, 2001, p. 146-151.

____. Cilicia at the crossroad: transformation of baths and bathing culture in the Roman East. *Olba*, n. 8, p. 55-69, 2003.

____. *Bathing in the Roman world*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

ZYTKA, Michal. *A cultural history of bathing in Late Antiquity and Early Byzantium*. London: Routledge, 2020.

ESTADO *FOGGARA* NO FEZÃ: TECNOLOGIA HIDRÁULICA, ROTAS COMERCIAIS E CENTRALIZAÇÃO POLÍTICA NO SAARA ANTIGO[1]

Belchior Monteiro Lima Neto[2]

Resumo: *A partir das novas percepções advindas do campo da História Ambiental, acreditamos que o exemplo fornecido pelos garamantes, grupo étnico líbio que habitava o Fezã entre o início do I milênio a.C. e o VI século d.C., pode ter um valor inestimável para os antiquistas, proporcionando uma reflexão original acerca de uma sociedade que, em pleno Saara, região árida e inóspita, organizou uma entidade política centralizada, gerindo uma sociedade urbana, hierarquizada e complexa, estruturada em torno de uma ampla rede de comércio e de uma exploração agrícola intensiva e com sofisticada tecnologia hidráulica, formando, em última instância, um verdadeiro Estado foggara.*

Palavras-chave: *História Ambiental; Saara antigo; Garamantes; Estado foggara.*

STATE FOGGARA IN THE FEZAN: HYDRAULIC TECHNOLOGY, COMMERCIAL ROUTES AND POLITICAL CENTRALIZATION IN THE ANCIENT SAHARA

Abstract: *Based on new insights gained from the field of Environmental History, we believe that the example provided by the Garamantes, a Libyan ethnic group that inhabited the Fezzan region between the beginning of the 1st millennium BC and the 6th century AD, may be of inestimable value to antiquities scholars, providing an original reflection on a society that, in*

[1] Recebido em 17/07/2025 e aprovado em 10/08/2025.

[2] Professor adjunto de História Antiga do Departamento e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Doutor em História pela Ufes e pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, Seção ES. Atualmente, executa o projeto "História e Arqueologia na África romana: novas perspectivas historiográficas a partir das escavações no Magreb e no Saara", com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes) (Edital Universal n. 28/2022).
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4119-596X. E-mail: belchior67@hotmail.com

the heart of the Sahara, an arid and inhospitable region, specifies a centralized political entity, managing an urban, hierarchical and complex society, structured around a broad trade network and intensive agricultural exploitation with hydraulic technology, forming, in instance, a true foggara State.

Keywords: *Environmental History; Ancient Sahara; Garamantes; Foggara State.*

Introdução

Vivemos hoje a proliferação sem precedentes de tragédias naturais – enchentes, terremotos, secas, furacões, entre outras – e sentimos os efeitos dramáticos de um processo inconteste de aquecimento global, com transformações drásticas no clima e nas próprias condições de sobrevivência em nosso planeta, situação que, no limite, pode nos conduzir à extinção. Num cenário como esse, a questão ecológica e a compreensão de nossa relação umbilical com o meio ambiente se impõem como urgentes e necessárias. É mister, como observado por Ewa Domanska, repensar *A história para além do humano* (2024) e entender a natureza como um ator ativo e fundamental, rompendo de forma crítica com o paradigma antropocêntrico que norteou a academia nos últimos séculos. Para nós, historiadores, assim como para os especialistas nas demais Ciências Sociais, torna-se fulcral a reflexão acerca do caráter *planetário* que nos rodeia, quer dizer, a conexão da humanidade a processos geobiológicos de longuíssima duração (Chakrabarty, 2025).

Há décadas, na esteira do movimento ecológico e do ambientalismo norte-americano e europeu, autores ligados ao campo da História Ambiental problematizam a inexorável relação do homem com o meio ambiente, rompendo, por um lado, com os determinismos geográficos, e, por outro, com a percepção que comumente delegava à natureza uma atuação passiva frente à agência humana (Pádua, 2010, p. 81-82; Thommen, 2012, p. 10)[3]. A perspectiva atualmente em voga preconiza que a materialidade, seja natural ou construída, é um importante vetor da ação social, impondo limites e potencializando demandas e respostas diversas, ao mesmo tempo que é compreendida como um relevante personagem histórico (Rede, 2012; Meneses, 1983). Nesse cenário epistemológico renovado, a natureza se apresenta como um agente em permanente movimento e transformação,

[3] Pode-se citar, como pioneiros no campo da História Ambiental, os trabalhos de autores como Worster (1977), Cronon (1983) e Crosby (1986).

posicionando-se em constante interação e diálogo com os sistemas sociais no tempo e no espaço (Pádua, 2010, p. 89-91).

Em consonância com tais perspectivas, problematiza-se historicamente, nos últimos anos, os diferentes usos e técnicas de aproveitamento das águas[4], bem inestimável e imperativo para a própria existência da vida em nosso planeta. Jonas Berking, na obra *Water management in Ancient Civilizations* (2018, p. 8-9), observa a necessidade de se compreender os recursos hídricos, no contexto da Antiguidade, na interseção de múltiplos fatores, que, *grosso modo*, podem ser classificados como naturais (disponibilidade de bacias hidrográficas, de variados regimes pluviais e fluviais, de aquíferos freáticos e fósseis), tecnológicos (diversos modos de captação e distribuição da água para o consumo e para a agricultura) e políticos (gestão e aproveitamento da água em termos sociais e econômicos). Na seara dos estudos relacionados ao manejo dos recursos hídricos no Mundo Antigo, acreditamos que o exemplo fornecido pelos garamantes, grupo étnico líbio que habitou o Fezã entre o início do I milênio a.C. e o VI século d.C., pode ter um valor inestimável para os antiquistas, proporcionando uma reflexão original acerca de uma sociedade que, em pleno Saara, região árida e inóspita, organizou uma entidade política centralizada, gerindo uma sociedade urbana, hierarquizada e complexa, estruturada em torno de uma ampla rede de comércio e de uma exploração agrícola intensiva e com sofisticada tecnologia hidráulica, formando, em última instância, como destacam Sterry, Mattingly e Wilson (2022, p. 58), uma verdadeiro Estado *foggara*[5].

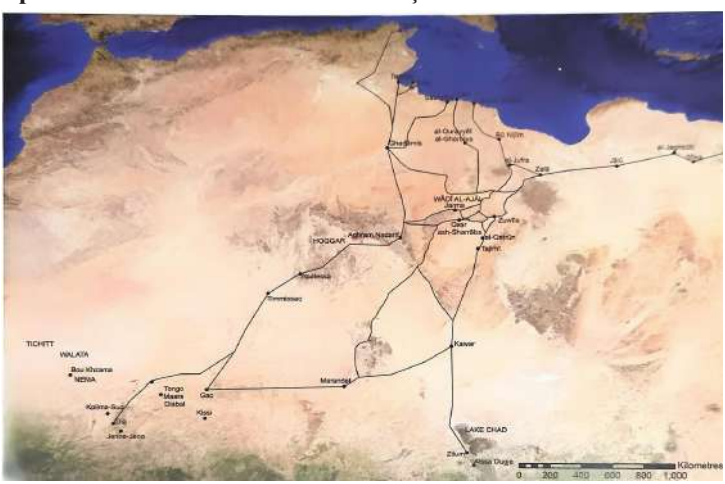
[4] Stephanie Rost (2022, p. ix-xi), em *Irrigation in the early states*, defende a retomada de uma reflexão dialógica entre o desenvolvimento das entidades políticas na Antiguidade e o modo de exploração dos recursos hídricos disponíveis, numa perspectiva crítica a qualquer determinismo geográfico à Karl Wittfogel (1950) e sua hipótese causal hidráulica, percepção que atrelava o surgimento do Estado e da civilização no vale do Nilo e no Crescente Fértil asiático às demandas de organização dos trabalhos hidráulicos.

[5] *Foggara*, como será discutido mais a fundo neste artigo, é uma tecnologia de captação fluvial de lençol freático por meio de túnel subterrâneo, utilizando a gravidade proporcionada por um declive no terreno para a obtenção da água para o consumo e a irrigação do solo em regiões áridas do Mundo Antigo (Lima Neto, 2025, p. 46). No tocante ao conceito de Estado, seguiremos a clássica definição de Bobbio (2024, p. 124), segundo a qual "a condição necessária e suficiente para que exista um Estado é que sobre um determinado território se tenha formado um poder em condições de tomar decisões e emanar os comandos correspondentes", vinculatórios a todo um contingente de pessoas mediante um conjunto de estratagemas políticos e, no limite, por intermédio do uso da coerção física.

Tecnologia hidráulica, centralização política e desenvolvimento econômico

O Fezã, terra natal dos garamantes na Antiguidade, localiza-se no sudoeste da moderna Líbia (Mapa 1), mais precisamente nas margens setentrionais do deserto do Saara, abarcando uma paisagem árida complexa, constituída por mares de areia, intercalados com escarpas e planaltos rochosos, onde se apresentam uma série de depressões, compreendendo vales com extensão média entre 3 e 5 km de largura, nos quais se desenvolvem oásis abastecidos por escassas fontes naturais e lençóis freáticos de água fóssil proveniente de recursos hídricos acumulados nas camadas subterrâneas do solo como resultado do processo de ressecamento do Saara ocorrido nos últimos milênios a.C. Existem, *grosso modo*, três grandes agrupamentos de oásis no Fezã: o Wadi ash-Shati, que é o conjunto de oásis localizados ao norte, com solo suscetível à salinização e com presença de esparsas nascentes naturais; o Wadi al-Ajal, na porção central e abarcando uma faixa de 150 km de oásis contínuos, com lençol freático aproximando-se da superfície no cume das escarpas; e, ao sul, há uma série de oásis interligados, tais como o de ash-Sharqiyat, al-Hufra, Murzuq, Wadi Utba e Wadi Barjuj, todos potencialmente beneficiados pela captação de água por intermédio de poços artesianos (Wilson; Mattingly, 2003, p. 337; Mattingly, 2022, p. 64-66).

Mapa 1 – Rotas transaarianas e localização do Fezã no Norte da África



Fonte: Mattingly (2003, p. 5).

Os mais antigos registros de comunidades sedentárias no Fezã remontam ao IX século a.C., sendo um fenômeno endógeno atestado em sítios fortificados nas elevações montanhosas do Wadi al-Ajal, cujos dados mais proeminentes são derivados da região de Zinkekra, um promontório com acesso facilitado a fontes de água freática, proporcionando recursos hídricos essenciais à sobrevivência num ambiente árido (Mattingly; Wilson, 2010, p. 525-526). A emergência de assentamentos como Zinkekra pode ser atribuída a respostas locais às mudanças ambientais vivenciadas no Saara nos dois últimos milênios a.C. Em termos ecológicos, a região testemunhou a intensificação do fenômeno de desertificação, com impactos diretos nas condições de vida da população, que reagiu às pressões ambientais de duas formas distintas: por um lado, acelerou-se o processo de nucleação de comunidades sedentárias nos oásis; por outro, ampliou-se os espaços áridos e, por consequência, os movimentos de transumância de pastores em busca de pastos e fontes de água para os seus rebanhos. Tais respostas às condições climáticas ampliaram as possibilidades de sobrevivência no deserto, oferecendo a oportunidade de emergência de comunidades agrícolas nos oásis, ao mesmo tempo que potencializou a conexão de assentamentos interdependentes em virtude do aumento da mobilidade de grupos que praticavam a pastorícia. Dentro desse contexto, as comunidades agrícolas e pastoris se complementavam numa rede de mútua dependência, visto que os primeiros produziam gêneros alimentícios e serviam de postos caravaneiros, ao mesmo tempo que as trocas praticadas por pastores permitiam o abastecimento de uma série de produtos fulcrais à sobrevivência dos habitantes dos oásis (Sterry; Mattingly; Wilson; 2022, p. 53; Scheele, 2017, p. 55-57).

Não se pode perder de vista, além disso, que o processo inicial de sedentarização de comunidades agrícolas nos oásis saarianos foi tributário da implementação de uma tecnologia de captação de água subterrânea, com a introdução na região dos *shadufs*, quer dizer, de um tipo de máquina de elevação de água, que consiste em uma vara com um balde em uma extremidade e um peso na outra, equilibrados por um ponto de apoio, funcionando como uma gangorra para auxiliar na elevação da água de fontes como rios, poços ou canais (Wilson; Mattingly, 2003, p. 266-267). Pode-se conjecturar que o *shaduf*, tecnologia relativamente simples e barata, com fácil manejo em se tratando de comunidades onde o lençol freático se encontra próximo à superfície, foi introduzido no Fezã via Egito por meio de rotas que atravessavam os oásis ocidentais, adaptando-se perfeitamente às

características geológicas do Wadi al-Ajal, com disponibilidade, no cume das escarpas, de água fóssil a profundidade entre um e três metros, fato que facilitou a apropriação do *shaduf* como primeira tecnologia hidráulica instalada na região (Wilson; Mattingly; Sterry, 2020).

Foi o sucesso da utilização dos *shadufs* na irrigação do solo árido no Wadi al-Ajal, com consequente incremento na produção agrícola, que incentivou o crescimento da densidade populacional na região, fenômeno verificado na ampliação dos assentamentos, ocupando, a partir de meados do I milênio a.C., os vales próximos às encostas. Segundo dados botânicos fornecidos pelo *Fazzan Project*[6], tâmaras, figos, uvas, trigo e cevada estavam entre as variedades agrícolas cultivadas no período, proporcionando uma base alimentar para a população residente e um excedente destinado às trocas comerciais (Mattingly; Sterry; Thomas, 2013, p. 510-511). Não por acaso, Heródoto (*Historia*. IV, 181-185), no final do século V a.C., ao descrever a rota caravaneira saindo do oásis de Siwa, próximo ao vale do Nilo, em direção à bacia do Níger, na África Subsaariana, oferece destaque especial ao território ocupado pelos garamantes no Fezã, que, à época, ao que tudo indica, já se caracterizava como importante ponto de comércio e de recebimento de caravanas que percorriam o Saara no sentido leste-sudoeste (Liverani, 2000, p. 519-520).

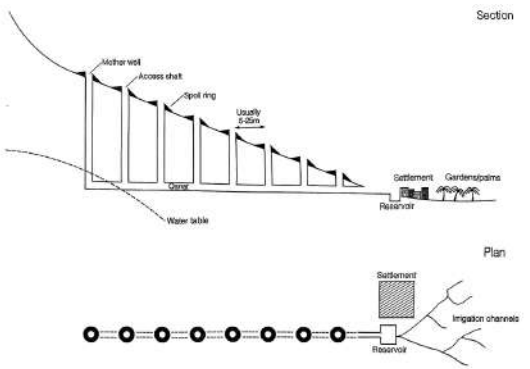
O desenvolvimento econômico no Fezã também foi impulsionado, a partir do início do século IV a.C., pela implementação de uma tecnologia hidráulica mais sofisticada, que proporcionava fluxos constantes e mais substanciais de abastecimento de água[7], os chamados *foggaras*, isto é, uma tecnologia de captação fluvial típica das regiões áridas no Mundo Antigo e

[6] Nas primeiras décadas do século XXI, emerge uma gama de relatórios arqueológicos sobre a região saariana do Fezã, no âmbito das investigações anglo-líbias associadas ao *Fazzan Project*, publicadas nos quatro volumes de *The Archaeology of Fazzan* (2003; 2007; 2010; 2013), que laçaram nova luz sobre a sociedade garamante. Mais recentemente, os dados compilados pelo *Desert Migrations Project*, publicados nos quatro volumes de *Trans-Saharan Archaeology* (2017; 2019; 2020; 2020), assim como aqueles advindos da missão ítalo-líbia no oásis de Ghat, organizada por pesquisadores associados à *Università Sapienza* de Roma (Liverani, 2006), ampliaram os *corpora* documentais arqueológicos acerca das populações saarianas na Antiguidade.

[7] Calcula-se, segundo dados levantados pelos pesquisadores vinculados ao *Fazzan Project*, que um *foggara* proporcionasse recursos hídricos para irrigar uma área agrícola de aproximadamente 4.8 ha. Tal estimativa demonstra o potencial da tecnologia de captação de águas freáticas no Fezã, haja vista a descoberta de 617 *foggaras* na região à época garamante (Wilson; Mattingly, 2003, p. 261).

baseada na drenagem de água de lençol freático por meio de túnel subterrâneo e de sucessivos poços escavados entre o cume da encosta e a saída da água a jusante, utilizando a gravidade proporcionada por um declive no terreno (figura 1). No Wadi al-Ajal havia uma combinação de fatores geológicos (solo maleável às escavações), hídricos (abundantes fontes de água subterrânea) e topográficos (escarpas próximas aos vales) que potencializava a implementação da nova tecnologia, contudo não se pode explicar tal empreendimento somente pelas condições naturais, sem se observar o grau de investimento necessário para a construção dos canais – alguns com vários quilômetros de extensão – e dos poços – com até 40 metros de profundidade – que compunham os *foggaras* na região[8]. Como indicado por Wilson, Mattingly e Sterry (2020), os custos com mão de obra, equipamento e conhecimentos técnicos não seriam possíveis de se prover caso o Fezã não estivesse já integrado a uma ampla rede de comércio saariano, composta por subsistemas que se interconectavam e se complementavam de curta, média e longa distância, aproveitando-se da transumância de uma miríade de grupos nômades e da existência de inúmeros portos caravaneiros espalhados pelo Saara (Wilson, 2012; Scheele, 2017)[9].

Figura 1 – Sistema de *fogara* no Fazã



Fonte: Mattingly (2003, p. 235).

[8] Nas centenas de assentamentos garamantes descobertos nas escavações realizadas no Fezã, estima-se a existência de mais de 2 mil quilômetros de redes de *foggara*, que abasteciam quilômetros de terras irrigáveis em pleno deserto do Saara (Sterry; Mattingly; Wilson, 2022, p. 42).

[9] Para mais informações sobre as rotas transaarianas dos garamantes, vide Lima Neto (2023; 2024; 2025).

A implementação dos *foggaras* no Fezã, ao que tudo indica, é derivada de sua dispersão através das rotas do comércio saariano. No período de dominação aquemênida do Egito (séculos VI-IV a.C.), a tecnologia, já amplamente conhecida na Pérsia[10], foi introduzida no oásis de Kharga, como demonstram as escavações realizadas na localidade de Ayn Manãwir (Wilson, 2005, p. 229). A despeito das tentativas de se identificar os *foggaras* como uma inovação advinda de contatos dos garamantes com romanos (a partir do século I d.C.) e árabes (do século VII d.C. em diante)[11], sua datação no Wadi al-Ajal, realizada por intermédio da análise de fibras vegetais secas extraídas do revestimento de tijolos de barro de um poço escavado pelos pesquisadores ligados ao *Fazzan Project*, confirmou uma data estimada em 391 a.C., o que reforça sua disseminação via rotas saarianas que cruzavam o Fezã advindas do vale do Nilo (Wilson; Mattingly, 2003, p. 265).

A introdução dos *foggaras* em território garamante, ademais, teve relação umbilical com a exploração de mão de obra escrava, obtida, sobretudo, por intermédio das trocas com a África Subsaariana. As escavações arqueológicas realizadas no Wadi al-Ajal evidenciaram inúmeros reservatórios associados à extração de sal por evaporação de água subterrânea (Wilson, 2005, p. 230-231; 2017, p. 198-199). De fato, o padrão clássico do comércio subsaariano era a troca de sal por peles, marfim e, principalmente, escravos. Dada a dimensão dos *foggaras* existentes nas terras garamantes, onde foram catalogados cerca de 617, vislumbra-se a utilização de mão de obra escrava de forma intensiva, sendo tais cativos, em sua grande maioria, comercializados na África Subsaariana por sal, embora possa ter também ocorrido razias em busca de escravos, como observa Heródoto (*Historia*.

[10] Os *foggaras*, também conhecidos como *Qanat*, foram inventados na Pérsia no início do I milênio a.C., difundindo-se posteriormente para as demais regiões de clima desértico no Mundo Antigo (Mattingly; Wilson, 2003, p. 39).

[11] Até o fim do século passado, os autores divergiam em relação à origem dos *foggaras* descobertos no Fezã: Caputo (1949), por exemplo, defendia a introdução da tecnologia a partir do século I d.C., como consequência direta dos contatos comerciais entre romanos e garamantes; Despois (1946), por sua vez, conjecturava que a instalação dos *foggaras* estivesse associada à ocupação árabe no norte da África no século VII d.C. Tal querela historiográfica foi somente solucionada por intermédio das escavações levadas a cabo pela missão anglo-líbia no território garamante (*Fazzan Project*), que comprovou, de forma incontestável, a relação umbilical entre os *foggaras* e a sociedade garamante, com datação que remonta ao início do século IV a.C. Para mais informações, vide Wilson e Mattingly (2003, p. 261-265).

IV, 183) quando menciona que os "garamantes costumavam perseguir os trogloditas etíopes, em carros puxados por quatro cavalos".

O manejo da tecnologia *foggara* no Fezã também auxiliou diretamente no processo de urbanização local. Exemplo material desse fenômeno é a própria cidade de Garama, cuja posição de destaque como capital dos garamantes foi consequência direta do desenvolvimento de um circuito virtuoso[12], no qual a existência de recursos hídricos, fulcrais para a ocorrência de uma atividade agrícola irrigada e a disponibilidade de pastos, proporcionou às caravanas que atravessavam o deserto um espaço privilegiado de repouso, recarga e trocas. Garama era um porto caravaneiro estratégico, no entroncamento de inúmeras rotas que interligavam localidades distintas e, não raras vezes, distantes. Como argumenta Scheele (2017; 2010), os custos da atividade agrícola irrigada em territórios áridos como o Fezã, com a obtenção de numerosa mão de obra escrava e a disponibilidade de meios técnicos e financeiros para a construção dos canais e poços, não se sustentariam sem o aporte fundamental proporcionado pelas rendas geradas pelo comércio. Em alguma medida, o tráfico das caravanas sustentava o custoso empreendimento de construção e de manutenção dos *foggaras*, ao mesmo tempo que a disponibilidade de água, alimentos e pastos possibilitava o acréscimo do tráfico, franqueando-lhe um entreposto caravaneiro essencial à bem-sucedida travessia do deserto.

Indo de encontro às concepções de Brett (2016, p. 271), Desange (1999) e Ennabli (2004, p. 23-24), que consideram as rotas transaarianas um apanágio da época islâmica, possuímos, atualmente, indícios irrefutáveis da participação dos garamantes no comércio transaariano por intermédio dos artefatos encontrados nos cemitérios e assentamos urbanos localizados no Fezã, compostos por produtos de proveniência diversa, tais como ânforas, lamparinas e vidros romanos; joias, pulseiras e marfim subsaarianos; além de tecidos de provável procedência egípcia (Liverani, 2000; 2006; Mattingly, 2017). Esses dados documentais confirmam a posição estratégica do Fezã, especialmente a de Garama, como espaço nodal de intermediação entre o Mediterrâneo e as regiões ao sul e a leste do Saara[13].

[12] Plínio, o Velho (*Naturalis Historia*. V, 35), e Cláudio Ptolomeu (*Geographia*. I, VIII; IV, VI, 12) classificavam Garama como uma *metropolis* e capital dos garamantes.

[13] O território garamante se colocava como a via de comunicação mais curta e rápida entre a costa mediterrânica e o deserto do Saara, conexão comprovada pelos

Garama, além disso, era a residência de um governante denominado pelas fontes antigas como "rei" (Plín., *Nat. Hist.* V, 35; Ptol. *Geo.* I, VIII; IV, VI, 12), informação que nos conduz ao seguinte questionamento: em que medida os garamantes constituíram um Estado no Fezã? Apesar da completa falta de evidências acerca das instituições, tipo de governo e organização política da sociedade garamante, a resposta parece ser positiva. A esse respeito, Mattingly e Sterry (2020, p. 711) ressaltam a compreensão de que os termos *rex/basileus* eram geralmente reservados para indivíduos com *status* formal de governante de um Estado estrangeiro oficialmente reconhecido por Roma, fato que é corroborado, no caso dos garamantes, pelo envio de delegações diplomáticas à *Urbs* para tratativas de negociações de paz: a primeira, recebida por Augusto, por ocasião das campanhas militares de *Cornelius Balbus* (20 a.C.) sobre inúmeros oásis saarianos[14]; a segunda, em presença de Tibério, após a malsucedida revolta de Tacfarinas (14-27) (Aurelio Vitor. *De Caesaribus*. 1, 7; Tácito. *Annales*. IV, 26)[15].

---

marcos miliários existentes na Tripolitânia e que despendia, entre Lepcis e o Fezã, cerca de 20 dias de viagem (*Inscription of Roman Tripolitania*, 941-959; Ptol. *Geo.* I, X). Em relação à África Subsaariana e ao Egito, as fontes greco-latinas nos informam acerca das relações estabelecidas por ambas as regiões com os garamantes. Claudio Ptolomeu (*Geo.*, I, VIII), ao narrar o episódio das expedições militares e diplomáticas de *Septimius Flacus* (89) e de *Julius Maternus* (98) ao Fezã, indica Agisymba (provavelmente o Lago Chade) como uma área de fácil acesso através das rotas saarinas; e Heródoto (*His.* IV, 181-185), no século V a.C., fazia referência a uma rota de comércio que se iniciava nos oásis ocidentais próximos ao vale do Nilo e, atravessando a terra dos garamantes, alcançava o rio Níger (Liverani, 2000).

[14] Plínio (*Nat. Hist.* V, 36-37) descreve o *triumphus* comemorado em Roma por *Cornelius Balbus*, em 19 a.C., apresentando um cortejo triunfal em que foram listadas inúmeras *oppida* (cidades) conquistadas pelo general romano em suas expedições militares no interior do norte da África, especialmente no Fezã e nos oásis de Cidamus, al-Jufra, Nefzaoua e Jarid, respectivamente nos atuais oeste e leste da Líbia, sul da Tunísia e sudeste da Argélia.

[15] Um dos mais conhecidos episódios de contestação à ordem romana no norte da África foi a revolta liderada por Tacfarinas entre os anos de 14 e 27 d.C. Tácito, em seus *Anais* (II, 52; III, 74; IV, 23-26), descreve o conflito numa perspectiva que reforçava a alteridade da coalisão de povos líbios sob a liderança de Tacfarinas – musulânios, mauros, ciníticos, garamantes. Os rebelados são representados como "vagabundos", "salteadores", "ladrões", "bárbaros", "gente pobre e de maus costumes", "sem costume de viver em cidades" e que espalhavam o "terror com assaltos e incêndios" (Bustamante, 2011, p. 16).

Dos oásis centrais no Wadi al-Ajal, é provável que a autoridade dos garamantes tenha se difundido e submetido às demais comunidades de oásis existentes no Fezã, vinculando-as, paulatinamente, às ingerências de um grupo de elite sediado em Garama. No ápice de seu poder, entre os séculos I e IV d.C., o Estado garamante possuía autoridade sobre um território de cerca de 250 mil km², o que requeria a organização de uma força militar considerável, representada, em grande medida, nas inúmeras figuras rupestres espalhadas pelo Fezã, com a representação de homens armados com lanças, escudos, montados a cavalo e guiando quadrigas, provavelmente utilizadas na caça de escravos na região subsaariana (Mattingly, 2003, p. 88-89; Hdt. *His.* IV, 183). De acordo com Liverani (2006; 2003, p. 29-30), verifica-se, no sudoeste do Fezã, mais especificamente no oásis de Ghat, onde foi descoberta a cidadela de Aghram Nadharif, os limites fronteiriços do Estado garamante, impondo-se sobre uma região estratégica de rotas terrestres que se comunicavam, no limite, com a Bacia do Níger e o Lago Chade. Nessa perspectiva, Aghram Nadharif se constituiria como ponto avançado de controle e de taxação dos fluxos do tráfico saariano, demonstrando a inconteste autoridade dos garamantes sobre um amplo e diversificado território[16].

Há que se ressaltar ainda a proeminência de um grupo dirigente sediado em Garama, responsável por comissionar a construção de inúmeros edifícios, templos e sepulturas de um eminente caráter monumental, fato que explicita o poder político de uma elite rica e com poderes suficientemente bem estabelecidos para exaltar, ademais, um consumo conspícuo de bens romanos de luxo, a exemplo dos incontáveis vasos de vidro, joias e ânforas de azeite, vinho e outros produtos importados e de prestígio descobertos na capital dos garamantes. Tais elementos forçam-nos a conjecturar a favor da existência de uma dinastia governante em Garama no comando de uma sociedade centralizada, com considerável força militar e no controle de uma região estratégica nas trocas comerciais transaarianas em virtude da abundância de recursos hídricos explorados por intermédio de uma tecnologia sofisticada de captação de água freática, que, no limite, autoriza-nos a

[16] Os garamantes também podiam direcionar seu esforço militar para fora do seu próprio território, com investidas bélicas a milhares de quilômetros de distância, como fica patente no caso da invasão da cidade de Lepcis, em 69, e nas expedições militares do rei dos garamantes em Agisymba (Lago Chade) (Tácito. *Historiae*. IV, 50; Ptol. *Geo*. I, VIII).

caracterizar a entidade política construída pelos garamantes no Fezã como Estado *foggara* (Sterry; Mattingly; Wilson, 2022, p. 58).

A relação intrínseca do Estado garamante com os *foggaras* evidencia-se no próprio processo de desestruturação de seu poder político no Fezã. Em grande medida, foi a exaustão dos canais responsáveis por abastecer os assentamentos e campos agrícolas dos garamantes que explica a sua derrocada entre os séculos V-VI d.C. Após séculos ininterruptos de captação de água fóssil, e contando com uma recarga insignificante em virtude das taxas pluviais diminutas na região, observa-se uma queda significativa dos níveis do lençol freático local. A marca material desse período de instabilidade hídrica é evidenciada pelas tentativas de adaptação do sistema *foggara*, a fim de aumentar a sua captação hidráulica, com a construção de canais mais extensos para a extração de água no cume das escarpas circundantes dos vales e o reaproveitamento de inúmeros *foggaras* antigos e com fluxos decrescentes a partir de canais transversais que os conectavam a uma única saída a jusante (Sterry; Mattingly; Wilson, 2022, p. 43-46).

Outra forma de adaptação aos novos tempos foi o reforço do uso dos *shadufs* e a introdução de um novo pacote tecnológico de exploração dos recursos hídricos, com o manejo intensivo da captação de água em poços drenados por *dalw*, ou seja, um mecanismo no qual um saco de couro – chamado *dalw* – é suspenso em uma corda laçada sobre uma polia de madeira suportada por uma estrutura de troncos, sendo levantado por uma pessoa ou um animal, que o puxa e o conduz a uma rampa inclinada para longe do poço, a fim de descarregar a água em uma rede de canais de irrigação (Wilson; Mattingly, 2003, p. 268-269). As transformações nas técnicas de abastecimento de água no Fezã também tiveram reflexos na organização das propriedades agrícolas locais. Se à época do pleno funcionamento do sistema *foggara* predominavam os campos abertos, com assentamentos a jusante dos canais de irrigação, cuja gestão e segurança eram provavelmente reguladas por uma entidade política centralizada, a partir do século V d.C. observa-se a preponderância de áreas agrícolas protegidas por muros e *Qsur* – fortes em formato quadrado e com torres de vigília laterais –, que salvaguardavam os poços de extração de água via *shadufs* ou *dalws*, demonstrando que, à medida que os *foggara* entravam em colapso, havia o crescimento exponencial dos conflitos por água e solos férteis, o que denota, em última instância, a própria deterioração do poder político dos reis sediados em Garama (Wilson, 2005, p. 230-231).

Aliando-se à queda dos níveis hídricos do lençol freático no Fezã, pode-se acrescentar ainda um problema externo de fundamental importância e que atingiu o fluxo do comércio garamante no final do século IV d.C. Trata-se da crise das principais cidades costeiras da Tripolitânia[17], Lepcis, Oea e Sabrata, que eram responsáveis por conectar o mundo mediterrânico às rotas transaarianas que conduziam ao Fezã. Nesse período, para além de uma série de desastres naturais, como enchentes e terremotos que assolaram a região, a província romana da Tripolitânia enfrentou inúmeros ataques de grupos tribais líbios, evidenciados em razias a fazendas e cidades praticadas pelos *Austuriani* e pelos *Laguatan*[18], relatadas em inscrições epigráficas (*Inscription of Roman Tripolitania*, 565; 570; 480) e por diversos autores greco-latinos, a exemplo de Amiano Marcelino (*Res Gestae*. XVIII, 6; 1-14), Sinésio de Cirene (*Epistola*. 130; 69) e Procópio (*De bello vandalico*. 3, 25, 3-7). A obstrução do Mediterrâneo ao comércio transaariano representou uma diminuição dramática dos produtos romanos que demandavam o Fezã, o que pode ser observado na própria queda drástica dos artefatos mediterrânicos encontrados na região a partir do século V d.C., trazendo consequências econômicas difíceis de medir, mas que, certamente, impactaram as receitas auferidas pela Estado garamante.

A interrupção das trocas mediterrânicas também desencadeou, como consequência direta, a diminuição no comércio subsaariano de escravos, haja vista que eles eram o mais importante item traficado para a costa. A respeito disso, Mattingly (2003, p. 89) observa que o cognome *garamantius* sugeria, à época, que o escravo ou liberto havia sido negociado por comerciantes do Fezã, como fica evidente na denominação de *faex garamantarum* (escória garamante) destinada a uma escrava negra na obra

[17] A Tripolitânia era uma província romana que, na Antiguidade, correspondia às terras a leste de Cartago e a oeste da Cirenaica, sendo constituída por três zonas geográficas bem definidas. A primeira, denominada de Gefara, localiza-se próxima à costa e era formada por uma planície de clima mediterrânico, com pluviosidade e fertilidade do solo propícias a uma variedade de culturas agrícolas, fato que potencializou, nos períodos púnico e romano, a prosperidade de três grandes aglomerações urbanas: Lepcis, Oea e Sabrata. Ao sul, ergue-se a cadeia montanhosa do Gebel, de clima semiárido, mas com solo fértil e intensamente explorado na oleicultura. Por fim, próximo ao Saara, encontra-se o Dahar, de clima predominantemente desértico, onde a agricultura e a vida sedentária se desenvolvem ao redor dos oásis e dos rios intermitentes (Lima Neto, 2016, p. 97-99).

[18] Sobre as tribos dos *Austuriani* e *Laguatan*, ver Mattingly (2005, p. 288-291; 1983).

Antologia Latina (I, 183, 155-156 *apud* Mattingly, 2003, p. 89)[19]. A diminuição no tráfico de cativos também prejudicava a sua absorção no próprio Fezã, já que uma parte significativa dos escravos subsaarianos era utilizada na manutenção e na extensão dos *foggaras*. Desse modo, o número insuficiente de mão de obra para os trabalhos de limpeza e desobstrução de canais, assim como para a construção de novos *foggaras*, pode ter tido influência determinante no processo de desestruturação do sistema de captação de recursos hídricos garamante nos séculos V-VI d.C.

A crise hídrica e de aquisição de mão de obra, acrescidas com a diminuição dos rendimentos do comércio transaariano, prejudicaram decisivamente a estrutura sobre a qual se organizava a sociedade garamante, visto que colocava em xeque o circuito virtuoso representado pela exploração do manancial aquífero fóssil, fundamental à manutenção de numerosa população e de uma produção agrícola significativa, com excedentes suficientes para suprir as demandas das caravanas que atravessavam o Saara. O colapso dos *foggaras* e, por conseguinte, dos fluxos constantes e substanciais de recursos hídricos foi resultado de elementos diversos, que podem ser observados na intersecção de fatores naturais – determinados pela exaustão ecológica do lençol freático –, econômicos – advindos da falta de mão de obra e de recursos provenientes do comércio transaariano, indispensáveis à manutenção e à extensão dos canais e poços *foggara* – e políticos – com a desestruturação de um governo central responsável por gerir os conflitos e as demandas locais. A longo prazo, novas formas de captação de água, mais aptas às novas condições ambientais e econômicas (*shadufs* e *dalws*), impuseram-se na região, potencializando a perda da complexidade social necessária para a manutenção de uma entidade política centralizada, sendo substituída, a partir do século VI, por modos mais atomizados de organização social, baseados em grupos tribais agnados dispersos e com poderes localizados, fruto, quiçá, da fragmentação política do Estado *foggara* garamante (Sterry; Mattingly; Wilson, 2022, p. 54-58).

[19] Para uma análise pormenorizada acerca da presença de negros africanos no Império Romano, ver: Snowden (1970) e Benito Lázaro e España-Chamorro (2015).

Documentação escrita

AMMIANUS MARCELLINUS. *The Later Roman Empire*. Translated by Walter Hamilton. London: Penguin Classics, 2004.

AURELIO VÍCTOR. *Libro de los Césares*. Trad. Emma Falque. Madrid: Gredos, 2008.

CLAUDIUS PTOLEMY. *Geography*. Translated by Joseph Fischer. New York: Cosimo Classics, 2011.

HERÓDOTO. *Histórias*. Trad. Maria de Fátima Silva e Cristina Abranches Guerreiro. Lisboa: Edições 70, 2001.

PLINY THE ELDER. *Natural history*. Translated by John F. Healy. New York: Penguin Books, 2004.

PROKOPIOS. *The wars of Justinian*. Translated by H. B. Dewing. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2014.

SINESIO DE CIRENE. *Cartas*. Trad. Francisco Antonio García Romero. Madrid: Gredos, 1995.

TÁCITO. *Anales*: libros I-VI. Traducción de José L. Moralejo. Madrid: Gredos, 2015.

TÁCITO. *Historias*: libros III-V. Traducción de Antonio Ramírez de Verger. Madrid: Gredos, 2013.

Documentação arqueológica

DUCKWORTH, C. N. CUÉNOD, A.; MATTINGLY, D. *Mobile technologies in the Ancient Sahara beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

GATTO, Maria C. *et al*. *Burials, migration and identiy in the Ancient Sahara and beyond.* Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

INSCRIPTIONS OF ROMAN TRIPOLITANIA. Rome: British School at Rome, 1952.

LIVERANI, Mario. *Aghram Nadarif*: a garamantian citadel in the Wadi Tannezzuft. Florence: Society for Libyan Studies, 2006.

MATTINGLY, David *et al*. *Trade in the Ancient Sahara and beyond.* Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

MATTINGLY, David. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2003.

____. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2007.

____. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2010.

____. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2013.

STERRY, Martin; MATTINGLY, David. *Urbanisation and state formation in the Ancient Sahara and beyond.* Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

Referências bibliográficas

BENITO LÁZARO, Estefanía A.; ESPAÑA-CHAMORRO, Sergio. Images of black people in roman age throughs sculture: identity and otherness. *L'Africa romana*, n. 49, p. 2177-2186, 2015.

BERKING, Jonas. *Water management in Ancient Civilizations*. Berlin: Topoi, 2018.

BOBBIO, Norberto. *Estado, governo e sociedade*. Trad. Marco Aurelio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

BRETT, Michael. Libya and the Sahara in the history of Africa. In: MATTINGLY, David *et al*. *The Libyan desert*. London: Society for Libyan Studies, 2016, p. 271-285.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. Bellum Iustum em diferentes perspectivas. In: PEDROSA, Fernando Velôzo G.; SILVA, Márcio Felipe A. CODEÇO, Vanessa Ferreira de Sá. *Anais do I Encontro de História Militar Antiga e Medieval*. Rio de Janeiro: CEPHIMEX, 2011, p. 11-29.

CAPUTO, Giacomo. Scavi archeologici nel Sahara libico. *Annali dell'Istituto Orientale di Napoli*, n. 3, p. 13-33, 1949.

CHAKRABARTY, Dipesh. *O global e o planetário*: a história na era da crise climática. Trad. Artur Renzo. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2025.

CRONON, Wiliam. *Changes in the land*: Indians, colonists and the ecology of New England. New York: Hill and Wang, 1983.

CROSBY, Alfred W. *Ecological imperialism*: The biological expansion of Europe 900-1900. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

DESANGES, Jehan. *Toujours Afrique apporte fait nouveau scripta minora*. Paris: Boccard, 1999.

DESPOIS, Jean. *Mission scientifique du Fezzan*. Algiers: Geographie humaine, 1946.

DOMANSKA, Ewa. *A história para além do humano*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2024.

ENNABLI, Abdelmajid. Entre Afrique du nord antique et Afrique sub-saharienne: un obstacle infranchisable. In: BAZZANA, André; BOCOUM, Hamady (eds.). *Du nord au sud du Sahara*. Paris: Editions Sepia, 2004, p. 23-24.

LIMA NETO, Belchior M. *Entre a filosofia e a magia*: o caso da estigmatização de Apuleio na África romana (séc. II d.C.). Curitiba: Prisma, 2016.

____. Conexões transaarianas na Antiguidade: o Fezã como espaço nodal entre o Saara e o Império Romano. In: CARVALHO, Maria Margarida; LEONI, Álvaro M.; JOSÉ, Natália Frazão (orgs.). *Impérios, imperadores e redes de sociabilidade na Antiguidade*. Curitiba: CRV, 2023, p. 213-229.

____. Urbanização e rotas transaarianas na Antiguidade: Garama como cidade nodal nas conexões comerciais no Saara (séc. I a.C.-IV d.C.). In: SILVA, Gilvan Ventura da; FURLANI, João Carlos (orgs.). *A cidade antiga entre a História e a Arqueologia*. Vitória: Antíteses, 2024, p. 181-206.

____. Os Garamantes para além de Roma: processos endógenos de constituição urbana e formação Estatal, no Fezã, na Antiguidade. In: LIMA NETO, Belchior M.; SILVA, Gilvan Ventura da; KORMIKIARI, Maria Cristina N. (orgs.). *A África antiga*: ensaios de História e Arqueologia. Vitória: Antíteses, 2025, p. 41-64.

LIVERANI, Mario. The libyan caravan road in Herodotus IV. *Journal of the Economic an Social History of Orient*, n. 43, p. 496-520, 2000.

____. Aghram Nadharif and the southern border of the garamantian kingdom. In: LIVERANI, Mario. *Arid lands in roman times*. Firenze: Edizioni All'insegna del Giglio, 2003, p. 23-36.

MATTINGLY, David. The laguatan: a libyan tribal confederation in the Late Roman Empire. *Libyan studies*, n. 14, p. 96-108, 1983.

____. Historical summary. In: MATTINGLY, David. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2003, p. 75-106.

____. J. *Tripolitania*. London: Taylor & Francis, 2005.

____. From Garama to Jarma. In: MATTINGLY, David. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2013, p. 3-26.

____. The Garamantes and the origins of Saharan trade. In: MATTINGLY, David *et al*. (eds.). *Trade in the Ancient Sahara and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 1-50.

____. Beyond barbarians: the garamantes of the libyan Saara. In: HITCHNER, R. Bruce. *A Companion to North Africa in Antiquity*. Medford: Tufts University, 2022, p. 64-80.

MATTINGLY, David; STERRY, M. The first towns in the central Sahara. *Antiquity*, n. 87, p. 503-518, 2013.

____. State formation in the Sahara and Beyond. In: STERRY, Martin; MATTINGLY, David. *Urbanisation and state formation in the Ancient Sahara and beyond.* Cambridge: Cambridge University Press, 2020, p. 695-721.

MATTINGLY, David; STERRY, Martin; THOMAS, David. Jarma in its Saharan contexto: an urban biography. In: MATTINGLY, David. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2013, p. 505-544.

MATTINGLY, David; WILSON, Andrew. Farming the Sahara: the Garamantian contribuition in Southern Libya. In: LIVERANI, Mario. *Arid lands in roman times*. Roma: Edizioni All'Insegna del Giglio, 2003, p. 37-50.

____. Concluding thoughts: made in Fazzan? In: MATTINGLY, David. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2010, p. 523-530.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, n. 115, p. 103-117, 1983.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos avançados*, n. 24, v. 68, p. 81-101, 2010.

REDE, Marcelo História e cultura material. In: CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2012, p. 133-150.

ROST, Stephanie. *Irrigation in early states.* Chicago: University of Chicago, 2022.

SCHEELE, Judith. Traders, saints and irrigation: reflections on saharan connectivity. *Journal of Africa history*, n. 51, p. 281-300, 2010.

____. The need for nomads. In: MATTINGLY, David *et al*. (eds.). *Trade in the Ancient Sahara and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 54-78.

SNOWDEN, Frank M. *Blacks in Antiquity*: ethiopians in the greco-roman experience. London: Belknap Press, 1970.

STERRY, Martin; MATTINGLY, David; WILSON, Andrew. Foggaras and the garamantes: hydarulic landscapes in the Central Sahara. In: ROST, Stephanie. *Irrigation in early states.* Chicago: University of Chicago, 2022, p. 41-61.

THOMMEN, Lukas. *Na environmental history of ancient Greece and Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

WILSON, Andrew. Foggara irrigation and early state formation in the Libyan

Sahara: the garamantes of Fezzan. *Schriftenriche du Frontinus*, v. 26, p. 223-234, 2005.

____. Saharan trade: short, medium and long-distance trade networks in the roman period. *Azania*, n. 47, p. 409-449, 2012.

____. Saharan exports the roman world. In: MATTINGLY, David *et al*. (eds.). *Trade in the Ancient Sahara and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 189-208.

WILSON, Andrew; MATTINGLY, David. Irrigation technologies: foggaras, wells and field systems. In: MATTINGLY, David (ed.). *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2003, p. 235-278.

WILSON, Andrew; MATTINGLY, David; STERRY, Martin. The diffusion of irrigation tecnologies in the Sahara in Antiquity. In: DUCKWORTH, Chloë N. CUÉNOD, Agnès; MATTINGLY, David (eds.). *Mobile technologies in the Ancient Sahara beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

WITTFOGEL, Karl August. *The oriental despotism.* New Haven/Londres: Yale University Press, 1950.

WORSTER, Donald. *Nature's economy*: A history of ecological ideas. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

O WALBROOK DE *LONDINIUM*: O RIO DOS RITOS DA MORTE QUE OS ROMANOS ARRUINARAM[1]

Renato Pinto[2]

Resumo: *O rio Walbrook, hoje canalizado e parte do sistema de esgoto de Londres, cortava ao meio a cidade romana de Londinium, na Britânia, onde formava um vale entre duas suaves colinas, antes de desaguar no Tâmisa. Apesar de estar presente em quase todos os estudos sobre a cidade, a documentação escrita sobre o rio é virtualmente inexistente, e a arqueologia é a principal fonte de informações sobre o Walbrook. Este artigo almeja divulgar e atualizar a bibliografia sobre o tema ao indicar novos estudos de hidrologia, que, por sua vez, lançam luz sobre a zona de captação do rio, seu regime de enchentes, e demonstram os esforços dos administradores romanos para domesticá-lo ao longo de quase quatro séculos. O Walbrook, propenso a enchentes, foi um rio de água não potável, graças à presença de indústrias poluidoras às suas margens, mas foi, também, palco e cenário para ritos mortuários que envolveram sepultamentos desviantes, decapitações, e uma multitude de atividades sociais e religiosas que ainda são mal compreendidas e instigam novas pesquisas.*

Palavras-chave: *Walbrook; Londinium; Britânia.*

LONDINIUM'S WALBROOK: THE RIVER OF DEATH RITES THAT THE ROMANS RUINED

Abstract: *The Walbrook River, now canalised and part of London's sewage system, bisected the Roman city of Londinium in Britannia, where it formed a valley between two low hills before flowing into the Thames. Despite being cited in almost all studies about the city, written documentation about the river is virtually non-existent, and archaeology is the main source of information about the Walbrook. This article aims to disseminate and update the bibliography on the subject by bringing new hydrological studies, which, in turn, have shed light on the river's catchment area, its flood regime, and demonstrated the efforts of Roman administrators to tame it over nearly*

[1] Recebido em 20/08/2025 e aprovado em 31/08/2025.

[2] Professor de História Antiga da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutor em História Cultural.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4328-9775. Contato: renato.pinto@ufpe.br

four centuries. The Walbrook, prone to flooding, was a river of non-potable water, thanks to the presence of polluting industries along its banks, but it was also the stage and setting for funerary rites that involved deviant burials, decapitations, and a multitude of social and religious activities that are still poorly understood and encourage new research.

Key-words: *Walbrook; Londinium; Roman Britain.*

Introdução

Basicamente, não há estudos a respeito da Londres romana, *Londinium*, a principal cidade romana da província de Britânia, que não citem o rio Walbrook. Não compete com o Tâmisa, é verdade, mas, de uma forma ou de outra, aparece ligado à história da cidade em suas várias fases: na fundação, na expansão entre duas colinas, a Cornhill e a Ludgate; nas primeiras habitações, nas instalações de várias oficinas e indústrias de curtume, vidro, e cerâmica, que, inclusive, trariam consigo níveis alarmantes de poluição; na construção de um muro para a cidade, que represaria suas águas em uma enorme turfa pantanosa, mas que, em efeito colateral ou proposital, diminuiria seus alagamentos mais a jusante. O Walbrook sempre esteve por ali. Nada tão extenso, algo entre 4 ou 5 quilômetros e com nascente e área de captação incertas. Um rio lânguido, não muito largo na maior parte do tempo, mas não sem seus momentos de protagonismo expansivo, e destrutivo: ameaçou a fundação, às suas margens, de um templo dedicado ao deus Mitra, por exemplo. Pouco usado por sua baixa potabilidade e navegação, o Walbrook dividia a cidade de *Londinium* ao meio, antes de desaguar no rio Tâmisa. Os administradores da cidade tentavam a todo tempo aterrar suas várzeas. Um rio com problemas, é verdade, mas incontornável. E mesmo assim, nem sequer sabemos que nome lhe era dado pelos romanos ou habitantes em geral daquela cidade empório do Império Romano. Nada deixaram por escrito sobre esse curso d'água, no qual, por outro lado, deixaram tantos rastros arqueológicos de trabalhos de contenção hidrológica, com paredes de arrimo, bueiros e canais adicionais. Foram várias as construções à sua margem e delas ainda sabemos muito pouco. Por fim, deixaram algo bem mais sinistro em suas águas. Para além dos dejetos poluentes e tóxicos de suas indústrias, o Walbrook foi também o ponto de depósito de centenas de cabeças humanas desarticuladas. Um fenômeno que, proposital ou não, marcaria para sempre os estudos sobre o rio, um rio da morte. Ou o rio dos

cultos à morte, dos ritos misteriosos até hoje, do possível culto à cabeça decepada, dos gladiadores do anfiteatro romano, aliás, construído muito perto dele, das punições de prisioneiros de guerra, e outras associações. E não nos esqueçamos das necrópoles de oficialidade ou funcionalidades suspeitas em seu vale superior, que forneceram, por séculos, material cadavérico para suas curvas e nichos subaquáticos. Um assombro! Tantos corpos insepultos e mutilados são um festim para os arqueólogos forenses e às manchetes de tabloides: "Faça suas compras em *Londinium* até perder a cabeça!", claro.

E há um óbice notável: o rio não existe desde o início da Idade Moderna! Ou melhor, não flui mais à superfície desde então, e hoje é tão somente um canal de esgoto urbano em Londres. Suas águas rolam apenas abaixo dos arranha-céus e das corporações financeiras da City londrina. Às vezes dá a cara, em momentos de grande intervenção urbana, como na construção de novas linhas de metrô. São momentos raros e complexos. A malha urbana superficial e subterrânea de Londres é labiríntica. Um rio sem nome de infância, poluído, cheio de cadáveres insepultos, e que foi canalizado para virar esgoto. O Walbrook foi um rio de ritos, e ritos de morte, entre outros. E foi ele mesmo vítima dos ávidos invasores romanos, despreocupados com a destruição que causavam suas indústrias poluentes e com a domesticação forçada de suas águas, imposta pelas restrições advindas da construção do muro de *Londinium*. Agora canal subterrâneo, mas que, como dito, reemerge em quase qualquer estudo sobre a cidade. Faltava um trabalho mais robusto, específico sobre sua hidrologia e sua relação com a sociedade romano-britânica, com abordagem histórico-arqueológica de fôlego. Não falta mais. A tese de doutorado de Stephen Myers sobre o Walbrook, *The River Walbrook and Roman London*, defendida na Universidade de Reading ao final de 2016, mas ainda não publicada em livro, preenche parte dessa lacuna de maneira exemplar, ao colocar o rio como elemento protagonista[3].

Nos últimos quinze anos, o Walbrook também reapareceu em alguns outros trabalhos, inclusive no Brasil, alguns citados aqui. Antes disso, estrelou em obras

[3] Sem receio de parecer encomiástico ou de adotar tons resenhistas, este artigo fará amplo uso desse estudo de Myers, que não deixa de reconhecer o quanto ainda é preciso avançar nas pesquisas. A parte hidrológica está associada à carreira do autor, que é engenheiro. O mesmo se deu com outro autor, o engenheiro civil Tony Taylor, que iniciou pesquisas hidrológicas em 2012 (Taylor, 2012) e as atualizou em pesquisa em 2020, de pequeno porte.

que o colocavam no grupo dos rios perdidos, com viés saudosista e mesmo turístico, entre os quais constam trabalhos anteriores do próprio Myers, nas várias edições de Nicholas Barton, de *The Lost Rivers of London* (Myers; Barton, 2016). Algumas das informações geográficas sobre altitude a partir do nível do mar e outras são oriundas do *Ordnance Datum*, que aparece de forma abreviada no texto como *OD*[4]. Uma vez que desconhecemos os nomes das regiões de *Londinium* na antiguidade, aqui são usados nomes modernos dos locais associados ao Walbrook. Aliás, nem sabemos ao certo de onde vem o nome do rio.

Walbrook: fontes e perfil hidrológico

Ao final do século XVI, o rio já estava tênue na consciência popular. Até a pesquisa de Stephen Myers (2016), havia poucos estudos específicos sobre o Walbrook, e no campo da hidrologia[5]. Na falta de textos contemporâneos ou de uma investigação hidrológica do regime de fluxo do rio, é desafiador determinar a capacidade total do rio para uso benéfico e avaliar se e em que grau ele pode ter inundado a área metropolitana.

O estudo de Myers preenche de maneira competente essa lacuna. Há alguns motivos para a rarefação desse nível de informação. O Walbrook é um rio que não aparece à superfície há pelo menos 400 anos; nunca foi precisamente mapeado; uma bacia que permaneceu subdesenvolvida antes dos romanos e era principalmente rural durante a era romana, mas agora está totalmente urbanizada, coberta de edificações de grande porte e ruas, estações de trem e de metrô. Infelizmente, além dos achados intrigantes sobre a vida romana inscritos em tábuas de madeira recentemente descobertas no sítio de Bloomberg[6], nenhuma outra documentação escrita contemporânea da vida em *Londinium* foi localizada até agora.

[4] Abreviação: OD – *Ordnance Datum* (Newlyn) é o dado referencial do sistema de nivelamento de terras a partir do nível do mar, usado na maior parte do Reino Unido. Disponível em: https://ntslf.org/sites/ntslf/files/documents/Datums-Information-Sheet.pdf. Acesso em: 20 out. 2025.

[5] Após o início do estudo de Myers, foi publicada uma breve investigação hidrológica do Walbrook, conduzida pelo Museu de Londres, documentada no *London Archaeologist*, de Tony Taylor (2012), todavia, esse estudo, realizado com esparsos recursos financeiros, careceu de um exame mais abrangente das características da bacia hidrográfica.

[6] Disponível em: https://archaeology.co.uk/articles/news/earliest-written-reference-to-london-found.htm. Acesso em: 20 out. 2025.

A pesquisa arqueológica no vale de Walbrook melhorou significativamente a compreensão da vida e da cultura durante a era romana, superando as expectativas para uma cidade em uma província tão distante. A justificativa para isso é ecológica. Condições anaeróbicas são uma marca de suas águas subterrâneas, resultado de solo argiloso, encharcado (formação geológica chamada de *London Clay*). Tais condições resultaram na preservação excepcional de artefatos de madeira e couro, algo que não é comum de acontecer. Por conseguinte, objetos são encontrados em excelente estado quando, de outra maneira, nenhuma outra evidência arqueológica teria sido preservada a contento.

No estudo da organização oficial de *Londinium* e seus rios, o perfil topográfico da área de captação do Walbrook é complexo. Há muitos pequenos canais feitos pelo homem além dos naturais, em grande mescla de conexões e convergências, numa configuração que, por vezes, mal permite estabelecer o curso principal do rio. Isso deixa o registro arqueológico ainda mais desafiador, senão caótico. Ao longo do Pleistoceno e de uma parte significativa do Holoceno pré-histórico, o Grande Vale do Walbrook era tomado de uma densa floresta, predominantemente composta por tílias. À medida que um ambiente mais quente surgiu, a maioria delas foi substituída por amieiros no fundo do vale, adjacente às margens do Walbrook, enquanto carvalhos e avelãs tomaram seu lugar nas encostas mais secas, a montante. No início do período romano, o carvalho era a espécie de árvore predominante. Exames de entomologia, fauna e flora fluviais indicam que o Walbrook era um rio cercado de florestas e áreas de pastagem rústica antes da chegada dos romanos. O vale inferior aparentemente passou por desmatamento durante a Idade do Bronze ou na Idade do Ferro inicial, para propósitos agrícolas locais, em pequena escala. As encostas média e inferior de Ludgate Hill foram terraceadas e drenadas a fim de amenizar as inundações dos afluentes do Walbrook e promover atividades agrícolas. Entretanto, os achados arqueológicos não esclarecem se isso ocorreu antes da chegada dos romanos ou logo depois. A probabilidade é de que tenha sido em período romano (Myers, 2016, p. 152).

Durante a era pré-romana, o vale de Walbrook, que mais tarde evoluiu para as regiões urbanas superiores e médias, era inerentemente plano e pantanoso, propenso a inundações sazonais e, em raras ocasiões, a ocorrências de enchentes volumosas. O rio apresentava um fluxo lânguido durante os períodos áridos, caracterizado por vários canais tributários e interconexões.

Após as inundações, numerosos lagos e corpos d'água se formavam. No estudo feito por Taylor, de maneira provisória, o Walbrook teria uma área de captação que se estendia de Islington até Hackney, compreendendo quase 5 km². O declive do rio em seu trajeto inicial até a foz seria de aproximadamente 35 metros, e a extensão total do rio, cerca de 4 km (Taylor, 2012, p. 96)[7].

Walbrook: instalação dos romanos

Muitos assentamentos romanos do sul da Britânia foram resultado do reaproveitamento de fortificações (*oppida*) prévias dos britões, nome usado neste trabalho para se referir aos habitantes nativos da Britânia (Hingley, 2018, p. 9). Não há sinais de assentamento humano organizado antes dos romanos, e *Londinium* não evolui de um *oppidum* (fortaleza nativa) da idade do Ferro (Hingley, 2018, p. 242; Perring, 2022, p. 5). Fundada em data incerta, algo entre 47-50 d.C., foi fruto da necessidade romana de criar naquele local um ponto de defesa para a nova província adquirida por Cláudio em sua campanha de invasão de 43 d.C. E permaneceu romana por quase quatro séculos[8].

A cidade de *Londinium* foi desenhada por três cursos d'água: o Tâmisa, um rio de maré, o rio Fleet e o Walbrook, que cortou a cidade ao meio. O rio Fleet era o maior afluente do Tâmisa, mas foi o Walbrook, que dissecou a cidade em duas partes, que ganhou notoriedade. Seu vale formou duas colinas (Hingley, 2018, p. 15). A oeste estava a colina Ludgate Hill, de aproximadamente 13 metros de altura OD. Seu lado oriental era flanqueado pelo rio Walbrook. A colina mais a leste, a Cornhill, tinha por volta de 12 metros de altura OD (Taylor, 2012, p. 97; Perring, 2022, p. 35). O primeiro acampamento militar romano em Cornhill, situado no lado norte

[7] É provável que o clima na região tenha sido quente e úmido até pelo menos 250 d.C. (Büntgen *et al*. 2011), com média pluvial anual de 76 cm. Todavia, há estudos que apontam para um clima mais seco (Dark, 2017, p. 17; Perring, 2022, p. 34-35). Considerando-se um regime de chuvas para um clima mais úmido, num cálculo aproximado do volume de água, poder-se-ia dizer que o fluxo diário do Walbrook era de 3500 m³, ou 0,05m³ por segundo (Taylor, 2012, p. 96).

[8] A despeito de interpretações anteriores que atribuíam a criação da cidade aos habitantes nativos da Britânia, hoje há evidências de que o papel da governança militar romana foi de grande impacto para a tomada de decisões e configurações urbanísticas que se seguiram (Perring, 2022, p. 6).

do Tâmisa, foi provavelmente escolhido por suas vantagens estratégicas, e estava prestes a se desenvolver rapidamente em uma cidade, *Londinium*, o principal centro comercial e administrativo da Província. A modesta elevação de Cornhill oferecia uma posição vantajosa sobre uma região predominantemente plana e de baixa altitude; o Tâmisa era de maré naquele local, facilitando a navegação marítima, de ida e volta ao mar aberto, ainda que suficientemente raso para permitir a construção de pontes. Além disso, havia logo ali um pequeno afluente do Tâmisa que delineava uma fronteira defensável a oeste e, se necessário, poderia servir como fonte de água potável, dada a natureza semi-salina do Tâmisa. Pois o Walbrook era esse pequeno rio afluente do Tâmisa, destinado a atravessar o futuro núcleo da cidade enquanto se estendia para o oeste até a colina de Ludgate.

Estudos indicam que teria havido dois braços do Walbrook que se encontravam perto de Finsbury Circus. Um desses braços, a oeste, era caudaloso, e tinha por volta de 3,4 km de extensão, com nascentes em Barsbury e Highbury Fields. Já o outro, mais a leste, era mais lento e nascia perto de Shoreditch. O resultado dessa junção, com a adição de outras pequenas nascentes, seguia em direção ao Tâmisa, percorrendo quase um quilômetro até o desague em Downgate, perto da atual estação Cannon Street. O rio Walbrook alcançava até 7 metros de largura em sua porção mais baixa, mas, após o processo de urbanização, teria havido uma redução de até 4 metros, ficando com meros 3 metros em sua foz (Perring, 2022, p. 35).

O rio pode ter sido percebido como uma fonte de energia e um canal seguro para transportar pessoas e mercadorias. À medida que um município crescia, regiões anteriormente rurais eram gradualmente urbanizadas, frequentemente resultando na cobertura e canalização de córregos e rios para servir como canais de escoamento superficial e de águas residuais. Ainda que, num primeiro olhar, o Walbrook possa se parecer com um riacho discreto, há evidências que sugerem um impacto significativo em *Londinium*.

Walbrook: poluição e poços

O rio Walbrook, fluindo inconspícuo por baixo dos bancos da *City* londrina e desaguando no Tâmisa na altura da estação Cannon Street, influenciou sobremaneira a história de Londres, desde 47 d.C., apesar de sua modesta extensão de aproximadamente 4 km. Atravessava o centro da cidade, em direção norte-sul, com o Rio Fleet delineando sua fronteira ocidental. Com um destino semelhante ao de vários rios desaparecidos em Londres,

atua hoje como um reles canal de esgoto. Escavações realizadas no último século trouxeram à tona um volume significativo de artefatos do leito do rio, oferecendo um relevante olhar arqueológico a respeito da história antiga de Londres. O Walbrook serviu como uma fonte de energia significativa para indústrias, incluindo metalurgia e moagem. Impulsionava a indústria, afetava a governança municipal e, pelo que se pode inferir, foi considerado sagrado por ao menos algum tempo. Serviu, ainda, como um importante canal de transporte, suficientemente amplo nos primeiros anos da colônia para que embarcações pudessem navegar sua entrada de maré, a partir do Tâmisa. Banhos públicos foram localizados adjacentes ao canal do riacho. Contudo, com o passar do tempo, as fábricas adjacentes ao rio contaminaram a água e, nele, os romanos também despejaram seu lixo, tendo o Walbrook servido à guisa de esgoto nos últimos dois milênios.

Aspectos industriais do rio permitem um vislumbre econômico de *Londinium*, e, da mesma forma, de consequências indesejadas do mau uso dos cursos d'água na cidade. As pesquisas arqueológicas produziram múltiplas evidências de oficinas e indústrias dependentes da água, localizadas ao longo das margens da zona urbana do Walbrook, em especial nos subúrbios do norte do assentamento romano. São empresas de alto teor poluente. Quase todos os estudos arqueológicos nos subúrbios do norte descobriram evidências de uma ou mais empresas, muitas vezes aquelas que teriam produzido odores tóxicos, resíduos sólidos substanciais e efluentes contaminantes (Myers, 2016, p. 300).

O rio Walbrook era causador de estragos em suas enchentes e as autoridades da cidade pelejaram para reverter esses danos. Os esforços iniciais de recuperação e controle de enchentes começaram durante o desenvolvimento inicial da cidade, logo após a revolta dos britões contra os romanos, liderados por Boudica, rainha das icênios, que deflagraria, no rastro de sua marcha, um grande incêndio em *Londinium* (*c*. 60 d.C.). Os cidadãos podem ter procurado estabelecer uma zona mais ao norte para operações industriais indesejáveis com o intuito de evitar impactos negativos na qualidade de vida nos setores governamentais, comerciais e residenciais da área urbana. As indústrias mais produtivas podiam se beneficiar de um fornecimento de água confiável, enquanto certos setores, como açougues e suas indústrias relacionadas, dependem de um acesso substancial à água para suas operações. As seções superior e média do vale urbano do Walbrook teriam constituído, portanto, uma seleção ideal para uma "zona industrial",

não obstante o inconveniente das inundações recorrentes, ainda que menos danosas, também atingirem esse trecho do rio (Myers, 2016, p. 302).

No momento da fundação de *Londinium*, além de estabelecer uma barreira segura, o rio pode ter sido inicialmente visto pelos oficiais romanos como uma fonte viável de água potável, mas tal fito foi debalde. Os cascalhos permeáveis sob o solo da Londres romana urbana, situados sobre a impermeável argila (*London Clay*), funcionavam como um reservatório de água e, nos estágios iniciais do assentamento, é provável que carriolas fossem usadas para coletar água das margens do Walbrook para distribuição à população. A abundante água subterrânea era de amplo conhecimento da população, como demonstrado pelo número de poços daquela época. Com o tempo, as indústrias nos subúrbios da área norte de *Londinium* teriam contaminado o rio, e as evidências sugerem que a água do Walbrook era considerada inadequada para uso doméstico sem tratamento básico, exceto talvez durante os primeiros anos de ocupação. Considerando a abundância de poços e a ausência de um sistema de abastecimento conectado e organizado, como um aqueduto, por exemplo, o abastecimento de água potável da cidade originava-se predominantemente de poços aleatórios, escavados nas areias freáticas (Myers, 2016, p. 309 e 327). Mais de cem foram achados entre a parte norte da cidade e Southwark, na margem sul do Tâmisa. Com o passar dos séculos, a população londrina mais abastada parece ter se deslocado para zona baixa do Walbrook, em busca de nascentes mais apropriadas (Mattingly, 2006/2007, p. 341)[9].

Quase todas as indústrias utilizam água em suas operações. Em muitos casos, volumes substanciais de água são essenciais para o processo industrial; em outros, ela é utilizada para resfriamento, enquanto em alguns casos, seu uso é menor, sendo necessário apenas para a limpeza de recipientes

[9] Os poços romanos descobertos, geralmente revestidos de madeira, estavam incrustados no terraço de cascalho e, na maioria das ocasiões, escavados na London Clay, como observado na área da rua Queen Street/Queen Victoria. Só neste local a pesquisa revelou 11 poços, seis dos quais eram revestidos com madeira. Um poço profundo contava com uma escada de madeira e um calção íntimo de couro, ambos atualmente expostos no Museu de Londres. Dispositivos mecânicos de sucção de água foram identificados em poços escavados nas camadas profundas de cascalho, revestidos de madeira para permitir a entrada de água apenas na base, aumentando, assim, a duração da filtragem. Numerosos poços domésticos menores foram escavados na camada de cascalho, a uma distância segura do Walbrook, onde a água potável estaria acessível (Taylor, 2020, p. 9).

e pisos ou para a higiene dos trabalhadores. Relatórios sobre escavações arqueológicas no vale do Walbrook urbano confirmam vestígios de indústria em todas as suas porções, com exceção do trecho com as encostas mais íngremes entre Lothbury e Bucklersbury. As evidências, citadas de forma variável, em artigos e publicações sobre as descobertas incluem edifícios, estruturas industriais como fornos, ferramentas e artefatos relacionados à indústria, lixo e bens associados às seguintes indústrias: açougues, com manipulação de ossos, processamento e produção de colas naturais; curtimento; metalurgia; produção e fabricação de vidro; cerâmica; marcenaria e fabricação de calçados; carpintaria, entre outras. Com exceção das olarias, essas empresas produzem resíduos que causariam grandes quantidades de poluição, particularmente em um rio das dimensões do Walbrook. Os três setores com o maior consumo de água – açougue, processamento de ossos e curtume – estavam localizados na parte norte da cidade, distante do centro e das zonas residenciais mais abastadas.

Walbrook: enchentes e o muro de *Londinium*

O início do assentamento romano não foi simples. Há indícios abundantes de que o rio pode ter inundado seções de seu vale urbano, especialmente nos subúrbios do norte, embora com menos frequência em seus trechos inferiores. É possível afirmar que o segmento sul do Walbrook, mais urbanizado, era um pântano sazonal no início do período romano, e a região passou por atividades consideráveis de aterro utilizando vários materiais naturais e artificiais, incluindo grandes quantidades de dejetos dos estábulos (Myers, 2016, p. 305). A despeito das intervenções, em geral, a região do Walbrook permaneceu em um estado alagadiço durante ao menos os primeiros dois séculos da era romana e as evidências sugerem que inundações notáveis tiveram lugar em *Londinium* entre 85 e 90 d.C., 140 e 160 d.C., e 180 e 220 d.C., indicando que os esforços para mitigar as inundações por meio da elevação do terreno foram apenas parcialmente eficazes (Myers, 2016, p. 150). A situação sofreria alguma melhora somente com a construção do muro da cidade, ao norte, ao início do séc. III d.C. Antes de sua instalação, os romanos empregaram três técnicas principais para atenuar e prevenir as inundações: a construção de revestimentos para confinar o rio dentro de suas margens, a recuperação de terras envolvendo o aterro e o nivelamento das variações topográficas juntamente com o rea-

linhamento do rio. As pesquisas encontraram vários locais onde o rio foi realinhado, potencialmente para minimizar inundações em uma área específica; no entanto, isso muitas vezes agravava as condições de inundação a jusante (Myers, 2016, p. 274)[10].

A construção do muro de *Londinium*, entre 190 e 220 d.C. teria transformado significativamente tanto as características visuais quanto hidrológicas da região, resultando em um pântano permanente ao norte da muralha (Myers, 2016, p. 127). Ao tempo da construção do muro de Londres, houve mais aterros, e a vazão do Walbrook foi restrita por meio de um bueiro arqueado que tinha pelo menos 13 metros de comprimento, construído em uma plataforma de pedra de 3,6 metros de largura por 1,5 metros de altura, cuja base parece estar próxima àquela da fundação principal da própria muralha. Dado que o bueiro mede aproximadamente 1,1 metros de altura e 0,91 metros de largura, a descarga do Walbrook teria sido severamente limitada a quase 1 m³ por segundo durante períodos de fortes fluxos do rio. Nesse regime de restrição de passagem, a água se acumularia atrás do muro, criando, na prática, uma barragem reguladora. Devido à limitação do fluxo pela muralha da cidade, depósitos de turfa teriam se formado no Walbrook extramuros. Possivelmente, as enchentes teriam quase que desaparecido depois da intervenção do muro (Taylor, 2012, p. 98).

Ao lado de fora do muro da cidade, as pesquisas arqueológicas apontam que a região experimentou inundações sazonais antes de sua construção. Desde as primeiras décadas do século III d.C., já após a construção do muro, a ausência de estruturas arqueológicas no vale do Walbrook superior, juntamente com evidências de estagnação prolongada de água, sugere que o pântano de Moorfields e o acúmulo de turfa resultaram diretamente da construção da muralha da cidade.

O muro de *Londinium* limitou e estreitou o curso do Walbrook. E, embora a ocorrência de inundações tivesse sido substancialmente reduzida, mesmo para um Walbrook com apenas um curso de fluxo, ainda aconte-

[10] Estudos apontam que o Walbrook se elevou 3,5 metros acima de seu nível original durante o domínio romano, e, num processo desde o início da primeira ocupação, foi deslocado para o leste como resultado de paredes de retenção criadas para restringir a sua largura. As marés eram outro inconveniente, efeito direto do Tâmisa, tão altas no início da era romana (até 1,5 m OD), que chegavam até a área de Bank no séc. I d.C. (Taylor, 2012, p. 96). A ação das marés teria tido pouco impacto a partir do séc. II d.C., graças à diminuição dos seus níveis no próprio Tâmisa (Taylor, 2012, p. 97).

ciam, necessitando esforços de elevação do terreno na parte superior e média do rio na área urbana. No entanto, o aterro então poderia ser menos intenso, e é provável que não houvesse necessidade de elevar o solo de forma incremental (Myers, 2016, p. 253).

O volume significativo de atividades de elevação de terras ocorreu no vale do Walbrook desde as últimas décadas do século I, até o início do século III, época da conclusão do muro da cidade (c. 220 d.C.). Infelizmente, ainda é impossível determinar se essa atividade de aterro, que provavelmente incorria em despesas substanciais, foi executada por uma administração pública, forças militares, ou por proprietários de terras ou indivíduos utilizando a propriedade para fins residenciais, industriais ou artesanais. Uma ilustração eficaz dos desafios dos romanos em gerenciar inundações, e a subsequente elevação da terra em reação a ocorrências persistentes de inundações, foi identificada no sítio arqueológico THY01 (Leary; Butler, 2012), onde a inundação deixou marcas nos estratos extremamente finos de silte. O terreno, anteriormente pantanoso, foi elevado de 0,3 a 0,8 metros utilizando resíduos orgânicos antropogênicos para alcançar 5,30 metros OD. Apesar da instalação de múltiplos drenos de caixa, essa elevação provou ser inadequada para prevenir inundações recorrentes, e a terra rapidamente voltou a um estado pantanoso. Material adicional foi depositado para elevar a superfície do solo entre 5,90 e 6,10 m OD, e outra série de drenos de caixa foi instalada; no entanto, houve pelo menos mais três ocorrências de inundações substanciais. A drenagem evoluiu por meio de várias etapas tecnológicas, passando de drenos de caixa, que ficaram assoreados, para valas abertas, e revertendo para drenos de caixa. Essa sequência de elevações do terreno, inundação e, novamente, elevação do terreno se repetiu por gerações até meados do século III, quando o terreno atingiu uma elevação de 7,60 metros acima do nível de referência, superando seu nível original em mais de 2,5 metros. Durante esse período, valas abertas foram empregadas para drenagem, com seus lados protegidos contra a erosão por tábuas de madeira fixadas por estacas cravadas. O terreno estava apenas 0,5 metros acima do leito do Walbrook adjacente, e a inundação persistia. Ao final do século IV, a deposição adicional elevou o terreno em um metro (Myers, 2016, p. 283).

Voltando ao momento da construção do muro, construído entre 190 e 225 d.C., a escolha em erigi-lo, depois da óbvia proteção militar, provavelmente teria sido considerada pelos engenheiros romanos como uma

oportunidade de represar efetivamente as águas do Walbrook. Para fazê-lo, em vez de atravessar o rio e seus afluentes em uma interseção da muralha, instalaram bueiros (Myers, 2016, p. 291).

Até agora, seis bueiros foram localizados, dos quais quatro são romanos, apresentando uma seção transversal que permite a passagem irrestrita dos fluxos típicos. No entanto, comportas básicas nas entradas dos tubos teriam limitado os fluxos de águas pluviais, resultando em um represamento que inundaria a área e criaram um pântano ao norte da muralha, enquanto poupava a área urbana ao sul. Nenhum vestígio de comportas foi descoberto nas aberturas dos tubos; no entanto, dado que provavelmente foram construídas de madeira, elas podem ter se deteriorado e se dissolvido. A seção transversal limitada dos canais em relação ao leito do riacho, seja intencional ou incidental, teria restringido o fluxo para a área urbana, e a incorporação de uma comporta básica poderia ter obstruído completamente as águas de inundação de entrar na zona urbana. Uma variedade de vantagens teria resultado dessa limitação no fluxo do Walbrook através da região urbana (Myers, 2016, p. 292). A principal seria a prevenção de inundações na área que se transformaria na antiga planície de inundação do Walbrook metropolitano. Ao quase erradicar o risco de inundações, estruturas de maior status poderiam ser erguidas em propriedades adjacentes e dentro da antiga planície de inundação do Walbrook, aumentando substancialmente o valor dessa área. Além disso, a infraestrutura portuária no estuário, independentemente de seu status informal, estaria protegida contra danos causados por súbitas ondas de água, e as embarcações que estivessem encalhadas, atracadas ou ancoradas no estuário também estariam protegidas (Myers, 2016, p. 300).

Assim, a natureza do crescimento no vale do Walbrook parece ter se transformado no séc. III d.C. O canal estreitado do Wallbrook através da muralha, intencionalmente ou não, teria, senão erradicado as inundações no vale do Walbrook, ao menos "desidratado" em muito suas enchentes.

Walbrook: cemitérios e crânios

Um dos aspectos forenses e midiáticos mais notáveis e controversos envolvendo o rio Walbrook é a deposição desproporcional de crânios humanos em suas águas. Muitos foram associados a fenômenos tafonômicos, mas alguns que parecem desafiar essa lógica. Arqueólogos descobriram 39

crânios romanos na parte superior do vale que não parecem se enquadrar nos movimentos hidrológicos do rio. Teriam sido gladiadores? Criminosos ou vítimas de lutas contra os romanos, mesmo em outros locais da província? Ainda pairam muitas incertezas e numerosos enigmas.

Uma das ações iniciais dos habitantes romanos de uma Londres "embrionária" teria sido delinear os limites da cidade, seu *pomerium*, pois era essencial na cultura romana estabelecer os locais dos cemitérios, que eram permitidos apenas além dos limites da cidade (Harward *et al.*, 2015, p. 2). O posicionamento dos primeiros sepultamentos sugere que a fronteira norte provavelmente seguiu uma trajetória semelhante à da muralha da cidade construída um século e meio depois. Os engenheiros da cidade teriam reconhecido desde o início que o pântano e o brejo que compunham a área urbana superior e média adjacente ao rio Walbrook eram propensos a inundações regulares. Para que a restrição do *pomerium* fosse observada, as fronteiras de uma cidade deveriam ter sido estabelecidas no início de sua existência. Uma ampla trincheira orientada de leste a oeste, descoberta logo além da futura muralha da cidade, na Blomfield Street, foi interpretada como um marcador desse tipo de limite. Essa vala foi encontrada diretamente ao norte da eventual muralha da cidade. Uma coleção de sepulturas muito simples, de inumação, foi descoberta no lado oriental desse local, à certa distância do Walbrook. Nenhuma evidência de caixões ou itens funerários diretamente associados a essas sepulturas foi descoberta. Os dados reforçam a probabilidade de que os empobrecidos e indivíduos de baixa posição social residissem nos subúrbios do norte da cidade, propensos a inundações (Myers, 2016, p. 320).

Na cultura de muitas sociedades do mundo romano, em especial na britânica da Idade do Ferro, as regiões marcadas pela presença de corpos d'água ou alagadiças, como nas turfas (ou turfeiras), são comumente associadas a operações ritualísticas de purificação dos espíritos ou de ritos passagem da vida para o mundo dos mortos. Há até mesmo a sugestão de sacrifícios humanos. O caso dos famosos corpos das turfeiras se enquadraria aqui, por exemplo (ver Pinto; Rangel, 2014)[11]. A área do vale superior do

[11]Talvez rios, lagos e turfas funcionassem como portais, sendo entendidos como de natureza limítrofe. Nesses *loci* aquáticos é comum serem encontrados corpos de pessoas que parecem ter passado por prováveis rituais de desarticulação e despostagem (Hingley, 2018, p. 206-207).

Walbrook contou com um cemitério que padeceu com as inundações desse curso d'água. Ali, os corpos tendiam a ser expostos pelas correntezas, gerando cenas que parecem destoar da tranquilidade esperada para um lugar dedicado aos mortos na Roma antiga (Hingley, 2018, p. 243), mesmo que numa província tão distante da Itália. Os crânios desarticulados, encontrados no Walbrook, foram, em grande parte, levados pelas águas a partir de cemitérios, primordialmente o do vale superior do Walbrook, nesse caso, uma necrópole de características misteriosas, pois há algo de não oficial e até mesmo subversivo em sua existência naquela área alagadiça, improvável para inumações, portanto (Pinto, 2017). Aparentemente, fenômenos tafonômicos poderiam explicar uma boa parte desses depósitos humanos. Nessa perspectiva, não há uma conexão direta e ou inequívoca com um culto à cabeça decepada (Harward *et al.*, 2015, p. 134). Nessa região há, ainda, uma significativa quantidade de material de descarte orgânico e inorgânico, o que a torna rica em material arqueológico. Muito desse material é de restos humanos. Em *Moor House* foram achados 107 esqueletos, com datação que varia da época romana até a Modernidade, no séc. XVIII, mas os crânios desarticulados de 13 indivíduos foram todos datados dos séculos I e II d.C. (Hingley, 2018, p. 161).

Em apenas uma escavação feita entre 1988 e 1989 na 52-63 London Wall, mais de 39 crânios foram achados, desarticulados. Os trabalhos de Rebecca Redfern e de Heather Bonney (2014) indicam que eram quase todos crânios de adultos masculinos, entre 18 e 35 anos de idade, depositados entre 120 e 160 d.C. Esses crânios formam um acumulado desproporcional e aberrante que não parece ter sido fruto do acaso. Há algo de seleção envolvido. Descartado para esses casos o efeito tafonômico, há várias possibilidades para explicar o fenômeno: execução e decapitação de prisioneiros de guerra trazidos de longe para *Londinium*, gladiadores, pois naquela zona foi construído o anfiteatro romano, em 70 d.C, ou resultado de culto à cabeça decepada (ver também: Redfern e Bonney, 2014; Harward *et al*., 2015; Pinto, 2017).

O arqueólogo Domenic Perring avaliou de forma competente e ampla a situação dos corpos e crânios achados no Walbrook em sua *obra London in the Roman World*. Sem desfocar o olhar sobre o rio Walbrook ou digressionar, apresento aqui um resumo de parte de sua análise, que merece uma leitura cuidadosa para quem tem acesso à obra integral. Muitas perguntas, contudo, permanecem em aberto sobre esse tema tão instigante (2022, p. 249-252).

Vários crânios humanos foram encontrados no Walbrook, e muitos foram descobertos nas escavações de esgoto e construções do século XIX ao redor do Finsbury Circus. Nenhuma contagem foi feita desses primeiros achados, mas descobertas posteriores resultaram em mais de 300 crânios. Muitos dos crânios avaliados são de jovens rapazes e apresentam sinais de tratamento abusivo. Por muito tempo, acreditou-se que alguns desses crânios foram arrastados dos cemitérios a montante. No entanto, é preciso considerar que o cemitério do vale superior era pequeno demais para produzir centenas de crânios de Walbrook. Domenic Perring rejeita a alegação de que várias centenas de crânios foram arrastados para o Walbrook a partir de sepulturas mal posicionadas.

Escavações realizadas em Finsbury Circus e Eldon Street de 1987 a 2007 encontraram dez cremações e mais de 100 inumações, datadas principalmente do sec. II d.C. ao início do III d.C. As sepulturas exibiam uma proporção notavelmente alta de homens para mulheres, na razão de 4:1, com os adultos mais velhos sendo sub-representados. O cemitério apresentou características indicativas de seu possível baixo *status* social, evidenciado por um número limitado de caixões e recipientes, falta de ossos de animais ligados a refeições funerárias e uma variedade de práticas de sepultamento irregulares, como posições corporais em decúbito e agachadas. A alta proporção de inumações durante um período em que a cremação era predominantemente favorecida é enigmática, mas pode sugerir que um túmulo escavado apressadamente representava um método mais econômico de disposição de cadáveres do que cremar o morto. Múltiplas sepulturas rasas nesse cemitério estavam dispostas na vala que direcionava o afluente do Walbrook. As sepulturas foram posteriormente erodidas devido à correnteza e às inundações, resultando no deslocamento de partes dos corpos e contribuindo para a sua fragmentação *postmortem*. Alguns ossos não articulados do local exibiam marcas de corte de despostagem, indicativas de talho para consumo. Talvez canibalismo?

As práticas atípicas incluíam um sepultamento por decapitação e duas ocorrências de anéis de ferro forjados ao redor dos tornozelos. Um homem adulto, com aproximadamente 18 a 25 anos, tinha anéis de ferro soldados em torno de cada tornozelo. Em um caso separado, um cadáver parece ter sido enterrado com as mãos amarradas atrás das costas. Seis inumações à beira da estrada foram descobertas a leste da travessia de Walbrook, datadas aproximadamente de 140 a 160 d.C. com base nos artefatos associados. Três corpos, todos pertencentes a indivíduos com idades entre 18 e 35 anos, apresentavam

decapitação pela parte de trás ou pelo lado direito, resultante de golpes violentos com instrumentos de lâmina, provavelmente espadas. Os ângulos das feridas indicam execução por trás de vítimas em posição de joelhos com a cabeça baixa. Um esqueleto decapitado foi identificado como uma mulher cuja assinatura isotópica indica uma infância em terras calcárias, semelhantes às da bacia de Londres. O alto teor de chumbo no esmalte dos dentes denota que ela passou sua infância em um ambiente urbano. Um outro sepultamento separado à beira da estrada era o de um homem de 26 a 35 anos, com um anel de ferro firmemente forjado em torno de seu pulso direito. O metal aquecido foi moldado ao redor do braço estendido, potencialmente como um ato de tortura ou para alterar a aparência do cadáver. Esses sepultamentos incluíam indivíduos submetidos à punição militar e execução. A zona pantanosa ao norte adjacente ao Walbrook, visível do forte e do anfiteatro, servia como um local adequado para os falecidos marginalizados, abrangendo indivíduos que receberam ritos funerários mínimos e outros que não receberam nenhum[12].

Com o passar do tempo, a área mais ao norte da cidade parece ter deixado de ser tão associada ao desprezo periférico. Há um aumento perceptível nas habitações na área do vale superior por volta de 125 d.C. (Hingley, 218, p. 120) e as pesquisas arqueológicas apontam que esse grande afluxo de pessoas à essa parte norte no vale superior do Walbrook era esperado, com o aparecimento de muitas atividades socioculturais envolvidas – o anfiteatro é um elemento incontornável – a despeito de ser um marco fronteiriço para a cidade (Hingley, 2018, p. 162, 245 e 247.), ou, talvez, exatamente por isso.

Considerações finais

Há mesmo coisas básicas ainda desconhecidas sobre o Walbrook. Com elevado grau especulativo, o nome Walbrook talvez derive dos termos do inglês antigo *wala*, que significa "dos galeses", e *broc*, que significa "riacho". Embora atualmente seja chamado de Walbrook, a primeira documentação deste rio, datada de 1274, identificava-o como *Walbrookstrate*[13]. Mas

[12] Digno de nota, em 2017 foi publicada a obra *Outside Roman London*: Roadside Burials by the Walbrook Stream, de Ranieri e Telfer. Nela há algumas novas propostas interpretativas para os sepultamentos não convencionais do vale do Walbrook.

[13] Disponível em: https://medievallondon.ace.fordham.edu/exhibits/show/medieval-london-sites/walbrook. Acesso em: 21 out. 2025.

a primeira vez em que o rio aparece num mapa com o nome de *Walborok* é em uma gravura feita por William Stukely, em 1722 (Myers, 2016, p. 7).

Apesar de ser um dos rios menos sanitários de Londres, nunca efetivamente potável após a presença romana, o Walbrook promoveu a prosperidade de sua região devido ao seu papel essencial no comércio. Serviu como elo entre o rio Tâmisa e o restante da cidade, facilitando a utilização dessa seção do Walbrook para exportações estrangeiras, além de ser percebido como uma fonte de energia e um método seguro para transportar indivíduos e mercadorias. Estudos arqueológicos tradicionais, aliados a estudos hidrológicos, podem fornecer dados a partir dos quais se pode deduzir o impacto do rio nas sociedades antigas e vice-versa.

É plausível conjecturar que os comandantes romanos, ao observarem as duas colinas baixas, Ludgate Hill e Cornhill, a partir dos extensos pântanos de maré da margem sul do Tâmisa, avaliaram-nas como uma localização estratégica e defensiva para estabelecer um acampamento. Essa perspectiva pode ter sido reforçada pela presença do Walbrook, que fluía entre as duas colinas. Considerando as características pantanosas da planície de inundação urbana média e superior do Walbrook, bem como uma parte significativa de sua parte estuarina, teria sido razoável para os desenvolvedores deixarem a área desabitada. Mas não foi essa a escolha. Na ausência de documentos contemporâneos, as motivações por trás dela só podem ser conjecturadas. A recuperação da região, suficiente para gerar desenvolvimento, teria exigido esforços consideráveis e caros para elevar a superfície do solo acima dos níveis de inundação projetados.

Devido à sua tendência a inundações e aos procedimentos abrangentes empregados para mitigar os riscos de inundação e gerenciar o Walbrook, é evidente que o rio afetou negativamente certas áreas de *Londinium*. Todavia, seria imprudente e precipitado adotarmos uma percepção *exclusivamente* negativa do rio. O problema é realmente mensurar se a maneira como o Walbrook foi tratado pode ser relativizada, pois foram muitas as mazelas. Para os arqueólogos, no entanto, sempre houve boas notícias. As condições anaeróbicas do solo ao redor do rio Walbrook resultaram na preservação excepcional de artefatos de madeira e couro. Na escavação de 1954, a varredura da área revelou que as margens do desaparecido rio Walbrook eram ladeadas por construções romanas de madeira. Um sem-número de artefatos do templo está hoje na coleção do Museu de Londres, incluindo altares, estátuas e uma cabeça de mármore de Mitras, entre tantos outros.

Num aspecto que é certamente o mais alarmante sobre o Walbrook e seu impacto na população de *Londinium*, a poluição que a economia industrial causou é um grande fator de análise para estudos ambientais do passado. Os romanos, de certa maneira, selaram o destino funesto do Walbrook. Pode-se argumentar que começou ali, com os romanos, a triste transformação de um rio em um canal de esgoto. Mesmo que o Walbrook ainda pudesse exercer algum papel positivo na população, seus benefícios vieram a um custo muito alto. Este é um estudo de divulgação, e não pretendi oferecer dados que possam ser quantitativos para pesquisas hidrológicas futuras. Todavia, espero ter apresentado um estudo de caso que gere interesse em entender cada vez mais como os recursos hídricos impactaram a história da expansão romana e como ora impulsionaram seu sucesso, ora promoveram recuos. E contribuído para maior interesse no mais importante: como as pessoas agiram e reagiram diante dos desafios e benefícios dos seus usos das águas.

Referências Bibliográficas

BÜNTGEN, Ulf *et al*. 2500 years of European Climate Variability and human Susceptibility. *Science*, p. 578-82, 2011.

DARK, Petra. The Environment of Southern Roman Britain. In: BIRD, David (ed.). *Agriculture and Industry in South-Eastern Roman Britain*. Oxford: Oxbow, 2017, p. 15-34.

HARWARD, Chiz *et al*. *The Upper Walbrook valley cemetery of Roman London*. Excavations at Finsbury Circus, City of London, 1987-2007. London: MOLA Monograph 69, 2015.

HINGLEY, Richard. *Londinium:* a Biography. Roman London from its Origins to the Fifth Century. London: Bloomsbury, 2018.

LEARY, Jim; BUTLER, Jonathan. *Roman Archaeology in the Upper Reaches of the Walbrook Valley.* Excavations at 6-8 Tokenhouse Yard, London EC2. London: Pre-Construct Archaeology, 2012.

MATTINGLY, David. *An Imperial Possession*: Britain in the Roman Empire, 54 BC-AD 409. London: Penguin, 2006/2007.

MYERS, Stephen; BARTON, Nicholas. *The Lost Rivers of London*. Whitstable, Kent: Historical Publications, 2016.

MYERS, Stephen. *The River Walbrook and Roman London.* Thesis (PhD),

School of Archaeology, Geography and Environmental Science – University of Reading, 2016.

PERRING, Dominic. *London in the Roman World*. Oxford: OUP, 2022.

PINTO, Renato; RANGEL, Liszt. Aspectos dos "Bog Bodies" e do "Culto da cabeça decepada" na Bretanha pré-histórica e romana. *Classica*: Revista Brasileira de Estudos Clássicos, n. 27.1, p. 155-184, 2014.

PINTO, Renato. Os Crânios do Cemitério do Vale Superior do Walbrook: tafonomia e ritos. *Revista M*: Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer, v. 2, p. 375-395, 2017.

RANIERI, Serena; TELFER, Alison. *Outside Roman London*: Roadside Burials by the Walbrook Stream. London: MOLA, 2017.

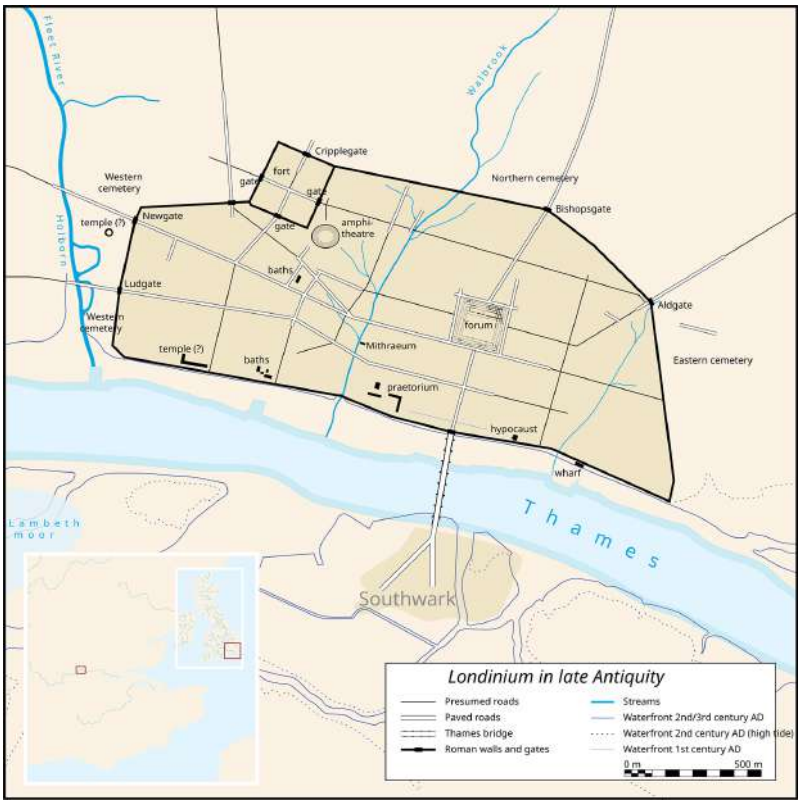
REDFERN, Rebecca; BONNEY, Heather. Headhunting and amphitheatre combat in Roman London, England: new evidence from the Walbrook Valley. *Journal of Archaeological Science*, v. 43, p. 214-226, mar., 2014.

TAYLOR, Tony. A study of the River Walbrook through Roman London. *London Archaeologist*, n. 13, p. 95-99, 2012.

____. The pre-Roman Walbrook landscape and Roman London. *London Archaeologist* n. 16.1, p. 3-9, 2020.

Mapa

Londinium, c. 400 d.C. Destaque hidrográfico. Creative Commons Attribution 2.5 Generic. Autor: Fremantleboy. Acesso à licença em 09/2025: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/59/Map_Londinium_400_AD-de.svg



LA REVALORIZACIÓN DE LA GEOGRAFÍA HELENÍSTICA EN LA FIGURA DE ESTRABÓN: ENTRE TRADICIÓN Y CONTINUIDAD[1]

Teresita Cano-Ricárdez[2]

Leslie Lagos-Aburto[3]

Resumen: *La revalorización de la obra estraboniana, que rescata y reconoce el conocimiento geográfico desde sus orígenes en la poesía y épica griega, pasando por la historiografía y la geografía matemática hasta comienzos del principado, también descubre y aporta información del espacio geográfico, gracias a Estrabón se tiene la descripción de la nueva configuración de la oikuménē. La Geografía ha sido materia de revisiones y análisis en innumerablemente, y siempre se obtienen nuevos comentarios que motiva repensar su alcance. En este trabajo nuestra intención es evidenciar que la obra de Estrabón se ha proyectado como un modelo a seguir y cómo su constante reinterpretación no ha modificado su posición dentro de la geografía helenística, y griega en general, y cómo sus métodos de estudio han nutrido a la geografía histórica en beneficio de la comprensión de la oikuménē.*

Palabras claves: *Estrabón; Geografía; Historiografía; Revaloración.*

THE REVALUATION OF HELLENISTIC GEOGRAPHY IN THE FIGURE OF STRABO: BETWEEN TRADITION AND CONTINUITY

Abstract: *The revaluation of Strabo's work, which rescues and recognizes geographical knowledge from its origins in Greek poetry and epic poetry, through historiography and mathematical geography to the beginnings of the Principate, also uncovers and provides information about geographical*

[1] Recibido el 11/09/2025 y aprobado el 17/09/2025.

[2] Licenciada en Lenguas Clásicas (Universidad Autónoma de México) y Maestra en Geografía (Universidad Autónoma de México). Profesora del Instituto Politécnico Nacional (México).
ORCID ID: https://orcid.org/0000-0003-1158-9343.
Correo electrónico: terecanoricardez@gmail.com

[3] Doctora en Historia. Profesora de Historia Antigua (Universidad de Concepción, Chile). ORCID ID: https://orcid.org/0000-0002-9210-8056. Correo electrónico: llagos@udec.cl

space. Thanks to Strabo, we have a description of the new configuration of oikuménē. Geography has been the subject of countless revisions and analyses, and new commentaries constantly emerge that motivate us to rethink its scope. In this work, our intention is to show that Strabo's work has been projected as a model to follow and how its constant reinterpretation has not modified its position within Hellenistic geography, nor in Greek geography in general, and how his study methods have nourished historical geography for the benefit of the understanding of oikuménē.

Keywords: *Strabo; Geography; Historiography; Revaluation.*

Introducción

Estrabón, uno de los geógrafos antiguos más importantes y con mayor trascendencia hasta hoy en día, puede su influencia ser rastreada desde la antigüedad hasta Humboldt y Ritter, padres de la geografía moderna. También en Ratzel, Vidal de la Blanche y Sauer, quienes ayudaron a la institucionalización de la Geografía son herederos de la obra estraboniana. Así al adentrarnos en la vida de Estrabón descubrimos que siendo en un comienzo un historiador decidió escribir una obra geográfica ante la necesidad de describir la nueva configuración de la *oikuménē* helenística.

Preston E. James y Geoffrey J. Martin consideran que en la obra monumental de Estrabón se compilan los escritos de sus predecesores, que está escrita para un grupo específico de lectores: estadistas y comandantes militares, principalmente, que buscaban descripciones detalladas de las diversas partes del mundo conocido (Cfr. Preston E. James and Geoffrey J. Martin, 1981, p. 35-37). José Ortega Valcárcel (2000, p. 52-53) comenta:

> Estrabón es un historiador que, al final de su vida, se aproxima a la geografía. El discurso de Estrabón aparece como una interpretación renovada de la geografía. Se trata de una reflexión sobre la naturaleza y el significado de la representación geográfica, que integra, tanto la tradición geométrica o cartográfica como la física y territorial […] Él recoge de forma sistemática cuantas informaciones e hipótesis se han acumulado durante los siglos precedentes acerca de la Tierra, sus lugares, territorios y configuración espacial […] Su obra es un intento de ordenación que tiene un doble objetivo: ubicar los territorios y lugares y representarlos de una forma progresiva y secuencial de acuerdo con un modelo conceptual y expositivo. Se trataba de establecer los caracteres generales y específicos de los mismos. Se los utilizaba como marcos de presentación de los diversos pueblos

> y como escenarios de las acciones y acontecimientos pasados y presentes. Estrabón extiende ante el lector – lo formula de modo explícito – un discurso que tendrá un arraigo innegable y que, sin duda, poseía aceptación: el espacio terrestre como retablo, como tablero, como escenario de los hechos humanos.

Por su parte, Tim Unwin explica que "la geografía de Estrabón puede considerarse la geografía oficial más antigua que ha llegado hasta nosotros. […] La obra de Estrabón nos permite, en palabras de Bunbury (1879, II. 209) tener por primera vez una visión completa y satisfactoria del estado de la ciencia geografía" (Unwin, 1995, p. 83), mientras que el ensayista y pensador mexicano Alfonso Reyes reflexiona que "la Geografía de Estrabón es el sumario más completo de la geografía antigua. Aunque se jacta de haber superado a sus predecesores, recorriendo desde Armenia hasta la costa etrusca de Italia, y desde el Mar Negro hasta las riberas de Etiopia" (Reyes, 1949, p. 88). Por consiguiente, la obra colosal de Estrabón posee innegablemente muchos matices, no intentaremos con este estudio elaborar un tratado exhaustivo, sino que nos concentraremos en un elemento específico. Para ello, debemos comenzar con las explicaciones de cómo nació la *Geografía* y por qué es arquetípica, para luego alcanzar nuestro objetivo que es su influencia en los geógrafos modernos y la propuesta metodológica del uso del modelo estraboniano, que no sólo se conformaron con leer esta obra como fuente de información, sino que establecer que las bases del conocimiento geográfico están en Estrabón más que en otros reconocidos geógrafos de la antigüedad. Así que dividiremos este trabajo en tres partes: la primera, presentaremos datos biográficos del autor; la segunda, elaboraremos análisis de la continuidad de la obra de Estrabón en la geografía moderna; y, por último, la revaloración del método de Estrabón como propuesta de estudio geográfico y su relación con la historia, para luego presentar algunas reflexiones finales que sin dudas puede quedar abierto para un siguiente estudio.

Por lo anterior, es que nos hemos formulado organizar una interpretación en torno a la revaloración de Estrabón y sus aportes, en vista de que ya se ha escrito demasiado en función del método, herencia e incluso variados comentarios de su obra, y aunque nunca están demás las nuevas reflexiones, creemos que centrarnos en aquella revaloración de Estrabón como un autor que invita a lo transversal, a lo interdisciplinario, a recurrir a él para

la enseñanza de la Geografía y a repensarlo cómo un intermediario entre el mundo greco-helenístico y Roma.

Nuestro autor y su obra

Estrabón (Στράβων) nació en el 63 a.C. y murió en el 21 d. C. en Amasia[4], capital del Ponto, la cual, había pertenecido antes a la Capadocia y que estaba habitada por los leucos – sirios y que, bajo la administración romana, recibió el nombre de Pontus Galaticus (Cfr. Roig, 1980). Su infancia transcurrió en medio de las sucesivas guerras civiles de Pompeyo y César, de Antonio y Octavio. Y a partir de Accio, vivió bajo la paz de Augusto para concluir sus días durante el gobierno de Tiberio (Cfr. García-Blanco, 1991). La aristocrática familia de su madre era muy antigua y célebre, y sus antepasados maternos habían estado unidos en estrecha amistad con los reyes del Ponto, Mitrídates V *Evérgetes* y Mitrídates VI *Eupátor* (Cfr. García-Blanco, 1991).

Estrabón estudió en Nisa del Meandro, en Caria, gramática y retórica con Aristodemo de Nisa (Estrabón, XIV, I, 48). Es probable que haya viajado por primera vez a Roma antes del 44 a. C. y allí fue discípulo de Jenarco de Seleucia (Cfr. García-Blanco, 1991). Estudió gramática en Roma entre el 44 y el 35 a.C. con Teofrasto de Amiso[5] en el Ponto (Estrabón, XII, 3, 16), filosofía peripatética con Senarco y aristotelismo con el filósofo Boeto de Sidón (Estrabón, XVI, 2, 24). Asimismo, se sabe que la curiosidad histórica de Estrabón lo llevó a visitar desde Armenia hasta las regiones de Tirrenia frente a Cerdeña, y hacia el Sur, desde el mar Euxino hasta los confines de Etiopía[6]. No se conoce con certeza que hizo en los últimos años

[4] La ciudad natal de Estrabón todavía existe, como parte integrante de la Turquía asiática, y lleva el nombre de Amasya.

[5] Cuyo sobrenombre era Tiranión. Era una autoridad en geografía y fue también, profesor de Cicerón en el año 56 (Cfr. Cicerón. *Cartas a Ático*. 26, 2, 6).

[6] Viajó por numerosos lugares de Asia Menor la Comana en el Antitauro (Cfr. Estrabón, XII, 2, 3); Cataonia (Cfr. Estrabón, XII, 2, 4); Nisa del Meandro, donde también vivió (Cfr. Estrabón, XIX, I, 43-46); Trales (Cfr. Estrabón, XIX, 1, 44); Acaraca (Cfr. Estrabón, XIX, 1, 4); Hierápolis del Meandro (Cfr. Estrabón, XII, 2, 3); Magnesia del Meandro (Cfr. Estrabón, XIV, 1, 41) y Mazaca en Capadocia (Cfr. Estrabón, XII, 2, 7), Conoció Tarso, Efeso, Rodas, Cos y las costas de Cilicia (Cfr. Estrabón, XIV, 5, 4-7). Y visitó Creta (Cfr. Estrabón, X, 4, 10), Corinto y Argos (Cfr. Estrabón, VIII,

de vida, quizá fijó su residencia en Roma o Nápoles o tal vez, pero murió en Amasia en el 21 y 24 d.C.

En *Geografía* nuestro autor analiza el mundo conocido[7], la *oikuménē*. Lo que acontece más allá del mundo habitado conocido no es tratado en la obra, por lo que el valor de las descripciones estrabonianas no radican tanto en la novedad de sus fuentes (con respecto de los otros escritos geográficos de su época), sino en la noción de conjunto que alcanzó el mundo conocido, que fue sometido a la dominación romana y unificado de acuerdo con los intereses económicos y políticos de la nueva realidad mediterránea (Cfr. Roig, 1980).

Sabemos que sus principales fuentes fueron: Eratóstenes e Hiparco, geógrafos; entre los historiadores, Hecateo, Helánico, Heródoto, Clesias, Éforo, Teopompo, Polibio; entre los filósofos, cabe mencionar a Aristóteles y el versátil Posidonio; también hay que agregar los nombres de viajeros, autores de periplos e itinerarios y corógrafos; además, gramáticos y comentaristas de Homero tan cuidadosamente utilizados por Estrabón, igualmente cronógrafos, autores de historias y crónicas locales y analistas (Cfr. López Ferez, 1992), pues podemos observar que los libros I y II de la *Geografía* constituyen los "Prolegómenos", que están dedicados fundamentalmente a la defensa de Homero como geógrafo, a la discusión de la obra de sus principales predecesores y a los conceptos básicos de la geografía y consideró a Homero el fundador de la cultura helénica y, por tanto, padre de todas las ciencias, entre ellas la geografía (Cfr. Estrabón, I, 2, 3).

6, 21). Además, estuvo en Roma varias ocasiones (en el 44, en el 35, en el 31, en el 29, en el 14 d.C.). En alguna de esas veces aprovechó de conocer varias regiones de Italia, recorrió la Via Apia desde Brindisi hasta Roma (Cfr. Estrabón, V, 3, 6; Estrabón, V, 2, 6); desde Populonio contempló las costas de Cerdeña, Córcega y Elba (V, 2, 6). También, hizo un viaje marítimo de Italia a Egipto. En Alejandría permaneció algún tiempo, pues trabajó en el Museo y conoció la Biblioteca (Cfr. Estrabón, II, 3, 5). Exploró el Nilo en el año 25 o 24 (Cfr. Estrabón, XI, II, 5; Estrabón XVII, 1, 24), en compañía de su amigo el prefecto Elio Galo, pasando por Heliópolis (Cfr. Estrabón, XVII, I, 29), Menfis (Cfr. Estrabón, XVII, 1, 4), las Piramides (Cfr. Estrabón, XVII, 1, 34), Tebas (Cfr. Estrabón, XIII, 1, 46), Siene, File y Etiopia (Cfr. Estrabón, II, 5, 12).

[7] El detalle de las regiones que describe la Geografía son: Libro III – Hispania (Estrabón conoce las empresas de Augusto en España; usa información de segunda mano, ya que él nunca visito Iberia); IV – Galia, Britania e Italia Cisalpina; V – Italia hasta Campania; VI – Sur de Italia y Sicilia (siguen a Polibio, Artemidoro de Éfeso y Posidonio); VII – Europa central, Epiro, Macedonia y Tracia; VIII, IX y X – Grecia y las islas; XI – XIV – Asia Menor; XV – India y Partia; XVI – Oriente Próximo y XVII – Egipto, Etiopía y norte de África.

Estrabón y la tradición geográfica desde sus orígenes poéticos hasta el Imperio Romano

La obra de Estrabón es de suma importancia para la geografía antigua, ya que es gran compiladora del saber geográfico de la *oikuménē*. Nuestro geógrafo obtuvo información realizando *trabajo de campo* mediante los viajes que realizó, y sabemos por el mismo que conoció Asia Menor, parte de Etruria, Lacio y Campania, Alejandría y el Nilo. Recorrió de Oriente a Occidente, desde Armenia hasta la Tirrenia frente a Cerdeña, y de norte a Sur, desde el Ponto Euxino hasta los límites de Etiopia (Cfr. Estrabón, II, 5, 11). Y también, realizó *trabajo de gabinete*, utiliza informes orales de viajeros y de los primeros logógrafos como Elio Galo (Cfr. Estrabón, II, 5, 12), Gneo Pison (Cfr. Estrabón, II, 5, 33) y Artenodoro (Cfr. Estrabón, XVI, 4, 21). Y, por último, es la que *hereda de la tradición geográfica* propiamente dicha: Homero, Anaximandro, Hecateo, Demócrito, Éforo, Eratóstenes, Polibio y Posidonio (Cfr. Prontera, 1983, P. 242), pues su obra recoge, compila y presenta los conocimientos geográficos descubiertos hasta su época, primero, ligados al mito y luego a la historia, para posteriormente constituir la geografía como un área del conocimiento independiente.

Para Estrabón la Historia no es ajena a la Geografía como disciplina. Entre los historiadores que cita como fuente están Timagenes, historiador y retorico de Alejandría (FGH 88; Estrabón, IV, 3, 3); C. Asinio Polión (Estrabón, XVI, 3, 3); Nicolás de Damasco (Estrabón, XV, 1, 73); Q. Delio (FGH 197; Estrabón, IV, 1, 13); Teófanes de Mitilene (FGH 188; Estrabón, IV, 1, 13); Metrodoro de Escepsis (FGR 184; Estrabón, XI, 5, 1; XIII, I, 55; XVI, 4, 16). Estos autores, que en su mayoría sólo sabemos sus nombres y algunos datos de sus obras por algunos fragmentos rescatados, fueron mencionados por Estrabón, por lo que podemos sostener que la *Geografía* fue un texto transmisor. También están referenciados Éforo (FGH 70), Asclepiades de Mirlea (FGH 697), Hiparco, Aristarco de Samotracia y Crates de Malos, éste último comentarista de Homero, y por supuesto fueron fuentes, además, Eratóstenes, Posidonio y Polibio, siendo estos dos últimos reconocidos historiadores, pero distinguimos que para él también lo fueron en el ámbito de la geografía antigua como se puede leer en los *Prolegómenos* (Cfr. Dueck, 2000, P.181), y esta observación, además, nos hace pensar que Estrabón proyectó la geografía helenística en el mundo romano.

Con referencia a los *Prolegómenos*, Estrabón buscó definir los objetivos, imitar a sus antecesores, captar la atención de los destinatarios de la ciencia geográfica en general y de su obra en particular, aunque colocándose en una actitud crítica (Cfr. Biraschi, 1984, p. 129). No obstante, a pesar de que en parte se sintió continuador de una tradición o legado, Estrabón creó una nueva metodología de trabajo geográfico en donde evidencia una nueva forma de analizar la *oikuménē.* Por ejemplo, cuando discutió la división de los continentes, expuesta en el libro I, afirmó que algunos autores los dividen por medio de los ríos (Nilo y Tanaide); otros, como Polibio, siendo uno de sus referentes, por medio de las islas, y otros por istmos (como el que separa al mar Caspio del Ponto), a lo que Posidonio comenta que son penínsulas. Y sigue la discusión a la manera de Eratóstenes, preguntándose cuál es el criterio que siguieron los primeros que buscaban delimitar la tierra conocida. Y, al igual que el geógrafo alejandrino, considera que los primeros que consignan el conocimiento geográfico de la *oikuménē*, hacen la división tripartita: Europa, Asia y Libia (África) (Cfr. Estrabón, I, 4, 7). Por consiguiente, Estrabón en toda su obra confrontó la tradición y el conocimiento existente entre unos y otros autores, y también, aportó sus reflexiones. Además, Estrabón, con los diecisiete libros de su *Geografía*, recoge una larga tradición que se transformó en una nueva, pues *construyó un nuevo género literario* (Cfr. Prontera, 1983, P. 261; Wietzke, 2017, P. 242 en Dueck, 2017), con elementos característicos, tema, estructura y metro (Cfr. Prontera, 1984, p. 213).

No nos cabe duda de que en el contexto histórico – cultural de la Roma augustea, *realizó la descripción más grande de la oikuménē* hasta entonces conocida (Cfr. Biraschi, 1998, p. 1079). Él observa una configuración novedosa, producto de la interacción del mundo helenístico con Roma, pues interpretando a Estrabón, así como gracias a los historiadores de Alejandro se habían conocido otras regiones, ahora con la Roma conquistadora y civilizadora los límites del nuevo Imperio romano han cambiado, esta evolución quedó registrada en la *Geografía*, pures cabe recordar que el geógrafo de Amasia manejó dos objetivos: por un lado, salvaguardar la tradición griega-helenística y, por el otro, anclar otros horizontes culturales de la Roma de Augusto (Cfr. Biraschi, 1998, p. 1084). Al respecto, Gonzalo Cruz Andreotti interpreta que "nuestro geógrafo está lejos de ser un mero copista o un recopilador, sino que aplica un método geográfico – descriptivo que busca establecer una línea de continuidad pasado – presente a partir de la

relación entre la historia y la geografía de los lugares, como era habitual en toda la geografía helenística de tradición herodotea y no eratosténica" (Cruz-Andreotti, 2002-2003, p. 51).

Así es como Estrabón, siendo testigo atento de su tiempo, articuló en su trabajo geográfico la riqueza de la tradición (ya que asume la herencia griega), la experiencia – vivencia, y los puntos de vista políticos y culturales que surgen en el Imperio Romano, buscando unificar sus regiones y amalgamar la *oikuménē* (territorio conocido). Asimismo, destacamos que la obra de Estrabón posee un punto de vista histórico – político en el marco del ecumenismo, con ciertas coordenadas espaciales y temporales (Cfr. Biraschi, 1998, p. 1083).

Además, Cruz Andreotti destaca que "Estrabón está atento a su realidad inmediata, reestructurando toda su geografía histórica, dotándola de un pasado, de una cartografía coherente y de una geografía homogénea; particularmente con aquellos grupos etno-históricos que se pueden reconstruir o que merecen una atención específica por su particular idiosincrasia y evolución histórica respecto a Roma" (Cruz-Andreotti, 2002-2003, p. 47), por lo tanto, el trabajo del geógrafo de Amasia es el resultado de una tradición geográfica heredada, pero a la vez, es un producto nuevo configurado, gracias a los nuevos saberes y los redefinidos límites de la *oikuménē*, que ayuda a entender las relaciones que tenían en ese entonces en el espacio geográfico, los seres humanos con la naturaleza.

El universalismo de la geografía estraboniana radica en incluir algunas cuestiones de la *oikuménē* en general, como también de las regiones en particular, registro e integración de los sistemas oro e hidrográficos, la naturaleza del océano, los vientos y los sectores del horizonte o los cambios geológicos (Cfr. Aujac, 1966, p. 19-36). Por ejemplo, cuando se dibuja y se caracteriza la región la Italia romana, son los Alpes y los Apeninos las fronteras naturales utilizadas para la delimitación del territorio (Cfr. Estrabón, VI, 1, 2-3).

Relación y continuidad histórica entre la geografía estraboniana y la geografía moderna

La *Geografía* de Estrabón es la única obra que se ha conservado en su totalidad anterior a la de Ptolomeo, por ello es compiladora de la tradición, pero también contiene y difunde el nuevo conocimiento y arquetipo para los geógrafos posteriores. A continuación, reflexionaremos acerca de la herencia y la valoración de los geógrafos posteriores a Estrabón, sin embargo, es necesario esclarecer que las otras dos obras enciclopédicas escritas bajo el Imperio Romano no hacen referencia a la *Geografía* de Estrabón, los autores latinos no la mencionaron, ni autores tan emblemáticos como Plinio ni Mela hicieron alguna evocación a la obra estraboniana (Cfr. Humboldt, 2011, p. 299; Sorensen, 2017, p. 362 en Dueck, 2017).

La primera referencia a la obra de Estrabón se encuentra en la *Descripción de la tierra habitada* o *Periégesis*, poema épico didáctico de 1186 hexámetros compuesto por Dionisio el Periegeta, poeta y erudito de la ciudad de Alejandría que vivió en tiempos de los emperadores Trajano y Adriano. La obra ofrece al lector una descripción del mundo que comienza con Libia y Europa para luego concluir con Asia, y en la cual se pueden encontrar datos geográficos, etnográficos, mitológicos y literarios (Cfr. Muñoz-Pascual, 2012, p. 1; Sorensen, 2017, p. 362 en Dueck, 2017). Muñoz-Pascual, 2012, p. 1; Sorensen, 2017, p. 362, en Dueck, 2017). Esta obra recoge la tradición geográfica anterior a Estrabón y contiene los patrones estilísticos y filológicos helenísticos. Muñoz Pascual dice que "La Periégesis es un poema que se asienta firmemente en la tradición literaria y cultural griega: por su lengua y su estilo, el del *épos* homérico, aunque influenciado por otros géneros, como la lírica y la tragedia; por su métrica, muy próxima a Hesíodo, Arato y la poesía didáctica anterior; por la enorme influencia de la etnografía y la etiología de obras poéticas como las Argonáuticas de Apolonio o los Aítia de Calímaco, así como de toda la tradición geográfica griega, principalmente de Estrabón y su *Geografía*; por los temas tratados, propios de la poesía hexamétrica anterior, pues en la Descripción de la tierra abundan episodios míticos y leyendas de todo tipo, claro eco de Homero, Hesíodo y los poetas helenísticos" (Pascual-Muñoz, 2012, p. 29).

Dionisio recurrió tanto a los recursos de la épica tradicional: la repetición, el paralelismo, la antítesis y el catálogo; como también a los elementos de una descripción geográfica de todo tipo de lugares o sitios: mares, ríos, islas,

montañas, ciudades y pueblos. Así la *Periégesis* compendia el saber geográfico de la tradición literaria anterior, ya que contiene los elementos literarios, mitológicos e históricos (Cfr. Pascual-Muñoz, 2012, p. 30). No obstante, la obra de Dionisio Periegeta, heredera de la geografía estraboniana[8], se convertirá en uno de los manuales por excelencia de la geografía bizantina[9], gracias a los comentarios favorecedores realizados tanto por Eustacio de Tesalónica (1110-1198) como por Nicéforo Blemides, autor nacido a finales del siglo XII (Cfr. Molina-Marín, 2011, p. 424), y fuentes posteriores se refieren a la obra del de Amasia con diversos nombres. Se sabe que el lexicógrafo del siglo II Valerio Harpocración tenía una *Geographoumena*[10]; y también, Ateneo de Náucratis, retórico y gramático de finales del siglo II y principios del siglo III d.C. poseía una Geografía estraboniana.

Otro autor que empleó a Estrabón como fuente para su obra fue Jordanes, historiador del Imperio Romano de Oriente del siglo VI d. C. Escribió *Geographika*, obra estudiada principalmente desde la perspectiva del origen de los godos y de sus migraciones. Jordanes dominaba el griego, el godo y el alano, por ello manejó escritos de diverso carácter en distintas lenguas, y para cuestiones geográficas a Ptolomeo y a nuestro autor, y para etnografía a Casiodoro, Josefo, Dión Crisóstomo, Lucano, Marcial, Prisco, Orosio, Tácito y Ablavio (Cfr. Molina-Marín, 2011, p. 385; Gautier-Dalché, 2017, p. 367 en Dueck, 2017). Un dato curioso es que, a diferencia de los geógrafos antiguos, Jordanes antepone la palabra escrita a cualquier otro tipo de fuente, despreciando los relatos de los viajeros porque esta apegado a la palabra escrita[11], así cita a quince autores diferentes en su libro, entre ellos a Estrabón.

[8] Ekaterina Ilyshechkina considera que Estrabón no era una de las fuentes de Dionisio, ya que el poema del periegeta era compilatorio en su naturaleza y dependía de catálogos de información geográfica. De manera que cuando Dionisio y Estrabón parecen estar de acuerdo es en todo caso porque ambos habrían accedido a fuentes análogas. Cfr. Ekaterina Ilyushechkina, 2011-2012.

[9] Para el trabajo de Dionisio Periegeta, se recomiendan los trabajos de Adriano Muñoz Pascual “Estudios sobre la Descripción de la tierra habitada de Dionisio el Periegeta” y de Jane L. Lightfoot “Dionysius Periegetes: Description of the Known World”.

[10] Soren Lund Sorensen (2017, p. 361) sugiere que el léxico de Harpocración contenía información recopilada de la geografía estraboniana.

[11] Antonio Ignacio Molina Marín (2011, p. 386) considera que no solo por erudito, Jordanes le dará tanta credibilidad a la fuente escrita, sino también, por su fe. Y enfatiza que el logos divino, la palabra de Dios, es palabra escrita.

También la *Suda* alude a una obra *Geographia*, la cual corresponde a la de Estrabón. Así es como los principales manuscritos medievales hacían referencia a la geografía estraboniana (Cfr. Dueck, 2000, p. 145).

Se sabe que en el siglo VI, la obra de Estrabón fue consultada por Esteban de Bizancio, y que él se inspiró en la obra estraboniana para escribir un importante diccionario geográfico, étnico y filológico llamado *Ethnika* (Sorensen, 2017, p. 355, en Dueck, 2017). Las fuentes empleadas en la redacción de esta obra fueron Heródoto, Tucídides, Polibio, Artemidoro y, sobre todo, Estrabón y Dionisio el Periegeta (Engels, 2010, p. 72; Molina-Marín, 2011, p. 424).

Tenemos conocimiento de que la *Geografía* tal como la tenemos hoy está basada principalmente en la tradición de varios manuscritos de principios a mediados del siglo XV, así como también sobre epitomas bizantinos (Cfr. Dueck, 2000, p. 145). Ya que en el siglo VI es cuando la obra de Estrabón fue recuperada por los eruditos bizantinos quienes la considerarían el culmen de la geografía helenística y rescatan su trabajo por estar ligado al Imperio romano (Molina-Marín, 2011, p. 270). Pues nosotros coincidimos que la *Geografía* de Estrabón representa el saber, el pensamiento y la proyección de la cultura helenística en el Imperio romano.

En la época de la llamada *Renovatio Imperii* (siglo VI), igualmente nombrada *Recuperatio* o *Rescatatio*, fue un programa militar ideado por el Emperador Justiniano I con el fin de recuperar los territorios que habían conformado antiguamente el Imperio Romano de Occidente y que ahora estaban bajo el poder de los llamados bárbaros invasores. La reunificación del Imperio romano era una idea popular en aquellos tiempos, ya que el sentimiento de afinidad al Imperio (la *romanitas*) se encuentra en el siglo VI ampliamente extendida, y es correspondida por la ideología oficial del gobierno imperial[12].

[12] Estos sentimientos son aprovechados por la administración de Justiniano I para realizar este programa dirigido por el militar bizantino Belisario, quien consiguió recuperar el norte de África exterminando al pueblo de los vándalos, el sur de la península Ibérica a los visigodos, y la práctica totalidad de Italia a los ostrogodos, además se reconquistaron todas las islas mediterráneas, como las Baleares, Córcega, Cerdeña y Sicilia. En las tres invasiones de conquista del programa, el Imperio usó siempre la excusa de que sus intereses en la región habían sido violados (casi siempre con el destronamiento o muerte de un rey favorable al Imperio) para así efectuar la invasión y posterior conquista de manera aparentemente legitima.

Posterior al siglo VI disminuye el interés por la geografía en la cultura bizantina, pues no quieren desligarse de los geógrafos antiguos a pesar de que la mayor parte de las obras de los grandes geógrafos de la antigüedad fueron preservadas, copiadas o reinterpretadas, dando lugar a resúmenes o epitomes. Es en ese momento cuando la Geografía estraboniana es rescatada y salvaguardada, pues se sabe que existían unas *Crestomatías*, muy conocidas porque contenían cosas útiles de aprender, hechas basándose en una selección de fragmentos de Estrabón para uso escolar (Molina-Marín, 2011, p. 424).

La *Geografía* de Estrabón y el saber geográfico antiguo fue preservado como un testimonio más del pasado. Antonio Ignacio Molina Marín comenta que "del análisis de los escolios puede inferirse que fueron principalmente dos los geógrafos antiguos empleados por los bizantinos: Ptolomeo y Estrabón. El primero quedó finalmente definido como geógrafo, quedando su labor como historiador en un segundo término. El de Amasia fue copiado y comentado en grandes cantidades, siendo sus principales escoliastas el patriarca Focio (IX d.C.) y Aretas de Cesarea (890-935). De este modo, la obra de Estrabón quedó convertida en la gran enciclopedia del saber geográfico para los eruditos bizantinos" (Molina-Marín, 2011, p. 425). Posteriormente, cuando el Imperio Bizantino se redujo a la ciudad de Constantinopla ante el avance turco, los intelectuales bizantinos al viajar a la Italia del Renacimiento llevaron consigo las grandes obras de la geografía antigua.

En Occidente, la obra estraboniana fue popularizada en el concilio de Florencia-Ferrara organizado por Eugenio IV, gracias a Jorge Gemisto Pletón, quien escribió *Geographika*, una obra que contiene extractos estrabonianos comparados con los ptolemaicos, que hablan de la extensión del mundo habitado hacia el Norte de Europa y hacia Asia. Un ejemplar de este texto fue regalado a el matemático y astrónomo Toscanelli (1397-1482) (Molina-Marín, 2011, p. 270, 425, 426; Gautier-Dalché, 2017, p. 360 en Dueck, 2017). Fue así como se difundió nuestro autor, que en 1453 fue utilizado por Biondo Flavio para describir Italia, sobre todo el Lacio y la Campania, con la intención de establecer los cambios históricos que afectaron el territorio, las ciudades y las instituciones; y lo que la acción humana ocasionó en el medio ambiente (Gautier-Dalché, 2017, p. 370, en Dueck, 2017). Luego, Eneas Silvio Piccolomini (1405-1464) antes de ser elegido al trono papal en 1458 y convertirse en Pío II, redactó su libro

Cosmographia o *Historia rerum ubique gestarum*, donde la historia y la geografía están asociadas, sin embargo, la obra no era ni más ni menos que la Geografía de Estrabón (Cfr. Molina-Marín, 2011, p. 270; Gautier-Dalché, 2017, p. 370, en Dueck, 2017). También, nuestro autor influyó en Francesco Berlinghieri, quien escribió una descripción del mundo con mapas, y continúa con la visión articulada de la geografía y la historia (Cfr. Gautier-Dalché, 2017, p. 370 en Dueck, 2017).

Otro bizantino, Isidoro de Kíev, le entrego su ejemplar de *Geographika* de Estrabón a Guarino de Verona, quien tradujo la obra del de Amasia al latín (Cfr. Molina-Marín, 2011, p. 426; Gautier-Dalché, 2017, p. 369 en Dueck, 2017).

Entre finales XV y principios del XVI, tres fueron las áreas influenciadas por la geografía estraboniana: la filología clásica, la corografía y la geografía. Estrabón proporcionó un número muy grande de lugares con datos históricos y etnográficos. Por ello, Ioan Marco Cinico en una lista alfabética de autores para el uso del rey Fernando de Nápoles, elogió al de Amasia diciendo que era un filósofo y cosmógrafo brillante, y que en diecisiete libros describió la totalidad del mundo con distancias y límites, incluyendo la descripción de los pueblos y los acontecimientos más importantes terrestres o marítimos de cada provincia; puertos, mares, montañas, ríos y manantiales (Cfr. Gautier-Dalché, 2017, p. 372 en Dueck, 2017).

Es meritorio para la tradición estraboniana que haya continuado influenciando al pensamiento geográfico de los siglos siguientes. De este modo, nuestro autor aparecerá en dos géneros como referente: descripciones corográficas de regiones limitadas y colecciones histórico – geográficas.

Emergen en las Escuelas y Universidades alemanas del siglo XVI geógrafos que a la vez eran teólogos, por lo que cualquier cambio en los dogmas dio espacio a una modificación en el pensamiento geográfico, por lo que se pueden encontrar en los siglos XV y XVI tres tipos de geógrafos ligados a la teología: El primero, el geógrafo católico que describe la Creación como obra de Dios y que desde la geografía describe la imagen del mundo creado por Dios; el segundo, el geógrafo luterano que demuestra cómo funciona el mundo creado por Dios, y el tercero, el geógrafo calvinista que estudia la relación entre la obra divina (creación), la caída del género humano y la evolución actual del mundo determinada por la providencia (Cfr. Büttner, 1977).

En este contexto aparece en 1544 la *Cosmographia Universalis* de Sebastian Münster[13], conocido por sus contemporáneos como el "Estrabón, alemán". Su enciclopédica obra consiste en una serie de corografías llenas de referencias estrabonianas detalladas, y también, se interesó tanto en la Creación, como el funcionamiento actual del mundo (Cfr. Preston; Martin, 1899, p. 95; Gautier-Dalché, 2017, p. 377-378 en Dueck, 2017).

Münster y sus discípulos calvinistas enseñaron el funcionamiento del gobierno divino desde los primeros tiempos, plantearon que es posible mostrar por medio de la articulación de la Biblia y de la *Geografía* de Estrabón cómo Dios ha regido al hombre después de la expulsión del Paraíso[14].

Por otra parte, otro geógrafo alemán que consultó y estudió la geografía estraboniana es Philipp Clüver (Cluverius), figura principal en la reaparición del aprendizaje geográfico en Europa y fundador de la geografía histórica. Cluverius se acercó a la geografía a través de la historia y los autores clásicos. Entre sus obras la más importante encontramos la *Introductio in Universam Geographiam*, escrita en 1624. El primero de sus seis volúmenes trata, en general, de la Tierra, mientras que los cinco restantes contienen breves descripciones de países y enfatizan las consideraciones humanas e históricas.

Se sabe que Cluverius y su libro de geografía universal, que versa acerca de la geografía histórica de Alemania, fue consultado años después por Carl Sauer, quien rescató de Cluverius el conocimiento de los clásicos y el de la tierra. Además, es consabido que la obra de Philipp Clüver influirá años después en los geógrafos rusos (Cfr. Preston & Martin, 1899, p. 109).

En 1650, se vuelve a escribir una geografía oficial equiparable a la de Estrabón y Ptolomeo (Cfr. Unwin, 1995, p. 100) con la *Geographia Generalis* de Bernhard Varen (Varenius), quien igual que el de Amasia, describió todo el mundo conocido. Varenius destacó el objetivo práctico de la geografía, desarrolló la idea de la geografía general y la distinguió de la

[13] Un antecesor de Sebastian Münster es Pietro Ranzano, quien escribe los *Annales omnium temporum*, intentando desarrollar el programa estraboniano de Flavio Biondo y Enea Silvio Piccolomini, extendiendo el método de descripción corográfica a toda la ecúmene. De manera que con estas crónicas medievales produjo un Estrabismo cristianizado que presagiaba el trabajo de Münster (Cfr. Gautier Dalché, 2017, p. 373 en Dueck, 2017).

[14] Para el tema del tratamiento de la geografía estraboniana por los calvinistas se recomienda a Manfred Büttner, 1977.

corografía, similar a Ptolomeo (Cfr. Dueck, 2010, p. 154). Él, al igual que Estrabón, dividió en dos partes la geografía, la primera será una de estilo general que estudia la Tierra en su conjunto, explicando sus diversas partes y características a modo amplio, pues es aquí que debemos recordar y volver a advertir que la geografía estraboniana tenía como objeto de estudio la *oikuménē*; la segunda, es decir, la geografía especial, que estudia las regiones concretas, su localización, divisiones, límites y otros aspectos de relevante significación, cuestión que ya antes Estrabón había trabajado, diferenciándola de la geografía regional y recogiendo la diversidad territorial del mundo conocido.

La obra de Varenio, como la de sus antecesoras, combinó la astronomía, la matemática, la geometría, la historia y otros saberes. Trató los movimientos celestes, los fenómenos físicos de la superficie terrestre y los aspectos etnográficos de las poblaciones (Cfr. Ortega-Valcárcel, 2000, p. 95).

Un filósofo interesado en la geografía fue Immanuel Kant, padre del idealismo alemán del siglo XIX. Se sabe que desde 1756 impartió clases de geografía en la Universidad de Königsberg durante cuarenta años. En 1757, escribió su obra *Outline and prospectus for a course of lectures in physical Geography*, pero fue hasta 1802 cuando se publicó la evolución de sus ideas geográficas bajo el título de *Physische Geographie* (Cfr. Ortega-Valcárcel, 2000, p. 108; Unwin, 1995, p. 107). Kant sostenía que había una geografía física (matemática, cosmográfica, biológica, mineral y física) y otros tipos de geografía: matemática, moral, política, comercial y teológica. Las últimas tenían que ver con una doctrina política, que analizaba la población, la política y el gobierno. Pero el aspecto más importante es la inclusión de los seres humanos (Cfr. Ortega-Valcárcel, 2000, p. 108, 109; Unwin, 1995, p. 107-108). Además, advertía una articulación entre la geografía y la historia, siendo la primera la descripción en términos de espacio y la otra, de tiempo.

Como Estrabón siglos antes, Kant declaró sus propósitos y objetivos para escribir su texto; e igualmente que el de Amasia, reconoció la acción humana como una de las principales agencias de cambio en la faz de la tierra, pues no hizo ninguna distinción entre los procesos humanos y los naturales (Cfr. Preston; Martín, 1981, p. 111). Así Kant continuó con la tradición de la geografía estraboniana, siendo sus textos geográficos herederos de la representación del mundo medieval (Cfr. Ortega-Valcárcel, 2000, p. 110).

Revalorización y continuidad del pensamiento y método geográfico de Estrabón.

La grandeza de la *Geografía* de Estrabón, incomprendida en su tiempo, fue muy apreciada después. La obra estraboniana encantó a Napoleón, quien, maravillado con la amplitud y la gran cantidad de hechos narrados que se formulan en *Geografía*. Pero, sobre todo, por la relación entre el espacio geográfico y las necesidades hegemónicas planteadas por Estrabón, así Bonaparte encargó la primera traducción francesa del texto (Cfr. Biraschi, 1998, p. 1097).

Sabemos que en el siglo XIX especialistas alemanes como Alexander Von Humboldt y Carl Ritter, contribuyeron a popularizar la cultura geográfica en las sociedades europeas, especialmente entre la burguesía atraída por lo disímil, considerados casi universalmente como los fundadores de la geografía moderna (Cfr. Unwin, 1995, p. 111; Ortega-Valcárcel, 2000, p. 110). Ambos situaron a Estrabón en la cima de los conocimientos geográficos del mundo antiguo y como base de la moderna ciencia geográfica.

En la obra *Cosmos*, Humboldt (2011, p. 298) escribe lo siguiente respecto a Estrabón:

> *El ingenioso geógrafo de Amasea no manifiesta en sus medidas la exactitud que hay en las de Hiparco, ni sabe aplicar como Tolomeo los principios matemáticos al conocimiento de la Tierra; pero por la variedad de los materiales y la grandeza de su plan, es su obra superior a todos los trabajos geográficos de la Antigüedad. Estrabón había visto por sí mismo una parte considerable del imperio romano y de ello se lisonjea: "desde Armenia hasta las costas tirrenas, desde el Ponto Euxino hasta las fronteras de Etiopia". Después de haber escrito 43 libros de historia, para servir de continuación a la de Polybio, tuvo valor de empezar a los 83 años de edad la redacción de su gran obra geográfica.*

La cita anterior nos otorga la opinión que Humboldt tenía de la obra estraboniana, asumiendo que era superior al resto de las obras geográficas antiguas al compararla con el trabajo de Hiparco, Polibio y Eratóstenes. Un ejemplo de ello es que para escribir el capítulo 11: Expedición de Alejandro Magno a Asia, consultó y se basó en la información que revela la *Geografía*, argumentando que el mismo Estrabón observó que la dominación de los ro-

manos y los partos contribuyeron, cada una en su tiempo, a asegurar el libre tránsito por el mundo, incluso mucho más que las conquistas de Alejandro, cuyos resultados confundían a Eratóstenes (Cfr. Humboldt, 2011, p. 298). Posteriormente, mencionó que está de acuerdo con Estrabón de que "en todas las obras de arte que tienden a representar cosas grandes, no se da la preferencia a la perfección de los detalles; así es que él mismo, en el monumento colosal que trataba de levantar, quiere ante todo fijar la atención en la forma del conjunto. Esta predisposición a generalizar las ideas no le impide admitir un gran número de observaciones físicas y especialmente geognósticas, todas muy dignas de interés" (Humboldt, 2011, p. 298).

Igualmente, Humboldt rescató la explicación de Estrabón de que los cambios sobrevenidos en los límites de la tierra y del mar dependen más del levantamiento o depresión del suelo que de los aluviones, y que tanto islas como continentes enteros pueden surgir del fondo del mar (Cfr. Humboldt, 2011, p. 298), y finalizó diciendo que igual que Heródoto, Estrabón se mostró atento a la descendencia de los pueblos y a la variedad de las razas. Igualmente, comentó el contenido de la *Geografía* de Ptolomeo, rescatando de igual forma la información que le es valiosa (Cfr. Humboldt, 2011, p. 298-299).

Por lo anterior, queda de manifiesto que Humboldt estudió los conceptos griegos de la geografía, y si analizamos su obra se distinguir que continuó con el modelo de obra estraboniana. Cuando escribió su *Cosmos*, los dos primeros libros que son prolegómenos, cuestión inspirada en la Geografía de Estrabón, seguidos por un libro dedicado a la astronomía, luego uno sobre la Tierra, y, por último, un inacabado quinto volumen sobre la geología y el vulcanismo, el cual debía ir seguido de otros volúmenes sobre la distribución de la vida orgánica, las plantas, animales, razas humanas y lenguas. También, incorporó a los hombres como parte de la naturaleza en la geografía física, buscando una unidad en la disciplina (Cfr. Unwin, 1995, p. 114).

Por su parte, Carl Ritter, nombrado en 1820 primer Catedrático de geografía de la Universidad de Berlin, tuvo un influjo fundamental en la geografía alemana de las últimas décadas del siglo XIX. Con su obra *Erdkunde*, cuyo subtítulo es "una geografía comparativa general", sigue visiblemente la tradición estraboniana con respecto a la articulación entre la geografía, las acciones militares y las decisiones políticas (Cfr. Unwin, 1995, p. 115, 118). Ritter trabajó en la coherencia histórica y regional, por ello es el padre de la geografía regional. Estaba muy influido por la teología de su época, por ello combinó una metodología empírica con sus creencias

teológicas, pues pretendía presentar la geografía como una ciencia que contemplaba la historia de los continentes como producto del designio divino (Cfr. Unwin, 1995, p. 116-117).

Humboldt como Ritter sirvieron al imperialismo europeo, ya que contribuyeron, junto con las organizaciones religiosas, a crear un respaldo social a las iniciativas coloniales y a las acciones de reparto y ocupación de África (Cfr. Valcárcel, 2000, p. 122; Unwin, 1995, p. 118). Estrabón situó al imperio romano como civilizador, y Humboldt y Ritter mostraron al imperialismo europeo como portadores de actos de humanidad y civilización, liberando a las poblaciones indígenas de la barbarie, la esclavitud, el atraso y las creencias paganas (Cfr. Ortega-Valcárcel, 2000, p. 122; Unwin, 1995, p. 118).

A pesar de la imagen negativa de lo anterior, Alexander Von Humboldt y Carl Ritter fueron convertidos en fundadores de la geografía moderna, se les asocia con la inmediata tradición geográfica y se les atribuye la definición de este patrón renovado y proyecto de la nueva geografía (Cfr.Ortega-Valcárcel, 2000, p. 127), por consiguiente, la geografía moderna tiene sus fundamentos epistemológicos e históricos en la geografía estraboniana, ya que fueron Varenio, quien definió los problemas y el marco de la geografía científica, y Humboldt y Ritter, establecieron la geografía física científica, cuyas cimientos se sostienen en el estudio y transmisión de la *Geografía* de Estrabón.

En aquel entonces la geografía estraboniana fue definida como un clásico por la amplitud de sus horizontes, y también porque fue el objeto de la atención de los geógrafos del siglo XIX (Cfr. Biraschi, 1998, p. 1096), tanto las sociedades como las universidades desempañaron un papel fundamental en modelar la estructura institucional de la geografía y la función de los geógrafos en la sociedad. La geografía era la disciplina de la exploración (Cfr. Unwin, 1995, p. 118).

En la geografía europea, específicamente en la alemana, otra figura fue la de Friedrich Ratzel (1844-1904), quien ocupó la cátedra de Münich en 1875, y con su obra *Anthropogeographie* proporcionó una plataforma de apoyo para la política expansionista alemana (Cfr. Unwin, 1995, p. 119). Expresó que los estados tenían una tendencia natural a la expansión, a menos que fueran limitados por vecinos más fuertes, lo cual constituía una base firme para el establecimiento de colonias alemanas fuera de Europa y para la expansión de los intereses alemanes en este continente (Cfr. Unwin, 1995, p. 118). De esta manera, Ratzel llegó a dominar la geografía humana

alemana y estableció estrechos vínculos con los etnógrafos, también aplicó analogías biológicas a la geografía política. Así se acentúa a la Geografía como una disciplina que estudia la articulación de la relación hombre – medio, por lo tanto, las influencias del medio físico en la sociedad serán analizadas (Cfr. Ortega-Valcárcel, 2000, p. 136).

Por otro lado, en Francia, Vidal de la Blanche con los *Annales de Géographie* en 1892 contribuyó a que la geografía se consolidara como una disciplina académica. Él fue influenciado por Estrabón y otros autores grecorromanos, ya que Vidal de la Blanche estudió arqueología e historia antigua, por ello sus premisas geográficas siempre tuvieron un fuerte vínculo con la historia (Cfr. Unwin, 1995, p. 120-121). En su época, existía una articulación entre geografía e historia producto de la conceptualización que tanto historiadores como geógrafos franceses tenían de la evolución histórica de su país y, sobre todo, por la constante búsqueda de la identidad regional, ya que en ella se podían estudiar los fenómenos naturales y culturales (Cfr. Unwin, 1995, p. 122-145).

Ratzel en su *Anthropo geographie* estudió la sociedad mundial en términos de movimientos espaciales y adaptación ecológica de la naturaleza, y Vidal de la Blanche incorporó la naturaleza como elemento dinámico de su geografía humana (Cfr. Unwin, 1995, p. 122-145). Lo anterior, ya había sido observado por Estrabón, quien entendía la relevancia que tiene leer el paisaje y obtener información valiosa con la intención de conformar una versión más completa de la realidad social y ambiental de cada lugar y región[15]. Es por ello, que insistía a la elite griega y romana que debían conocer a los pueblos y sus costumbres, y, además, aprender de la naturaleza, las clases de animales y plantas, pues eso era propio de hombres juiciosos y de héroes (Cfr. Estrabón, II, I, 16), porque reconocía que la articulación hombre – naturaleza define los procesos históricos y etnográficos que suceden en el territorio. Por lo tanto, se puede decir que Ritter, Ratzel y Vidal de la Blanche analizan en el trabajo de Estrabón con objeto de una búsqueda de una visión general de la tierra y el concepto precursor de geografía general, pero sobre todo la relación geográfica entre el ser humano y la sociedad con el entorno, el medio, el paisaje, lo que ahora entendemos como espacio geográfico.

[15] Cfr. Para el estudio de la definición de paisaje cultural se recomienda consultar a Duncan.

En el siglo XX, en 1924 en la Universidad de California en Berkeley, aparecen los estudios de Carl Sauer, quien entendió a la geografía como estudio de los lugares o regiones, y se interesa por la estética y la comprensión subjetiva del lugar considerando que la geografía física participaba en la formación del contexto de las actividades humanas (Cfr. Unwin, 1995, p. 141, 149). Un año después, Sauer, siguiendo la tradición de los alemanes Ritter, Ratzel y de la escuela francesa de Vidal de la Blanche, publicó su obra *Morfología del paisaje*, donde expuso que los hechos del geógrafo son hechos espaciales, por lo tanto, la geografía se debe ocupar del estudio del paisaje y lo que ocurre en este, y como Ratzel y Vidal, apoyó la idea de que la geografía es la articulación de los elementos físicos y culturales del paisaje (Cfr. Unwin, 1995. p. 142-143). De esta manera, Carl Sauer vinculó la geografía estadounidense con la tradición europea y, por lo tanto, con la geografía estraboniana, colocándola a su vez, como un esquema a seguir por muchos geógrafos posteriores.

A modo de reflexión

Estrabón hizo un aporte al conocimiento nuevo, ya lo hemos reiterado en innumerables ocasiones en este trabajo, además, estudió y analizó la *oikuménē* cuando dice: "Quien quiera representar el mundo de manera correcta, que se procure una esfera, como Crates. El mundo es esférico y debe aislarse dentro del cuadrilátero y dentro de éste poner el pinax de la geografía. Pero quien no pueda procurarse una esfera de tal tamaño, puede representarlo en una tabla plana" (Estrabón, II, 5, 10), por lo tanto, recogió la tradición, rectificó lo que requería mejorarse y perfeccionó la geografía helenística.

Nuestro autor pensaba que el mapa era significativo para descifrar la *oikuménē* y las relaciones del ser humano con los recursos naturales, y así cumplir un enfoque preciso y con la intencionalidad política de la obra (Cfr. Estrabón, I, 2, 14), asunto que actualmente sigue estando vigente, pues hoy día el mapa es un instrumento para el conocimiento estratégico de un territorio, un soporte investigativo, una necesidad de la mente humana y un modelo gráfico de la interpretación de la realidad hecho por el geógrafo, (Cfr. Propin-Frejomil, 2003, p. 87-101). Igualmente, es pertinente mencionar que algunos estudiosos consideran que la *Geografía* pueden llegar a brindar un estudio sistemático de topónimos, topografías, coordenadas y características cartográficas de la época (Cfr. Dueck, 2017, p. 6).

Cabe destacar que la descripción de la *oikuménē* elaborada por Estrabón posee las mismas características de una actual, Enrique Propin (2003, p. 42) menciona que:

> *La descripción no solo es parte fundamental del conocimiento geográfico, sino del ser humano en general, en la medida que representa una interacción entre el "sujeto", quien describe con la intención de conocer, y el objeto, expresión material, soporte del propio proceso. La acción es una con independencia del tipo de objeto de que se trate; un territorio, una imagen de satélite, un mapa, una tipología, una metodología, etc. El problema no radica en la descripción como proceso del conocimiento, sino en quien practica la acción; lo infecundo y baldío es describir lo que "todos" saben de antemano. Este error ha conllevado al menosprecio del ejercicio descriptivo; aquéllos que se incrustan en las imágenes prospectivas como dimensión preferencial en el conocimiento geográfico, no pueden dejar de describir los escenarios del futuro.*

De acuerdo con lo anterior, la *Geografía* puede ser considerada una innovación, pues a pesar de que Estrabón recogió todo el saber geográfico de su tiempo, permitió con su aporte analizar con otro enfoque el conocimiento del espacio que había aumentado cuantitativamente a partir de la expedición de Alejandro y con las conquistas romanas; y que el inventario del mundo estaba unido al ecumenismo y a la política (Cfr. Molina-Marín, 2011, p. 281). De esta manera, la Roma de Augusto hizo de la obra de Estrabón la más larga, reflexiva y elocuente acerca de la naturaleza, el objeto, la finalidad y la audiencia de la geografía, otorgándonos una amplia y variada descripción de la nueva configuración del territorio, la *oikuménē*, es decir, es fuente inestimable para el estudio de varios aspectos del mundo antiguo (Cfr. Dueck, 2017, p. 6).

Estrabón, influido por las teorías estoicas, y a diferencia de sus antecesores, destacó el lado humano y político de los estudios geográficos, orientándose con mayor amplitud hacia los aspectos antropológicos, históricos, económicos y políticos de las regiones descritas, en vista de que en la mentalidad geográfica antigua no existía una separación entre el espacio terrestre y los hombres que, con su historia y su cultura, conformaron el mosaico variado de la *oikuménē*, y gracias a que realizó una detallada lectura del paisaje, llegó a nosotros un repertorio geográfico amplio y pormenorizado,

el único que sobrevivió a la transmisión textual de toda la Antigüedad, y he aquí su importancia, pues es la primera síntesis de una geografía elaborada sobre la totalidad de la *oikuménē* coincide con la culminación su conquista e incorporación al mundo romano.

Por lo anterior, la geografía estraboniana continúa siendo revisada y utilizada como ayuda a los estudios históricos y epistemológicos de la ciencia geográfica, porque brinda las bases de una parte considerable del pensamiento geográfico occidental.

Documentación escrita

CICERÓN. *Cartas I. Cartas a Ático.* Trad. M. Rodriguez-Pantoja Marquez. Madrid: Gredos, 1986.

ESTRABÓN. *Geografía, Prolegomenos*. Trad. Roig. Madrid: Aguilar, 1980.

____. *Geografía. Libros I – II.* Trad. García-Blanco y García-Ramón. Madrid: Gredos, 1991.

____. *Geografía. Libros III – IV*. Trad. Meana y Piñero. Madrid: Gredos, 1992.

____. *Geografía*. Libros V – VII. Trad. Vela Tejada y Gracia Artal. Madrid: Gredos, 2001.

____. *Geografía de Iberia*. Ed. Cruz Andreotti, Gómez Espelosín, García Quintela. Madrid: Alianza, 2007.

STRABO. *Geographica*. Leipzig: Teubner, 1877.

Referencias bibliográficas

AUJAC, Germaine. *Strabon et la science de son temps*. París: Colección Budé, 1966.

BIRASCHI, Anna Maria. Strabone e la difesa di Omero nei prolegomena. In: *Strabone contributi allo studio della personalità e dell'opera.* Perugia: Università degli Studi, 1984.

____. *Una geografia per l'impero*. Torino: Einaudi, 1998.

BUNBURY, Edward Herbert, 1959. *A History of Ancient Geography.* New York: Dover Publications.

BÜTTNER, Manfred. El significado de la Reforma para la nueva orientación de la Geografia en la Alemania Luterana. *Geó Critica*: Cuadernos críticos de la Geografía Humana. Universidad de Barcelona, año III, v. 12, 1977.

CRUZ-ANDREOTTI, Gonzalo. La construcción de los espacios políticos Ibéricos entre los siglos III y I a. C.: algunas consideraciones metodológicas e históricas a partir de Polibio y Estrabón. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid (CuPAUAM)*, Madrid, v. 28-29, p. 35-54, 2002-2003.

DUECK, Daniela. *Strabo of Amasia*: A Greek Man of Letters in Augustan Rome. London: Routledge, 2000.

____. *The Routledge Companion to Strabo*. London: Routledge, 2017.

ENGELS, Johannes. Strabo and the Development of Ancient Greek Universal Historiography. In: LIDELL, Peter; FEAR, Andrew (eds.). *Historiae Mundi.* London: Studies in Universal Historiography, 2010, p. 71-86.

GARCÍA-BLANCO, José. Introducción general. In: ESTRABÓN. *Geografía*. Libro I-II. Madrid: Gredos, 1991, p. 7-201.

GAUTIER DALCHÉ, Patrick. Strabo's reception in the West (fifteenth-sixteenth centuries). In: DUECK, Daniela (ed.). *The Routledge companion to Strabo.* London: Routledge, 2017, p. 367-383.

HUMBOLDT, Alexander Von. *Cosmos:* Ensayo de una descripción física del mundo. Madrid: La Catarata, 2011.

JAMES, Preston E. *All possible worlds*: A History of Geographical. Canada: John Wiley & Songs, 1981.

KANT, Emmanuel. *Geógrafie*: Physische Geographie*.* Transl. Michèle Cohen-Halimi, Max Marcuzzi, and Valérie Seroussi. Paris: Aubier, Bibliothèque philosophique, 1999.

LOPEZ-FEREZ, Juan Antonio. *Historia de la literatura griega.* Madrid: Cátedra, 1992.

MOLINA-MARÍN, Antonio Ignacio. *Geographica:* ciencia del espacio y tradición narrativa de Homero a Cosmas Indicopleustes. Murcia: Universidad de Murcia, 2011.

MUÑOZ-PASCUAL, Adriano. *Estudios sobre la Descripción de la tierra habitada de Dionisio el Periegeta*. Murcia: Universidad de Murcia, 2012.

ORTEGA-VALCÁRCEL, José. *Los horizontes de la geografía*. Barcelona: Ariel, 2002.

PRONTERA, Francesco. *Strabone Contributi allo studio della personalita e dell'opera.* Perugia, Italia, 1984.

PROPÍN-FREJOMIL, Enrique. *Teorías y métodos en Geografía económica.* México: Instituto de Geografía/UNAM, 2003.

REYES, Arturo. *Estudios helénicos.* México: Fondo de Cultura Económica, 1949.

ROIG, Arturo. Introducción. In: ESTRABÓN. *Geografía, Prolegomenos.* Madrid: Aguilar, 1980.

SORENSEN LUND, Soren. "So says Strabo": the reception of Strabo's work in antiquity. In: DUECK, Daniela (ed.). *The Routledge companion to Strabo.* London: Routledge, 2017, p. 355-366.

UNWIN, Tim. *El lugar de la geografía*. Madrid: Cátedra, 1995.

VELA TEJADA, José. Introducción. In: ESTRABÓN. *Geografía, Libro VI – VII*. Madrid: Gredos, 2001.

WIETZKE, Johannes. Strabo's expendables: the function and aesthetics of minor authority. In: DUECK, Daniela (ed.). *The Routledge companion to Strabo.* London: Routledge, 2017, p. 233-247.

TENSÕES POLÍTICAS ENTRE O IMPERADOR CONSTÂNCIO II E O JULIANO *CÉSAR:* REBELIÃO, GOLPE E USURPAÇÃO[1]

Margarida Maria de Carvalho[2]

Resumo: *O período de Juliano como César (355-361 EC) de Constâncio II foi uma época tão conturbada quanto o seu tempo de Imperador (361-363 EC). Como já sabemos, a historiografia contemporânea sobre Juliano é muito vasta, principalmente, no que diz respeito à análise de seus discursos enquanto Augusto. A documentação textual acerca da usurpação de Juliano também é abundante, porém, nos últimos dez anos, pouco se avançou em termos da análise da sua usurpação contra Constâncio II. Partimos do princípio de que, para dar continuidade a essa historiografia e obter novos resultados de pesquisa, é necessário vincular as informações do planejamento do golpe de Juliano contra Constâncio II, contidas nas entrelinhas dos discursos de Juliano enquanto César e, igualmente conectarmos tais informações com aquelas de outras documentações textuais e com a análise iconográfica das moedas emitidas entre 360-361 EC. É comum encontrarmos notícias sobre a usurpação, mas não a respeito do planejamento do golpe. Temos como hipótese que, se investigarmos a preparação da usurpação, a usurpação em si e a vinculação dos dados da documentação textual e interpretação iconográfica dos numerários como Coimperador e Autoimperador, chegaremos a novos resultados sobre o fenômeno da usurpação.*

Palavras-chave: *Antiguidade Tardia; Constâncio II; Juliano César; Tensões políticas; Usurpação.*

POLITICAL TENSIONS BETWEEN EMPEROR CONSTANTIUS II AND JULIAN CAESAR: REBELLION, COUP AND USURPATION

Abstract: *Julian's period as Caesar (355-361 CE) under Constantius II was as turbulent as his time as Emperor (361-363 CE). As we already know,*

[1] Recebido em 27/07/2025 e aprovado em 02/09/2025.

[2] Professora livre-docente em História Antiga do Departamento de História da Unesp/Franca e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq-C. Coordenadora do Grupo do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (G.LEIR/Unesp-Franca).

contemporary historiography on Julian is vast, particularly regarding the analysis of his speeches as Augustus. Textual documentation about Julian's usurpation is also abundant, but in the last ten years, little progress has been made in analyzing his usurpation against Constantius II. We assume that to continue this historiography and obtain new research results, it is necessary to link the information on the planning of Julian's coup against Constantius II, contained between the lines of Julian's speeches as Caesar, and also to connect this information with that from other textual documentation and with the iconographic analysis of coins issued between 360-361 CE. It is common to find news about the usurpation, but not about the planning of the coup. We hypothesize that by investigating the preparation of the usurpation, the usurpation itself, and the connection between the textual documentation and the iconographic interpretation of the numeraries as Co-Emperor and Self-Emperor, we will arrive at new insights into the phenomenon of usurpation.

Keywords: *Late Antiquity; Constantius II; Julian Caesar; Political tensions; Usurpation.*

Considerações preliminares

Dentre os diversos acontecimentos históricos que circundam a figura de Juliano *César* (355-361 EC), o que mais merece destaque, em nossa opinião, é a sua usurpação contra o Imperador Constâncio II (337-361 EC), seu primo. Muitos autores do século IV e V EC comentaram sobre a vida do *César* e imperador neoplatônico, suas atitudes filosóficas, administrativas e seus feitos militares, sobre suas ações bélicas contra os francos e alamanos e acerca das ocorrências da Guerra Civil contra Constâncio II. Temos testemunhos textuais abundantes como os de Amiano Marcelino (aprox. 330-392 EC), os do próprio Juliano (331-363 EC), os de Zósimo (aprox. 460-520 EC), os de Gregório de Nazianzo (aprox. 329-389 EC), os de Mamertino (Século IV EC), os de Sozomeno (Século V EC), os de Paulo Orório e, finalmente, os de Filostórgio (368-439)[3].

[3] Amiano Marcelino (Res Gestae XV, 8, 1; XV, 8, 3; XV, 8, 4; XV, 8, 5-8; XV, 8, 10-11; XV, 8, 18; XV, 8, 21; XVI, 1,1; XVI, 2, 1-2; XVI, 2, 6; XVI, 2, 8-9; XVI, 3, 1-3; XVI, 4, 1-3; XVI, 5, 6; XVI, 5, 14-16; XVI, 7, 1-3; XVI, 10, 1-2; XVI, 10, 18-19; XVI, 11, 1-2; XVI, 11, 7; XVI, 11, 8-9; XVI, 11, 11-13; XVI, 12, 1-3; XVI, 12, 23-26; XVI, 12, 27-29, 32; XVI, 12, 36-37; XVI, 12, 38-40; XVI, 12, 43-47; XVI, 12, 51-53; XVI, 12, 58-61), Eutrópio (Breviário da História Romana, IV, 1), Hilario de Poitiers (Contra Constâncio, II; VII), Mamertino (Panegirico a Juliano, IV, 1-2), Juliano (Carta aos Atenienses 7, 8), Zózimo (Nova História III, 3, 1,2) e Libânio (Carta 369).

Há, também, as fontes provenientes da cultura material, como as da numismática e as da epigrafia, que, segundo Bruno Blekmann (2020, p. 101), pouco contribuem até o presente momento, para o estudo da usurpação de Juliano. Mais adiante, mostraremos que discordamos dessa opinião, pois acreditamos que, com avanços da análise da numismática antiga nos dias atuais, é possível extrair dados complementares ou mesmo novas informações fundamentais à interpretação desse fato histórico.

Dessa forma, temos como objetivo, neste artigo, mostrar novas possibilidades de análise sobre o tema. Trata-se de uma pesquisa inicial que pretendemos levar adiante com o estudo da Numismática do período compreendido entre os anos de 360-361 EC. Para tanto, contaremos com a troca de informações e aprendizado que ocorrerá durante a execução de um novo Pós-doutoramento no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP[4].

Indícios do golpe, rebelião ou usurpação

A usurpação foi um acontecimento contínuo durante o século IV EC; no entanto, todas as usurpações ocorridas nesse século foram suprimidas pelo poder imperial. O caso de Juliano é bastante peculiar, porque era primo de Constâncio II, sendo, portanto, seu sucessor natural ao governo do Império Romano. Porém, as características do movimento político e militar do *César* leva-nos a pensar que Juliano possuía planos para contestar e derrotar Constâncio II enquanto este último era imperador. Vamos mais longe ao perceber as intenções de Juliano em seus próprios discursos escritos no período de seu cesarato, a saber: dois panegíricos a Constâncio II (Elogio ao Imperador Constâncio e Sobre a Realeza), um panegírico à Imperatriz Eusébia, esposa de Constâncio II (*Elogio em honra à Imperatriz Eusébia)*, e outros tão ou mais importantes quanto esses primeiros, *Consolação a si mesmo pela partida do excelente Salústio, Carta ao Senado e ao povo de Atenas e, por último, Carta a Temístio*[5]. Além dessa vasta documentação

[4] Esse novo pós-doutorado será realizado sob a supervisão do Prof. Dr. Vagner Carvalheiro Porto (MAE/USP).

[5] Tais intensões podem ser elucidadas, também, nos seguintes testemunhos, respectivamente: I, 3d-4c; I, 9a-10d; I, 11a-c, I, 11d; II, 16a; II, 16d-17b; III, 114c; III, 118b e 118c; III, 121b e 121c; III, 129a e 129b; IV, 242ª-b; IV, 243a; IV, 243d; IV, 250 c; V, 272d; V, 272a.; VI, 254b-d; VI, 259b-d; VI, 261b; VI, 266b; VI, 268b.

textual, é importante analisar os estudos da numismática do período de 360-361 EC. É claro que, para captar essas mensagens das intenções de Juliano, faz-se necessária a utilização de um arsenal metodológico e teórico apropriado que serão expostos no decorrer deste artigo.

Classificar Juliano como um usurpador não foi uma tarefa fácil para a historiográfica contemporânea a seu respeito. Esse fato ocorreu devido ao historiador Amiano Marcelino, coetâneo a Juliano. O autor militar, ao chamar algum personagem histórico de usurpador, referiu-se principalmente a Magnêncio, Silvano e Magno Máximo, sem deixar claro se Constantino e Juliano eram ou não usurpadores (Amiano. Marc. XXV, 9, 8). Diante da interpretação da documentação textual e das moedas emitidas no período de 360-361 EC por oficinas de cunhagem que apoiavam Juliano, em ocasião do golpe elaborado contra Constâncio II, é possível detectar que o movimento traçado por Juliano foi, de fato, o de um usurpador.

De acordo com Gilvan Ventura da Silva (2018, p. 98-99), o termo usurpador detém conotações negativas se o concebermos como o ato de se apoderar de algo que por direito não pertence a si mesmo, obter pela fraude ou pela violência domínio sobre um objeto ou sobre outrem, ou exercer indevidamente um cargo ou função. Acreditamos, por esse motivo que Amiano Marcelino não julgou Juliano como usurpador porque era muito próximo a ele, embora, em ocasião da morte do imperador filósofo, o tenha criticado (Res Gestae – XXIII, 2, 5; XXV, 3, 6-8) devido à imprudência de Juliano de se lançar, sem a proteção necessária, contra tropas adversárias na guerra contra os persas, resultando na sua morte. Nota-se, portanto, o cuidado do autor antioquiano em não censurar Juliano em questões de ordem imperial.

Os motivos da raiva de Juliano em relação ao primo foram perceptíveis desde sua tenra idade. A mando de seu primo, Juliano foi exilado junto com seu irmão Galo para a Macellum, na Capadócia. Os dois ainda eram crianças quando houve um massacre em sua família, provavelmente comandado pelo próprio Constâncio II, embora devamos ter muito cuidado ao afirmar sua autoria. Existem testemunhos controversos no que se refere a esse acontecimento, haja vista as citações de: Sócrates de Constantinopla *(História Eclesiástica*. III, 1, 6-8), Juliano (*Carta aos Atenienses*. III), Gregório de Nazianzo (*Oração.* IV, 21), Sozomeno (*História Eclesiástica*. V, 2, 7; V, 2, 9). Tais autores cristãos nicenos e o próprio Juliano teriam todo interesse possível em culpar e julgar os atos de Constâncio II, adaptando-os de acor-

do com as suas contextualizações históricas e motivos político-religiosos. Lembramos aqui que Constâncio II foi um imperador com ações militares enérgicas, com uma excelente educação filosófica e administrativa, e era cristão ariano (Elm Suzana, 2012).

O fato foi que Juliano teve sua educação ministrada pelo bispo Jorge da Capadócia (ariano) e pelo tutor Mardônio, quem o teria iniciado nos estudos da filosofia Helênica. Mais tarde, em 348 EC, com o auxílio da imperatriz Eusébia, esposa de Constâncio II, ele teria regressado à Constantinopla (Royo-Martinéz, María Del Mar, 2009, p. 163). Diversos autores do século XX e XXI, como Joseph Bidez (1955), Glen Bowersock (1978), Polymnia Athanassiadi (1981), Shaun Tougher (2007), dentre diversos outros historiadores, escreveram biografias a respeito de Juliano, interpretando, documentações textuais da autoria do próprio Juliano, de autores cristãos, como os já mencionados Gregório de Nazianzo, historiadores eclesiásticos e autores pagãos, como Libânio e Amiano Marcelino.

Dessa forma, podemos fazer um resumo da vida de Juliano antes de ser *César*, detectando indícios da formulação de um golpe contra seu familiar Constâncio II. Juliano, ao seguir seu curso, favorecido pela esposa de Constâncio II, frequentou as escolas filosóficas da Ásia Menor, interagindo com alguns dos mais eminentes filósofos e retóricos pagãos da época. Simultaneamente a essa movimentação, Constâncio II nomeou seu meio-irmão Constâncio Galo como *César*, pois, naquele momento, a Gália encontrava-se com suas fronteiras ameaçadas pela entrada de bárbaros. Apesar da morte de Galo ter ocorrido sob as ordens de Constâncio II, esse imperador tinha plena noção de que, para administrar o vasto Império Romano, seria preciso ter um novo *César*.

Foi assim que Juliano se tornou *César* de Constâncio II em 355 EC. Caberia a ele combater os francos e alamanos e organizar, administrativamente, as finanças e todo o território da Gália, sujeito às migrações e ofensivas bárbaras nas fronteiras de seu território. A Gália, situada na parte ocidental do Império Romano, sempre foi palco de disputas políticas orquestradas por usurpadores como Magnêncio e Decêncio e, igualmente, de disputas territoriais internas e em suas fronteiras. Segundo Pedro Benedetti (2023, p. 76), muitos estudiosos da Antiguidade perceberam que a longevidade e extensão territorial excepcionais da ocupação romana dependiam essencialmente da lealdade provincial e da cooperação das elites locais, e não da simples coerção imperial.

Esse foi o cenário encontrado por Juliano quando partiu para a Gália com o intuito de defender tal território. Os testemunhos de Amiano Marcelino, Eutrópio, Hilario de Poitiers, Mamertino, Juliano, Zózimo e Libânio[6] relatam a situação difícil em que a Gália se encontrava e, também, os preparativos de Juliano para combater os bárbaros e organizar o espaço geográfico gaulês.

Juliano começou a fazer as refeições como um soldado comum, tentou controlar o seu sono, iniciou exercícios físicos e militares, leu manuais de guerra e estudou política e história (Amiano Marcelino, XVI, 5, 9-10). Para Krzysztof Jagusiak (2014, p. 644), os livros foram fontes de informações importantes a Juliano sobre a Gália, guerra e regras gerais de comando. Ao ganhar uma biblioteca de livros da Imperatriz Eusébia, é importante ressaltar aqui que Juliano encarregou seu médico e parceiro Oribásio de cuidar dessa coleção de livros. Como é de nosso conhecimento, Juliano sempre tinha alguns livros por perto, mesmo durante suas viagens e quando passava noites em uma tenda. Ele leu as obras de Caio Júlio *César*, especialmente *As Guerras Gálicas*, que eram adequadas ao momento, e leu, também, *Vidas Paralelas* de Plutarco de Queroneia. Devido às suas decisões posteriores, tudo indica a dedução de que Juliano teria lido algo a respeito de economia e até mesmo livros sobre contabilidade (Juliano. *Carta aos Atenienses*. 277). É possível observarmos que a maior parte dessas leituras efetuadas pelo *César* eram em latim e, dessa maneira, devemos lembrar que sua primeira língua foi o grego.

Ainda de acordo com Jagusiak (2014, p. 643), apesar de sua fraca posição política e militar nesse período, Juliano decidiu cumprir seus deveres da melhor forma possível e mostrou que poderia ser um bom líder. O jovem *César* não possuía experiência em governo e comando e teve que aprender a administrar e adquirir obediência e respeito da parte de seus soldados. Por meio de Amiano Marcelino (*Res Gestae*. XVI, 5, 9), sabemos que ele se

[6] Amiano Marcelino (*Res Gestae*. XV, 8, 1; XV, 8, 3; XV, 8, 4; XV, 8, 5-8; XV, 8, 10-11; XV, 8, 18; XV, 8, 21; XVI, 1,1; XVI, 2, 1-2; XVI, 2, 6; XVI, 2, 8-9; XVI, 3, 1-3; XVI, 4, 1-3; XVI, 5, 6; XVI, 5, 14-16; XVI, 7, 1-3; XVI, 10, 1-2; XVI, 10, 18-19; XVI, 11, 1-2; XVI, 11, 7; XVI, 11, 8-9; XVI, 11, 11-13; XVI, 12, 1-3; XVI, 12, 23-26; XVI, 12, 27-29, 32; XVI, 12, 36-37; XVI, 12, 38-40; XVI, 12, 43-47; XVI, 12, 51-53; XVI, 12, 58-61), Eutrópio (*Breviário da História Romana*. IV, 1), Hilario de Poitiers (*Contra Constâncio*. II; VII), Mamertino (*Panegirico a Juliano*. IV, 1-2), Juliano (*Carta aos Atenienses*. 7, 8), Zózimo (*Nova História*. III, 3, 1, 2) e Libânio (*Carta 369*).

preparou para planejar campanhas e batalhas, assim como para recuperar a autoestima e a autoconfiança dos gauleses cujas terras tinham sido devastadas pelos bárbaros. Ao aparecer com sua tropa nas áreas muito arruinadas, podemos deduzir que Juliano apreendeu as regras da política local, familiarizando-se com as personalidades regionais mais importantes, tentando ser um parceiro político e aliado a elas.

Após cinco meses desse treinamento ele confrontou suas habilidades com a nova realidade. Tinha uma pequena tropa, já que não possuía o comando de todas as forças romanas da Gália naquele momento. Surpreendentemente, Juliano lutou contra os alamanos, provando sua coragem e energia. Para quem saiu direto da escola de Atenas para o campo de guerra, o *César* se mostrou muito habilidoso, contando com alguns amigos, como Salústio e o médico Oribásio de Pérgamo, ao seu lado. Seu nome lentamente se tornou famoso, e os soldados romanos e a população local começaram a acreditar que, sob seu comando, os bárbaros seriam derrotados.

Na realidade, ao convocar Juliano para ser *César*, Constâncio II estava em uma situação muito temerosa. Uma série de guerras civis destruiu a parte Ocidental do Império entre 350 e 355. Na Gália, os rebeldes mais poderosos liderados pelos usurpadores Magnêncio e Silvano estavam arrebatando essa região. Constâncio II, dessa maneira, precisou enviar seu único parente vivo ao Ocidente para ajudá-lo enquanto lutava contra a ameaça persa no Oriente Romano. Percebemos, portanto, que, apesar das campanhas vitoriosas de Juliano contra os francos e alamanos e o restabelecimento do equilíbrio entre as pressões internas e externas, seu relacionamento com Constâncio II sempre foi repleto de tensões e algumas animosidades.

Nas palavras de Joachim Szidat (1997, p. 132), o governo imperial na Gália do século IV EC era entendido como parte do regime com mais de um imperador, e não havia vestígios de uma política diferente dos interesses do resto do império. A usurpação no século IV EC sempre visou o poder sobre todo o império ocidental, ou seja, um usurpador sempre tentava tomar o poder também sobre a Itália, a África e, idealmente, na Ilíria/Panônia. O usurpador buscava o reconhecimento do imperador no Oriente. A tentativa bem-sucedida de Juliano de assumir o controle de todo o império e as campanhas de Magnêncio e Magnus Maximus contra o imperador oriental não foram exceções; elas foram uma consequência necessária da recusa do imperador em Constantinopla em reconhecê-los como parceiros imperiais. A Gália era o território decisivo para governar o império ociden-

tal. Para governar o Ocidente, um usurpador tinha que começar na Gália, e não na África, Itália ou na Ilíria/Panônia. Golpes que ocorreram nessas últimas regiões nunca resultaram na tomada de poder sobre o império ocidental. Ao lado das estruturas mencionadas, como a residência imperial, a prefeitura e as tropas do exército de campo estacionadas na Gália, havia também um suprimento virtualmente inesgotável de mão de obra para recrutar tropas. Se desconsiderarmos o contexto político particular de golpes individuais, é precisamente essa mão de obra que deve ser vista como uma razão essencial pela qual encontramos um número maior de usurpações na Gália do que no Oriente.

Logo, é necessário detalhar a relação conflituosa entre o *César* Juliano e o Augusto Constâncio II, bem como a obtenção de uma maior clareza sobre o contexto geral em que as guerras de Juliano contra os francos e alamanos foram travadas. Nesse sentido, Peter Heather (2018, p. 75) alertou que devemos ser cuidadosos com os testemunhos das documentações textuais, dando como exemplo Amiano Marcelino, que engrandece as ações de Juliano como um verdadeiro herói. Por conseguinte, Heather comentou ser indispensável a utilização de dados da cultura material que possam nos auxiliar na construção desse contexto no qual Juliano estava inserido. Para o autor britânico, o relato de Amiano Marcelino é, praticamente, o único existente a respeito desse tema que deve ser analisado e contrastado com outros tipos de fontes que não sejam as dos apoiadores de Juliano.

Nota-se que Juliano tornou-se um comandante militar na Gália entre 357 e 361 EC, derrotando os invasores bárbaros e atacando quatro vezes os alamanos no lado direito do Reno. Recapturou cerca de 40 cidades romanas e restaurou os limes romanos no mesmo território, sendo assim, sua metamorfose de um estudante de filosofia a chefe de guerra foi bem-sucedida. Por volta de 357 EC, o Imperador Constâncio II decidiu elevar Juliano a comandante-chefe na Gália por causa de suas realizações bélicas e administrativas bem-sucedidas. Os cinco anos seguintes provaram que sua transformação de estudante de filosofia para um general militar foi exitosa, e ele rapidamente se tornou independente, restaurando o poder romano. Como já foi apontado acima, Juliano derrotou muitas tribos bárbaras, como os alamanos e os francos.

Devido aos pontos supracitados, em fevereiro de 360 EC, Juliano, que governava como um *César* subordinado desde 355 EC, foi elevado ao posto de Augusto por tropas de elite em Paris. Um ano depois, após o colapso

de suas negociações com Constâncio II, ele procurou aumentar suas chances no conflito iminente, ocupando a Ilíria/Panônia. Em maio de 361, ele chegou a Sírmio, antes de parar por um longo tempo em Naissus, onde se preparou para a guerra civil. Quando Constâncio II morreu no dia 3 de novembro em Mopsuéstia, o governo único do Império Romano caiu nas mãos de Juliano sem luta, como resultado da decisão dos comandantes orientais de não escolher um pretendente próprio (Bleckmann, 2020, p. 97).

Na concepção de Bruno Bleckmann (2020, p. 97), o período turbulento durante o qual Juliano agiu como Augusto ilegítimo – porque ele não havia sido reconhecido pelo imperador sênior – durou pouco menos de dois anos. Contudo, o período é, sem dúvida, de grande importância para uma avaliação do governo e da personalidade de Juliano. Se não nos concentrarmos no próprio Juliano, mas, ao invés disso, colocarmos sua elevação no contexto mais amplo da história romana no século IV, fica claro que esse é um dos muitos episódios semelhantes na história do sistema de coimperadorismo da Antiguidade Tardia. Esse sistema de coimperadorismo foi a forma mais comum de governo imperial desde a Tetrarquia, assumindo configurações diversas de maior ou menor estabilidade. No caso da tentativa de demonstração de estabilidade, era necessário se alinhar a uma atividade propagandística com o intuito de se obter a legitimação. Essa foi a situação de Juliano e, aqui, pensamos ser relevante unir característica da personalidade de Juliano à conjuntura do coimperadorismo.

No que tange ao *César* Juliano, configurou-se uma usurpação como já mencionamos no início das Considerações Preliminares. Muitos biógrafos, como por exemplo, Bidez (1955), Bowersock (1978) e Athanassiadi (1982), que não configuram Juliano com um usurpador de trono, mas como aquele que teria feito uma rebelião contra Constâncio II. A historiografia contemporânea que relata sobre essa conjuntura política é farta e abundante. Dentre essas, encontramos todos os autores citados até o momento. O episódio da usurpação de Juliano foi muito comentado nas documentações textuais, como indicamos no início da redação desse item, porém, até o momento, não detectamos uma historiografia que vinculasse a análise dessa documentação textual com as de emissões de moedas de Juliano como Coimperador de Constâncio II e como Autoimperador. Contudo, até os dias atuais, não encontramos uma historiografia que analisasse tal episódio, unindo as informações das documentações textuais, também já citadas anteriormente, com o estudo da numismática do período.

Na opinião de Bleckmann (2020, p. 101), quando se trata de fontes que remetem à usurpação de Juliano, podemos atribuir que foi a melhor promoção imperial documentada na Antiguidade Tardia. No entanto, as fontes não literárias contribuem pouco para nossa reconstrução de eventos. Ainda de acordo com o historiador alemão, pode-se esperar que evidências numismáticas lancem mais luzes sobre a usurpação de Juliano no futuro, e que já forneçam mais informações sobre o relacionamento de Juliano com Constâncio II durante as celebrações quinquenais. Em nossa compreensão, o futuro é o momento atual, pois já temos condições de realizar uma pesquisa que reúna dados das documentações textuais com as análises evidenciadas das numismáticas do período da usurpação de Juliano (360-361 EC).

A numismática da época Juliânica não possui, até o momento, diante das historiografias consultadas (nacional, britânica, norte-americana, francesa, italiana e ibérica), um estudo comparativo entre essas distintas documentações. Existem textos, já citados aqui, baseados exclusivamente nas notícias das documentações literárias ou, como veremos a seguir, trabalhos de classificação das moedas de Juliano e a ilustração imagética de moedas cunhadas no período do golpe. No que se refere ao estudo das moedas, selecionamos os trabalhos clássicos de Frank Gilliard, intitulado *Notes on the Coinage of Julian the Apostate* (1964), concernente a um estudo geral sobre o período de Juliano *César* e Augusto e, tão ou mais importante, a respeito das moedas votivas do período Juliânico, John Philip Cozens Kent, Roman imperial coinage Vol. 19 (1959), na qual encontramos informações técnicas sobre a emissão de moedas e imagens da numismática de Juliano enquanto *César* e Imperador. Citamos, igualmente, o valoroso trabalho de Javier Arce – *Estudios sobre el Emperador Fl. Cl. Juliano* (*Fuentes literárias. Epigrafía y numismática*, 1984) –, fruto de sua tese de doutorado, contendo uma descrição primorosa dessas moedas e uma tabela de classificação desse material que descreve as datas de suas emissões, suas legendas e o material que compõe tais emissões de moedas: cobre, prata e ouro.

Temos o artigo de Maria Del Mar Royo Martinéz, "El Emperador Juliano II y El Programa Iconográfico de sus Monedas" (2009), que se propôs a fazer uma revisão os estudos de Arce (1984, p. 177-209) e comentou que, após a publicação da Tese de Arce, os trabalhos são praticamente inexistentes na Espanha. O objetivo deste artigo é, portanto, mostra e rever o conhecimento sobre as moedas do referido Imperador, ilustrar tanto a cronologia das diferentes séries monetárias como as suas legendas e o

programa iconográfico desenvolvido em todas elas. Assim, Royo Martinéz referiu-se a um de nossos objetivos principais que consiste na análise iconográfica das moedas Julianicas emitidas entre 360-361 EC, tarefa que será desenvolvida no período de 2025 a 2028.

Além dos trabalhos supracitados, mencionamos o artigo de María Pilar García Ruiz, "Julian and the Consulship: Politics and Representation" (2018), cujo objetivo foi o de interpretar a propaganda política de Juliano através de suas moedas e de seus escritos como *César* e Augusto que tinham o fito de promover sua imagem pública[7]. Nesse artigo, a autora espanhola se remeteu somente às moedas cunhadas em ouro. Ela relacionou a iconografia daquela numismática com os discursos de Juliano como *César*, construindo uma espécie de identificação entre esses testemunhos. Acrescentamos que nem sempre os testemunhos textuais e os vestígios arqueológicos têm interpretações coincidentes, porém o texto de García Ruiz é bastante elucidativo no que diz respeito ao entrelaçamento de informações importantes para a execução dessa pesquisa.

Até o final da década de noventa do século XX, acreditava-se que as emissões de moedas de Juliano tinham apenas três fases: a fase de *César* (355-359 EC), a de usurpador (360-361 EC) e de Imperador (361-363 EC). Hoje em dia, podemos classificar as emissões em quatro fases: aquelas emitidas sob a ordem de Constâncio II (355-359 EC); as cunhadas (entre 360-361 EC), quando Juliano se considerou Coimperador de seu primo; quando se reconheceu como Auto imperador (361 EC); e, finalmente, as emanadas como o único imperador do Império Romano (361-363 EC). Tais emissões foram feitas sob as ordens de Juliano. Essa última classificação é identificada no texto de García-Ruiz (2018) e de Fabio Guidetti (2015), bem como no capítulo de livro de Eric R. Varner (2012, p. 183 a 211).

García-Ruiz (2018, p. 205) analisa as representações visuais que têm sido baseadas na numismática, uma vez que as moedas oferecem uma sequência de retratos consciente, ordenada e abundante, enquanto outras representações (esculturas, camafeus etc.) mostram muito mais problemas de atribuição ou datação. Dessarte, em nossa opinião, é sempre necessário cotejar as autorrepresentações de Juliano contidas em seus próprios discursos e as evidências imagéticas de suas moedas. Detectamos através da documentação textual e da historiografia contemporânea acerca de Juliano, os locais de emissões de

[7] Sobre a construção pública de Juliano, consultar: Gabbardo (2022).

moedas durante o período de usurpador do trono de Constâncio II. Eram oficinas localizadas em Arles, Lyon, Sirmium e Siscia, o que confere com as regiões onde usurpadores anteriores reagiram contra os Imperadores vigentes, ou seja, a região que ia da Gália às iminências da Panônia.

Arles possuiu uma tradição nas emissões de moedas de imperadores e autoridades locais. Segundo Georges Depeyrot (1976, p. 248 e 249), o exame do gráfico cumulativo dos achados de Arles permitiu notar uma grande semelhança com os achados do sul da Gália, como, por exemplo, na região de Montpellier, que se caracteriza por numerosas moedas de 330-348, e 353-361. Sobre esse último arco temporal, a quantidade de moedas encontradas foi menor do que a época anteriormente expressa. Essa área forneceu quase todas as descobertas: 934 moedas espalhadas e 29 em tesouros, todas, em grande parte, pertencentes ao século IV EC. Elas correspondem a um desenvolvimento dessa parte da cidade sob Constantino e depois sob Juliano. Portanto, detectamos oficinas de moedas em Arles e em Lyon que trabalharam em prol do sucesso de Juliano como Coimperador de Constâncio II, assim como sua elevação a Autoimperador. A importância das oficinas de Arles foi atestada também por David Woods (2014).

Outras oficinas de emissão de moedas a favor da usurpação de Juliano foram as de Sirmium e Siscia, ambas localizadas na província da Ilíria/Panônia. Essas áreas sempre foram palcos de disputas entre as tropas romanas e os bárbaros. Sirmium contemplava os principais cruzamentos de estradas onde ficavam localizados vários quartéis militares romanos. Na Antiguidade Tardia, observamos que o papel da província da Ilíria/Panônia, antes não muito valorizada, foi amplamente alargado devido à sua localização estratégica ao funcionar como uma junção entre as duas metades do Império, além do valor das importantes legiões da linha de frente ali estacionadas. O valor de Sirmium foi acentuado quando se tornou nova sede imperial do *César* Galério (293-305) durante a Tetrarquia militar. Ao inaugurar a dinastia Constantiniana, Constantino conseguiu controlar todas as terras e exércitos dessa localidade, construindo seu próprio programa político e religioso e, assim, estabeleceu sua dinastia: os Segundos Flávios (Sancho Gómez, 2012, p. 4-5).

Naquela época, o papel e a importância da Ilíria/Panônia foram ainda mais ampliados após as reformas administrativas de Constantino. A Ilíria/Panônia também ficou muito conhecida devido às frequentes negociações de Constâncio II com usurpadores como: Magnêncio e Vetrânio.

Por esse motivo, Sirmium voltou a ser novamente a corte imperial e a sede do exército romano nos anos de 357-359 EC, enquanto Constâncio II estava em campanha do outro lado do Danúbio. Em relação à Siscia, no século IV EC, era considerada uma das cidades mais desenvolvidas da Ilíria/Panônia, bem como uma das cidades mais desenvolvidas do Império Romano. Desde o período tetrárquico, Siscia teve um novo crescimento ao se tornar o centro administrativo da província da Panônia Savia, contendo o tesouro provincial e a casa da moeda imperial, que estavam em funcionamento desde a época do imperador Galieno (260-268) (Gračanin; Bilogrivić, 2016, p. 106).

Ainda durante a Tetrarquia, Siscia e outros grandes centros urbanos da Ilíria/Panônia teriam mudado sua fisionomia geográfica com o surgimento de grandes edifícios, haja vista aquela cidade ter abrigado um edifício tão importante quanto a casa da moeda imperial. Em consequência, as muralhas da cidade foram reformadas e expandidas. Durante o governo de Constantino I (306-337), depois que o cristianismo se tornou uma religião lícita, uma basílica dedicada ao santo e mártir Quirino teria sido construída. A pesquisa arqueológica disponível não reflete nem de longe a extensão total das obras de construção às quais a Siscia foi submetida durante o século IV, entre outras razões porque a cidade sofreu danos no ataque de Magnêncio em agosto de 351. Isso, sem dúvida, resultou na necessidade de reparo e renovação de edifícios e estruturas, e, dentre eles, certamente também as muralhas da cidade. De todo modo, em consonância com os autores Hrvoje Gracanin e Goran Bilogrivic (2016, p. 107), o centro provincial e casa da moeda imperial podiam contar com o interesse contínuo das autoridades imperiais centrais para cuidar de sua manutenção.

Diante das evidências aqui apresentadas, formulamos nossa hipótese principal que guiará os caminhos desta pesquisa: Juliano planejou usurpar o trono de Constâncio II desde o início de seu cesarato, o que pode ser notado nas entrelinhas de seus discursos e cartas como *César* de Constâncio II. Ademais, o estudo iconográfico do conjunto de moedas emitidas no período de 360-361 EC, associado às intenções de Juliano clareadas em seus discursos como *César*, pode nos levar a uma nova interpretação sobre o planejamento do golpe do *César* contra seu primo. Como não há, na historiografia atualmente, investigações que unam esses dois pontos de conexão citados, a presente pesquisa possui um grau de originalidade que precisa ser detectado e examinado.

Metodologia para a interpretação iconográfica das moedas

Ademais às documentações textuais citadas no item anterior, adicionamos, igualmente, como documentação fundamental, as moedas do período do golpe da usurpação de Juliano, que são em número de vinte e três moedas emitidas no período entre 360-361 EC. Faremos uso dos catálogos de moedas antigas da American Numismatic Society (Nova York/EUA) e do British Museum Of London (Inglaterra). Para analisar essa documentação material, utilizaremos alguns princípios da numismática. Como arqueóloga e adepta à Arqueologia Histórica, Maria Beatriz Borba Florenzano (2004) abordou três aspectos da numismática com os quais costuma trabalhar: os estudos sobre os sistemas ponderais, os estudos que apontam os contextos de achados das moedas levando-nos ao conhecimento da circulação monetária e os estudos sobre a iconografia, ou seja, sobre as imagens monetárias. (Florenzano, 2004, p. 67).

Sob o ponto de vista da História, é através deste último aspecto – da iconografia – que desejamos explorar a documentação numismática. Vagner Carvalheiro Porto considera que a abordagem iconográfica se tornou uma importante ferramenta de trabalho para que os pesquisadores compreendam diferentes esferas da sociedade, como a política, a propaganda e a religião greco-romana (2007, Tomo I, p. 95). Florenzano salientou que a iconografia das moedas gregas apontava para uma "trajetória individual de cada cidade emissora", o que permitiu à autora constatar que essas moedas eram veículos de afirmação política das diferentes cidades gregas (2004, p. 74-75). O mesmo pode ser relacionado em termos das moedas de Juliano *César* (360-361 EC).

No contexto romano investigado em nossa pesquisa, verificamos que esses numerários também são meios de difusão de ideais políticos, no entanto, personificava a propaganda individual do imperador que as mandava cunhar. Não era mais uma cidade ou uma região que tinha sua identidade anunciada, mas, sim, o governante secular (Pohlmann, 2017, p. 14). Nesse contexto, as representações nos anversos e nos reversos das 23 moedas foram instrumentos de propaganda que sustentavam a usurpação de Juliano. Consideramos que, de modo visual e sem intermediários, os símbolos estampados nos numerários exaltavam as ações de Juliano que recordavam, sobretudo, àqueles que pouco ou nunca viam o imperador em pessoa, quem era o novo governante supremo. Havia a necessidade de se reproduzir um

discurso de superioridade e de identificar Juliano como o imperador responsável pelos territórios romanos. As moedas complementavam e ampliavam o processo de transmissão dessas mensagens.

Com o intuito de analisar a iconografia presente nos numerários, usaremos as práticas semiológicas, de acordo com as argumentações de Christine Perez, em seu trabalho *Images monétaires et pratiques sémiologiques* (1985). A autora realça que as moedas romanas antigas apresentavam paralelamente uma mensagem linguística, além da iconográfica (Perez, 1985, p. 112-113). Ela observa a importância da visão conjunta das palavras, dos signos e dos símbolos. Perez (1985) reforça a importância das imagens circuladas pela moeda, utilizando as práticas da análise semiótica que nos ajudam a "ler" essas imagens, e ao adotar ferramentas conceituais da sociologia, psicologia e técnicas do discurso (especialmente a retórica). O estudo busca destacar a importância das mensagens visuais nas sociedades da Antiguidade, mostrando como essas imagens em circulação constituem, por parte de seus produtores, um ato sugestivo que visa provocar, nos destinatários, reações e comportamentos capazes de atender às solicitações, apelando para determinados desejos e aspirações.

Consideraremos pertinente a nossa abordagem histórica ao interpretar tais elementos nas moedas no período da usurpação de Juliano. Dessa maneira, será feita a articulação entre a linguística e a iconografia. Feita essa observação, compararemos tais imagens com as elaboradas nos textos de Juliano *César* e dos demais autores das documentações textuais já citadas nesse item do artigo. Assim, demonstraremos como a conexão da imagem monetária/comunidade cívica aparece antes de tudo como uma comunicação entre uma instituição política e social e indivíduos políticos e sociais (Perez, 1985). Sendo assim, a imagem de propaganda gravada na moeda é, ao mesmo tempo, "espelho" e "motor" para a sociedade da qual ela é o produto, e como o discurso veiculado pela moeda tem, por fim, uma função de regulação cultural.

Por meio da confrontação de documentos históricos de naturezas variadas, elucidaremos as relações existentes entre diferentes documentos que, segundo nossa hipótese, complementavam-se para sustentar a supremacia imperial de Juliano em contraste com a de Constâncio II. Primeiramente, construiremos quadros de análise que facilitarão a identificação das moedas e de seu conteúdo. De acordo com Philip Grierson (1975, p. 92-93) e Javier Arce (1984, p. 197-198), o quadro deverá ter um arranjo típico,

contendo seis colunas com o número de série, a denominação (abreviada), metal, peso e posição do molde, a inscrição e o tipo do anverso, a inscrição e o tipo do reverso, o grau de raridade e uma referência, isto é, uma indicação de onde a moeda foi emitida ou em qual coleção ela pode ser encontrada. No tocante ao peso da moeda, ele não tem história contínua, sendo extremamente comum em alguns períodos e completamente ausentes em outros. No entanto, nenhuma regra geral pode ser formulada; o arranjo ideal é apresentar a cunhagem de como foi emitida, mas, como esses detalhes podem ser expostos variará de uma série para outra.

É mais fácil averiguar o peso da moeda de ouro do que de moedas de cobre. Geralmente, as moedas mais comumente emitidas não eram feitas com graus de precisão, em parte porque os pesos de moedas nem sempre correspondiam a nenhuma unidade única em uso normal. Pesos de moedas são raros na Antiguidade Clássica, porém, da segunda metade do século IV até o VII, eles são muito comuns. Os pesos típicos desse período são peças circulares de bronze, com estampas de N (para nomisma) ou SOL (para idus) para pesar um sólido; o numeral deve ser adicionado, e este, às vezes, ostenta bustos imperiais ou uma figura de *Moneta* com um par de balanças, ou um monograma ou um título do funcionário público responsável pela verificação (Grierson, 1975, p. 178).

Podemos complementar essas informações nos referindo à Janira Feliciano Pohlmann (2017, p. 15), que afirma ser importante recolher os elementos dos discursos estudados, formando um inventário geral com dados como: virtude, ação virtuosa, vício, ação viciosa, autor, documento escrito/número da moeda, local de procedência, localização no documento (parágrafo, legenda verso, símbolo anverso...), texto (frase, símbolo, legenda). Então, dividiremos tais elementos em grupos, estabelecendo as classificações que serão abordadas no decorrer de nossa pesquisa.

Os quadros classificatórios nos auxiliarão a atribuir valores a vocábulos específicos – especialmente àqueles referentes a vícios e virtudes – e a ordená-los em grupos similares ou antagônicos. Dessa maneira, poderemos examinar os argumentos disseminados nas fontes que davam sustentação à figura imperial de Juliano. Por meio dos recursos apresentados, finalmente, acreditamos ser possível constatar os pontos de aproximação e de distanciamento entre os discursos por nós selecionados. Portanto, responderemos à nossa problemática e ampliaremos o campo de investigação sobre o planejamento do golpe e a usurpação de Juliano ainda pouco estudados

pela historiografia. Compreendemos que as imagens, anunciadas por escrito, oral e visualmente, fortaleciam a figura de Juliano e faziam do *César*, desejoso de ser Imperador, um significativo comandante do poder dos romanos ao fortalecer sua prática de poder perante seus subordinados e diante daqueles que tentassem usurpar o poder.

Podemos citar, por enquanto, no que tange a historiadores e arqueólogos nacionais, os trabalhos de Maria Beatriz Borba Florenzano, *Fontes sobre a origem da moeda*: apresentação crítica (2001), e de Pedro Paulo Abreu Funari e Cláudio Umpierre Carlan, *Moedas*: a numismática e o estudo da história (2012), os quais poderão nos auxiliares na metodologia de interpretação das moedas selecionadas. Em nosso entendimento, o primeiro elemento [de identificação], o metal usado, informava sobre a riqueza de um povo. Os outros dois elementos – tipo e legenda – diziam algo sobre a arte, ou seja, o maior ou menor aperfeiçoamento técnico usado na fabricação do numerário circulante, sobre o poder emissor e, sobretudo, a ideologia política, social e religiosa que o corpo lhes atribuía. Atuavam como um meio de propaganda, onde as representações, em seus anversos e reversos, legitimavam o poder do *César*. É dentro desse último aspecto que pretendemos explorar a documentação numismática (Funari; Carlan, 2012, p. 66).

As moedas do período do golpe e suas proveniências

Figura 1 – Anverso: busto de Juliano, diadema, drapeado e couraçado, à direita. Reverso: inscrição dentro da coroa (águia em joia). Cunhada em: Arles. Disponível em: www.britishmuseum.org/collection/object/C_1856-1205-6. Acesso em: 16 abril 2025.

Figura 2 – Anverso: busto de Juliano, diadema, drapeado e com couraça, à direita. Reverso: inscrição dentro da coroa. Cunhada em: Arles. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_2016-4087-1. Acesso em: 16 abr. 2025.

Figura 3 – Anverso: busto de Juliano, diadema, drapeado e couraçado, à direita. Reverso: inscrição dentro da coroa (águia sobre joia). Cunhada em: Arles. Disponível em: https://numismatics.org/collection/0000.999.8964?lang=pt. Acesso em: 16 abr. 2025.

Figura 4 – Anverso: busto com diadema de pérolas, drapeado e couraçado, à direita. Reverso: Imperador em pé, à direita, segurando um globo e uma lança. Cunhada em: Arles. Disponível em: https://numismatics.org/collection/0000.999.8964?lang=pt. Acesso em: 16 abr. 2025.

Figura 5 – Anverso: busto com diadema de pérolas, drapeado e couraçado, à direita. Reverso: inscrição em coroa. Cunhada em: Arles. Disponível em: https://numismatics.org/collection/1944.100.20551. Acesso em: 16 abr. 2025.

Figura 6 – Anverso: busto com diadema de pérolas, drapeado e couraçado, à direita. Reverso: inscrição dentro da coroa, elevada por águia. Cunhada em: Arles. Disponível em: https://numismatics.org/collection/1974.26.237. Acesso em: 7 maio 2025.

Figura 7 – Anverso: busto de Juliano, diadema, drapeado e couraçado, à direita. Reverso: juramentos de posse dentro de coroa. Cunhada em: Lyon. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_1856-1205-10. Acesso em: 16 abr. 2025.

Figura 8 – Anverso: busto de Juliano, diadema, drapeado e couraçado, à direita. Reverso: inscrição dentro da coroa. Cunhada em: Lyon. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_2008-4064-1. Acesso em: 16 abr. 2025.

Figura 9 – Anverso: busto com diadema de pérolas, drapeado e couraçado, à direita. Reverso: Imperador com elmo, em pé, segurando um globo e uma lança. Cunhada em: Lyon. Disponível em: https://numismatics.org/collection/1970.165.91?lang=pt. Acesso em: 16 abr. 2025.

Figura 10 – Anverso: busto roseta-diadema, drapeado e couraçado, à direita. Reverso: inscrição em coroa. Cunhada em: Lyon. Disponível em: https://numismatics.org/collection/1944.100.20710. Acesso em: 16 abr. 2025.

Figura 11 – Anverso: busto com diadema de pérolas, drapeado e couraçado, à direita. Reverso: inscrição em coroa. Cunhada em: Lyon. Disponível em: https://numismatics.org/collection/1944.100.20708. Acesso em: 7 maio 2025.

Figura 12 – Anverso: busto com diadema de pérolas, drapeado e couraçado, à direita. Reverso: inscrição em coroa. Cunhada em: Lyon. Disponível em: http://numismatics.org/collection/1944.100.20709. Acesso em: 7 maio 2025.

Figura 13 – Anverso: busto com diadema de pérolas, drapeado e couraçado, à direita. Reverso: inscrição em coroa. Cunhada em: Lyon. Disponível em: https://numismatics.org/collection/0000.999.8971. Acesso em: 7 maio 2025.

Figura 14 – Anverso: busto com diadema de pérolas, drapeado e couraçado, à direita. Reverso: Vitória, à esquerda, segurando coroa e palma. Cunhada em: Lyon. Disponível em: https://numismatics.org/collection/1944.100.20707. Acesso em: 7 maio 2025.

Figura 15 – Anverso: busto com diadema de pérolas, drapeado e couraçado, à direita. Reverso: Imperador com elmo, em pé, segurando um globo e uma lança. Cunhada em: Lyon. Disponível em: https://numismatics.org/collection/1944.100.20712. Acesso em: 7 maio 2025.

Figura 16 – Anverso: busto com diadema de pérolas, drapeado e couraçado, à direita. Reverso: inscrição em coroa. Cunhada em: Sirmium. Disponível em: https://numismatics.org/collection/1957.172.1019. Acesso em: 16 abr. 2025.

Figura 17 – Anverso: busto com diadema de pérolas, drapeado e couraçado, à direita. Reverso: soldado com elmo, em pé, segurando troféu e cativo ajoelhado. Cunhada em: Sirmium. Disponível em: https://numismatics.org/collection/1956.184.4. Acesso em: 16 abr. 2025.

Figura 18 – Anverso: busto com diadema de pérolas, drapeado e couraçado, à direita. Reverso: soldado com elmo, em pé, segurando troféu e cativo ajoelhado. Cunhada em: Sirmium. Disponível em: https://numismatics.org/collection/1977.158.940. Acesso em: 16 abr. 2025.

Figura 19 – Anverso: busto com diadema de pérolas, drapeado e couraçado, à direita. Reverso: soldado com elmo, em pé, segurando troféu e cativo ajoelhado. Cunhada em: Sirmium. Disponível em: https://numismatics.org/collection/1948.19.755. Acesso em: 16 abr. 2025.

Figura 20 – Anverso: busto com diadema de pérolas, drapeado e couraçado, à direita. Reverso: soldado com elmo, em pé, segurando troféu e cativo ajoelhado. Cunhada em: Sirmium. Disponível em: https://numismatics.org/collection/1905.57.158. Acesso em: 7 maio 2025.

Figura 21 – Anverso: busto com diadema de pérolas, drapeado e couraçado, à direita. Reverso: soldado com elmo, em pé, segurando troféu e cativo ajoelhado. Cunhada em: Sirmium. Disponível em: https://numismatics.org/collection/1944.100.21069. Acesso em: 7 maio 2025.

Figura 22 – Anverso: busto de Juliano. Reverso: cavaleiro caído. Cunhada em: Siscia. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/G_1967-0623-11. Acesso em: 7 maio 2025.

Figura 23 – Anverso: busto drapeado com couraça, à direita. Reverso: imperador em pé, à esquerda, segurando um globo à direita e uma lança à esquerda. Cunhada em: Siscia. Disponível em: https://numismatics.org/collection/1994.123.274. Acesso em: 7 maio 2025.

Conclusão

Embora tenhamos uma farta historiografia acerca do Imperador Juliano, ainda há uma carência em relação às pesquisas sobre sua cultura material, a saber: numismática epigráfica e alguma inscrição funerária. O número de moedas que chegou aos nossos dias, refere-se ao seu período de *César* de Constâncio II (355-361 EC), tanto aquelas emitidas a mando do Imperador Constâncio II e as do período da usurpação de Juliano; além dessas, todas de seu período como Imperador (361-363 EC).

Preocupamo-nos, neste momento, com a análise daquelas do período de seu golpe contra Constâncio II. Futuramente, com a conclusão da pesquisa atual, seguiremos com a investigação das moedas de seu tempo como Imperador. Todo esse rico conjunto de moedas nos leva a diversas conjecturas e contextualizações históricas que nos abrem a possibilidade de descobertas inéditas sobre a vida social, política e religiosa desse personagem histórico intrigante.

Não podemos, de forma alguma, abandonar a análise da documentação textual que, junto com a dos numerários, levar-nos-ão a um novo horizonte sobre o conhecimento das práticas Julianicas. Pretendemos publicar aos poucos os resultados dessa pesquisa que, revisados, poderão resultar em um livro autoral.

Documentação escrita

AMMIEN MARCELLIN. *Histoires*. Tome 1, Livres XIV-XVI. Texte établi et traduit par Édouard Galletier evec la collaboration de Jacques Fontaine. Paris: Les Belles Lettres, C.U.F., 1968. (3º tirage 2003)

____. *Histoires*. Tome 2, Livres XVII-XIX. Texte établi, traduit et annoté par Guy Sabbah. Paris: Les Belles Lettres, C.U.F, 1970. (4º tirage 2002)

____. *Histoires*. Tome 3, Livres XX-XXII. Texte établi, traduit et annoté par Jacques Fontaine avec la collaboration de E. Frézouls et J.- D. Berger. Paris: Les Belles Lettres, C.U.F., 1996. (2º tirage 2002)

____. *Histoires*. Tome 4, 1ª partie, Livres XXIII-XXV. Texte établi et traduit par Jacques Fontaine. Paris: Les Belles Lettre, C.U.F., 1977. (3º tirage 2002)

L'EMPEREUR JULIEN. *Œuvres completes*. Tome 1, 1º partie. Discours de Julien César (I-V), texte établi et traduit par Joseph Bidez. Paris: Les Belles Lettres, C.U.F., 1932. (3º tirage 2003)

____. *Œuvres completes*. Tome 1, 2º partie. Letrres et Fragmentes, texte établi et traduit par Joseph Bidez. Paris: Les Belles Lettres, C.U.F., 2004.

____. *Œuvres completes*. Tome 2, 1º partie. Discours de Julien empereur (VI-IX), texte établi et traduit par Gabriel Rochefort. Paris: Les Belles Lettres, C.U.F, 1963. (2º tirage 2003)

EUTROPE. *Abrégé d'histoire Romaine*. Texte établi et traduit par J. Hellegouarc'h. Paris: Les Belles Lettres, C.U.F, 1999. (2 tirage 2002, latim/francês)

GRÉGOIRE DE NAZIANZE. *Discours, 4-5*. Contre Julien, introduction, texte critique, traduction et notes par Jean Bernardi. Paris: Editions du Cerf, 1983. (Coll. Sources chrétiennes n. 303)

HILAIRE DE POITIERS. *Contre Constance*. Introduction, texte critique, traduction, notes et index de André Rocher. Paris: Editions du Cerf, 1987. (Sources chrétiennes n. 334)

LIBANIOS. *Discours*. Tome 1: Discours 1. Autobiographie, texte établi par J. Martin et traduit par P. Petit. Paris: Les Belles Lettres, C.U.F., 1978 (2º tirage 2003). Traductions d'extraits par Joseph Bidez dans La Vie de Julien (Paris: Les Belles Lettres, 2012, 3º tirage), Jean Bouffartigue dans Hellénisme et christianisme (Paris, Presses universitaires du Septentrion, 2004) et Jean Martin dans L'Empereur Julien et son temps (Bruxelles, Brepols, 2010).

MAMERTIN, *In Panégyriques latins*, Tome III, Discours de remerciement

adressé à Julien par Claude Mamertin (362), texte établi et traduit par E. Galletier. Paris: Les Belles Lettres, C.U.F, 1955. (2ª tirage 2002)

OROSE. *Histoires (contre les païens)*. Tome III, livre VII, texte établi et traduit par Marie-Pierre Arnaud-Lindet. Paris: Les Belles Lettres, C.U.F, 1991. (2ª tirage 2003) (latim/francês)

SOZOMÈNE. *Histoire ecclésiastique*. Livres III-V, traduit par Pierre Canivet. Paris: editions du Cerf, 2009. (coll. Sources chrétiennes n. 530)

ZOZIME. *Histoire Nouvelle*. Tome I, Livres I et II, texte établi et traduit par François Paschoud. Paris: Les Belles Lettre, C.U.F., 2000. (2ª tirage 2003)

____. *Histoire nouvelle*. Tome II, 1 "partie, Livre III, texte établi et traduit par François Paschoud. Paris: Les Belles Lettes, C.U.F., 1979.

____. *Histoire nouvelle*. Tome II, 2 "partie, Livre IV, texte établi et traduit par François Paschoud. Paris: Les Belles Letrres, C.U.F, 1979.

____. *Histoire nouvelle*. Tome III, 1 "partie, Livre V, texte établi et traduit par François Paschoud. Paris: Les Belles Lettres, C.U.F., 1986. (2ª tirage 2003)

____. *Histoire nouvelle*. Tome III, 2 "partie, Livre VI, index général, texte établi et traduit par François Paschoud. Paris: Les Belles Lettres, C.U.F., 1989. (2ª tirage 2003)

Referências bibliográficas

ARCE, Javier. *Estudios sobre el Emperador FL. CL. Juliano (Fuentes literárias. Epigrafía. Numismática)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Cientificas, 1984, p. 1-259.

ATHANASSIADI, Polymnia Fowden. *Julian and Hellenism, na intelectual biography*. Oxford: Clarendon Press, 1981, p. 01-245.

BENEDETTI, Pedro. *As relações entre as populações provinciais romanas e os bárbaros nas Gálias dos séculos IV e V (c. 350-475 d.C.)*. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-graduação em História – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

BIDEZ, Joseph. *La Vie de L'Empereur Julien.* Paris: Les Belles Lettres, 1955.

BLECKMANN, Bruno. *From Caesar to Augustus: Julian against Constantius*. In: Rebenich, Stefan; Wiene, Hans-Ulrich. *A Companions to Julian The Apostate.* v. 5. Boston: Brill's Companions to The Bylantine World, 2020, p. 97-123.

BOWERSOCK, Glen Warren. *Julian the apostate*. Cambridge: Harvard University Press, 1978, p. 01-152.

CARLAN, Claudio Umpierre; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Moedas*: A Numismática e o estudo da História. São Paulo: Editora Annablume, 2012, p. 01-100.

DEPEYROT, Georges. Les trouvailles monétaires d'Arles (1976-1980). *Revue archéologique de Narbonnaise*, tome 16, 1983. p. 247-284.

ELM, Susanna. *Sons of Hellenism, Fathers of the Church*: Emperor Julian, Gregory of Nazianzus, and the Vision of Rome. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 2012.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. Fontes sobre a origem da moeda: apresentação crítica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 11, n. 1, p. 201-211, 2001.

____. *Faces da Moeda.* São Paulo: Olhares, 2004.

GABBARDO, Gabriel. *The Construction(s) of the Public Image of the Emperor Julian*. Thesis (Doctor of Philosophy) – University of St Andrews, 2022.

GARCÍA RUIZ, María Pilar. Juliano y el Consulado: política y representación. Juliano y el Consulado: política y representación. *Revista de Lingüística y Filología Clásica*, v. 89, n. 2, p. 335-360, 2021.

GILLIARD, Frank D. *Notes on the Coinage of Julian the Apostate*. v. 54. New York: The Journal of Roman Studies, 1964, p. 135-141. (Parts 1 and 2)

GRAČANIN, Hrvoje; BILOGRIVIĆ, Goran. Siscia in late antiquity and the early Middle Ages: fate of a post-Roman town in Southern Pannonia. *Acta Archaeologica Carpathica*, v. 51, p. 103-143, 2016.

GRIERSON, Philip. *Numismáticas*. London: Oxford University Press, 1975.

GUIDETTI, Fabio. I ritratti dell'imperatore Giuliano. In: MARCONE, Arnaldo (eds.). *L'imperatore Giuliano Realtà storica e rappresentazione*. Milano: Mondadori Education S.p.A., 2015, p. 12-49.

HEATHER, Peter John. The Gallic Wars of Julian Caesar. In: *Rebenich, Stefan; Wiene, Hans-Ulrich*. A Companions to Julian The Apostate. v. 5. Boston: Brill's Companions to The Bylantine World, 2020, p. 64-96.

JAGUSIAK, Krzysztof. From Student to Soldier. The Metamorphosis of Julian the Apostate um the Winter of 355/356 AD. In*: Standards of Everyday Life in the Middle Ages and in Modern Times*. Faber Publishers, Veliko Tarnovo, 2014, p. 639-648.

KENT, John Philip Cozens. An introduction to the coinage of Julian the Apostate (A.D. 360-3). *The Numismatic Chronicle and Journal of the Royal Numismatic Society*, 6th ser., v. 19, p. 109-117, 1959.

PEREZ, Christine. Images monétaires et pratiques sémiologiques/Coin images and semiological practice. *Dialogues d'Histoire Ancienne*, v. 11, p. 110-140, 1985.

POLHMANN, Janira Feliciano. *A Construção da Imagem do Imperador Graciano em Documentos Oficiais (369-383 D.C.).* Projeto apresentado à FAPESP para obtenção de bolsa de Pós-doutorado. A bolsa foi aprovada para o período de agosto de 2017 a fevereiro de 2022.

ROYO MARTÍNEZ, María Del Mar. El emperador Juliano II y el programa iconográfico de sus monedas. *Revista Documenta & Instrumenta*, v. 7, p. 161-186, 2009.

SANCHO GÓMEZ, Miguel Pablo. *The Emperor Julian, Naissus and Sirmuim*. Serbia: ResearchGate, 2012, p. 1-16.

SILVA, Gilvan Ventura da. *A escalada dos imperadores proscritos*: Estado, conflito e usurpações na Antiguidade Tardia (285-395). Vitória: GM Editora, 2018.

SZIDAT, Joachim. *Die Usurpation Iulians. Ein Sonderfall?.* In: PASCHOUD, François; SZIDAT, Joachim (eds.). *Usurpationen in der Spätantike.* Franz Steiner Verlag Stuttgar, Germany, 1997, p. 63-70.

TOUGHER, Shaum. *Julian the apostate*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

VARNER, Eric R. *Roman Authority, Imperial Authoriality, and Julian's Artistic Program*. In: BAILER-BRIAN, Nicholas; TOUGHER, Shaun (eds.). Emperor and Author: the writings of Julian the apostate. The Classical Press of Wales, 2012, p. 183 -211.

WOODS, David. Julian, Arles, and the Eagle. *Journal of Late Antiquity*, v. 7, n. 1, p. 49-64, 2014.

RESENHA[1]

LIMA NETO, Belchior Monteiro; SILVA, Gilvan Ventura da; KORMIKIARI, Maria Cristina Nicolau (orgs.). *A África antiga*: ensaios de História e Arqueologia. Vitória: Antíteses, 2025. (Coleção *Lux Antiquitatis*), 276 p.

Larissa Rodrigues Sathler[2]

História Antiga e Arqueologia, embora se valham de métodos investigativos distintos, são disciplinas complementares que, quando articuladas em conjunto, possibilitam uma compreensão mais ampla e crítica das dinâmicas sociais, dos espaços, das construções simbólicas e materiais, bem como das relações e experiências que caracterizaram as sociedades do passado (Martins, 2015, p. 10). Essa articulação disciplinar encontra expressão na obra *A África antiga*: *ensaios de História e Arqueologia*, organizada por Belchior Monteiro Lima Neto, Gilvan Ventura da Silva e Maria Cristina Nicolau Kormikiari, visto que seu principal mérito reside em evidenciar a diversidade de fontes e abordagens interpretativas que os pesquisadores podem mobilizar na reconstrução e problematização do passado africano.

Escrita de maneira majoritária por autores brasileiros, a coletânea reúne estudos que evidenciam como o cruzamento entre perspectivas históricas e arqueológicas é fundamental para iluminar aspectos ainda pouco explorados das sociedades norte-africanas da época Antiga. Ao valorizar fontes materiais em diálogo com registros textuais, a obra rompe com leituras eurocentradas

[1] Recebido em 20/08/2025 e aprovado em 15/09/2025.

[2] Doutoranda em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Membra do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir/ES). Com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes), desenvolve a pesquisa *Corpo, espaço e disciplina na Antiguidade Tardia: João Cassiano e a formação de monges perfeitos nas Gálias (Séc. V)*, sob a orientação do Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1059-1361. E-mail: lary.sat@gmail.com

e contribui para o alargamento de narrativas plurais sobre a região durante a Antiguidade.

O prefácio, escrito por Júlio Cesar Magalhães de Oliveira, destaca a renovação dos estudos sobre a África do Norte Antiga, enfatizando a perspectiva singular que os pesquisadores brasileiros trazem para o campo. Essa perspectiva é moldada por um contexto histórico distinto daquele da colonização europeia no Magrebe, o que permite novas abordagens sobre os contatos e transformações culturais. Nesse caso, a obra rompe com o foco tradicionalmente dado pela historiografia brasileira às regiões da África diretamente ligadas à história do Brasil por meio do tráfico transatlântico de escravizados, ampliando assim o escopo dos estudos africanos no país.

No que diz respeito à estrutura, a coletânea se destaca pela diversidade metodológica, mobilizando um amplo conjunto de fontes, incluindo tradições textuais, epigrafias, papiros, vestígios arqueológicos variados, além da iconografia e da numismática. Os nove ensaios reunidos exploram temas como os contatos e processos de hibridismo cultural, as conexões entre o norte da África, o Saara e o Mediterrâneo, e as relações de poder vistas a partir das experiências de grupos subalternizados. Desse modo, a obra se insere de maneira decisiva no movimento contemporâneo de renovação dos estudos sobre a África antiga, ao articular investigações que, como observa Oliveira (2025, p. 9-10), convergem no esforço de descolonizar o saber histórico sobre o passado africano.

No primeiro capítulo, Maria Cristina Nicolau Kormikiari propõe uma leitura mais densa e refinada da história dos reis númidas, superando tanto a visão tradicional que os reduz a reinos helenizados quanto a concepção de uma continuidade berbere isolada. A partir de evidências numismáticas e materiais, a autora evidencia o protagonismo dessas lideranças nas redes de contato intermediterrâneas, revelando uma dinâmica sociopolítica marcada pela agência e pela capacidade de negociação cultural dos númidas nos circuitos econômicos e políticos da região entre o final do século III a.C. e o início do século I a.C. Em síntese, Kormikiari demonstra como esses chefes reelaboraram elementos estrangeiros, integrando-os às suas práticas e referências locais.

No segundo capítulo, dando continuidade à desconstrução de narrativas tradicionais, Belchior Monteiro Lima Neto analisa o caso dos garamantes para contestar a tese de que a agricultura, a urbanização e a formação do Estado no norte da África foram introduzidas de maneira exclusiva por gregos, fenícios e romanos. Fundamentando-se em pesquisas arqueológicas

recentes, o autor evidencia processos endógenos de urbanização estreitamente vinculados ao florescimento das rotas caravaneiras do Saara. Nesse cenário, destaca-se o fortalecimento comercial de Garama, que, entre os séculos II e I a.C., consolidou-se como núcleo urbano estratégico no Fezã, articulando redes regionais e transaarianas. Em torno desse centro, emerge o retrato de uma sociedade complexa, hierarquizada e politicamente estruturada, cuja sofisticação tecnológica atesta a contribuição decisiva dos garamantes para o desenvolvimento regional.

Na mesma linha de revisão crítica das interpretações tradicionais, Marcia Severina Vasques, no terceiro capítulo, questiona a visão que subestimou o urbanismo no Egito romano, com frequência associado a uma sociedade rural e pouco urbanizada. A autora demonstra que, desde o período pré-dinástico (por volta de 3000 a.C.), já existiam formas urbanas locais, que se transformaram com a conquista de Alexandre, o Grande (332 a.C.), e com o domínio ptolomaico (305 a.C.), quando o modelo urbano clássico se consolidou. Com a incorporação ao Império Romano (30 a.C.), as cidades egípcias passaram a refletir uma síntese entre elementos faraônicos e greco-romanos, especialmente nas regiões mediterrâneas. Essa fusão, no entanto, não apagou a cultura egípcia, cuja resistência se expressava, sobretudo, nos âmbitos religioso e funerário. Na verdade, a resposta às influências externas variava conforme as realidades locais e era mediada, em grande parte, pelas elites, que transitavam entre diferentes códigos culturais.

Também voltado à análise de representações e processos de ressignificação simbólica, o quarto capítulo, de Vagner Carvalheiro Porto, analisa a representação da África em moedas gregas, romanas e africanas, destacando o escalpo de elefante como ícone associado à personificação da região. A princípio, vinculado a Alexandre, o Grande, esse símbolo foi apropriado pelos romanos para expressar poder e domínio sobre a África, funcionando como uma alegoria externa à identidade africana. No século I a.C., diante da influência romana, lideranças africanas, como Juba I, da Numídia, e Bogud, da Mauritânia, adotaram essa insígnia para legitimar seu poder e demonstrar lealdade ao Império. Todavia, para seus próprios habitantes, a África antiga configurava-se como um espaço culturalmente diverso e fragmentado, desprovido da identidade homogênea projetada pelas perspectivas externas dos gregos e romanos.

É ainda na esteira da revisão das interpretações legadas pela literatura arqueológica orientalista dos séculos XIX e XX que Jorge García Sánchez, no quinto capítulo, revisita os mercados rurais (*nundinae*) da África Romana,

tradicionalmente concebidos como aglomerações efêmeras e desorganizadas. Com base em evidências materiais, o autor argumenta que muitos desses espaços, na verdade, dispunham de infraestrutura permanente e planejada, vinculada a projetos de urbanização conduzidos por membros da elite local. Inspirados nos *macella* urbanos, tais mercados apresentavam um modelo arquitetônico monumental, que articulava funções econômicas, sociais e religiosas. Além de seu papel como centros comerciais, os *nundinae* operavam como instrumentos de integração territorial e controle imperial. Ao demonstrar a coexistência entre estruturas temporárias e permanentes, Sánchez rompe com visões simplistas e revela a complexidade simbólica e funcional desses espaços no contexto africano romano.

Já no capítulo sexto, com um olhar atento às experiências subalternas e às formas de agência social, Edjalma Nepomoceno Pina investiga a trajetória de trabalhadores africanos a partir de uma peça excepcional: a estátua de um *sparsor* escavada na necrópole de Yasmina, em Cartago. O monumento oferece uma rara evidência de ascensão social por meio do trabalho, iluminando as trajetórias de grupos frequentemente silenciados pelas fontes textuais tradicionais. A partir dessa análise, o autor revela a complexidade das dinâmicas identitárias na África Romana, onde o trabalho manual podia constituir um elemento de reconhecimento social e orgulho coletivo. A epigrafia funerária, nesse cenário, não apenas preserva a memória dos ofícios, mas também registra estratégias de afirmação simbólica adotadas por sujeitos marginalizados, que ressignificavam o estigma como marcador de pertencimento e honra. O estudo de Pina contribui, assim, para reavaliar as formas de agência social entre os *operarii*, rompendo com visões homogêneas e estigmatizantes das categorias laboriosas no mundo romano.

Na mesma linha de investigação sobre as formas de resistência e a construção de identidades subalternas, no sétimo capítulo, Gilvan Ventura da Silva analisa a construção identitária do movimento donatista a partir da experiência do martírio no norte da África sob o governo de Constante (346-348). O autor demonstra como os donatistas, ao se verem perseguidos pelos representantes imperiais, mobilizaram a literatura martiriológica, em especial as *passiones* dos mártires Maximiano, Isaque e Marculo, como recurso performativo e político para reafirmar sua coesão interna e reivindicar sua legitimidade como herdeiros da verdadeira fé cristã. Essas narrativas não apenas exaltavam o sofrimento dos mártires como atualização do sacrifício de Cristo (*imitatio Christi*), mas também denunciavam a violência do poder

estatal, retratando o imperador e seus emissários como agentes do Anticristo. Ao reinterpretarem o martírio como continuidade da perseguição contra os primeiros cristãos, os donatistas passaram a ser representados como membros da "Igreja dos mártires", conferindo ao sofrimento de seus líderes uma força simbólica capaz de sustentar sua identidade e resistência frente à Igreja aliada ao Império. Dessa forma, Ventura da Silva evidencia como o culto aos mártires, articulado à tradição literária cristã, operava como um "transcrito oculto" (Scott, 1990), expressão da resistência dos subalternos por meio da memória e da fé. O capítulo, ao destacar o papel das *passiones* na luta política e simbólica dos donatistas, contribui para repensar a relação entre poder, identidade e resistência no cristianismo africano da Antiguidade Tardia.

Ainda no contexto das relações de poder na Antiguidade Tardia, no oitavo capítulo, João Carlos Furlani investiga os impactos do controle de Constantinopla sobre o Egito no abastecimento de grãos, com base em um amplo *corpus* documental que inclui fontes administrativas, legislativas, arqueológicas e topográficas. O autor analisa como, com a perda do "celeiro egípcio", Roma passou a depender quase exclusivamente da África para seu suprimento, enquanto Constantinopla estruturava uma complexa rede de distribuição cerealífera no Oriente. Na segunda parte do estudo, Furlani examina a infraestrutura comercial constantinopolitana entre os séculos IV e V, destacando a função estratégica de fóruns, portos, mercados, armazéns (*horrea*) e padarias no abastecimento urbano. Nesse contexto, o papel da *annona* revela-se central não apenas na logística de redistribuição de alimentos, mas também na construção de redes de trocas culturais e na consolidação da autoridade imperial junto à população da capital oriental. Em suma, a investigação nos oferece uma visão abrangente sobre a interdependência entre poder político, economia urbana e infraestrutura logística no Império Romano tardio, contribuindo de maneira significativa para o entendimento das transformações que marcaram o período em questão.

Concluindo a coletânea e retomando a lente crítica sobre a complexidade do domínio imperial e as vozes que o questionam, o último capítulo apresenta a análise de Érica Cristhyane Morais da Silva acerca da presença bizantina no norte da África durante o século VI, tendo como fulcro o *Iohannis*, épico de Flávio Crescônio Coripo. De forma convencional, a obra é vista como uma celebração do poder bizantino e das vitórias do *magister militum* João Troglita sobre os berberes. No entanto, Silva propõe uma reinterpretação inovadora, enxergando o poema como uma narrativa ambígua, permeada por críticas sutis

ao domínio imperial. A autora se aprofunda nas "fissuras do texto" para mostrar que, além da exaltação militar, Coripo dedicou um espaço significativo para relatar as catástrofes que assolaram a região. Para dar voz a esse sofrimento, ele utiliza a perspectiva de uma figura africana, o tribuno Liberato Cecílides, conferindo legitimidade local ao testemunho. Ao destacar esse "repertório de desastres", Silva demonstra que o poema reflete uma ocupação bizantina mais ligada à ruína e à instabilidade do que à prometida prosperidade. Essa perspectiva problematiza a eficácia e a legitimidade do domínio bizantino entre as populações locais, sugerindo uma leitura mais crítica e matizada da história ao evidenciar as tensões, ambivalências e formas de resistência que marcaram a experiência africana sob o poder imperial.

Como se pode verificar, a coletânea *A África antiga: ensaios de História e Arqueologia* se impõe como uma contribuição relevante e oportuna no cenário historiográfico brasileiro, ao tensionar categorias analíticas consolidadas, deslocar olhares centrados em paradigmas eurocêntricos e evidenciar os múltiplos protagonismos das sociedades africanas na Antiguidade. Para além da diversidade de abordagens e fontes mobilizadas, seu mérito também se consolida na capacidade de revelar as disputas simbólicas, as formas de resistência e as dinâmicas de agência que atravessaram o norte da África em diferentes contextos. Ao reunir estudos comprometidos com a complexidade das experiências históricas e atentos às vozes subalternizadas, a obra, mais do que preencher lacunas, redireciona perguntas, reposiciona sujeitos e propõe um exercício historiográfico crítico, cuja ressonância se estende para além do campo acadêmico, contribuindo com a revalorização das Áfricas possíveis em nosso presente.

Referências bibliográficas

MARTINS, Maria Manuela dos Reis. Entrevista com Maria Manuela dos Reis Martins: reflexões sobre a Arqueologia Urbana, a paisagem e o território. *Romanitas*: Revista de Estudos Grecolatinos, n. 6, p. 9-19, 2015.

OLIVEIRA, Júlio César Magalhães de. Prefácio: a renovação dos estudos sobre o norte da África na Antiguidade. In: LIMA NETO, Belchior Monteiro; SILVA, Gilvan Ventura da; KORMIKIARI, Maria Cristina Nicolau (orgs.). *A África antiga*: ensaios de História e Arqueologia. Vitória: Antíteses, 2025, p. 7-12.

SCOTT, James C. *Domination and the arts of resistance*: hidden transcripts. Ann Arbor: Yale University Press, 1990.

PERFIL DA REVISTA

A *Phoînix* é um periódico de publicação semestral* do Laboratório de História Antiga (LHIA) do Instituto de História (IH) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O LHIA tem como objetivo divulgar as pesquisas em Antiguidade, realizadas no Brasil e no exterior. A *Phoînix* constitui-se num veículo privilegiado para atingir este objetivo.

A *Phoînix* se caracteriza por ser um espaço isonômico de publicação dedicado a:

1. Mostrar a originalidade e a singularidade das abordagens historiográficas brasileiras referentes às sociedades antigas;
2. Estabelecer diálogos entre os estudiosos da Antiguidade, brasileiros e estrangeiros, com os demais saberes; e
3. Garantir a liberdade de expressão, a diversidade teórico-metodológica, a qualidade científica e o despertar de novos talentos, sendo por excelência um lugar de experimentação, de debate e de crítica acadêmica.

Pensar as sociedades antigas como algo vivo na nossa cultura, situando o seu lugar numa história humana que abrange muitos caminhos, permite refletir mais lucidamente sobre as implicações e os embates da nossa sociedade e esclarecer o que somos, comparados e confrontados aos outros, tanto em termos temporais quanto espaciais.

LABORATÓRIO
DE HISTÓRIA
ANTIGA – UFRJ

* Até o ano de 2008, a *Phoînix* tinha uma periodicidade anual. A partir de 2009, se tornou semestral e em 2017 ganhou a sua versão digital (https://revistas.ufrj.br/index.php/phoinix/index).

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Os artigos devem ser apresentados em arquivos em dois formatos: *Word for Windows* (**versão 97-2003**) e PDF, tendo até 15 páginas (A4; espaçamento 1,5 cm; margens 3 cm; fonte Times New Roman 12), que devem ser submetidos pelo site da revista (https://revistas.ufrj.br/index.php/phoinix). **O arquivo a ser avaliado deve ser enviado pelo site sem a identificação do autor.** Após a aprovação do texto, o nome do autor (à direita, em itálico e caixa normal) será inserido abaixo do título do artigo em língua original do texto e em inglês ou francês (centralizado, em negrito e caixa alta). Junto ao nome do autor, em nota de rodapé com asterisco, devem constar: 1) a filiação institucional; 2) a maior titulação; 3) o órgão financiador da pesquisa, caso haja; 4) o número do ORCID; 5) e o *e-mail*, caso queira divulgá-lo. Seguem-se o resumo em português e até cinco palavras-chave também em português (justificado) e, uma linha após, o título, o resumo e as palavras-chave em inglês ou francês (justificado).

As notas devem aparecer da seguinte forma:

- Inseridas no corpo de texto entre parênteses para o caso de indicações bibliográficas. 1) Para produção historiográfica: a indicação será entre parênteses com sobrenome do autor, ano e páginas (Sobrenome do autor, Ano, p.); 2) Para passagens de textos antigos: a indicação será entre parênteses com autor, título da obra (em itálico) e passagem (Autor. *Obra* vv. ou número do livro, capítulo, passagem). Ex.: (Mossé, 2005, p. 10), (Homero. *Odisseia.* V, vv. 240-245);
- Inserir as notas explicativas em rodapé.

As citações com mais de três linhas devem vir em destaque, sem aspas, em itálico, espaçamento simples e com recuos direito e esquerdo de 1 cm.

A indicação da documentação e da bibliografia deve aparecer após o texto, separadamente: primeiro, a Documentação (escrita e/ou material) e, depois, as Referências bibliográficas, em ordem alfabética pelo sobrenome do autor, seguindo as normas da ABNT, a saber:

- Para livro: SOBRENOME, Prenome do autor. *Título do livro*: subtítulo (se houver). Cidade: Editora, Ano.

- Para capítulo de livro: SOBRENOME, Prenome do autor. Título do capítulo. In: SOBRENOME, Prenome do autor. *Título do livro*: subtítulo (se houver). Cidade: Editora, Ano, p.
- Para artigo de periódico: SOBRENOME, Prenome do autor. Título do artigo. *Título do Periódico*, Cidade, v., n., p., mês (se houver) ano.

Quando forem utilizadas imagens no artigo, os autores deverão enviar os originais destas ou cópia digitalizada e gravada em arquivo com terminação *TIF, individual para cada imagem, e com resolução de 300 DPI.

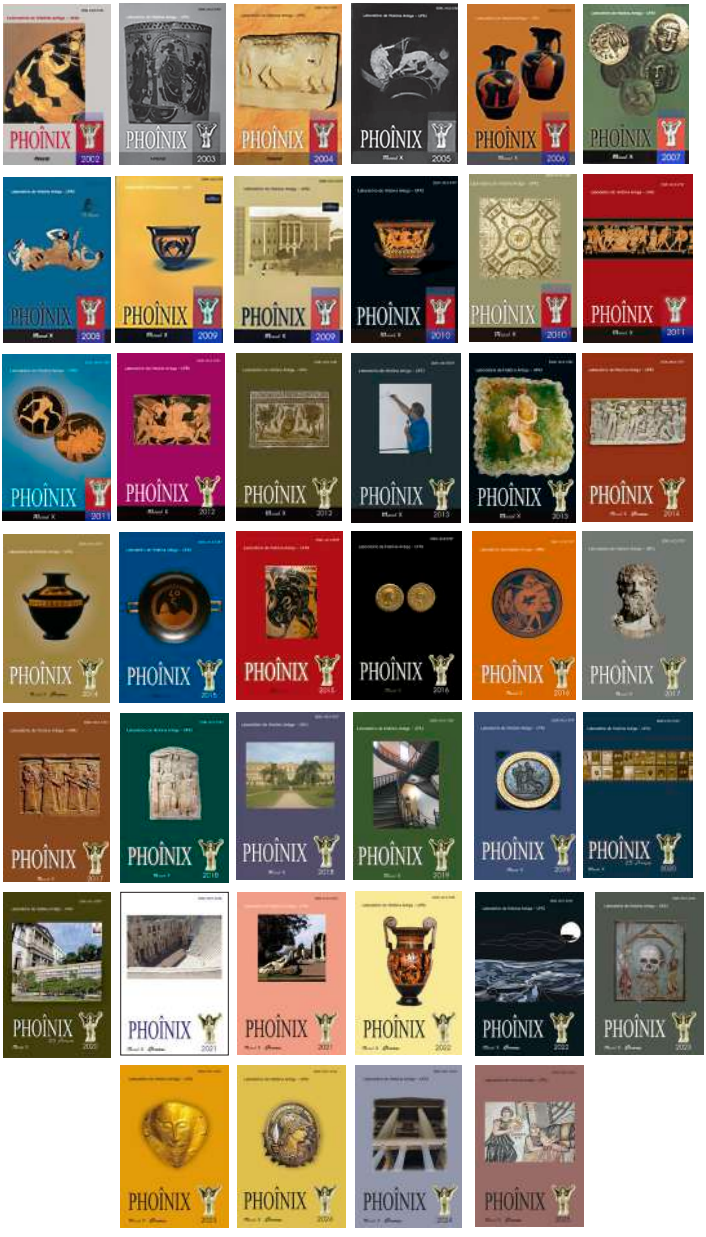
Se fontes especiais (grego, sânscrito, hieróglifo, hebraico etc.) forem utilizadas no artigo, os autores deverão enviar uma cópia delas gravadas em arquivo.

ATENÇÃO: os artigos em outros idiomas para além do português deverão ser encaminhados à revista já revisados por profissional competente. Quando o autor quiser dar crédito ao revisor, sugere-se mencioná-lo em nota de rodapé na primeira página do artigo.

O não cumprimento destas regras levará à notificação do autor, que deverá fazer as correções necessárias para a avaliação do Conselho Editorial, acarretando um atraso na publicação do artigo.

O envio dos artigos é em fluxo contínuo e os textos encaminhados serão apreciados por dois dos componentes do Conselho Editorial. Em caso de pareceres contraditórios, um terceiro membro do Conselho analisará o artigo.

Leia também:


PHOÎNIX 2002
PHOÎNIX 2003
PHOÎNIX 2004
PHOÎNIX 2005
PHOÎNIX 2006
PHOÎNIX 2007
PHOÎNIX 2008
PHOÎNIX 2009
PHOÎNIX 2009
PHOÎNIX 2010
PHOÎNIX 2010
PHOÎNIX 2011
PHOÎNIX 2011
PHOÎNIX 2012
PHOÎNIX 2012
PHOÎNIX 2013
PHOÎNIX 2013
PHOÎNIX 2014
PHOÎNIX 2014
PHOÎNIX 2015
PHOÎNIX 2015
PHOÎNIX 2016
PHOÎNIX 2016
PHOÎNIX 2017
PHOÎNIX 2017
PHOÎNIX 2018
PHOÎNIX 2018
PHOÎNIX 2018
PHOÎNIX 2019
PHOÎNIX 2020
PHOÎNIX 2021
PHOÎNIX 2021
PHOÎNIX 2022
PHOÎNIX 2022
PHOÎNIX 2023
PHOÎNIX 2023
PHOÎNIX 2024
PHOÎNIX 2024

Laboratório de História Antiga – UFRJ

PHOÎNIX

2025

Considerar a experiência das sociedades antigas como algo vivo na nossa cultura é situar o seu campo de pesquisa numa perspectiva da História Comparada e da pluridisciplinaridade. Desta forma abordam-se as diferentes respostas sociais frente aos conflitos, às crises, às mudanças, às resistências, às representações do mundo, aos contatos e aos processos de criação de identidades e alteridades. A Revista PHOÎNIX contribui com essa perspectiva, ao abrir um espaço isonômico de publicação aos pesquisadores brasileiros e estrangeiros, objetivando divulgar a originalidade e a singularidade da historiografia referente à História Antiga e a sua contribuição na formação do Conhecimento. A revista PHOÎNIX é por excelência um lugar de experimentação, de debate e de crítica acadêmica, que se pauta pela liberdade de expressão, pela diversidade teórico-metodológica, pelo diálogo, pela criatividade e pela qualidade das pesquisas.

Mauad X FAPERJ HIA